

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**



**A Influência das Luzes na Sociedade Portuguesa -  
Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem**

Maria Isabel Alves Coelho Leal Carrilho

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Ensino de História e Geografia  
no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

2013

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**



**A Influência das Luzes na Sociedade Portuguesa -  
Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem**

Maria Isabel Alves Coelho Leal Carrilho

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada  
orientado pelo Professor Doutor Miguel Maria Santos Corrêa Monteiro

Mestrado em Ensino de História e Geografia  
no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

2013



## DEDICATÓRIA

---

*À memória de meus pais,*

*Enoch Teixeira Coelho e Alcina Eugénia Alves*

## AGRADECIMENTOS

---

Nesta caminhada iniciada já numa fase madura da vida, muitas foram as pessoas que me incentivaram a perseguir o sonho e a quem serei eternamente grata. Impõe-se um agradecimento particular:

Ao meu orientador, Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro, meu professor na licenciatura e no mestrado, pela excelência dos saberes partilhados, pelo estímulo intelectual, pela disponibilidade, pela amizade, pela confiança que em mim depositou e pelos sábios conselhos, fulcrais para a elaboração deste relatório.

À Professora Doutora Ana Leal de Faria, cuja paixão pela História se sente em cada palavra proferida, pelo apoio, pela partilha de conhecimentos e pelo rigor científico.

Ao Professor Doutor Armando Martins, meu professor da licenciatura, cujas aulas recordo como uma experiência educativa única.

À Professora Doutora Isabel Drumond Braga, por estimular o meu interesse pela Época Moderna portuguesa e por me incentivar a crescer científica e intelectualmente.

Ao Professor Doutor Herculano Cachinho, por acreditar e me fazer acreditar que as aulas que são concebidas em prol da aprendizagem criam asas e não gaiolas.

Ao Professor Doutor Sérgio Claudino, por estimular o meu gosto pela Geografia, e por me ter ensinado a aprender a ensinar.

A todos os professores da Faculdade de Letras, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território e do Instituto de Educação, que contribuíram decisivamente para a minha formação.

Ao Dr. Eurico Sequeira, cooperante de História, que me acolheu na sua escola e na sua turma e me ajudou a dar os primeiros passos nesta nobre profissão que pretendo abraçar, bem como, ao Dr. Arlindo Fragoso, cooperante de Geografia, pelos conhecimentos partilhados.

À direcção da Escola El-Rei D. Manuel I, por me ter permitido realizar esta experiência inolvidável, bem como a todo o pessoal docente e não docente, particularmente aos alunos do 8º C e do 9º E, de quem guardo as melhores recordações.

Aos meus amigos e colegas, pelo incentivo e pela amizade.

A toda a minha Família, que mesmo perante a adversidade da doença e da perda irreparável de entes queridos, sempre me incentivou e apoiou.

À minha filha Sara, pela ajuda na construção dos diversos filmes e à minha filha Helena, por ter acreditado em mim. Às duas dedico também este trabalho.

Ao Manuel, meu marido, amigo e companheiro de todas as horas, expresso aqui todo o meu amor, pelo seu incondicionável apoio.

*Muito obrigada a todos.*

# Índice Geral

---

DEDICATÓRIA .....	i
AGRADECIMENTOS .....	ii
ÍNDICE DE ANEXOS .....	vi
ÍNDICE DE FIGURAS .....	viii
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	ix
ÍNDICE DE IMAGENS .....	x
ÍNDICE DE TABELAS .....	xi
Resumo:.....	xiv
Abstract: .....	xv
Résumé: .....	xvi
Introdução .....	1
PRIMEIRA PARTE - O ENSINO DA HISTÓRIA: ENQUADRAMENTO CURRICULAR E DIDÁTICO .....	5
1. A História como disciplina científica ou História ciência humana.....	7
2. Porquê ensinar e aprender História? Qual o valor formativo da História? .....	13
2. 1. As Fontes históricas .....	16
2.2. Trabalhar os conceitos.....	18
3. Professores, alunos e escola em questão .....	19
3.1. O manual escolar .....	23
4. Enquadramento Curricular .....	25
4.1. Competências gerais e específicas da História.....	27
4.2. Perfil do aluno competente em História no 8º ano .....	28
5. Enquadramento didático.....	31
5.1. Revisão da literatura sobre pedagogia e didáctica .....	31
5.2. A avaliação das aprendizagens.....	40
5.3. O “nosso” modelo pedagógico .....	54
6. Enquadramento histórico do tema <i>Portugal no Contexto Europeu dos Séculos XVII e XVIII</i> .....	59
6.1. Quem foi Pombal?.....	61
6.2. Alguns Portugueses ilustrados .....	64

SEGUNDA PARTE – CONTEXTO ESCOLAR: LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE ALCOCHETE, DA ESCOLA, DA TURMA E DO PROFESSOR COOPERANTE.....	73
1. Alcochete: Localização e caracterização.....	75
2. Caracterização da escola .....	80
2.1. A urgência de obras de modernização .....	82
2.2. A escola, que futuro?.....	83
2.3. Caracterização da turma do 8º C .....	86
2.4. A sala de aula .....	89
2.5. O professor cooperante .....	90
TERCEIRA PARTE – UNIDADE DIDÁCTICA: PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA, ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO PEDAGÓGICO-DIDÁCTICA .....	92
1. As reuniões.....	94
2. As planificações .....	95
3. A visita de estudo: Um percurso científico pedagógico pela Baixa Pombalina.....	96
4. Prática de ensino supervisionada - O caminho faz-se caminhando .....	98
4.1. As aulas leccionadas .....	102
4.1.1. Aulas leccionadas a 4 de Fevereiro de 2013 .....	102
4.1.2. Aula leccionada a 8 de Fevereiro de 2013 .....	104
4.1.3. Aula leccionada a 15 de Fevereiro .....	105
4.1.4. Aulas leccionadas a 18 de Fevereiro de 2013 .....	105
4.1.5. Aula leccionada a 22 de Fevereiro de 2013 .....	107
4.1.6. Aulas leccionadas a 25 de Fevereiro de 2013 .....	108
4.1.7. Aula leccionada a 1 de Março de 2013 – Teste .....	109
4.1.8. Aulas leccionadas a 4 de Março de 2013 .....	110
4.1.9. Aula leccionada a 8 de Março de 2013 .....	111
4.1.10. Aulas leccionadas a 11 de Março de 2013 .....	112
4.1.11. Aula leccionada a 15 de Março de 2013 .....	113
5. Novos desafios .....	114
QUARTA PARTE - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	115
Considerações finais.....	117
FONTES E BIBLIOGRAFIA .....	122

## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I - O “nosso” modelo pedagógico .....	141
Anexo II - Planificação a médio prazo .....	143
Anexo III - Algumas páginas do manual escolar.....	145
Anexo IV- Planificação aulas 1 e 2.....	157
Anexo V - Slides das aulas 1 e 2.....	160
Anexo VI - Texto lacunar, palavras cruzadas, ficha informativa sobre a elaboração de uma biografia e glossário.....	176
Anexo VII - Planificação aula 4.....	182
Anexo VIII - Slides da aula 4.....	185
Anexo IX - Planificação aulas 5 e 6.....	191
Anexo X - Slides das aulas 5 e 6.....	194
Anexo XI - Guião de visita de estudo.....	209
Anexo XII - Planificação aula 7.....	220
Anexo XIII - Slides da aula 7.....	223
Anexo XIV - Fichas de trabalho 3 e 4.....	230
Anexo XV - Planificação aulas 8 e 9.....	238
Anexo XVI - Slides das aulas 8 e 9.....	241
Anexo XVII - Teste; critérios de correcção; classificações e algumas respostas.....	255
Anexo XVIII - Planificação aulas 11 e 12.....	266
Anexo XIX - Slides das aulas 11 e 12.....	269
Anexo XX - Planificação aula 13.....	283
Anexo XXI- Slides aula 13.....	286
Anexo XXII - Aulas 14 e 15: Apresentação dos trabalhos de grupo e critérios de avaliação.....	296
Anexo XXIII - Planificação aula 16.....	303

Anexo XXIV - Slides da aula 16.....	306
Anexo XXV - Mapa Conceptual.....	313
Anexo XXVI - Grelha de avaliação trabalhos e testes.....	315
Anexo XXVII - Ficha de auto-avaliação – Educação para a cidadania.....	318
Anexo XXVIII - Comentários dos alunos sobre a Mestranda.....	321
Anexo XXIX - Ficha de trabalho sobre A Revolução Científica e sobre o Iluminismo (algumas repostas).....	325
Anexo XXX - Avaliações do 2º e 3º período.....	330
Anexo XXXI - Parecer do professor cooperante sobre a Mestranda.....	333

## Índice de Figuras

Figura I - Raiz histórica e desenvolvimento das correntes pedagógicas da aprendizagem.....	35
Figura II - Dez princípios para os professores orientarem a prática em sala de aula.....	44
Figura III - Categorização actual da Taxonomia de Bloom.....	50
Figura IV - O Triângulo pedagógico .....	52
Figura V - Os cinco componentes do pentágono da aprendizagem .....	53
Figura VI - O “nosso” modelo pedagógico.....	55
Figura VIII - Gravura de D. Manuel I .....	78
Figura IX - Carta de Foral de Alcochete.....	78
Figura X - Instalações da Escola El Rei D. Manuel I .....	82
Figura XI - Viver e Sentir Alcochete.....	91



## Índice de Gráficos

Gráfico I - Ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem.....	77
Gráfico II - Número de alunos por género.....	86
Gráfico III - Idade dos alunos.....	86
Gráfico IV - Sentimento em relação à escola.....	87
Gráfico V - Tempo diário dedicado ao estudo.....	88
Gráfico VI - Identificação das disciplinas preferidas.....	88

## **Índice de Imagens**

Imagem I - Ortofotomapa da localização de Alcochete e da escola .....	75
Imagem II - Localização detalhada de Alcochete.....	76
Imagem III - Fotografias do exterior e do interior da escola .....	80
Imagem IV - Fotografias das salas de aula.....	83
Imagem V - Mostra de trabalhos na escola .....	85

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela I - Correntes pedagógicas e suas finalidades .....	38
Tabela II - Tipos de avaliação e suas finalidades .....	42
Tabela III - Taxonomia de Bloom – Domínio cognitivo: alguns verbos .....	48
Tabela IV - Distribuição de alunos por turma .....	81
Tabela V - Proposta da prática de ensino supervisionada.....	101

# **Siglas, acrónimos e abreviaturas**

## **Principais siglas e acrónimos utilizados**

ANTT - Arquivos Nacionais / Torre do Tombo

APH - Associação de Professores de História

BNF - Bibliothèque Nationale de France

BNP - Biblioteca Nacional de Portugal

DEB - Direcção do Ensino Básico

DGE - Direcção Geral da Educação

DGEBS - Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário

DGIDC - Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

DL - Decreto-Lei.

EB2,3 - Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos

FLUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

IIE - Instituto de Inovação Educacional

IGOT - Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

INCM - Imprensa Nacional Casa da Moeda

IPQ - Instituto Português da Qualidade

LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo

NP - Norma Portuguesa

PURL - Biblioteca Nacional Digital

TIC - Tecnologias da informação e comunicação

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

## **Abreviaturas mais frequentes**

art. – artigo

cf. – confrontar

coord. – coordenação

doc. – documento

ed. – edição, editor

fig. – figura

*ibidem* - mesmo lugar

idem – o mesmo

n.p. – livro ou artigo não paginado

of. ou off. – Oficina

*op.cit.* – obra citada

p. ou pp. – página, páginas.

pref. – prefácio

s.d. – sem data

S.l. – sem local

s.n. – sem editor

trad. – tradução

vol. ou vols. - volume, volumes.

## Resumo:

---

O presente relatório foi elaborado como parte integrante do Mestrado em Ensino de História e Geografia do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário da Universidade de Lisboa. Ao longo de dois anos, graças ao esforço concertado dos professores do mestrado, dos professores cooperantes, dos alunos e da nossa vontade de aprender a ensinar, adquirimos e desenvolvemos competências científicas e pedagógicas indispensáveis ao exercício da função docente. Chegados ao fim de mais uma etapa da nossa formação, importa fazer uma análise reflexiva fundamentada sobre a multiplicidade de factores que entram em jogo no processo educativo e apresentar o “nosso” modelo didáctico, bem como as estratégias utilizadas na intervenção lectiva realizada na turma do 8º C da Escola E.B. 2,3 El-Rei D. Manuel I, em Alcochete, subordinada ao **TEMA F – PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII E XVIII**, do Programa Nacional de História para o Ensino Básico.

Ao longo deste trabalho, e tendo sempre presente a dimensão cognitiva, metacognitiva, sociológica e afectiva dos nossos alunos, pretendemos inferir sobre dois aspectos que consideramos decisórios para o sucesso do actual processo ensino-aprendizagem da História. O primeiro, prende-se com o uso frequente das novas tecnologias de informação; o segundo, com a prática sistemática de avaliação formativa que pressupõe um processo continuado de análise e acção.

A possibilidade ímpar de lecionarmos para além do número mínimo de aulas recomendado contribuiu para a consolidação de laços afectivos e relacionais e permitiu-nos a construção e aplicação em aula de diversos recursos educativos, de entre os quais destacamos as fichas de trabalho, um dossiê para os alunos, dois testes, uma visita virtual ao museu da cidade e à Baixa Pombalina, slides, filmes e um mapa conceptual. Importa sublinhar que, face ao trabalho desenvolvido pelos alunos que responderam de forma motivada e quase irrepreensível a todas as actividades propostas, com especial destaque para a elaboração e apresentação do trabalho de grupo, bem como, pelos resultados obtidos, consideramos que a aprendizagem da História teve, efectivamente, lugar.

**Palavras - chave: Didáctica da História; História Moderna; Antigo Regime; Ilustração; Avaliação da Aprendizagem.**

## Abstract:

---

This report was prepared as part of the Masters in Teaching History and Geography of the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education, by the University of Lisbon. Over two years, thanks to the concerted effort of teachers, cooperating teachers, and our students, as well as our willing to learn how to teach, we have acquired and developed scientific and pedagogical skills necessary to perform effectively the art of teaching. At the end of a new stage of our training, it's time to make a reflexive analysis based on a multitude of factors that come into play in the educational process and present our proposed didactic as well as the strategies used in the teaching scenario held in class 8th C of the school E.B. 2, 3 El-Rei D. Manuel I, in Alcochete, conditional on TOPIC F - ***PORTUGAL IN THE EUROPEAN CONTEXT OF THE SEVENTEENTH AND EIGHTEENTH CENTURIES***, of the National Program for Basic Education History.

Bearing in mind the cognitive, metacognitive, affective and sociological dimension of our students, we would like to infer two aspects considered crucial for the success of the current teaching-learning process of history: the first relates to the frequent use of new information technologies, the second with the systematic practice of formative assessment which presupposes an ongoing process of analysis and action.

The unique possibility of teaching beyond the recommended minimum number of classes contributed to the consolidation of emotional and relational ties and allowed us to build and apply several educational resources, such as worksheets, student's file, two tests, a virtual visit to the city museum and Baixa Pombalina, slides, and a conceptual map. It should be stressed that due to the work of the students who responded motivated and almost faultless to all proposed activities, with special emphasis on the preparation and presentation of group work, as well as the results obtained, we believe that History was actually learned.

**Keywords: Didactics of History; Modern History; Ancien Régime; Enlightenment; Learning Evaluation.**

## Résumé:

---

Ce rapport a été préparé dans le cadre d'un Master Enseignement de l'Histoire-Géographie en 3<sup>ième</sup> Cycle à L'Université de Lisbonne. Pendant deux ans, grâce aux efforts conjoints des directeurs de thèse, des professeurs référents et de nos élèves, et grâce à notre volonté d'apprendre à enseigner, nous avons acquis et développé les compétences scientifiques et pédagogiques nécessaires à l'exercice du métier de professeur. A l'issue d'une nouvelle étape de notre formation, le temps est venu de faire une analyse réflexive des multiples facteurs qui entrent en jeu dans le processus éducatif, et de présenter 'notre' modèle didactique, ainsi que les stratégies utilisées dans notre intervention au sein de la classe de 8° C de l'école E.B. 2, 3 El-Rei D. Manuel I, à Alcochete, autour du sujet ***THEME F – LE PORTUGAL DANS LE CONTEXTE EUROPEEN DES XVII ET XVIII<sup>èmes</sup> SIECLES***, du Programme National de l'Enseignement de l'Histoire au Collège.

En gardant en tête les dimensions cognitives, métacognitives, sociologiques et affectives de nos élèves, nous souhaitons suggérer deux aspects que nous considérons cruciaux pour le bon déroulement de l'enseignement et de l'apprentissage de l'Histoire : le premier est lié à l'usage fréquent des nouvelles technologies de l'information, le second à la pratique systématique de l'évaluation formative qui présuppose un processus d'analyse et d'action.

La possibilité exceptionnelle d'enseigner au-delà du nombre d'heure minimum recommandé a contribué à la consolidation de liens relationnels et affectifs, et nous a permis de construire et d'utiliser des ressources éducatives telles que les fiches de travail, les livrets scolaires des élèves, deux examens, une visite virtuelle du musée de la ville et de Baixa Pombalina, des diapositives, et une carte conceptuelle. Nous devons également mentionner que grâce au travail d'élèves motivés au comportement presque irréprochable face à toutes les activités proposées, avec une emphase particulière sur la préparation et la présentation en groupes de travail, et en fonction des résultats obtenus, nous pensons que l'Histoire a été apprise.

**Mots clefs: Didactique de l'Histoire; Histoire Moderne; Ancien Régime; Lumières; Evaluation des apprentissages.**





## Introdução

A elaboração de um relatório reflexivo sobre a prática de ensino supervisionada, levado a cabo pela professora em formação, não foi de todo fácil; mas foi, decerto, um trabalho pertinente e bastante enriquecedor.

Para a realização deste relatório utilizámos o material bibliográfico disponibilizado e sugerido pelo Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro, bem como pela Professora Doutora Ana Leal de Faria, e consultámos outras obras que julgámos pertinentes para a compreensão da temática em questão. Porém, conscientes do incomensurável valor da bibliografia publicada pelo professor e da importância desses acervos para a leccionação do tema programático do 8º ano - *Portugal no Contexto Europeu dos séculos XVII e XVIII*, lemos, com redobrada atenção, os seus livros *Didáctica da História, Teorização e prática: algumas reflexões* e *O Ensino da História Numa Escola em Transformação*. Impõe-se, novamente, um enorme agradecimento aos professores em apreço, pela ajuda disponibilizada, bem como pelo valioso contributo científico-pedagógico, fulcral para a compreensão da multiplicidade de factores que entram em jogo no processo educativo.

Por questões metodológicas, e de acordo com o Documento aprovado pela Comissão Científica dos Mestrados em Ensino na reunião de 5/12/2012, sobre as orientações para o desenvolvimento e elaboração do relatório da prática de ensino supervisionada, o nosso trabalho encontra-se estruturado em quatro partes, a saber: **O Ensino da História - Enquadramento Curricular e Didáctico; Contexto Escolar; Unidade Didáctica e Considerações Finais.**

Acreditamos que o ensino da História não termina com a aprendizagem dos saberes históricos; ela almeja, também, dotar os jovens de ferramentas intelectuais para que encontrem as causas e concomitantemente as soluções dos problemas sociais profundos que minam este mundo em permanente mudança. A Escola, como transmissora e construtora de conhecimentos, deverá desempenhar um papel fulcral na formação dos jovens, em prol de uma cidadania que se pretende participativa. Vencer os desafios que o futuro encerra e construir um mundo melhor só será possível com uma adequada educação histórica. Por isso, na primeira parte deste trabalho e sem descurar o sentido prospectivo da educação recordamos, ainda que em breves linhas, o contributo de alguns historiadores

para a afirmação da História como ciência, falamos sobre os desafios epistemológicos do seu ensino, tecemos algumas considerações sobre o papel do professor na actualidade, e da importância do Mestrado em Ensino de História e Geografia na formação de um novo corpo docente, que face aos múltiplos conhecimentos adquiridos, deverá ser capaz de motivar os alunos para as diferentes aprendizagens.

Nesta primeira parte, identificamos algumas das teorias e dos métodos pedagógicos para ensinar e aprender e apresentamos o “nosso modelo”, pois consideramos que o mesmo engloba a dimensão cognitiva, metacognitiva, sociológica, afectiva e motivacional. Fundamentamos também a nossa tomada de decisão, no que concerne ao uso das TIC, para a transmissão e apropriação dos conhecimentos históricos, bem como, sobre a implementação de diversas actividades de ensino que obedeceram a um rigoroso e sistemático trabalho levado a cabo pela professora em formação e pelos alunos. O resultado dessas práticas permitirá responder, na quarta parte deste relatório, às duas seguintes questões:

1. A utilização das TIC pode aumentar a motivação dos alunos para a aprendizagem da História?
2. A utilização sistemática de práticas de avaliação formativa pode contribuir para o sucesso da aprendizagem?

O final da primeira parte é dedicado ao enquadramento curricular e didáctico, bem como a uma breve reflexão (enquadramento histórico) sobre alguns dos aspectos programáticos do tema: *PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII e XVIII*, muito particularmente no que concerne ao item 6.2 — *Absolutismo e Mercantilismo numa Sociedade de Ordens* e ao item 6.3 – *A Cultura em Portugal face aos dinamismos da Cultura Europeia*, pelo facto de não partilharmos da mesma visão histórica.

Na segunda parte do trabalho, e para uma melhor compreensão do meio onde se encontra inserida a escola, procedemos a uma breve descrição geográfica, demográfica e histórica do concelho de Alcochete, à caracterização da Escola Rei D. Manuel I, que vive actualmente um vazio legal difícil de suportar, pelo facto de se encontrar no presente ano lectivo inserida num novo mega agrupamento e por ter perdido a sua cultura organizacional construída ao longo dos últimos cinco anos, à caracterização da turma do 8.º C. e traçamos o perfil do professor cooperante.

A terceira parte tem um carácter mais prático, é dedicada às estratégias de acção pedagógico-didáctica implementadas em sala de aula, no sentido de ajudar os alunos a construir e a desenvolver um pensamento histórico crítico. De referir que muitos dos ensinamentos aprendidos nos seminários das Didácticas e das Metodologias, muito particularmente no que se refere as estratégias de ensino-aprendizagem, se encontram vertidos na nossa prática de ensino supervisionada. Também a construção de diversos slides, bem como um grupo de questões sobre a reforma pombalina do ensino que aplicamos numa ficha de avaliação formativa e no teste sumativo, tiveram por base alguns dos conteúdos científicos trabalhados no seminário intitulado História da Educação em Portugal, leccionado pelo Professor Doutor Joaquim Pintassilgo.

Neste ponto do nosso relatório justificamos e explicitamos as opções tomadas à luz do programa da disciplina, identificamos os objectivos de aprendizagem visados, os problemas de aprendizagem mais frequentes dos alunos e incluímos uma descrição sumária das aulas realizadas.

Importa mencionar que as práticas educativas desenvolvidas ao longo do segundo período, o qual comportou a leccionação de 22 aulas, só foram possíveis graças à incondicional disponibilidade e ajuda do Doutor Eurico Sequeira, o professor cooperante, a quem estamos muito gratos.

Recordamos que no documento supracitado, sobre as orientações para o desenvolvimento e elaboração do relatório da prática de ensino supervisionada, a nossa intervenção lectiva deveria contemplar a preparação e leccionação das aulas previstas para a unidade didáctica escolhida, bem como uma reflexão sobre as aulas leccionadas, comportando um mínimo de cinco aulas de 90 minutos, ou dez aulas de 45 minutos. Por impositivos formais na elaboração do relatório, destacaremos as últimas 16 aulas, pois para nós a supressão de mais aulas poderia descaracterizar todo o trabalho desenvolvido com os alunos.

De mencionar que a preparação dos slides apresentados em aula e entregues em dossiê a cada aluno foi precedida de múltiplas consultas na Internet, pois este valioso recurso permitiu-nos aceder a informação fidedigna, como por exemplo a alguns processos do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição que a ANTT disponibiliza *on-line*, a museus, a palácios, a diversas bibliotecas nacionais e estrangeiras, a *e-books* e a diversos artigos históricos e/ou pedagógicos.

Na quarta parte, dedicada à análise e reflexão sobre o trabalho desenvolvido ao longo do Mestrado em Ensino de História e Geografia, muito particularmente no realizado na Escola El-Rei D. Manuel I e na turma do 8º C, identificamos algumas das inúmeras aprendizagens adquiridas, bem como os problemas e dificuldades enfrentados, e reflectimos sobre os desafios da formação de professores e das suas implicações para a prática futura, que se exige colaborativa e reflexiva. No final, elencamos uma parte da bibliografia consultada, já que foi necessário recorrer a muita outra para a construção dos recursos apresentados em aula. Sabendo que a sua inclusão ultrapassaria, em muito, o número de caracteres recomendado para a concretização deste relatório, decidimos apresentar as fontes a que recorremos nos respectivos slides.

Em anexo, encontram-se as planificações a médio prazo das aulas, as diversas fichas de trabalho, os testes, bem como outras informações que consideramos pertinentes. A planificação anual, que comporta diversas páginas, os filmes apresentados em aula, os slides que foram por nós elaborados e que resultaram de um moroso e enriquecedor trabalho de pesquisa e uma súmula das aulas anteriormente leccionadas, encontram-se em suporte digital no verso da contra capa deste relatório.

Importa mencionar que optámos por não traduzir para português as citações em língua estrangeira e por não utilizar a grafia do novo acordo ortográfico.

No que concerne às referências bibliográficas, as mesmas foram elaboradas de acordo com as normas portuguesas do Instituto Português da Qualidade:

- NP 405-1: informação e documentação: referências bibliográficas: documentos impressos. Lisboa, IPQ, 1995.
- NP 405-2: informação e documentação: referências bibliográficas: materiais não livro, Lisboa. IPQ, 1998.
- NP 405-3: informação e documentação: referências bibliográficas: documentos não publicados, Lisboa. IPQ, 2000.
- NP 405-4: informação e documentação: referências bibliográficas: documentos electrónicos, Lisboa. IPQ, 2002.

---

## **PRIMEIRA PARTE - O ENSINO DA HISTÓRIA: ENQUADRAMENTO CURRICULAR E DIDÁCTICO**

---

*Para quem não tenha a alma pequena e vil, a experiência da História é de uma  
grandeza que nos aniquila.*

Henri-Irenée Marrou<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. Henri-Irenée – Marrou, *Sobre o conhecimento histórico*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p.81.

## **1. A História como disciplina científica ou História ciência humana**

*A História é a ciência dos homens no tempo*

Marc Bloch<sup>2</sup>

A História, no final do século XVII e durante todo o século XVIII, no período comumente conhecido por Iluminismo, Ilustração, ou Idade da Razão<sup>3</sup>, partiu em busca de um estatuto científico. No séc. XVII beneficiou do enorme contributo dado por Jean Mabillon, considerado o fundador da Paleografia e da Diplomática, disciplinas auxiliares da História - a sua obra monumental *De Re Diplomatica*, publicada em 1681, representa a inovação. Ao longo dos seis tomos, Mabillon superou a dúvida metódica e criou um “método de investigação e análise”<sup>4</sup>, conhecido como Método Histórico, estando a essência deste método na crítica dos documentos de arquivo. Marc Bloch considera por isso, que esse ano é “em boa verdade uma grande data da história do espírito humano.”<sup>5</sup>

No século das Luzes, Giovanni Battista Vico defendeu uma Ciência Nova, a História<sup>6</sup>, que assentava em dois recursos: a Filologia e a Filosofia, que deu origem à História Cultural<sup>7</sup>. Hume<sup>8</sup> e Voltaire apresentaram, no mesmo século, uma nova escola do pensamento histórico<sup>9</sup>; para Collingwood, a perspectiva histórica do Iluminismo não era verdadeiramente histórica, "termos como religião, sacerdote, Idade Média e barbarismo, não eram, para essas pessoas, termos históricos ou filosóficos ou sociológicos com um significado científico definido (...), possuíam uma significação emocional e, não

---

<sup>2</sup> Cf. Marc Bloch, *Introdução à História*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1965, p. 29.

<sup>3</sup> Chamamos *Aufklärung*, *Lumières*, *Enlightenment*, Iluminismo, Ilustração, Século das Luzes, ou simplesmente Luzes, e Idade da Razão ao movimento intelectual, filosófico, literário e cultural que recuperando o Humanismo do Renascimento, apresenta uma nova concepção do Homem e do mundo.

<sup>4</sup> Cf. Georges Tessier, *La Diplomatique*, 3ªEd, Paris: PUF-Que Sais-Je?, 1966, p.11.

<sup>5</sup> Cf. Marc Bloch, idem, *ibidem* p. 75.

<sup>6</sup> Cf. Giambattista Vico, *The Autobiography of Giambattista Vico*. Translated by Max Harold Fisch and Thomas Goddard Bergin. Cornell University Press, Cornell Paperbacks, 1975, Ithaca pp. 123-124.

<sup>7</sup> Para um estudo mais aprofundado leia-se Giambattista Vico. *Ciência Nova*. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

<sup>8</sup> David Hume foi uma das mais importantes figuras do iluminismo britânico. Defendeu uma perspectiva empirista, antagónica ao racionalismo de Descartes, no que se refere ao problema da origem do conhecimento.

<sup>9</sup> Cf. R.G. Collingwood. *A Ideia de História*. Tradução de Alberto Freire, Lisboa, Editorial Presença, 2001, p. 95.



significado científico definido (...), possuíam uma significação emocional e, não conceptual”<sup>10</sup>. Ainda de acordo com o mesmo autor,

«Voltaire e Hume fizeram muito pouco no sentido de aperfeiçoar os métodos da investigação histórica (...), durante esse período não foi feita nenhuma tentativa de erguer a história acima do nível da propaganda; pelo contrário, esse aspecto foi intensificado, pois a cruzada a favor da razão foi ainda uma guerra santa»<sup>11</sup>

Já no século XIX, o método científico aplicado ao estudo da história foi muito utilizado por jovens historiadores franceses, que habitualmente completavam a sua formação académica na Alemanha, sofrendo assim as influências de Leopold von Ranke, cujas teses punham em causa as filosofias da história, consideradas “moralizadoras”, “subjectivas” e “especulativas”, pois acreditava numa história “científica”, “objectiva” ou “positiva”<sup>12</sup>. Para Ranke, a História não era feita de cortes, mas de um contínuo; cada período da História era único e só devia ser entendido no contexto da sua época, nenhum era inferior, apenas diferente. O passado, portanto, nunca deve ser julgado a partir da perspectiva do presente. Esta forma de historicismo refutava as teses de historiadores conceituados, como Gustav Droysen, Heinrich von Sybel<sup>13</sup>, ou Hegel<sup>14</sup>.

Ranke considerava que a cientificidade da História se encontrava na rigorosa pesquisa das fontes; era, portanto, primordial identificar e verificar a autenticidade das mesmas, para posteriormente se fazer uma análise histórica, pois só assim a história seria cognoscível. Ranke propôs o seguinte princípio “*wie es eigentlich gewesen*”, ou seja, “mostrar aquilo que realmente aconteceu”, mas também ele foi condicionado pelo momento histórico, por isso, num determinado momento, privilegiou o acontecimento político de curta duração, pois era impossível fugir do reflexo que as guerras napoleónicas - e depois a Restauração - tiveram sobre a formação do nacionalismo<sup>15</sup>. Afirmar que a escrita de Ranke é fria, sem cor e completamente imparcial parece-nos errado, pois no que

---

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*, p. 96.

<sup>11</sup> *Ibidem*, pp. 96-99.

<sup>12</sup> Cf. Guy Bourd é e Hervé Martin, *As Escolas Históricas*, Publicações Europa - América, Mem Martins, 2003, p.114.

<sup>13</sup> Aluno de Leopold von Ranke, Heinrich Von Sybel (1817-1895) tornou-se um dos maiores historiadores do século XIX. Fundou em 1859 a Revista Histórica, *Historische Zeitschrift*, dedicada à divulgação da ciência histórica alemã, com ênfase para a história política.

<sup>14</sup> Cf. Sérgio Buarque de Holanda, *Ranke*. Tradução de Trude Von Laschan Solstein, Coleção Grandes Cientistas Sociais São Paulo, Editora Ática S.A., 1977, p.7.

<sup>15</sup> Para uma leitura mais profunda da formação do nacionalismo leia-se E. J. Hobsbawm, *A Era das Revoluções*, Lisboa, Editorial Presença, 1992, pp.137-171.

a Portugal diz respeito, o seu texto sobre a Restauração é, ainda que pontualmente, um hino à coragem e à perseverança do povo português<sup>16</sup>. Guy Bourd é e Hervé Martin lembram que os antecessores de Ranke há já muito tempo combatiam os juízos de valor e a interferência pessoal dos historiadores medievais na escrita da história<sup>17</sup>.

Na busca da cientificidade da história destaca-se o contributo dado por Niebuhr<sup>18</sup>, que desenvolveu a Heurística - vertente da História que estuda os documentos, de forma a apurar a verdade neles contida; esta ciência pretendia criar uma metodologia eficaz para a prossecução da investigação e da descoberta científica.

Nos últimos quatro capítulos do livro *O Mundo como Teatro. Estudo de Antropologia Histórica*, Peter Burke refere 383 autores, alguns de fundamental importância para a escrita da História e concomitantemente para o seu ensino; os historiadores antigos escreveram uma história moralizante; Leonardo Bruni<sup>19</sup>, uma história humanista que rompeu com a concepção providencialista da história; Leopold Von Ranke, uma história científica; Auguste Comte, fundador do Positivismo, procurou atingir a objectividade em história; François Simiand, economista e sociólogo “durkheimiano” e apoiante de Halbwachs<sup>20</sup>, lutou contra uma história *événementielle*. No entanto, há outros nomes que na nossa perspectiva são incontornáveis, dos quais destacamos o de Karl Marx, com o seu materialismo histórico que parece postular um determinismo social<sup>21</sup>, e o de Johann Gustav Droysen, aluno de Hegel<sup>22</sup>, que desenvolveu uma teoria da história, dotando-a de autonomia, embora com uma perspectiva diferente

---

<sup>16</sup> Cf. Sérgio Buarque de Holanda, *op. cit.*, pp.123-135. Do texto intitulado “A Restauração em Portugal”, destacamos o seguinte excerto “Cansados enfim de servir aos castelhanos e de ser por eles ameaçados, animados da lembrança do antigo Portugal independente, (...) resolveram agir, (...). A partir de então jamais os portugueses esmoreceram com efeito na defesa de sua independência. Notável foi seu sistema de defesa nacional, organizado em terços auxiliares e ordenanças”.

<sup>17</sup> Cf. Guy Bourd é e Hervé Martin, *op.cit.*, pp. 28 -43.

<sup>18</sup> Para evitar o anacronismo Niebuhr desenvolveu técnicas de crítica histórica documental. Na ciência heurística que ele também desenvolveu surge uma metodologia eficaz para a prossecução da investigação histórica.

<sup>19</sup> Também conhecido por Leonardo de Aretino, foi um conhecido político e homem das letras dos séculos XIV e XV. Verdadeiro humanista do renascimento italiano, estudou a literatura clássica da Antiguidade greco-latina e traduziu obras clássicas da cultura grega de autores como Platão, Aristóteles e Demóstenes.

<sup>20</sup> Maurice Halbwachs, aluno de Émile Durkheim, foi um sociólogo e matemático francês, nascido em 1877 e falecido em 1945 no campo de concentração de Buchenwald. De acordo com Peter Burke é o primeiro explorador sério do “quadro social da memória”. Cf. Peter Burke, “A História da História”, *O Mundo como Teatro. Estudos de Antropologia Histórica*. Coordenação de Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto. Tradução de Vanda Maria Anastácio, Lisboa, ed. Difel Difusão Editorial Lda., 1992, p. 236.

<sup>21</sup> Cf. Guy Bourd é e Hervé Martin, *op.cit.*, p.158.

<sup>22</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Estugarda em 1770, foi influenciado pelo pensamento das Luzes, acreditava, por isso, na força da Razão que guia a humanidade. Propõe um novo tipo de história, a que chama filosofia da história.

da proposta por Von Ranke ou por Wilhelm Dilthey<sup>23</sup>. Para Miguel Pereira, a distinção entre *explicar* - como acto científico, característico das ciências físico-matemáticas, e *compreender* - como actividade peculiar das ciências históricas, apareceu talvez pela primeira vez, nas lições impressas de Droysen, em 1858<sup>24</sup>.

Outros nomes de referência das escolas históricas são os de Charles Langlois e Charles Seignobos<sup>25</sup>, autores da obra paradigmática da escola metódica<sup>26</sup> intitulada *Introduction aux études historiques*. Em Portugal, esta escola encontrou em Gama Barros e Fortunato de Almeida, entre outros, fiéis seguidores<sup>27</sup>. Destacamos também Ernest Lavisse, que através da sua obra *História da França* demonstra o quanto a escrita da história pode não ser isenta. De acordo com Bourdé e Martin, Lavisse

«Cria o mito de um estado-nação (...), onde exalta permanentemente o sentido patriótico, celebrando o culto aos heróis nacionais a fim de preparar a nova geração para a vingança contra o inimigo hereditário, o Bárbaro Germânico; justificando, a coberto de uma missão civilizadora, a expansão colonial da França. Nestas condições, a ciência histórica, que pretende a imparcialidade e a objectividade, revela-se um discurso ideológico que serve os interesses de um regime político ou manifesta as aspirações de uma comunidade nacional»<sup>28</sup>

No século XX, e num mundo em profunda mudança, Marc Bloch e Lucien Febvre, da “*Escola dos Annales*”, lutaram contra a história historizante, defendendo a ideia de que a História devia ser receptiva a diversas áreas do conhecimento, como a Arqueologia, a Geografia, a Sociologia e a Antropologia.

Filho da “*Escola dos Annales*”, o historiador francês Fernand Braudel revolucionou a epistemologia da História do século XX, ao introduzir, na sua obra *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II*, o conceito da “*longue durée*”; Braudel explicou que as alterações no devir histórico acontecem a ritmos diferentes e, contrapondo a um único tempo histórico linear, apresentou três tempos

<sup>23</sup> Wilhelm Dilthey, filósofo, historiador e crítico literário alemão produziu numerosos estudos sobre a metodologia das Ciências Humanas.

<sup>24</sup> Cf. Miguel Baptista Pereira, “O século da hermenêutica filosófica: 1900-2000”, *Revista Filosófica de Coimbra*, Vol. 9, n.17, Instituto de Estudos Filosóficos -Faculdade de Letras, Coimbra,2000, p.40.

<sup>25</sup> Dois historiadores do século XIX que tiveram a consciência de que a História se construía através dos documentos são eles que definem as regras metodológicas da História.

<sup>26</sup> De acordo com Bourdé e Martin “A escola metódica quer impor uma investigação científica afastando qualquer especulação filosófica e visando a objectividade absoluta no domínio da história; pensa atingir os seus fins aplicando técnicas rigorosas respeitantes ao inventário das fontes, à crítica dos documentos, à organização das tarefas na profissão”, *op. cit.*, p. 97.

<sup>27</sup> Cf. José Amado, “Desenvolvimento e Estruturação da Historiografia Portuguesa”, in Fernando Catroga, José Amado Mendes, Luís Reis Torgal, *História da História em Portugal: Sécs. XIX-XX*, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 1996, p. 209.

<sup>28</sup> Cf. Guy Bourdé e Hervé Martin, *op. cit.*, p.115.

distintos: um tempo estrutural (quase imóvel), plurissecular, de longa duração, que engloba o tempo das culturas, das mentalidades e dos espaços geográficos (inaugurando o caminho para a incorporação da Geografia à análise histórica); um tempo médio, conjuntural, constituído por ciclos económicos e sociais<sup>29</sup>; sendo o terceiro, o tempo “*evenementielle*”, do acontecimento explosivo e ruidoso, mas que dura um momento, é o tempo por excelência, do cronista e do jornalista<sup>30</sup>.

Para o historiador em apreço, é no tempo histórico que a sincronia (o que coexiste, simultaneamente, num dado momento de tempo) e a diacronia (que representa a evolução de certos elementos e de factos singulares) encontram a sua plena significação. Para nós, simples aprendizes da História, consideramos que é na longa duração braudeliana que melhor se compreende a estreita, profunda e constante ligação entre o tempo e o espaço, sendo o Homem o elemento unificador da História e da Geografia.

Nos anos 50, Henri-Irenée Marrou<sup>31</sup> lutou contra a concepção positivista da história e levantou o véu da dúvida sobre a História, tese que será anos depois retomada, mas numa outra dimensão, por Paul Veyne<sup>32</sup>, que fugindo às correntes marxistas e estruturalistas<sup>33</sup>, e procurando a verdadeira natureza da História, inaugurou a renovação epistemológica dos anos 70<sup>34</sup>. Anos em que Jacques Le Goff<sup>35</sup> afirmava que “a melhor prova de que a história é e deve ser uma ciência, é o facto de precisar de técnicas, de métodos e de ser ensinada”<sup>36</sup>. Nos artigos que integravam a revista *Faire L'Histoire*, publicada em 1974 e dirigida por Jacques Le Goff e por Pierre Nora<sup>37</sup>, foram apresentados

---

<sup>29</sup> Ernest Larousse trabalha estes ciclos económicos, do tempo médio, nas suas obras *Esquisse du mouvement des prix et des revenus en France au XVIIIe siècle* e *La crise de l'économie française à la fin de l'Ancien Régime et au début de la Révolution*. Os ciclos de Kondratiev compostos por fases acentuadas de prosperidade e estagnação também se inserem no tempo cíclico.

<sup>30</sup> Fernand Braudel, *História e ciências sociais*, 2º ed., Lisboa, Presença, 1990, p.12.

<sup>31</sup> Autor da obra *Do Conhecimento Histórico* professor de História Antiga na Sorbonne e do Institut de France, Henri-Irenée Marrou foi um dos grandes historiadores do século XX e um destacado teórico da história.

<sup>32</sup> Paul Veyne, é um dos mais reputados especialistas em Antiguidade e professor emérito do Collège de France, onde lecionou, na cadeira de história de Roma entre 1975 a 1998. A sua obra de epistemologia histórica tem por título *Como Se Escreve a História*.

<sup>33</sup> Claude Lévi-Strauss é considerado o “pai” da corrente estruturalista das ciências sociais, que influenciou decisivamente a Filosofia, a Sociologia e a História.

<sup>34</sup> Cf. Guy Bourd é Hervé Martin, *op. cit.*, p. 202.

<sup>35</sup> É considerado um dos maiores medievalistas do nosso tempo, tornou-se figura chave da *Escola dos Annales*. Em 1972, sucede Fernand Braudel na École des Hautes Études em Sciences Sociales. Escreveu diversos livros que se tornaram clássicos e dos quais destacamos *Reflexões sobre a História*, *A Nova História*, *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*, e *História e Memória*.

<sup>36</sup> Cf. “História”, Enciclopédia Einaudi, Vol. I, Lisboa, IN/CM, 1984, p. 245.

<sup>37</sup> Pierre Nora é um reputado historiador francês, conhecido pelos trabalhos desenvolvidos sobre a identidade francesa e a memória. O seu nome está associado à *nouvelle histoire*.

novos problemas, novos métodos, novos territórios analíticos. Sobre essa “*Nouvelle Histoire*”, que problematiza e estuda as representações colectivas e as estruturas mentais das sociedades, e que comporta uma pluralidade de universos historiográficos, Jorge Borges de Macedo lembra que:

«O importante, no ponto de vista científico e epistemológico, é que a história das mentalidades revela a versatilidade criativa do homem, uma diversidade de respostas animada por exigências muito mais prementes do que as transformações estruturais, essas lentas e dentro das quais se formulam diferentes situações e mentalidades.»<sup>38</sup>

Pierre Nora disse que “l’histoire est la reconstruction toujours problématique et incomplète de ce qui n’est plus”<sup>39</sup>; se hoje a escrita da história está muito ligada à memória social, a grande preocupação do historiador é a de saber qual o lugar que a História ocupa na vida quotidiana e de que forma as representações do passado e as diferentes atitudes que diversas culturas mostram em relação ao seu passado são transmitidas de geração em geração, pois sendo a memória uma construção psíquica e intelectual do passado, que nunca é só a de um homem, mas a deste inserido num determinado contexto - essa memória pode ser transmitida de acordo com os interesses familiares, sociais, políticos, económicos, religiosos e nacionais do indivíduo ou do grupo social.

Se ontem se acreditava numa História total, hoje o novo paradigma já não acredita na objectividade total da História. No campo historiográfico actualmente vemos ganhar terreno a história política, a história militar, a história religiosa e a biografia histórica.

Para Jacques Le Goff e Pierre Nora, o importante hoje é “saber fazer a história de que temos hoje necessidade. Ciência do domínio do passado e da consciência do tempo, deve ainda definir-se como ciência da mudança e da transformação”<sup>40</sup>. Paul Veyne define a História como “uma mistura muito humana e muito pouco científica de causas materiais, de fins e de acasos”<sup>41</sup>, e afirma que considera profícuo o divórcio entre a história e a ciência, porque

«A história tem por princípio que tudo o que foi e é digno dela: não tem o direito de escolher, de se limitar ao que é susceptível de uma

---

<sup>38</sup> Cf. Jorge Borges de Macedo, “Para o Estudo da Mentalidade Portuguesa do século XVI — Uma Ideologia de Cortesão. As Sentenças de D. Francisco de Portugal”. *Revista ICALP*, vol. 7 e 8, Março-Junho, 1987 pp. 73-106.

<sup>39</sup> Cf. Pierre Nora, *Les Lieux de Mémoire*, Paris, Editions Gallimard, Vol. I, 1984, p. 170.

<sup>40</sup> Cf. Jacques Le Goff e Pierre Nora, “Apresentação”, *Fazer História I. Novos problemas*, Lisboa, Liv. Bertrand, 1977, p. 14.

<sup>41</sup> Cf. Paul Veyne, *Como se Escreve a História*, Lisboa, Edições 70, 1987, p.44.

explicação científica. Daí resulta que, em comparação com a História, a ciência é muito pobre e repete-se terrivelmente»<sup>42</sup>.

Mas qual será o futuro da História? Qual será o papel da História e do historiador na sociedade do futuro? Que história deve o professor ensinar aos seus alunos?

## **2. Porquê ensinar e aprender História? Qual o valor formativo da História?**

*A história é feita da mesma substância que a vida de cada um de nós*

Paul Veyne<sup>43</sup>

Consideramos que o ensino é também uma “ciência” - a ciência da construção e da estruturação do conhecimento. No caso da História, ciência única, fiel depositária das sociedades humanas do passado que mantém desde a sua origem uma ligação umbilical com o futuro, o seu ensino deve ser muito bem pensado e estruturado. A história abre as portas ao passado, passado esse que permite compreender o presente e perspectivar o futuro. Marc Bloch lembra que “é tal a força de solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado.”<sup>44</sup>

Pierre Nora explica, num artigo publicado recentemente na revista *Le Débat*, da qual é o pai fundador, porque é difícil actualmente ensinar História aos alunos do ensino básico e secundário. Segundo o autor,

«Cette difficulté qui n’a cessé de s’aggraver depuis trente ou quarante ans nous a paru reposer, pour l’essentiel, sur deux séries de raisons: la dévalorisation de l’histoire nationale d’une part et, d’autre part, l’avènement dans notre culture, et particulièrement chez les jeunes, d’un type tout nouveau de rapport au passé (...). La principale des difficultés, à savoir quelle histoire peut parler aux élèves et comment la leur faire entendre et apprendre, tient, cependant, à la transformation profonde que les jeunes générations entretiennent aujourd’hui avec le passé. Des rapports qui contrastent précisément avec le type d’histoire dont l’École était le véhicule traditionnel et privilégié»<sup>45</sup>.

Miguel Monteiro salienta o lugar importantíssimo que a história ocupa na realidade curricular e coloca, de modo incisivo, as seguintes questões:

---

<sup>42</sup> Idem, *ibidem*, p.282.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p.43.

<sup>44</sup> Cf. Marc Bloch, *Introdução à História*, Lisboa, Publicações Europa – América, 1965, p.42.

<sup>45</sup> Cf. Pierre Nora, “Difficile enseignement de l’histoire”, *Le Débat*, n° 175, Paris, Éditions Gallimard, pp. 3-5.

«Como é possível formar os homens e as mulheres do futuro sem o recurso à história? Será possível haver civismo e democracia sem a compreensão da História? Terá a sua aplicação na realidade seguido os melhores métodos? (...) Será possível estabelecer um novo relacionamento entre as novas pedagogias e os objectivos do ensino da História, com as exigências actuais de uma escola em mudança?»<sup>46</sup>

No que se refere ao ensino da História, Borges de Macedo é perentório ao afirmar que, independentemente da necessidade de se efectuar “uma revisão regular dos programas de história tais como existem e com todos os seus defeitos (em cuja determinação poderá haver discordância), não devem considerar-se obstáculo a ensinar bem”<sup>47</sup>. O professor não deve esquecer que a História é uma disciplina:

«Responsável, que fornece ao adolescente a consciência das bases, tanto ancestrais como recentes, (...) a história, na educação, desperta o interesse pelo humano e acentua, desse modo, uma forma muito própria de pensar e de sentir que permite delimitar melhor as vocações que, vagamente começam a emergir»<sup>48</sup>.

Consideramos que essa vocação, esse gosto pela História, implica que o aluno consiga perceber a complexidade do todo social em evolução. Ana Leal de Faria lembra que uma das principais finalidades da história é proporcionar:

«Uma consciência social que, para cada um de nós, é também uma consciência de si próprio, que permite libertar-nos do presente, ver melhor, aprender o que podemos conhecer, em concreto, quanto aos limites, possibilidades e realizações do humano, então o tempo é a condição necessária para esse conhecimento, duplamente indirecto, como produto mental e como reconstrução a partir dos dados alusivos ao já conhecido e que por eles indirectamente se reconstituiu. Torna-se necessário, portanto, tentar apreender as situações em que os homens se encontraram e os esforços que tentaram para resolvê-las – se bem ou mal, isso é já outra questão»<sup>49</sup>.

Para Jorge Borges de Macedo, a História permite ainda que:

«O homem seja visto para além do inexorável presente; transmite-nos outras medidas a que esteve sujeito e venceu. Com o passado, na sua diversidade, o homem não tem só um presente; adquire a liberdade de debater o futuro, caso o passado seja apreendido como ele realmente foi: em alternativa e não como necessidade»<sup>50</sup>

<sup>46</sup> Cf. Miguel Maria Corrêa Monteiro. *O Ensino da História numa Escola em Transformação*. Lisboa, Plátano Edições Técnicas, 2003, pp. 17-18.

<sup>47</sup> Cf. Jorge Borges de Macedo, “O Ensino Liceal de História e as Exigências Universitárias”, Separata dos números 37, 38 e 39 da *Revista de Pedagogia e Cultura Palestra*, Lisboa, 1970.

<sup>48</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>49</sup> Cf. Ana Leal de Faria. *Duarte Ribeiro de Macedo. Um diplomata moderno 1618-1680*. Colecção Biblioteca Diplomática do MNE, Portugal, 2005, p.23.

<sup>50</sup> Cf. Jorge Borges de Macedo, “Ciência Histórica e Conhecimento do Homem” sep. da *Revista Ciências Humanas e Fé Cristã*, Ano 41, nº 143 -145, Janeiro – Setembro, [S. l.], 1989, p. 17.

De acordo com o autor em apreço, devemos lembrar-nos que a finalidade de todo e qualquer ensino é o de formar pessoas; isto é, promover o aproveitamento do que de melhor há em cada um, e procurar dar a esse melhor as condições para vencer nas duras passagens da realização humana.

Joaquín Prats<sup>51</sup> considera que a História, enquanto disciplina educativa, abarca quatro grandes objectivos e finalidades:

- “Facilita la comprensión del presente;
- Contribuye a desarrollar las facultades intelectuales;
- Enriquece otros temas del currículo y estimula las aficiones para el tiempo libre;
- Ayuda a adquirir sensibilidad social, estética, científica, etc.”<sup>52</sup>.

Para o autor em apreço, o estudo histórico “es el que más oportunidades ofrece para educar a los estudiantes en la creación de una mirada racional y fundamentada de su entorno local, nacional, y global (...). Sirve para adquirir sensibilidad (o conciencia) respecto a las formaciones sociales”<sup>53</sup>.

No mundo altamente tecnológico e em permanente mudança em que vivemos torna-se evidente a necessidade de intervir, tanto ao nível dos conteúdos como dos métodos de ensino-aprendizagem, pois como afirma F. Cardona

«Los sistemas de enseñanza-aprendizaje afrontan el siglo XXI con no pocos cambios. La geografía y la historia, que en las aulas habían sido encargadas de informar del devenir del tiempo y del espacio, y de las sociedades en el tiempo y en el espacio, experimentan importantes replanteamientos didácticos para afrontar los nuevos tiempos»<sup>54</sup>

Preocupados com todas essas alterações, os professores - em diferentes aulas do mestrado - trabalharam os conceitos fundacionais e estruturantes da História e reforçaram a importância de estabelecer balizas cronológicas, já que estas são fulcrais para a organização racional e coerente dos acontecimentos. Na nossa opinião, uma cronologia rigorosa permite a compreensão dos acontecimentos históricos e motiva os alunos para a aprendizagem da história.

---

<sup>51</sup> É Profesor catedrático da Universidade de Barcelona, Doutor em História Moderna e especializado em Didáctica da História.

<sup>52</sup> Cf. Joaquín Prats, [et. al.] *Por qué y para qué enseñar Historia. Didáctica de la Geografía y la Historia.*, Barcelona, Editorial GRAÓ, 2011, p. 21.

<sup>53</sup> Idem, *ibidem*, p.21.

<sup>54</sup> Cf. F. Xavier Hernández Cardona. *Didáctica de las ciencias sociales, geografía e historia*, 8ª edição, Editorial GRAÓ, Barcelona, p. 7.



Sobre esta temática, Miguel Monteiro recorda que depois do 25 de Abril de 1974 a história tornou-se bastante factual e a falta de balizas cronológicas “tornou-se um lugar-comum com consequências bastante graves para os alunos, porque lhes retirou não só a visão em continuidade, como ao focar muito determinadas áreas temáticas, fez perder precisamente essas referências cronológicas vitais para a compreensão da história”<sup>55</sup>.

Como já referimos, foram inúmeros os ensinamentos transmitidos durante os seminários do mestrado, que percorreram diversas dimensões; destacamos a importância de se fazer uma correcta transposição didáctica, a riqueza didáctica do trabalho de campo, das visitas de estudo e da metodologia de trabalho de projecto na construção de saberes não memorizados, mas que pressupõem conhecimentos fundamentais, permitindo ao aluno seleccionar e integrar esses conhecimentos prévios face a uma determinada questão ou problema. No entanto, existe um aspecto da informação e do método – as Fontes Históricas - que também trabalhámos nas aulas, sobre o qual no ponto seguinte iremos tecer breves considerações, pois julgamos que a sua aplicação em aula é imprescindível para o sucesso da aprendizagem histórica, e sobre o qual Jacques Le Goff afirmou ser “um saber falível, imperfeito, discutível, nunca totalmente inocente, mas cujas normas de produção e condições profissionais de elaboração e exercício permitem que se chame científico”<sup>56</sup>.

## **2. 1. As Fontes históricas**

É comumente aceite que Fontes são documentos relativos a diversas épocas históricas que nos permitem saber como o Homem viveu no passado. Um problema só passará à categoria de Fonte após ter sido submetido a um trabalho rigoroso de crítica hermenêutica<sup>57</sup> que o transformará em verdade histórica. Como tal, os documentos de arquivo são o testemunho, a prova e a evidência da verdade, ou de certa verdade, que se pretende contar.

O professor deve ser rigoroso, objectivo e coerente na escolha dos documentos, e estes devem sempre ser contextualizados, permitindo aos alunos compreender os

---

<sup>55</sup> Cf. Miguel Maria Corrêa Monteiro, *op. cit.*, p. 18.

<sup>56</sup> Cf. Jacques Le Goff, “Documento-Monumento”, *Enciclopédia Einaudi*, Vol. I, Lisboa, IN/CM, 1984, p. 245.

<sup>57</sup> É fundamental recorrer a Hermenêutica, ciência ou metodologia da interpretação, e a Heurística vertente da História que estuda os documentos, de forma a apurar a verdade neles contida.

acontecimentos, tendo em conta o momento em que estes ocorreram, permitindo assim uma dedução lógica de conclusões.

A correcta utilização dos documentos em sala de aula não apela à memorização mas sim à reflexão histórica, permitindo desenvolver no aluno o raciocínio, o espírito crítico e a capacidade de análise e de síntese. É também importante que o professor ajude o aluno a distinguir as diversas ideias apresentadas no documento. Para Miguel Monteiro

«no processo de ensino – aprendizagem está reservado à aplicação do documento um papel de maior relevância. A sua utilização com finalidades científicas ou didácticas é fundamental para o processo de descoberta/motivação e consolidação dos conteúdos abordados (...) a utilização do documento serve de elemento motivador e adequado a uma participação activa e eficaz do aluno na aula; realça a importância do facto histórico; ajuda à compreensão de um determinado momento histórico e desenvolve a capacidade de análise e síntese dos alunos»<sup>58</sup>.

A explicação de textos históricos é composta por dois momentos essenciais: em primeiro lugar é necessário compreender o que quis dizer o autor, e essa compreensão está intrinsecamente ligada à terminologia, às instituições, aos acontecimentos e às alusões às personagens<sup>59</sup>; em segundo lugar, mas de suma importância, temos a avaliação do alcance do texto, e esta só será correcta se conhecermos o autor, o seu meio social, o momento e as circunstâncias em que o documento foi escrito e a obra de onde o texto foi extraído<sup>60</sup>. Realizadas essas etapas podemos discernir com rigor o alcance do texto, a importância de que se reveste para a história geral, a intenção do autor, a exactidão e a veracidade do documento. Convém, no entanto, recordar que o documento não é inócuo. Como Jacques Le Goff afirma, o documento é monumento, “resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira”<sup>61</sup>. Se para Jacques Le Goff o historiador não pode fazer o papel de ingénuo, julgamos que o professor também não pode, nem deve, ter uma visão redutora dos documentos históricos.

---

<sup>58</sup> Vide Miguel Corrêa Monteiro. *Didáctica da História. Teorização e Prática – algumas reflexões*. Lisboa, Plátano Edições Técnicas, 2001, pp.117-118.

<sup>59</sup> Cf. Ana Leal de Faria, “Conselhos práticos para o comentário de textos históricos”. Documentação de suporte à UC Didáctica da História. Documento inédito não policopiado. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.

<sup>60</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>61</sup> Cf. Jacques Le Goff, *op. cit.*, pp. 100 - 104.

## **2.2. Trabalhar os conceitos**

Não pretendemos aqui tecer grandes considerações sobre os conceitos históricos, como fez Paul Veyne<sup>62</sup>, nem sobre os instrumentos de explicação dos mesmos, mas é inevitável que o conhecimento histórico do professor, que se pretende em constante crescimento, maturação e renovação, esteja alicerçado na compreensão dos conceitos estruturantes ou operatórios e metodológicos que estão subjacentes ao desenvolvimento dos conteúdos; portanto, são um referencial contínuo da prática de ensino da História.

Os primeiros comportam a Temporalidade (Tempo curto, Tempo cíclico e a Longa duração); Espacialidade (Local, Regional, Nacional, Civilizacional e Mundial); Níveis de análise (Evento, Conjuntura, Estrutura, Diacronia, Sincronia e a Periodização), Campos de problematização (Político, Económico, Social, Cultural, Institucional e as Mentalidades); Mutação (Ruptura; Crise; Revolução), os segundos constituídos por: Fontes (Documento, Fontes escritas, Fontes monumentais, Fontes paisagísticas e naturais, Fontes da civilização material, Fontes orais, Dado histórico); Operações (Heurística, Crítica externa, Crítica interna, Hipótese, Modelo, Tendência, Síntese histórica, Ciências anexas da História) e Métodos (Método indutivo, Método comparativo, Método quantitativo).

É expectável que os alunos do 8ºano compreendam alguns desses conceitos, que são a base de toda a aprendizagem, mas julgamos que a apropriação dos mesmos deverá decorrer ao longo de todo o ensino básico e secundário.

Como refere Paul Veyne, “cada conceito que conquistamos refina e enriquece nossa percepção do mundo; sem conceitos, nada se vê”<sup>63</sup>.

O século das Luzes é um campo profícuo para o professor trabalhar alguns desses conceitos e os alunos adquirirem e reforçarem aprendizagens estruturantes. Face à sua pertinência e exequibilidade foi possível trabalhar também a noção de período histórico, reflectindo sobre as permanências e as transformações que ocorreram nos modos de vida das sociedades num determinado tempo e espaço. A análise de vários documentos ajudou

---

<sup>62</sup> Cf. Paul Veyne, *Como se Escreve a História*, Lisboa, Edições 70, 1987, pp.139-163.

<sup>63</sup> Cf. Paul Veyne, *O Inventário das Diferenças*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1983, p.34. Também disponível em WWW: <URL: [http://antropologias.descentro.org/files/downloads/2010/08/VEYNEPaul\\_-O-invent%C3%A1rio-das-Diferen%C3%A7as.pdf](http://antropologias.descentro.org/files/downloads/2010/08/VEYNEPaul_-O-invent%C3%A1rio-das-Diferen%C3%A7as.pdf)>.

os alunos a perceber o dinamismo cultural europeu, do qual Portugal não estava arredado, e as inevitáveis mudanças de mentalidades.

Importa referir que os documentos sobre o terramoto de 1755 são meios de excelência que permitem perceber as mentalidades da época, pois como refere Ana Leal de Faria, “as dimensões do desastre que levaram os contemporâneos a conferirem-lhe um carácter catastrófico e apocalítico que inspirou abundante literatura, encheu o imaginário colectivo (...) os seus reflexos literários foram redigidos semanas, meses e até anos após o desastre”<sup>64</sup>. Lembramos que Voltaire criticou duramente as correntes optimistas defendidas por Alexander Pope e Leibniz, o melhor dos mundos afinal não existia; Rousseau recordou a importância de se respeitar leis da natureza e Kant destacou as causas naturais associadas ao desastre abrindo caminho para um novo conhecimento científico. O terramoto permite trabalhar outros conceitos, já que esteve na origem da revolução urbanística e arquitectónica de que Lisboa foi palco.

### **3. Professores, alunos e escola em questão**

*When teachers learn more! students will do better*

Ann Lieberman<sup>65</sup>

A LBSE - Lei nº 46/1986 de 14 de Outubro, publicada no Diário da República - I Série – nº 237, define o sistema educativo como “o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade<sup>66</sup>”. Porém, para o sistema educativo ter bases sólidas é necessário dignificar o professor, a escola e o aluno, pois como sabemos nas últimas décadas do século XX a escola e a profissão de professor foram muitas vezes comparadas a uma actividade de mercado. O professor passou a ser visto como um

---

<sup>64</sup> Cf. Ana Leal de Faria, “O terramoto de 1755 visto por um diplomata holandês em Lisboa”, *Clio- Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Lisboa, Edições Colibri, 1997, p.195.

<sup>65</sup> Cf. “Real-life view: An interview with Ann Lieberman”, *Journal of Staff Development*, [em linha]. Vol. 20, no 4, Fall, 1999, pp.53-57. [consult. 26/06/2013]. Disponível em WWW: <URL:[http://www.pps.k12.or.us/files/districtleadership/Read\\_Life\\_View\\_An\\_Interview\\_with\\_Ann\\_Lieberman\\_Dennis\\_Sparks.pdf](http://www.pps.k12.or.us/files/districtleadership/Read_Life_View_An_Interview_with_Ann_Lieberman_Dennis_Sparks.pdf)>.

<sup>66</sup>Cf. DGES [em linha]. Lei 46-86 “DR I série Nº.237/IV/1” (1986.10.14). [Consult. 2/09/2012]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/AE6762DF-1DBF-40C0-B194-E3FAA9516D79/1766/Lei46\\_86.pdf](http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/AE6762DF-1DBF-40C0-B194-E3FAA9516D79/1766/Lei46_86.pdf)>.

“funcionário professor”, pois a sociedade esperava que este apresentasse sempre resultados mensuráveis.

No início do século XXI, e segundo António Nóvoa “Os professores reaparecem como elementos insubstituíveis, não só na promoção da *aprendizagem*, mas também no desenvolvimento de processos de integração que respondam aos desafios da *diversidade* e de métodos apropriados de utilização das *novas tecnologias*”<sup>67</sup>. Subscrevemos plenamente as palavras do autor, que implicitamente refere o investimento que deve ser feito na formação contínua dos professores. No entanto, atrevemo-nos a dizer que ser professor, actualmente, implica um esforço muitas vezes inglório, devido à multiplicidade de variáveis que complexificam a profissão de docente, como por exemplo o excesso de burocracia que em nada contribui para o sucesso do ensino-aprendizagem.

O Ministério da Educação e Ciência fez saber que pretende reduzir o controlo central de todo o sistema educativo, assim como o excesso de regulamentação e a burocracia. Segundo o Despacho n.º 17169/2011, de 23 de Dezembro, publicado no Diário da República, 2.ª série — N.º 245, o Currículo Nacional deve definir os conhecimentos e as capacidades essenciais que todos os alunos devem adquirir e permitir aos professores decidir como ensinar de forma mais eficaz, gerindo o currículo e organizando da melhor forma e com mais liberdade a sua actividade lectiva<sup>68</sup>.

Paulo Abrantes também reforça o papel do professor e afirma que “o currículo não é uma soma de matérias a ensinar mas sim um projecto de realização de aprendizagens e de desenvolvimento de competências que deve proporcionar aos alunos experiências significativas de um modo coerente e articulado entre as suas diversas componentes”<sup>69</sup>.

Sobre a complexa temática de um currículo orientado para as competências, Phillipe Perrenoud não aceita a desvinculação dos saberes num currículo que visa o desenvolvimento das competências, afirmando que,

«Ninguém pode sustentar essa tese de boa-fé, ou então seria a favor de uma total incompreensão da própria noção de competência: não existe competência sem saberes (...) a competência é uma mais-valia acrescentada aos saberes: a capacidade de os utilizar para resolver

---

<sup>67</sup> Cf. António Nóvoa. “O regresso dos professores”. Comunicação apresentada na Conferência *Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida*, Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia. Lisboa, ME, DGRHE, 2007, p.21.

<sup>68</sup> Cf. Despacho n.º 17169/2011. “D.R. n.º 245, Série II” (2011-12-23).

<sup>69</sup> Cf. Paulo Abrantes. “Prefácio”. In. Philippe Perrenoud, *Porquê Construir Competências a Partir da Escola?*, Porto, Asa, 2001, p. 8.

problemas, construir estratégias, tomar decisões, actuar no sentido mais vasto da expressão»<sup>70</sup>.

José Augusto Pacheco recorda que “o professor, enquanto mediador e agente curricular, torna-se um profissional que analisa criticamente o trabalho que desenvolve. O seu papel não é o de um mero executor e consumidor curricular como lhe atribuem os modelos curriculares prescritos e fechados”<sup>71</sup>.

Maria do Céu Roldão chama a atenção para o facto de no caso dos professores,

«Quer a função quer o conhecimento profissional se tem mutuamente contaminado, por um lado, por uma tendência para a difusão envolvida de uma discursividade humanista abrangente, que não permite aprofundar a especificidade da função nem do saber; por outro lado, e no extremo oposto, por uma orientação para a especificação operativa, associada a redução do ensino a acções praticas que se esgotam na sua realização, em que o saber é mínimo e a reflexão dispensável, e que acabam traduzindo-se numa tecnicização da actividade. Nenhuma destas tendências se constitui em produtora credível de desenvolvimento e afirmação profissional»<sup>72</sup>.

Sabemos que ainda hoje muitos professores não gostam, talvez por receio, de partilhar ideias e experiências, de trabalhar em grupo, de construir redes, de conceptualizar, de analisar e reformular a sua prática educativa, mas esse é o caminho que se impõe - o da construção cooperativa e colaborativa, sem nunca perder a especificidade e a qualidade da sua acção científica, pedagógica e humana que cada professor possui.

É comumente aceite que os alunos devem constituir o objectivo primeiro de toda a actividade docente; o Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais da disciplina de História, revogado pelo Despacho atrás referido, explícita que a função do professor de História, enquanto agente que participa na construção do conhecimento histórico, é a de:

«Enquadrar o aluno no estabelecimento de referenciais fundamentais em que assenta essa tomada de consciência do tempo social, estimulando-o a construir o saber histórico através da expressão de “ideias históricas”, na sua linguagem desde os primeiros anos de escolaridade. Esta construção do pensamento histórico é progressiva e gradualmente contextualizada, em função das experiências vividas»<sup>73</sup>.

<sup>70</sup> Cf. Philippe Perrenoud, *Porquê construir competências a partir da escola*, Porto, Edições Asa. 2001, p.30.

<sup>71</sup> Cf. José Augusto Pacheco. “A reforma do Sistema Educativo. Alguns aspectos da reorganização dos planos curriculares do ensino básico e secundário em Portugal e Espanha”. *Revista Portuguesa de Educação*, N.º 4 (2), Universidade do Minho.1991, p.76.

<sup>72</sup> Cf. Maria do Céu Roldão, “Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional”. *Revista Saber (e) Educar*, nº 13, Porto, Centro de Investigação Paula Frassinetti, 2008, p.175.

<sup>73</sup> Cf. Ministério da Educação [em linha]. *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*, Lisboa, DGE, 2002, p.87. [consult. 12/03/2013]. Disponível em WWW: <URL: [www.dgidec.min-edu.pt/data/ensinobasico/.../compe\\_essenc\\_historia.pdf](http://www.dgidec.min-edu.pt/data/ensinobasico/.../compe_essenc_historia.pdf)>.

Dos muitos papéis desempenhados pelo professor, também lhe cabe explicar aos alunos que a escola é a grande transmissora e construtora de conhecimentos, mas que para ensinar e aprender é necessário o estabelecimento e cumprimento de regras, pois só com um esforço colectivo é possível olhar o futuro com esperança. A escola actual deve ser capaz de estimular a formação de hábitos adequados, permitindo que os alunos desenvolvam as capacidades e competências que os conduzam à realização pessoal e profissional. Os pais não podem esperar com passividade que a escola ocupe o lugar que é seu por direito; devem por isso, participar activamente no processo educativo dos seus filhos.

Ao longo das aulas do mestrado, os professores lembraram-nos que os alunos devem constituir o objectivo primeiro de toda a actividade docente. Durante os seminários explicaram-nos a importância de organizar o ensino em torno de problemas ou questões, falaram-nos da aprendizagem significativa, dos três domínios (cognitivos, afectivos e psicomotores) da taxonomia de objectivos educacionais de Bloom, dos níveis de desempenho e das evidências de aprendizagem que todos os alunos devem alcançar, e da importância da formação de cidadãos responsáveis.

Implícito no Estatuto do Aluno e Ética Escolar, Decreto-Lei n.º 51/2012 de 5 de Setembro, publicado no Diário da República, 1.ª série — N.º 172, está também o papel crucial do professor, no sentido que este será o tutor intelectual dos alunos, permitindo-lhes ver reconhecidos e valorizados o mérito, a dedicação, a assiduidade, o esforço no trabalho e no desempenho escolar, pois, como afirmou Ana Leal de Faria:

«Cada professor é agente da sua formação e construtor do seu próprio modelo, mas na medida em que só os alunos justificam a sua existência, são eles a ter em conta no momento de tomar decisões relativamente ao processo de ensino-aprendizagem, apostando na qualidade das aprendizagens estruturantes, o que exige uma criteriosa selecção de matérias e uma inteligente gestão do tempo».<sup>74</sup>

É esperado que o futuro professor, graduado numa instituição de ensino superior, na vertente de formação de professores - cujos docentes organizam o seu trabalho e formação em colaboração e em parceria com escolas - seja capaz de estruturar, monitorizar e avaliar aprendizagens socialmente relevantes, no quadro do desenvolvimento integral

---

<sup>74</sup> Cf. Ana Leal de Faria, “O ensino da História em questão”, *Boletim da A.P.H.*, n.º 30-31, Julho 2005 - Janeiro 2006, p.12.

dos indivíduos e da sua inclusão plena na escola e na sociedade e incorporar metodologias orientadas pelos princípios da reflexividade, auto-direcção, criatividade e inovação, conferindo lugar de destaque à investigação, não só como fonte do conhecimento, mas sobretudo, como modo de conhecer e intervir.

O contacto com metodologias nas áreas da Educação e da Didáctica, permitiu-nos conhecer e diferenciar os principais paradigmas em educação, ajudando-nos na compreensão do pensar e do agir dos nossos alunos, de forma a prevenir e a resolver os problemas na sala de aula e na escola, contribuindo para a caminhada - que se espera de sucesso - dos alunos. Sobre a temática da formação dos professores, António Nóvoa afirmou o seguinte:

«Na verdade, não é possível escrever textos atrás de textos sobre a praxis e o *practicum*, sobre a *phronesis* e a *prudentia* como referências do saber docente, sobre os professores reflexivos, se não concretizarmos uma maior presença da profissão na formação (...) é preciso passar a formação de professores para dentro da profissão (...) se a comunidade dos formadores de professores e a comunidade dos professores não se tornarem mais permeáveis e imbricadas não ocorrerá nenhuma mudança significativa»<sup>75</sup>.

Embora concordando com as palavras do autor em apreço, questionamo-nos se essa mudança significativa alguma vez ocorrerá, já que a nossa maior angústia durante estes dois anos de formação residiu no facto de alguns mestrandos, mesmo de outras áreas científicas, não aceitarem os ensinamentos daqueles que já percorreram o caminho que estamos a iniciar. A displicência em espaço de aula foi notória, a preocupação com a formação dos alunos diminuta e a preparação das aulas a leccionar pouco parecia importar, pois para alguns o manual escolar do professor é a sua Bíblia.

### **3.1. O manual escolar**

Como refere Sérgio Claudino, os manuais escolares no século XIX, e ainda durante parte significativa do século XX, “surgem como o resultado de uma filtragem política, social e pessoal da informação científica que determina, no essencial, o respectivo conteúdo”<sup>76</sup>. Embora o autor supracitado se refira especificamente à geografia escolar,

---

<sup>75</sup>Cf. António Nóvoa, *op. cit.*, p.24.

<sup>76</sup> Cf. Sérgio Claudino “Portugal Continental ou um novo olhar sobre os manuais escolares de Geografia”. In Rui Castro, et.al., *Manuais Escolares – estatuto, funções, história.*, Braga, Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho, 1999, p. 197.



consideramos que tal afirmação se enquadra também perfeitamente no âmbito do ensino da história. Nas últimas décadas do século passado procurou-se encontrar um novo rumo e em 2006 é promulgada e publicada no Diário da República, 1.ª série— Nº 165 de 28 de Agosto de 2006 a lei nº Lei n. 47/2006<sup>77</sup>, que define o regime de avaliação, certificação e adopção dos manuais escolares do ensino básico e do ensino secundário. Bem sabemos que a liberdade e autonomia científica e pedagógica devem estar patentes nos manuais escolares, mas consideramos uma mais-valia que a certificação dos mesmos seja feita com rigorosos critérios científicos e pedagógicos por professores universitários, que determinam também se o carácter formativo do currículo se encontra ou não vertido nos manuais escolares em estudo. Embora reconheçamos que o manual é um recurso didáctico-pedagógico relevante, acreditamos que é importante inovar as práticas e não ficar refém, muito particularmente, do manual do professor.

A propósito do uso exclusivo e excessivo do manual, Miguel Monteiro alerta para o facto de o professor “criar nos alunos uma atitude passiva porque assenta a sua estratégia na memorização de factos e torna o ensino verbalista e meramente expositivo e muito desmotivante”<sup>78</sup>. Sobre esta temática, Georges Gusdorf em 1963, lembra que :

«Para a maior parte dos teóricos da pedagogia o ensino reduz-se a um monólogo, que de resto, na prática, se desdobra, pois que ao monólogo do professor faz eco o monólogo do aluno que recita a sua lição. A esta situação correspondem esses manuais escolares que editores judiciosos publicam em dupla edição : o livro do professor e o livro do aluno. O livro do professor é um bocado maior, fornece indicações complementares, dá soluções às dificuldades propostas, evitando ao corpo docente qualquer fadiga inútil. A fórmula é excelente e até permite a supressão pura e simples do professor. Basta que o aluno compre o livro do mestre e retome o monólogo, por sua conta»<sup>79</sup>.

Paul Marechal, em 1969, escreveu “c’est finalement le manuel qui est, pour maîtres et élève, la matière à enseigner, le savoir à connaître. Cette pratique courante n’est pas dans l’esprit de la nouvelle pédagogie”<sup>80</sup>. Em 2004, Herculano Cachinho afirmava que os professores “apostados em cumprir as múltiplas tarefas da rotina quotidiana da escola não

---

<sup>77</sup>Ministério da Educação [em linha]. Lei 47/2006 de 28 de Agosto [consult. 26/06/2013]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.dgidc.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=308>>.

<sup>78</sup> Cf. Miguel Monteiro, *Didáctica da História, Teorização e prática: algumas reflexões*, Lisboa, Plátano, 2001, p. 12.

<sup>79</sup> Cf. Georges Gusdorf, *Professores para quê?* Lisboa, Moraes Editores, 1970, p.47.

<sup>80</sup> Cf. Paul Marechal, *L'Histoire en question. Les voies éducatives*. Paris, Librairie Armand Colin, 1969, p.108.

estão disponíveis para pensar”<sup>81</sup>, portanto e na falta de tempo o professor orienta a sua prática lectiva “através do “livro do saber”, mesmo se nem sempre se está de acordo com ele. Alterar a rotina, mudar e inovar é de tal forma penoso que apenas os verdadeiros missionários encontram forças para tentar, ou pelo menos não desistir”<sup>82</sup>.

Lamentavelmente, meio século depois das palavras proferidas por Gusdorf e num mundo em constante evolução, muitos docentes ou futuros docentes, parecem não perceber a importância da formação, da autoformação e da formação contínua, não só como valorização pessoal e profissional, mas fundamentalmente como meio de melhorar as aprendizagens dos alunos.

Acreditamos que, se os professores em formação reflectirem sobre as suas concepções do processo ensino-aprendizagem e estiverem abertos a uma lógica educacional centrada nos alunos, o espaço de aula será com certeza o local privilegiado para saber ser, saber fazer e saber estar - pois assim também se constrói a cidadania. Lembramos que a escola e concomitantemente o professor são elementos fulcrais na promoção de uma cidadania activa, crítica e reflexiva. De acordo com o Ministério da Educação e Ciência, a educação para a cidadania enquanto processo educativo “visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo”<sup>83</sup>; no entanto, temos consciência que passar da retórica para a prática não tem sido, nem será, um processo fácil.

#### **4. Enquadramento Curricular**

O Programa Nacional de História do Ensino Básico, aprovado pelo Despacho nº. 124/ME/91, de 31 de Julho, publicado no *Diário da República*, 2ª série, nº. 188, de 17 de Agosto, é composto por 12 grandes temas, (sendo o último facultativo) e divididos em 32 subtemas<sup>84</sup>. No que concerne ao 8º ano, os temas correspondentes são quatro: Expansão e mudança nos séculos XV e XVI; Portugal no contexto europeu dos séculos XVII e XVIII;

---

<sup>81</sup> Cf. Herculano Cachinho, “Criar Asas: do Sentido da Geografia Escolar na Pós-Modernidade”, Actas do V Congresso da Geografia Portuguesa, Guimarães, Universidade do Minho, 2004, p.12.

<sup>82</sup> Idem, *ibidem*, p.12.

<sup>83</sup> Cf. Ministério da Educação e Ciência, [em linha]. *Educação para a Cidadania – linhas orientadoras*, Lisboa, DGE, 2012, p.1. [consult.26/06/2013]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.dge.mec.pt/educacaocidadania/index.php?s=directorio&pid=71>>.

<sup>84</sup> Só consideramos nesta divisão os 11 temas obrigatórios.

As transformações do mundo atlântico: crescimento e rupturas; A civilização industrial no século XIX. Por sua vez, estes blocos temáticos encontram-se divididos em nove subtemas. De acordo com a DGEBS, o programa tenta “atender às características do desenvolvimento psicológico dos alunos que frequentam este ciclo os quais (...) só gradualmente acederão ao raciocínio abstracto e conquistarão a autonomia sócio-afectiva e moral”<sup>85</sup>. No que respeita à selecção e organização dos conteúdos, a DGEBS optou pelo estudo “numa perspectiva diacrónica, embora não exaustiva nem contínua, da história geral, com destaque para a história europeia e uma atenção especial à história de Portugal” e a partir do 8º ano os alunos deverão ser orientados “*para um estudo que exija já uma articulação permanente entre o tempo breve, o tempo médio e as estruturas de longa duração*”<sup>86</sup>.

Após diversas reuniões com o professor cooperante, foi-nos permitido leccionar dois subtemas – 6.2. Absolutismo e mercantilismo numa sociedade de ordens; 6.3. A cultura em Portugal face aos dinamismos da cultura europeia – que são parte integrante do bloco 6 - PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII E XVIII. Foi consensual o número de aulas estabelecido (entre 20 a 22), que excediam o número de aulas previstas no Plano de Organização do Ensino Básico<sup>87</sup>, mas considerou-se vantajoso trabalhar mais profundamente vários documentos históricos, já que vários alunos revelavam dificuldade na análise e compreensão dos mesmos. Ficou também estabelecido que durante a prática de ensino realizar-se-iam várias fichas de avaliação formativa, duas fichas de avaliação sumativa, uma visita virtual à Baixa Pombalina e ao Museu da Cidade<sup>88</sup>, a construção de um glossário, de um mapa conceptual e a realização de um trabalho de grupo.

Os dois subtemas escolhidos não seriam de fácil tratamento didáctico, já que não nos revíamos em alguns pontos da *Clarificação de conteúdo/Especificação de aprendizagens* do Plano de Organização do Ensino Básico, que sugere - entre as aprendizagens relevantes - que os alunos:

---

<sup>85</sup> Cf. Ministério da Educação, *Organização Curricular e Programas – Ensino Básico, 3º ciclo*. Vol. I, Lisboa, DGEBS, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991, p.121.

<sup>86</sup> Cf. *Programa de História, Plano de Organização do Ensino - Aprendizagem*, Ensino Básico 3º Ciclo, vol.II, 4ª ed., DGEBS, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999, pp.5-6.

<sup>87</sup> Idem, *ibidem*, pp. 47-50.

<sup>88</sup> Este ano lectivo o número de visitas de estudo foi muito reduzido, provavelmente devido à fusão num novo agrupamento escolar.

- Reconheçam a política pombalina como uma tentativa para, no quadro do absolutismo, aproximar o País de modelos europeus, criando condições para o desenvolvimento comercial e manufactureiro (...);
- Relacionem a obra e as críticas dos «estrangeirados», bem como a acção do Marquês de Pombal, com o movimento iluminista;
- Reconheçam o atraso de Portugal no domínio científico, identificando as resistências desenvolvidas pela Inquisição e pela Universidade<sup>89</sup>.

O facto de não concordarmos com alguns dos aspectos atrás mencionados, como será visível nos slides apresentados em aula, permitiu-nos - sempre apoiados em documentos - mostrar diferentes versões de uma mesma história, levando os alunos a analisar, reflectir e organizar a informação de forma a transformá-la em conhecimento.

#### **4.1. Competências gerais e específicas da História**

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, do Ministério da Educação, a competência é definida como um saber em acção, que engloba capacidades, conhecimentos e atitudes. É expectável que no final do 3º ciclo os alunos tenham adquirido um conjunto de competências gerais, das quais destacamos as seguintes: mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e abordar situações e problemas do quotidiano; usar correctamente a língua portuguesa para comunicar e para estruturar um pensamento próprio; usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação; usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar; adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas aos objectivos visados; realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa; cooperar com os outros em tarefas e projectos comuns e relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.

Para a disciplina de História, o Ministério da Educação definiu três pontos de ancoragem, Tratamento de Informação/Utilização de Fontes, a Compreensão Histórica e a Comunicação em História, que estruturam as competências específicas e que são fulcrais

---

<sup>89</sup> Cf. *Programa de História, op. cit.*, pp. 48-50.

para a construção do conhecimento histórico nos alunos. Importa referir que na Compreensão Histórica encontram-se consubstanciadas a *temporalidade*, a *espacialidade* e a *contextualização*.

Consideramos que a partir deste constructo os professores devem estruturar criteriosamente as actividades e estratégias, no sentido de proporcionar aos alunos conhecimentos válidos em História. Importa referir que na exploração do conteúdo é inevitável e imprescindível o entrosamento das três dimensões, que expressam, de facto, uma mesma realidade, que se constitui como um todo. Por essa razão, o professor sentirá como natural a mobilização simultânea das três dimensões da Compreensão Histórica, estruturadas com base no Tratamento de Informação/Utilização de Fontes e na Comunicação em História, na abordagem de cada um dos temas e subtemas, competindo-lhe a gestão equilibrada das aprendizagens que lhes são específicas<sup>90</sup>. Recordamos que a gestão do programa é da competência do professor, no quadro da escola onde está inserido, mas tendo em atenção as características da turma, pois como referiu Maria do Céu Roldão:

«Não chega conhecer as teorias pedagógicas ou didácticas e aplicá-las a um dado conteúdo da aprendizagem, para que daí decorra a articulação desses dois elementos na situação concreta de ensino. Há que ser capaz de transformar conteúdo científico e conteúdos pedagógico-didácticos numa *acção transformativa*, informada por saber agregador, face a uma situação de ensino por apropriação mútua dos tipos de conhecimento envolvidos, e não apenas por adição ou mera aplicação<sup>91</sup>».

Lembramos que as propostas de leccionação das matérias são meras orientações, as quais um professor pode ou não seguir, por isso, não as consideramos redutoras nem impeditivas de uma boa prática de ensino de História e de uma perspectiva de aprendizagem problematizadora.

#### **4.2. Perfil do aluno competente em História no 8º ano**

O *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*<sup>92</sup> define o aluno competente em História no 3º ciclo como aquele que:

---

<sup>90</sup> Cf. *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*, Lisboa, Ministério da Educação, 2001, p.89.

<sup>91</sup> Cf. Maria do Céu Roldão, *op. cit.*, p. 180.

<sup>92</sup> Cf. *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, Lisboa, Editorial do Ministério da Educação, 2001, p. 90.

- Utiliza as noções de evolução, de multicausalidade, de multiplicidade temporal e de relatividade cultural no relacionamento da História de Portugal com a História europeia e mundial;
- Aplica procedimentos básicos da metodologia específica da História nomeadamente a pesquisa e interpretação de fontes diversificadas, utilizando técnicas diversas de comunicação;
- Integra e valorizar elementos do património histórico português no quadro do património mundial;
- Manifesta respeito por outros povos e culturas.

Nas *Metas de Aprendizagem*, instrumento pedagógico não normativo de gestão do currículo, que de acordo com Herculano Cachinho “integram e mobilizam o domínio de conteúdos, a mestria nos processos cognitivos necessários à construção e uso do conhecimento, e as atitudes e valores implicados face ao conhecimento (visam o desenvolvimento de competências)”<sup>93</sup>, descrevem-se as aprendizagens que todos os alunos devem ter adquirido no final de cada ano e ciclo de escolaridade.

Para o 8º ano encontram-se elencadas diversas metas (intermédias) de aprendizagem, das quais destacamos as seguintes:

#### **Domínio: Compreensão Temporal**

- O aluno analisa e inter-relaciona tabelas/frisos cronológicos para responder a questões acerca de diversas dimensões da realidade humana (socioeconómicas, político-constitucionais, técnicas, culturais e ideológicas) relativas aos séculos XV a XIX.

#### **Domínio: Compreensão Espacial em História**

- O aluno compreende o espaço numa visão diacrónica e à escala planetária, utilizando uma diversidade de fontes, incluindo formas de representação espacial produzidas nos séculos XV a XIX.

#### **Domínio: Interpretação de Fontes em História**

- O aluno identifica, pesquisa, selecciona e usa fontes com estatutos e linguagens diferentes para compreender aspectos de diversas sociedades humanas nos séculos XV a XIX.

---

<sup>93</sup> Cf. Documentação de suporte à UC Didáctica da Geografia. Documento inédito não policopiado. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.

- O aluno distingue a validade do discurso historiográfico face ao discurso ficcional, de propaganda e de senso comum.

### **Domínio: Compreensão Histórica Contextualizada**

- O aluno interpreta, integra e aplica, com base nos temas e conteúdos programáticos, os seguintes conceitos substantivos e terminologias convencionais: Tema 6: (...) Antigo Regime (sociedade de ordens, absolutismo de direito divino, mercantilismo), Manufatura, Revolução científica (método experimental, academia), Arte barroca, Arte Neoclássica, Iluminismo, Despotismo esclarecido, Estrangeirado, (...).

- O aluno apresenta uma reflexão pessoal e historicamente válida sobre contributos marcantes de alguns indivíduos, grupos sociais, povos e civilizações estudadas, dos séculos XV a XIX, para as sociedades que lhes sucederam incluindo as actuais.

### **Domínio: Comunicação em História**

- O aluno produz, por escrito e oralmente, narrativas, ensaios, perguntas e respostas, e participa em grupos de trabalho, debates, mesas redondas e painéis, para comunicar as suas ideias em História.

- O aluno processa textos, troca emails, participa em blogues, sites, *webquests* e outras TIC emergentes, constrói documentos em PowerPoint, blogues, multimédia, sites, e publica *podcasts*, para comunicar e partilhar as suas ideias em História<sup>94</sup>.

Como pudemos verificar, as metas são ambiciosas, mas acreditamos que com um trabalho criterioso muitos dos objectivos podem ser alcançados, por isso procuramos encontrar o nosso caminho de forma a motivar os alunos para a aprendizagem da História.

Importa referir que as Metas de Aprendizagem vão a curto prazo ser substituídas pelas Metas Curriculares - em 2013 foram já homologadas para algumas áreas disciplinares, como o Português e a Matemática.

---

<sup>94</sup> Cf. PORTUGAL. Ministério da Educação, *Metas de Aprendizagem*, Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, 2010, [n.p.]. Disponível em WWW: <http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/ensino-basico/metas-de-aprendizagem/metas/?area=5&level=6> < [consult. 24/09/2012].

## **5. Enquadramento didáctico**

*A verdadeira didáctica consiste em não ensinar, mas em deixar aprender*

Agostinho da Silva<sup>95</sup>

Muitas foram as dúvidas que nos inquietaram. Como ensinar? Como preparar uma aula de História para alunos do 8º ano? Como explicar o Racionalismo e o Método Experimental e definir um conceito tão difícil e complexo como o de Ciência? Como demonstrar aos alunos que o Portugal da Época Moderna não era um relógio atrasado, quando o programa de ensino assim recomenda<sup>96</sup>? Deveríamos preparar uma aula expositiva ou uma aula activa em que o aluno é o principal actor? Como manter os alunos motivados? Como tornar simples o que é difícil e complicado? Com que idade as crianças são capazes de pensar historicamente? Será por volta dos 16 anos de idade, no estágio operacional formal, que os jovens conseguem atingir o raciocínio histórico e compreender os conceitos? Que corrente pedagógica seguir?

Na tentativa de encontrarmos algumas respostas procedemos a algumas leituras sobre pedagógica e didáctica.

### **5.1. Revisão da literatura sobre pedagogia e didáctica**

Para Oliveira e Chadwick, a forma de um professor ensinar depende de como ele concebe o acto de aprender, e consideram que existem dois tipos de condições para o professor dar uma boa aula: “conhecer muito bem o conteúdo de sua disciplina, saber dar exemplos relevantes para envolver os alunos e comunicar-se muito bem com eles”<sup>97</sup>. Já no que respeita às condições suficientes, os autores dizem que “não são aprendidas ou ensinadas nos livros. Dependem de motivação, de estilo pessoal, de observação de colegas, de reflexão a partir da própria experiência”<sup>98</sup>.

Consideramos a forma como estes autores abordam os múltiplos papéis do professor muito interessante, bem como as técnicas de oratória nas aulas expositivas,

---

<sup>95</sup> Cf. Agostinho da Silva, *Textos Pedagógicos II*, Lisboa, Âncora Editora, 2000, p.137.

<sup>96</sup> Cf. *Programa de História - Plano de Organização do Ensino Aprendizagem*, op.cit., pp. 49-50.

<sup>97</sup> Cf. João Batista Araújo Oliveira e Clifton Chadwick. *Aprender e Ensinar*. São Paulo, Global, 2001, p.266.

<sup>98</sup> Idem, *ibidem*, p.266.



esclarecendo como essas podem tornar-se verdadeiras situações de aprendizagem e reforçam a importância das interações com os alunos, exemplificando como se deve ensinar a ouvir e a fazer perguntas e lembram o professor da importância dos trabalhos de casa que devem ser estimulantes e interessantes e que tratem, sobretudo, de problemas ou temas em que o aluno seja levado a pensar e a aplicar os conhecimentos que aprendeu para os resolver.

Sobre esta problemática, recordamos as palavras de Nuno Crato, de que “para raciocinar criticamente sobre um assunto é preciso começar por conhecê-lo. Pretendendo-se formar «estudantes críticos» sem lhes fornecer a necessária formação e treino, apenas se formam ignorantes fala-barato”<sup>99</sup>.

Durante o mestrado, em espaço de aula, o Professor Miguel Monteiro referiu que para o docente nem sempre é fácil a escolha da metodologia a ser usada em sala de aula, afirmando que nem a Didáctica nem a Psicologia da Aprendizagem estão preparadas para responder qual o método certo para esta ou aquela situação, esclarecendo os mestrandos que esse facto decorre da Psicologia ser afectada por múltiplas variáveis, de difícil controlo<sup>100</sup>. Alertou-nos, também, para o facto de as gerações, muitas vezes, julgarem a geração anterior, o que é desadequado e complexo, porque as condições socioculturais, económicas e de mentalidades variam. Portanto, os professores em formação deveriam conhecer as teorias educacionais, para compreenderem que não existem horizontes em pedagogia, e as metodologias - que eram excelentes para uma determinada geração - deixaram de o ser para a seguinte. Além disso, a história não é um tribunal e o historiador não é juiz; a história, como escreveu Lucien Febvre, co-fundador da “*Escola dos Annales*”, é filha do seu tempo.

No seu livro *O Ensino da História numa Escola em Transformação*, Miguel Monteiro questiona o papel actual da História como disciplina curricular e apresenta algumas propostas metodológicas aplicáveis na prática pedagógico-didáctica para melhorar a motivação dos alunos. Sem descurar o papel fulcral do professor, no sentido de orientar os alunos sobre os percursos e os recursos a escolher, lembra que é importante centrar as actividades nos alunos; estes devem aprender as técnicas de pesquisa, o tratamento de dados e análise de documentos - esta estratégia didáctica/metodológica é

---

<sup>99</sup> Cf. Nuno Crato, “*O educar em discurso directo*”, Lisboa, Gradiva, 2006, p. 86.

<sup>100</sup> Cf. Miguel Monteiro, *op. cit.*, p. 76.

fundamental para o desenvolvimento intelectual do aluno, para a sua autonomia e para o ensino da História<sup>101</sup>.

Face ao que aprendemos, sabíamos que a nossa escolha deveria recair sobre um método activo<sup>102</sup>, que permitisse uma organização lógica dos conteúdos, que partisse do simples para o complexo, que provocasse uma “tempestade de ideias”, que motivasse intrínseca e extrinsecamente os alunos para a aprendizagem da História, que permitisse a realização de diversos trabalhos, dos quais resultaria a avaliação formativa e que contemplasse as componentes afectiva, cognitiva e metacognitiva<sup>103</sup>.

O que sabes acerca do que tu sabes? É a forma mais simples que encontramos para definir metacognição. Para Célia Ribeiro, coordenadora do Mestrado em Ciências da Educação da Universidade Católica Portuguesa, o conhecimento metacognitivo é

«O conhecimento ou crença que o aprendiz possui sobre si próprio, sobre os factores ou variáveis da pessoa, da tarefa, e da estratégia e sobre o modo como afectam o resultado dos procedimentos cognitivos. Contribui para o controle das condutas de resolução, permitindo ao aprendiz reconhecer e representar as situações, ter mais fácil acesso ao reportório das estratégias disponíveis e seleccionar as susceptíveis de se poderem aplicar»<sup>104</sup>.

Era por isso importante encontrar o nosso caminho, que poderia ter associados pontos de ancoragem de uma ou de diversas correntes pedagógicas. Conhecer, analisar e compreender os paradigmas em Educação, as teorias e alguns dos modelos pedagógicos, mesmo circunscrita a alguns autores de referência, foi uma tarefa hercúlea, mas muito gratificante, pois abriu-nos novas janelas de conhecimento.

Na procura de uma concepção de aprendizagem, direccionámos a nossa leitura para Linda Allal, que propôs recentemente uma definição englobando as seguintes componentes:

---

<sup>101</sup> Cf. Miguel Monteiro, *op. cit.*, pp. 68 -75.

<sup>102</sup> Pestalozzi, influenciado pelas ideias de Rousseau foi um dos primeiros teóricos desse método. Outro nome de referência foi John Dewey (1859-1952) grande impulsor de um ensino baseado na acção.

<sup>103</sup> A metacognição é o termo geral para o conhecimento sobre o conhecimento, tal como saber que nos lembramos, ou não, de alguma coisa. Cf. Henry Gleitman, Alan J. Fridlund e Daniel Reisberg, *Psicologia*, 8ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009, p.1246.

<sup>104</sup> Cf. Célia Ribeiro, “Metacognição: Um apoio ao processo de aprendizagem dos alunos” [em linha]. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, [consult. 5/06/2013]. Vol. 16, nº 1, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003,p.111. Disponível em:WWW:<URL:[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722003000100011&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722003000100011&script=sci_arttext&tlng=es)>.

1. “les activités cognitives et métacognitives — processus mentaux, actions sur le réel — impliquées dans les transformations des connaissances et des compétences de l'apprenant;
2. les activités affectives, liées aux dispositions motivationnelles et attributionnelles qui influencent l'activation des processus cognitifs;
3. les activités sociales, d'interaction avec autrui et d'action conjointe, qui soutiennent les activités cognitives et affectives ;
4. les mécanismes qui assurent le guidage, le contrôle, l'ajustement des activités cognitives, affectives et sociales, favorisant ainsi la transformation des compétences de l'apprenant;
5. les produits qui résultent des transformations, tant sur le plan mental (e.g., la consolidation d'un nouveau répertoire de comportements mobilisables dans une classe de situations donnée), que sur le plan matériel (e.g., la construction d'un outil adapté à la réalisation d'une tâche”<sup>105</sup>.

Este conceito de aprendizagem implica a mobilização de vários componentes humanos, técnicos, organizacionais e funcionais, espelhando a densa teia onde vários actores se cruzam e entrecruzam. Também clarifica (no ponto 4) o processo de regulação das aprendizagens, cujo conjunto de etapas a seguir Linda Allal já tinha apresentado e que são as seguintes: “fixer un but et orienter l'action vers celui-ci; contrôler la progression de l'action vers le but; assurer un retour sur l'action (un feedback, une rétroaction); confirmer ou réorienter la trajectoire de l'action, et/ou redéfinir le but”<sup>106</sup>.

Consideramos que as etapas propostas pela autora em apreço são os alicerces da avaliação formativa de que mais à frente falaremos.

Para uma melhor compreensão das raízes históricas das teorias actuais de aprendizagem, bem como dos seus pressupostos, analisámos o quadro original elaborado por Pauline Minier<sup>107</sup>, que apresentamos de seguida. De notar que optámos por não

---

<sup>105</sup> Cf. Linda Allal, “Régulations des apprentissages: orientations conceptuelles pour la recherche et la pratique en éducation”. Dir. de L. Allal e L. Mottier Lopez, *Régulation des apprentissages en situation scolaire et en formation*, Bruxelles, 1<sup>a</sup> ed., Éditions De Boeck Université, 2007, p.9.

<sup>106</sup> Idem, *ibidem*, p. 8.

<sup>107</sup> Pauline Minier é professora da Universidade de Québec, em Chicoutimi. Os seus estudos incidem sobretudo sobre as teorias de aprendizagem, particularmente às abordagens cognitivas e sócio-construtivista.

proceder à sua tradução, pois receámos desvirtualizar em algum aspecto o referido documento.

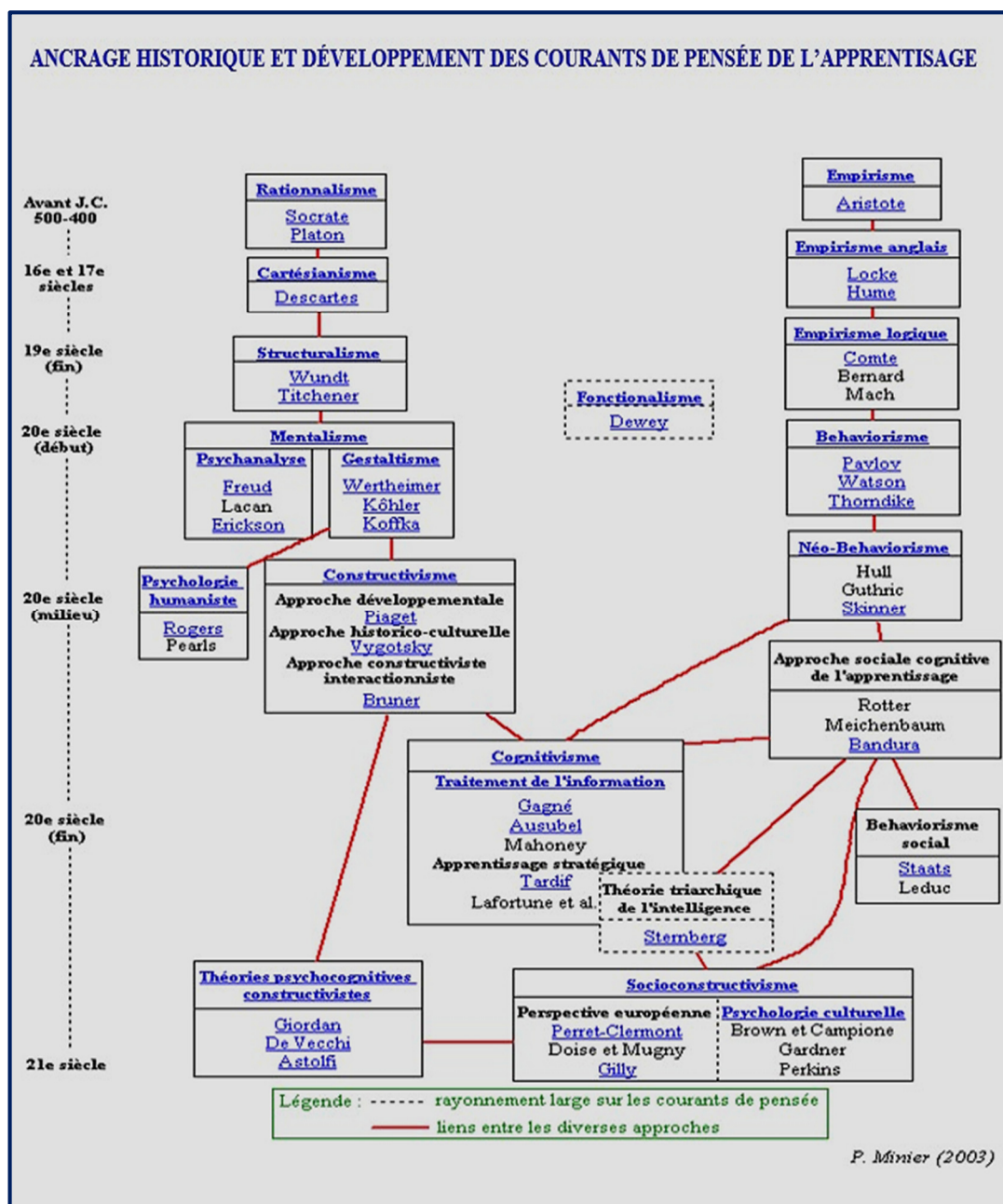


Fig. I - Raiz histórica e desenvolvimento das correntes pedagógicas da aprendizagem

Fonte: <http://wwwens.uqac.ca/~pminier/act1/graph1.htm>

No endereço electrónico <http://wwwens.uqac.ca/~pminier/> Pauline Minier disponibiliza informação pertinente sobre todos os elementos do quadro apresentado e propõe a realização de actividades, no sentido de nos permitir identificar as correntes cognitivas, perceber quais os factores que influenciam a aprendizagem e ainda trabalhar

o difícil conceito de metacognição, importante estratégia reguladora que cruza todo o processo ensino-aprendizagem.

Da análise das diversas correntes pedagógicas, retivemos o nome de Jacques Tardif - e o seu *l'enseignement stratégique*. Na tentativa de saber mais, direccionámos as nossas leituras para a obra de Yves Bertrand, um dos autores de referência sobre a pedagogia, que propõe o reagrupamento das teorias contemporâneas de educação em sete categorias: espiritualista, personalista, psicocognitiva, tecnológica, sociocognitivista, social e académica, tendo em conta a:

«Evolução vertiginosa do movimento cognitivo resultante das investigações sobre os processos de conhecimento, sobre o cérebro, sobre os conflitos cognitivos, do impacto das tecnologias da informática, sobre o pensamento tecnológico da educação, dos empreendimentos didácticos que incidem sobre o aspecto cultural do conhecimento e sobre a tomada de consciência em relação aos problemas ecológicos e sociais das nossas organizações»<sup>108</sup>.

Destas sete categorias, elencamos quatro que poderiam ser passíveis de utilização:

- 1- Teorias psicognitivas, cujos elementos estruturantes são, entre outros: o cérebro, o espírito, os processos de conhecimento, a indução, a racionalidade, o obstáculo epistemológico e os conflitos cognitivos. Os autores de referência são Piaget, Giordan ou Bachelard;
- 2- As teorias sociocognitivas, da autoria de Bandura ou McLean, que apresentam como elementos base: a cultura, o meio social, o meio ambiente, os determinantes sociais do conhecimento, as interações sociais, os problemas ambientais e as mudanças globais;
- 3- As teorias sociais de Bourdieu, Dewey e Paulo Freire, que encontram as suas raízes nos determinismos sociais da natureza humana e nas classes sociais.
- 4- As teorias tecnológicas defendidas por Gagné ou Skinner, onde os media, a informação, a informática e as tecnologias da comunicação são os elementos de destaque<sup>109</sup>.

Sem negar a extraordinária importância das teorias enunciadas, continuávamos sem uma resposta conclusiva para uma das nossas questões-chave: Como motivar os alunos para a aprendizagem?

---

<sup>108</sup> Cf. Yves Bertrand, *Teorias Contemporâneas da Educação*, Lisboa, Instituto Piaget, 1991, pp. 11-14.

<sup>109</sup> Idem, *ibidem.*, p.20.

Depois de alguma pesquisa, encontrámos nas 340 páginas no livro de Raymond Vienneau<sup>110</sup>, intitulado *Apprentissage et enseignement – Théories et pratiques*, destinado particularmente aos professores em formação, a definição de diversos conceitos educacionais, de modos de ensino, e a explicação datalhada das cinco tendências pedagógicas actuais: comportamental, cognitiva, construtivista, humanista e transpessoal<sup>111</sup>.

Novamente nos identificámos com o modelo proposto por Jacques Tardif, que se insere na corrente cognitiva, mas onde as componentes cognitiva, metacognitiva, afectiva e motivacional são as âncoras de um processo de ensino estruturado e cujo modelo, como já referimos, é denominado de ensino estratégico, *l'enseignement stratégique*. Este modelo de aprendizagem, segundo Raymond Vienneau, tem por base a apropriação gradual e eficaz de estratégias cognitivas e metacognitivas. A aprendizagem é um processo activo, motivador e dinâmico de construção do conhecimento, mas implica o estabelecimento, muito à semelhança do proposto por Ausubel<sup>112</sup>, de ligações entre os conhecimentos anteriores e os novos conhecimentos, exigindo portanto a constante organização da aprendizagem. No entanto, para que isso aconteça é necessário mobilizar estratégias metacognitivas adequadas para que o aluno possa desenvolver um pensamento de ordem superior.

Na tentativa de inferir sobre o contributo de teorias científicas sobre a aprendizagem e a forma como cada uma delas explicita a finalidade da escola, a concepção do ensino, a concepção da aprendizagem, os valores veiculados e o papel do professor e do aluno, procedemos a uma tradução dos aspectos nucleares das tendências pedagógicas

---

<sup>110</sup> É professor de Psicologia na Faculdade de Educação da Universidade de Moncton. Trabalha há mais de 30 anos sobre a temática educacional.

<sup>111</sup> Cf. Raymond Vienneau, *Apprentissage et enseignement: Théories et pratiques*, Montréal, gaëtan morin, éditeur, 2005, pp. 59 – 66.

<sup>112</sup> Influente psicólogo norte-americano e apoiante da teoria cognitiva de Jean Piaget.

elencadas por Vienneau. Para melhor compreensão e comparação, construímos o seguinte quadro:

<b>CORRENTES</b>	<b>Finalidade da Escola</b>	<b>Concepção de Ensino</b>	<b>Concepção de Aprendizagem</b>	<b>Valores veiculados</b>	<b>Papel do Professor</b>	<b>Papel do Aluno</b>
<b>Comportamental ou Behaviorista</b>	Transmissão de saber pré-estabelecido, visando a óptima inclusão do indivíduo no mercado de trabalho e na sociedade.	Muito interventivo, criando um ambiente educativo que visa a aquisição de comportamentos observáveis e mensuráveis.	Dita mecanista, baseada em associações estímulo-resposta e resposta-consequência.	Adaptação e conformidade sociais, rapidez e eficácia do sistema de ensino.	Papel central. É o responsável pela planificação do ensino e pelas recompensas e punições associadas.	Essencialmente passivo. Reage aos estímulos criados pelo professor e do ambiente. A sua motivação depende de factores externos.
<b>Cognitiva</b>	Desenvolvimento das capacidades de aprendizagem de cada aluno (através de um tratamento eficaz da informação)	Intervencionista, baseada na mediação de processos internos de aprendizagem.	Interactiva e individual, baseada na capacidade de descodificação, organização e memorização.	Controlo do processo de aprendizagem pelo aluno, e individualidade de cada aluno.	Muito importante, enquanto facilitador da aprendizagem. Responsável pelas actividades de aprendizagem.	Essencialmente activo. Enriquece os seus conhecimentos e enriquece a sua estrutura cognitiva. Interage continuamente.
<b>Construtivista</b>	Desenvolver a capacidade de resolver os problemas autonomamente.	Concebido como um meio de favorecer o desenvolvimento intelectual dos alunos.	Interactiva e social. Em função das capacidades de resolução de problemas.	Autonomia cognitiva, pensamento crítico, cooperação.	Mediador entre a aprendizagem do aluno com o grupo. Responsável pela planificação de situações centradas no aluno.	O aluno, indivíduo, e o grupo, ocupam ambos uma posição importante na aprendizagem.
<b>Humanista</b>	Transmissão de um saber-estar, visando a plena actualização de si próprio.	Mais ou menos libertária, perante os valores de liberdade e respeito incondicional pelas crianças.	Dita personalizada, reconhecendo os valores subjectivos dos conhecimentos.	Autonomia afectiva, liberdade, respeito pelas diferenças individuais.	Animador e guia para a aprendizagem do aluno. Co-responsável (com os alunos), pela planificação das actividades.	Ocupa a posição central. Participa a vários níveis na gestão do processo de ensino da turma.
<b>Transpessoal</b>	Transmissão de um saber transformar-se, visando a plena actualização do ser humano. Preconiza o desenvolvimento integral do aluno (físico e espiritual).	Simbio-sinérgica, defendendo os valores de abertura ao mundo. Desenvolvimento dos valores universais: paz, direitos humanos, diferenças individuais e culturais, etc.	Experimentalista, sendo a experiência anterior reconhecida como um valor primordial.	Respeito por si mesmo, pelos outros e pelo ambiente. Abertura ao mundo, consciência planetária.	Animador, ele próprio em situação de aprendizagem.	Aluno e grupo ocupam posições de igual importância dentro da sala de aula. Diferenças são encaradas como fonte de enriquecimento para a comunidade.

Tabela I – Correntes pedagógicas e suas finalidades

Fonte: Raymond Vienneau, *Apprentissage et enseignement: Théories et pratiques*. (Tradução da Mestranda)

A corrente pedagógica comportamental ou behaviorista, defendida por Skinner, parece-nos muito redutora, já que o professor é o único detentor e transmissor do saber e pode criar ou modificar os comportamentos do aluno, recorrendo a estímulos e reforços, que permitirão que o discente, de forma mecânica e passiva, receba o conhecimento, memorizando-o e repetindo-o. As restantes correntes pedagógicas apresentam muitos aspectos com os quais nos identificamos, já que em boa verdade valorizam tudo o que é ignorado pelo behaviorismo, ou seja, a cognição.

Se Piaget rompe com a concepção do sujeito passivo/reactivo, Vigotsky concebe o sujeito como um ser eminentemente social, defende que a aprendizagem é um processo

social e cultural complexo e que a criança aprende mais facilmente quando confrontada com tarefas que não impliquem um desafio cognitivo demasiado complexo. Bruner defende a aprendizagem por descoberta, o aluno constrói o seu conhecimento e o professor estimula a motivação intrínseca do aluno e guia-o na busca de um universo de significações e Ausubel acredita que a estrutura cognitiva tende a uma organização hierárquica em relação ao nível de abstracção, generalidade e inclusão das ideias. O aluno recorre a uma estratégia cognitiva - subsunção ou ancoragem - que consiste na inclusão dos novos conhecimentos na estrutura cognitiva pré-existente, o professor é à luz desta teoria um construtor de pontes, pois é ele que lentamente mas com solidez faz a ligação dos conhecimentos empíricos do aluno e cimenta os alicerces onde o aluno vai ancorar a nova informação. Para Ausubel “o maior factor de aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe, determine-se isso e ensine-se de acordo com isso”<sup>113</sup>; esta teoria, denominada de Aprendizagem Significativa, da qual nos consideramos próximos, defende que o ensino deve ter um método de diferenciação progressiva, ou seja, o professor deve explicar a matéria a partir de conceitos gerais, para depois, degrau a degrau, chegar aos conceitos específicos.

Já em posse do livro de Tardif e após sua leitura, compreendemos que o sucesso do seu método tem implícito um aspecto muitas vezes esquecido, que é a motivação do professor - que se espelha na transposição didáctica que comporta estratégias cognitivas e metacognitivas, no aspecto relacional e afectivo e na motivação intrínseca dos alunos, já que estes são factores determinantes para o sucesso do complexo processo de ensino aprendizagem <sup>114</sup>. O professor é constantemente confrontado com a escolha das actividades, processos e situações que conduzam à execução de tarefas complexas, ajudando o aluno a organizar o conhecimento em esquemas, mapas conceptuais, etc., e elogiando-o face à supressão de possíveis dificuldades.

O ensino estratégico proposto por Tardif encontra-se dividido em três fases: a preparação para a aprendizagem; a apresentação do conteúdo; e a aplicação e transferência de conhecimento. Importa referir que para cada categoria de conhecimento (declarativo, procedimental e condicional) utilizam-se estratégias pedagógicas específicas. Entendemos por conhecimento declarativo ou conceptual o conhecimento teórico reconhecido como

---

<sup>113</sup> Cf. D. P. Ausubel, *Educational Psychology: A Cognitive View*, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968, p. 78.

<sup>114</sup> Cf. Jacques Tardif, *Pour un Enseignement Stratégique. L'apport de la psychologie cognitive*, Québec, Les Éditions LOGIQUES, 1997, pp. 295-382.



saber; o conhecimento procedimental, descreve o procedimento e as etapas para realizar determinada acção - é o que habitualmente chamamos de *savoir-faire*; e o conhecimento condicional que é o responsável pela transferência, classificação e categorização da aprendizagem - sendo este conhecimento o que está relacionado com o *quando e porquê* aplicar determinada estratégia. De acordo com Tardif, o ensino estratégico tem como objectivo fundamental “montrer à l’élève comment traiter les informations d’une façon indépendante et efficace, comment penser d’une façon efficace et indépendante”<sup>115</sup>.

Neste modelo didáctico a avaliação também não foi descurada; abrange o conhecimento e as estratégias cognitivas e metacognitivas e é predominantemente formativa.

Agora, que tínhamos encontrado respostas para algumas das nossas questões, recordámos que, para José Pacheco e Miguel Zabalza, um dos campos mais problemáticos do sistema educativo é o dos “resultados escolares dos alunos, tornando-se na face visível de um complexo edifício em permanente construção valorativa, através da recolha formal e informal de dados, com vista a uma tomada de decisão”<sup>116</sup>.

## **5.2. A avaliação das aprendizagens**

*Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender*

Paulo Freire<sup>117</sup>

Avaliar, em latim é *Evalere*, significa adquirir força, fortalecer-se, ser capaz de, valer, ter valor. Mas como deve um professor avaliar os seus alunos e quais as técnicas a usar? Joseph D. Novak é da opinião que as técnicas de avaliação muitas vezes destroem o que poderia ter sido um bom programa educacional e alerta para a “inutilidade” da avaliação se a mesma só recair sobre o tradicional teste feito pelo professor requerendo dos alunos apenas a lembrança mecânica de factos específicos. Os alunos rapidamente

---

<sup>115</sup> Cf. Jacques Tardif, *op. cit.*, p. 299.

<sup>116</sup> Cf. José Pacheco e Miguel Zabalza (org.). “A Avaliação dos Alunos dos Ensinos Básico e Secundário”. Actas do I Colóquio sobre Questões Curriculares, Braga., Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1995, pp. 39-49.

<sup>117</sup> Cf. Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 29ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 1996, p.25.

ajustam os seus padrões de estudo só à memorização, não adquirindo a estrutura conceptual que ficou enterrada no programa<sup>118</sup>.

Como sabemos, o desenvolvimento das aprendizagens e a consequente avaliação, é uma problemática muito complexa, que depende da interacção das múltiplas variáveis, das quais se destacam as capacidades cognitivas e metacognitivas, a motivação e os contextos socioculturais em que se inserem. Questionámo-nos se o contexto educativo português é atravessado pelo paradigma sociocultural do Ocidente, que se caracteriza globalmente por um modo de conhecimento que valoriza a objectividade e o conhecimento científico, havendo portanto a transmissão de saberes, assegurada pelo professor e de valores previamente determinados, como defendem Bertrand e Valois, dois estudiosos que se interessam pelas relações que unem a sociedade e a História<sup>119</sup>, ou se, como refere Benedita de Portugal e Melo, apoiada em várias pesquisas sociológicas, que demonstram como “a selecção social é actualmente realizada no interior da escola, por via de mecanismos escolares, das decisões de orientação escolares e profissionais e das classificações obtidas”<sup>120</sup>.

Preocupados com estas questões, fomos assaltados por muitas dúvidas: como devemos avaliar e quais os tipos de avaliação disponíveis? Toda a acção do aluno é passível de avaliação? Como impedir que a subjectividade interfira na avaliação? Que taxonomia usar, tendo em conta os critérios de avaliação do Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Escola El-Rei d. Manuel I que valorizam, actualmente em 80% as competências específicas (conceptuais e processuais), valor superior ao anteriormente estipulado, que era de 70%), e destinam os restantes 20% para as competências sociais? Devemos avaliar e/ou classificar?

Sobre esta última questão, Miguel Monteiro clarifica os conceitos avaliar e classificar, recordando que a avaliação “compreende os aspectos qualitativos e quantitativos de comportamento do aluno, o que abrange necessariamente juízos de valor do professor”. Em relação à classificação, o autor em apreço lembra que esta procura a

---

<sup>118</sup> Cf. Joseph D. Novak, *Uma teoria de educação*, São Paulo, Liv. Pioneira Editora, 1981, pp. 157.

<sup>119</sup> Cf. Yves Bertrand e Paul Valois, “École et sociétés” [em linha]. *Revue française de pédagogie*, nº 101, 1992, pp. 124-126. [consult. 24/05/2013]. Disponível em WWW: <URL:[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rfp\\_0556\\_7807\\_1992\\_num\\_101\\_1\\_2517\\_t1\\_0124\\_0000\\_2](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rfp_0556_7807_1992_num_101_1_2517_t1_0124_0000_2)>. [consult. 24/05/2013].

<sup>120</sup> Cf. Maria Benedita L. P. Melo. “Traços da retórica produzida sobre o “efeito de escola”: análise exploratória da opinião difundida na imprensa escrita e das representações dos professores do ensino secundário”, *Sociologia, Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, 2010, pp. 291 - 304.

objectividade e “está condicionada a descrições quantitativas do comportamento do aluno”<sup>121</sup>.

Cândida Proença apresentou em 1989 a seguinte proposta sobre os tipos de avaliação e as suas finalidades:

Tipos de avaliação: as finalidades, a utilização, a informação e os instrumentos		
DIAGNÓSTICA	FORMATIVA	SUMATIVA
<b>Finalidades</b>		
Perceber quais os conhecimentos, aptidões, e interesses (ou outras qualidades do aluno).  Determinar qual o posicionamento dos alunos no início de uma unidade temática, período ou ano.  Determinar as causas subjacentes de dificuldades de aprendizagem.	Detectar quais os problemas de ensino e aprendizagem.  “Feedback” ao professor e ao aluno relativamente ao progresso deste.	Classificar os alunos no final de uma unidade de ensino, período, ano, etc.).
<b>Utilização</b>		
Durante todo o processo de ensino-aprendizagem	Durante todo o processo de ensino-aprendizagem	No final de uma unidade de ensino, período, ano, etc.).
<b>Informação</b>		
Descrição pormenorizada das capacidades reveladas	Identificação, se possível, das origens das dificuldades observadas	Por norma é global visando uma classificação ou nota
<b>Tipos de instrumentos</b>		
Instrumentos de diagnóstico.	Instrumentos formativos especialmente concebidos.	Provas finais ou sumativas.

Tabela II – Tipos de avaliação e suas finalidades

Fonte: Maria Cândida Proença (adaptado)

Compreendemos a importância da avaliação diagnóstica, no sentido de determinar - face a novas aprendizagens - qual o grau de conhecimento do aluno, permitindo ao docente, caso seja necessário, reformular a sua planificação no sentido de elaborar mecanismos que visem o sucesso dos alunos.

No que respeita à avaliação formativa, processo contínuo e interactivo, consideramos que é cumulativamente regulador do processo de ensino-aprendizagem. A partir do trabalho quotidiano na sala de aula e na escola, o professor recolhe informação

<sup>121</sup> Cf. Miguel Corrêa Monteiro, *Didáctica da História. Teorização e Prática – algumas reflexões*, Lisboa, Plátano Edições Técnicas, 2001, pp.119.

muito diversa em relação aos seus alunos, que obrigatoriamente formaliza em registos estruturados. Sobre esta temática, Linda Allal elenca as três etapas que caracterizam a avaliação formativa: inicialmente o docente recolhe informações relativas aos progressos e dificuldades de aprendizagem dos alunos; na segunda, interpreta estas informações numa perspectiva de referência criterial, procurando identificar quais os factores na origem das dificuldades de aprendizagem e, na última etapa, o professor, de acordo com a interpretação que fez das informações recolhidas, procura diversificar e flexibilizar as estratégias pedagógicas de forma a responder à especificidade de cada situação educativa<sup>122</sup>.

Relativamente à avaliação sumativa, esta aplica-se no final de cada período de aprendizagem e certifica o progresso do aluno. Para Maria José Ferraz, esta avaliação constitui sempre um balanço que, salvo no final da escolaridade obrigatória, não será entendido como um juízo de valor definitivo sobre o que ficou para trás, mas antes como um resultado que determinará a tomada de decisões [...], tem em conta os objectivos gerais, ou seja, os objectivos terminais de integração que, uma vez atingidos, certificam o progresso do aluno<sup>123</sup>.

Leandro Almeida considera que a avaliação ao serviço do processo ensino–aprendizagem é

“mais contínua que final, é menos formal, assume formas diversas em função dos conteúdos da própria aprendizagem, e adapta-se a grupos de alunos ou á turma. É uma avaliação mais dinâmica, mais próxima das situações de ensino aprendizagem, não descarta a subjectividade dos intervenientes e, sobretudo, as formas pessoais ou estilos de ensinar e aprender”<sup>124</sup>.

Como verificamos, a avaliação pressupõe uma recolha continuada de informações que, depois de analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens. Por isso, o professor pode avaliar de forma informal, nas observações e trocas verbais, ou de forma formal, através de trabalhos de casa, trabalhos de grupo, testes, relatórios escritos, etc.. No entanto, devemos ter presente que não é

---

<sup>122</sup> Cf. Linda Allal, “Estratégias de avaliação formativa: concepções psicopedagógicas e modalidades de aplicação”. In L. Allal, J. Cardinet e P. Perrenoud (Eds.), *A avaliação formativa num ensino diferenciado*, Coimbra, Livraria Almedina, 1986, pp. 297-342.

<sup>123</sup> Cf. Maria José Ferraz et al., “Avaliação Sumativa: algumas notas” [em linha]. In D. Fernandes (coord.), *Pensar avaliação. Melhorar a aprendizagem*, Lisboa, IIE, 1994. [Consult. 24/05/2013]. Disponível em WWW:<URL:[http://www.dgicd.minedu.pt/avaliacao/interna/data/avaliacao/interna/Ensino\\_Secundario/Documentos/avaliacao\\_sumativa.pdf](http://www.dgicd.minedu.pt/avaliacao/interna/data/avaliacao/interna/Ensino_Secundario/Documentos/avaliacao_sumativa.pdf)>.

<sup>124</sup> Cf. Leandro S. Almeida. In Jeffrey Karpicke; Hélder Diniz de Sousa; Leandro S. Almeida. In, *A Avaliação dos alunos*, Lisboa, Fundação Manuel dos Santos, 2012, 76.

possível avaliar tudo o que o aluno sabe e é capaz de fazer, pois como afirma Domingues Fernandes “o que normalmente fazemos é avaliar amostras do desempenho dos alunos, relativamente a domínios previstos no currículo, na sequência da resolução de tarefas de natureza diversa”<sup>125</sup>.

De acordo com o Despacho normativo n.º 14/2011, publicado no Diário da República, 2.ª série — N.º 222 — 18 de Novembro de 2011 a avaliação visa “apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma, nomeadamente quanto à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos”<sup>126</sup>.

Na tentativa de orientar a prática dos professores no sentido do desenvolvimento das competências dos alunos e concomitantemente do êxito dos mesmos, muitos especialistas em avaliação têm ao longo dos anos apresentado numerosos estudos. Da leitura que fizemos, destacamos o trabalho levado a cabo pelo Assessment Reform Group, (constituído por professores de diversas Universidades do Reino Unido) e os dez princípios propostos pelo grupo para os professores orientarem a prática em sala de aula.



Fig. II – Dez princípios para os professores orientarem a prática em sala de aula  
Fonte: Assessment Reform Group, 2002 (adaptação e tradução da Mestranda)

<sup>125</sup> Cf. Domingos Fernandes, *Avaliação das Aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas*, Lisboa, Texto Editores, 2005, p.81.

<sup>126</sup> Informação disponível em Gave WWW:

<URL:[http://www.gave.minedu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=DN\\_14\\_2011\\_EB.pdf](http://www.gave.minedu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=DN_14_2011_EB.pdf)>. [consult. 24/05/2013].

Ao primeiro olhar poderá parecer que estes dez princípios são de fácil aplicação, mas ao analisarmos cada um, bem como as condicionantes que lhe estão pressupostas, verificamos o quão exigente é a actividade docente e que aspectos diversos esta profissão deve contemplar. Sendo o aluno o cerne da actividade docente, importa investir na formação contínua, pois só uma correcta preparação pedagógica e científica permite ao professor elaborar e aplicar estratégias, conducentes ao desenvolvimento em cada aluno das diferentes competências.

Como verificamos, a avaliação é um tema incontornável da prática educativa, pelo que, na procura de algumas respostas, conversámos com o professor cooperante sobre esta temática. Dessas conversas, concluímos que embora o professor seja um grande defensor da avaliação formativa alternativa e a utilize muito frequentemente nas suas aulas, a avaliação sumativa continua a ser um dos alicerces do edifício escolar, já que é através desta que se transmite para o exterior o valor intrínseco às práticas escolares.

A avaliação formativa alternativa, como esclarece Domingos Fernandes, é diferente da avaliação formativa de inspiração behaviorista, cuja concepção “é muito mais restrita e quase limitada à verificação da consecução de objectivos comportamentais e às consequentes actividades de remediação ou de consolidação”<sup>127</sup>. De acordo com o autor atrás mencionado a avaliação formativa alternativa é

“uma construção social complexa, um processo eminentemente pedagógico, plenamente integrado no ensino e na aprendizagem, deliberadamente interactivo, cuja principal função é a de regular e de melhorar as aprendizagens dos alunos. Ou seja, é a de conseguir que os alunos aprendam melhor, com compreensão, utilizando e desenvolvendo as suas competências, nomeadamente as do domínio cognitivo e metacognitivo”<sup>128</sup>.

Ou seja, é “uma avaliação para as aprendizagens, no sentido em que deve contribuir inequivocamente para a sua melhoria com a participação activa dos alunos”<sup>129</sup>. Foi a partir desse pressuposto e da sua aplicação prática, observada nas aulas leccionadas pelo professor cooperante, que construímos o nosso projecto. Bem sabemos o quanto era ambicioso, mas estávamos certos que olhando às características da turma este seria exequível, já que tínhamos ao lado um professor com uma enorme experiência pedagógica, que há longos anos defende e coloca em prática esta forma de avaliação e

---

<sup>127</sup> Cf. Domingos Fernandes, *op. cit.*, p. 64.

<sup>128</sup> *Idem, ibidem.*, p.65.

<sup>129</sup> *Ibidem*, p.69.

que desde o primeiro momento se disponibilizou a nos ensinar a aprender a ensinar. Durante a nossa prática de ensino supervisionada os alunos também foram sujeitos a dois pequenos momentos de avaliação sumativa, que consiste na formulação de um juízo globalizante, já que como sabemos é obrigatório no final de cada período lectivo quantificar: o saber, o saber-fazer e o saber-ser de cada aluno.

### **5.2.1. Da construção do teste à sua correcção**

Para Margarida Felgueiras, a compreensão histórica “não é redutível à interpretação e ao uso que dela é feita em diferentes taxinomias de objectivos” pois ela requer o “raciocínio analógico, o envolvimento empático, a implicação do sujeito, a consideração das razões do actor e dos constrangimentos situacionais em que as acções decorrem”<sup>130</sup>. Perante tal complexidade, depreende-se que a construção de um teste escrito não seria, de todo, uma tarefa fácil; impunham-se conhecimentos no que concerne aos objectivos educacionais, à construção do teste e aos respectivos critérios de classificação, de forma a aumentar a fiabilidade do mesmo.

Cândida Proença refere que são três as instâncias definidoras de objectivos: o poder político, as instituições pedagógicas e os professores<sup>131</sup> e recorda que um objectivo de ensino não é:

«uma descrição ou sumário de um conteúdo de ensino, mas deve exprimir o resultado que pretendemos atingir; um objectivo não deve referir o que vai fazer o professor, mas sim os resultados que se esperam dos alunos; um objectivo deve expressar a actividade do aluno em termos de conduta final, por isso, a característica mais importante de um objectivo é que este nos indique o tipo de actividade a desenvolver pelo aluno que possa mostrar que este o atingiu»<sup>132</sup>.

Em relação aos objectivos gerais, Cândida Proença explica que estes indicam aspectos mais abrangentes dos resultados de aprendizagem e que devem definir-se com um verbo que exprima o nível de generalidade que se pretende: conhecer, compreender, reconhecer, analisar, aplicar, escrever, resolver, julgar, integrar e esclarece que só deve incluir-se em cada objectivo um resultado de aprendizagem e que o objectivo deve expressar a actividade do aluno em termos de conduta final. Para a autora, os objectivos

---

<sup>130</sup> Cf. Margarida Louro Felgueiras, *Pensar a História Repensar o Ensino. A disciplina de História no 3º Ciclo do Ensino Básico: Alguns Princípios Orientadores da metodologia de Ensino*, Porto, Porto Editora, 1994, p.134.

<sup>131</sup> Cf. Maria Cândida Proença, *Didáctica da História*, Lisboa, Universidade Aberta, 1989, p. 108.

<sup>132</sup> Idem, *ibidem*, p.109.

específicos são definidos em função de um objectivo geral a ser atingido pelos alunos. Tais objectivos devem usar um verbo que indique um comportamento observável e as condutas específicas requeridas não podem exigir operações mentais de um nível cognitivo mais elevado do que o nível definido no objectivo geral<sup>133</sup>.

Sobre os testes elaborados pelo professor Lucie Carrilho Ribeiro afirma que:

«Como é óbvio, não pode o professor, por si mesmo, construir testes referentes a normas ou a critérios, pela dificuldade das tarefas que envolvem e dos materiais e recursos humanos que requerem. Mas pode construir provas de avaliação com qualidade, que satisfazem as necessidades do processo de ensino-aprendizagem e representam um valioso contributo para o sucesso do mesmo»<sup>134</sup>.

Ainda de acordo com a autora em apreço, os testes quando construídos pelos professores contribuem para “uma aprendizagem mais rica, na quantidade de aptidões adquiridas; fornecem indicadores que levam a um ensino de maior qualidade de eficácia e proporcionam informações (...) que possam constituir uma base para a apreciação do trabalho do aluno”<sup>135</sup>.

Aprendemos nos seminários das Didácticas e das Metodologias que a construção do teste deve reflectir uma visão integradora e articulada dos conteúdos programáticos leccionados, que alguns itens podem mobilizar as aprendizagens de um ou de vários temas das Orientações Curriculares e que as perguntas devem estar dispostas numa ordem crescente de dificuldade dentro de cada grupo de questões.

Em relação à taxonomia aconselhada e estudada, foi a vulgarmente conhecida por taxonomia de Bloom, cujos objectivos educacionais se encontram divididos em 3 partes: cognitivos, afectivos e psicomotores<sup>136</sup>. O psicomotor enfatiza a habilidade muscular ou motora e permite verificar se o aluno, por exemplo, escreve de forma legível; o afectivo cujos objectivos “valorizam uma tonalidade de sentimentos, uma emoção ou um grau de aceitação ou de rejeição”<sup>137</sup> e o domínio cognitivo, cujos objectivos variam “desde a simples evocação de material até maneiras altamente originais e criadoras de combinar e sintetizar novas ideias e materiais”<sup>138</sup>.

---

<sup>133</sup> *Ibidem*, p.109.

<sup>134</sup> Cf. Lucie Carrilho Ribeiro, *Avaliação da Aprendizagem*, 3ª ed., Lisboa, Texto Editora, 1991, p.122.

<sup>135</sup> *Idem, ibidem*, p.123.

<sup>136</sup> Cf. Benjamin S. Bloom; David Krathwohl; Bertran Masia, *Taxonomia de Objectivos Educacionais Compêndio Segundo: Domínio Afectivo*, Porto Alegre, Editora Globo, 1976, pp.4-5.

<sup>137</sup> *Idem, ibidem*, p.5.

<sup>138</sup> *Ibidem*, p.5.



Para Bloom, os processos devem representar resultados de aprendizagem; ou seja, cada categoria da taxonomia simboliza o que o aluno aprendeu. As referidas categorias são organizadas obedecendo a uma lógica de transição gradual de complexidade dos processos mentais. Para atingir uma nova categoria, o aluno deverá obter um desempenho adequado no domínio anterior; ou seja, uma categoria cognitiva depende sempre da que a antecedeu, pois é ela que suporta a categoria seguinte, sendo portanto, um processo cumulativo. As categorias desse domínio são Conhecimento; Compreensão; Aplicação; Análise; Síntese e Avaliação. As questões que englobam os três primeiros domínios são consideradas de nível mais baixo e as que comportam os três últimos domínios são consideradas de nível superior.

Avaliação					
Síntese					
Análise					
Aplicação					
Compreensão					
Conhecimento					
ENUNCIAR, DESCREVER, DEFINIR, DISTINGUIR, IDENTIFICAR, LISTAR, MEMORIZAR, NOMEAR, ORDENAR, RECONHECER, ROTULAR, REPRODUZIR ETC.	CLASSIFICAR, CONVERTER, DESCREVER, DISCUTIR, EXPLICAR, IDENTIFICAR, INFERIR, INTERPRETAR, ILUSTRAR, GENERALIZAR, LOCALIZAR, PREVER, RECONHECER, RESUMIR, REDEFINIR, SELECIONAR, SITUAR, TRADUZIR TRANSCREVER ETC.	APLICAR, CONSTRUIR, DEMONSTRAR, EMPREGAR, ESBOÇAR, ESCOLHER, ESCREVER, ILUSTRAR, INTERPRETAR, OPERAR, PRATICAR, PREPARAR, PROGRAMAR, RESOLVER, USAR, ETC.	ANALISAR, CALCULAR, CATEGORIZAR, CLASSIFICAR, COMPARAR, CONTRASTAR, CRITICAR, DISCRIMINAR, DISTINGUIR, EXAMINAR, EXPERIMENTAR, INVESTIGAR, TESTAR, SEPARAR, QUESTIONAR ETC.	ARTICULAR, COMPOR, CONSTRUIR, CRIAR, DESENVOLVER, DIRIGIR, ELABORAR, ESTRUTURAR, ESQUEMATIZAR, FORMULAR, INVENTAR, MODIFICAR, MONTAR, ORGANIZAR, PLANEAR, PROJECTAR, PROPOR, ETC.	APRECIAR, AJUIZAR, AVALIAR, CRITICAR, COMPARAR, DEFENDER, DETECTAR, ESCOLHER, ESTIMAR, EXPLICAR, JULGAR, JUSTIFICAR, RECOMENDAR, SELECIONAR, VALIDAR, ETC.

Tabela III - Taxonomia de Bloom – Domínio cognitivo: alguns verbos

Fonte: da Mestranda (adaptado de: <http://www.docstoc.com/docs/27373468/Blooms-Taxonomy-of-Educational-Objectives-in-the-Cognitive-Domain>)

De forma sucinta, podemos dizer que o conhecimento implica o saber; a compreensão, o saber explicar o conteúdo apreendido; a aplicação tem como meta o saber concretizar os conhecimentos adquiridos a situações concretas; a análise pressupõe a demonstração dos vários pontos de vista, de opiniões em função da sua vivência; a sintetização implica dominar a capacidade de resumir os conteúdos abordados e por fim,

temos a avaliação - neste patamar o aluno deve ter uma consciência crítica face aos vários conhecimentos<sup>139</sup>.

Em 1999, Lori Arderson publicou um importante trabalho retrospectivo sobre a Taxonomia de Bloom. No mesmo ano, em Nova Iorque, um grupo de especialistas (psicólogos, especialistas em currículo e avaliação e educadores), liderado por David Krathwohl, que tinha participado no desenvolvimento da Taxonomia de Bloom, no ano de 1956, trabalharam no sentido de reformular alguns dos pressupostos teóricos da taxonomia, já que no espaço temporal de 43 anos muitos avanços ocorreram no campo da psicologia educacional e da pedagogia.

Em 2001, a Taxonomia de Bloom apareceu com uma nova roupagem e uma das mudanças mais significativas ocorreu no domínio cognitivo; senão vejamos, a categoria conhecimento continuou a estar intrinsecamente relacionada com os conteúdos. Porém, a grande novidade foi que essa dimensão que se apresentava subdividida em três categorias (efectiva, conceptual e procedural) foi acrescida de uma nova subdivisão relacionada com a metacognição (o aluno utiliza conhecimentos previamente assimilados, que sabe ter adquirido, ou seja, há uma consciencialização dos seus conhecimentos e dos meios que deve utilizar para a realização das tarefas e dos caminhos que deve percorrer no sentido de colmatar algumas dificuldades).

Outra alteração prendeu-se com a nomenclatura de algumas categorias, sendo que, no caso do Conhecimento a categoria foi renomeada para Lembrar; a Compreensão para Entender; Aplicação, Análise, Síntese e Avaliação, foram alteradas para as seguintes formas verbais: Aplicar, Analisar, Sintetizar e Criar, como se pode confirmar no quadro seguinte por nós construído. Segundo os autores, estas alterações no tempo verbal e na nomenclatura expressam melhor a acção pretendida e estão mais próximas dos objectivos que se pretendem alcançar.

---

<sup>139</sup> Cf. Ana Paula do Carmo Marchetti Ferraz e Renato Vairo Belhot, “Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais”, *Revista Gestão e Produção*, Universidade Federal de São Carlos, v.17, n.2, p. 421-431, 2010. Disponível em WWW: <URL: <http://www.scielo.br/pdf/gp/v17n2/a15v17n2.pdf>>. [consult. 20/06/2013].



Fig. III – Categorização actual da Taxonomia de Bloom proposta por Anderson, Krathwohl e Airasian

Fonte: da Mestranda

Ainda relacionado com a elaboração do teste, foi referido por diversas vezes nos seminários de IPP3 que nunca deveríamos colocar todas as questões num só nível taxonómico, nem incluir um número desproporcionado de perguntas correspondentes a objectivos de determinada categoria. Também fomos aconselhados a não incluir questões ambíguas ou inadequadas, a colocar questões que ofereçam à escolha somente duas respostas apresentadas em alternativa e a não pedir ao aluno uma resposta simultânea a uma pergunta que englobe duas ou mais questões relacionadas.

Outro aspecto a ter em conta na elaboração do teste escrito e que poderá parecer aparentemente simples, mas que se reveste de grande importância, prende-se com a questão gráfica do enunciado, pois para que este esteja completo deve conter o nome do estabelecimento de ensino, o ano de escolaridade, a disciplina e a data. No entanto, se a resolução do teste for feita no próprio enunciado, deve ter no cabeçalho um espaço para o aluno indicar o seu nome, número e turma, e contemplar ainda espaço para a classificação e para as assinaturas do professor e do Encarregado de Educação.

Em relação à correcção do teste, lembramos que para José Augusto Pacheco o teste “é um objecto construído e as divergências existentes comprovam que a avaliação é um processo intrinsecamente subjectivo, que faz parte de uma prática da dúvida”<sup>140</sup>. Segundo

<sup>140</sup> Cf. José Augusto Pacheco. “Avaliação da aprendizagem”. In Leandro Almeida e José Tavares (org.). *Conhecer, aprender e avaliar*, Porto, Porto Editora, 1998, pp. 114.

Noizet & Caverni, Hadji, Amigues & Zerbato-Poudou, citados na obra atrás referida, alguns efeitos podem explicar as divergências que tornam o acto de avaliar numa acção subjectiva:

- a) Efeito de ordem: tendência para os primeiros testes num lote de correcção serem sobreavaliados, e os últimos subavaliados.
- b) Efeito de assimilação: tendência para atribuir a mesma nota ao aluno, de acordo com os desempenhos anteriormente obtidos.
- c) Efeito de origem: tendência para o teste ser julgado em referência ao estatuto escolar e social do aluno.
- d) Efeito de halo: tendência para o teste ser julgado em função da imagem do aluno (atitudes, comportamentos, participação...) e dos aspectos formais e técnicos do próprio teste (apresentação, grafia...).
- e) Efeito de contraste: tendência para os testes extremos (negativos e positivos) servirem de âncora à correcção, influenciando assim a percepção dos professores<sup>141</sup>.

Podemos concluir que as estratégias para a elaboração e correcção do teste devem ser correctamente pensadas, obedecendo a critérios rigorosos, já que este instrumento de avaliação permite ao professor aferir o desempenho do aluno e, concomitantemente ajuda o aluno a ter uma melhor consciencialização da progressão da sua aprendizagem, factor determinante para o sucesso escolar.

Consciencializados para os aspectos atrás referidos, partimos à procura de um modelo pedagógico de referência, que como sabemos inclui os três elementos conhecidos: o aluno, o professor e o saber, e que privilegia a interacção de todas as partes envolvidas. Ao modelo apresentado por Jean Houssaye<sup>142</sup> acrescentámos outro elemento, o EU, que somos nós, a nossa cultura, a nossa personalidade, o nosso carácter. O EU, tantas vezes referido pelo nosso orientador, como uma marca individual e única, mas comum a todos os professores que sentem prazer em aprender e em ensinar.

---

<sup>141</sup> Idem *ibidem*.

<sup>142</sup> Cf. Jean Houssaye, *La pédagogie: une encyclopédie pour aujourd'hui*, Paris, ESF, 1996.



Fig.IV. – O Triângulo pedagógico (adaptado)  
Fonte: da Mestranda

No artigo intitulado *Prazer*, Jean Houssaye toma como modelo o seu triângulo pedagógico e, recorrendo ao *bridge* e à metáfora do "lugar do morto", exemplifica como esse prazer pode ser alcançado, afirmando que “há prazer em educação quando as leis que regem o funcionamento do acto educativo são respeitadas e colocadas em funcionamento”<sup>143</sup>.

Para o matemático Brousseau, a concepção moderna do ensino solicita ao professor que provoque no aluno as “adaptações desejadas, através de uma escolha judiciosa dos «problemas» que lhe propõe. Estes problemas, escolhidos de forma a que o aluno possa aceitá-los, devem levá-lo a agir, a falar, a reflectir e a evoluir por si próprio”<sup>144</sup>. Neste modelo didáctico, denominado *stricto sensu*, todos são partes integrantes de uma relação dinâmica - a relação didáctica; o professor cria as condições e disponibiliza os recursos para que o aluno construa o seu conhecimento. Por seu lado, o aluno é levado a explicitar as estratégias usadas e no decurso desse processo o conhecimento implícito é transformado em conhecimento explícito.

Marcel Lebrun, professor de tecnologias da educação na Universidade Católica de Lovaina, tem um modelo de aprendizagem com base no triângulo didáctico, mas que lhe acrescenta algum dinamismo e inovação, com o qual nos identificamos.

<sup>143</sup> Cf. Jean Houssaye, “Prazer”, *Currículo sem Fronteiras*, [em linha]. V. 7, n.2, pp.71-77, Jul/Dez 2007. [consult. 14/05/2013]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/houssaye.pdf>>.

<sup>144</sup> Cf. G. Brousseau, “Fundamentos e Métodos da Didáctica da Matemática”, in Jean Brun, *Didáctica das Matemáticas*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000, p.49. Disponível também em WWW: <URL: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/fdm/textos/brousseau%2096.pdf>>.

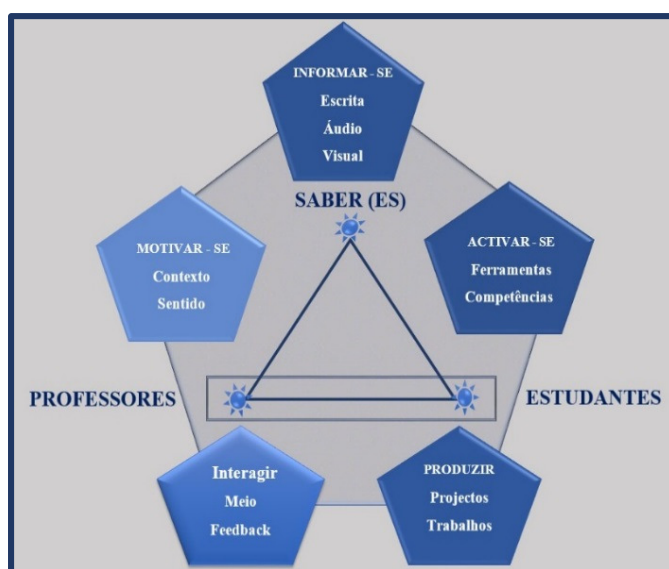


Fig. V - Os cinco componentes do pentágono da aprendizagem  
Fonte: Marcel Lebrun (adaptado)

Segundo Lebrun, “informar-se” é integrar as partes e implica recolher, a partir do contexto, pontos de vista e representações diferentes; “activar-se” tem implícito o mundo das descrições, o autor refere a importância do exercício das competências de alto nível (análise, síntese, espírito crítico, avaliação, etc.) e do tratamento correcto da informação; “produzir”, implica uma reflexão sobre os objectivos, a acção e a avaliação, “interagir” é utilizar os feedbacks intrínsecos em relação à acção ou extrínsecos em relação às representações e que depende dos recursos, em particular dos recursos humanos disponíveis sendo pois, uma categoria que depende do contexto geral da tarefa e do meio didáctico; por fim, “motivar-se” é apreender a estrutura global, ou seja, fornecer os meios de apreensão da estrutura para aceder ao significado<sup>145</sup>.

Muitos foram os modelos analisados, dos quais destacamos o de Helena Ângelo Veríssimo proposto para o ensino da história, do qual recolhemos valiosas informações<sup>146</sup> para a construção do “nosso” modelo pedagógico.

<sup>145</sup> Cf. Marcel Lebrun, *Teorias e Métodos pedagógicos para ensinar e aprender*, Lisboa, Instituto Piaget, 2008, pp. 54-58.

<sup>146</sup> Cf. Helena Ângelo Veríssimo, “Experiências de aprendizagem. A aprendizagem activa”, *Boletim da APH*, 2004, pp. 25-27.

### **5.3. O “nosso” modelo pedagógico**

Depois de diversas leituras e reflexão sobre correntes e modelos pedagógicos, das conversas profícuas com os professores do mestrado e com o professor cooperante e tendo em conta as características dos alunos do 8º C, aos quais já tínhamos tido a possibilidade de leccionar no primeiro ano do mestrado quatro aulas de 45 minutos<sup>147</sup>, delineámos - com o apoio do professor orientador - duas linhas de acção. A primeira, consistia em elevar o nível de tratamento científico dos conteúdos programáticos que ambos considerávamos baixo; a segunda, em aplicar na turma o modelo pedagógico que ao longo do mestrado vínhamos a construir, constituído por aspectos nucleares dos vários modelos atrás analisados, mas ao qual acreditamos ter acrescentado, para o nível de ensino em questão, alguma inovação, no sentido de estimular também a motivação intrínseca e extrínseca dos alunos.

Era também nosso objectivo demonstrar que o verdadeiro saber, como refere Bernard Rey “não é a simples memorização de um conjunto de enunciados, [amontoado de datas, nomes e factos] mas a capacidade de o aluno lhes atribuir sentido”<sup>148</sup>. Envolver os alunos na aprendizagem, promover um ensino de rigor e qualidade, apresentando estratégias que motivassem os alunos para a aprendizagem da História, ciência humana que estuda o Homem e a sua relação com o tempo e com o espaço (geográfico, político, económico, cultural e social) ajudando-os a encontrar o caminho do verdadeiro saber e concomitantemente a adquirirem competências relevantes, era uma das metas a atingir, pois partilhámos a opinião de Herculano Cachinho quando refere que:

«a avaliar pelas sucessivas reorganizações curriculares, temo-nos preocupado em demasia com o conteúdos e os objectivos dos programas, refugiando-nos, frequentemente, na sua pretensa falta de pertinência e inadequação para justificar o desinteresse dos alunos (...) a solução do problema passa, em grande medida, por uma maior implicação dos alunos na sua aprendizagem (...). Se os alunos gostassem daquilo que se lhes ensina o problema estaria resolvido»<sup>149</sup>.

---

<sup>147</sup> Trabalhamos nessas quatro aulas aspectos relacionados com as cruzadas, época em que a Igreja moldou mentalidades, difundiu a cultura e impôs uma influência económica, social e política determinante. Falamos do nascimento do purgatório, do culto das relíquias, da formação de novas ordens religiosas e do apelo às cruzadas, destacamos o papel preponderante das ordens militares na formação de Portugal e tentamos explicar o surgimento de um novo tempo e uma nova época eminentemente comercial, literária e artística.

<sup>148</sup> Cf. Bernard Rey [et.al.], *Competências na Escola - Aprendizagem e Avaliação*, Lisboa, Edições Gailivro, 2005, p. 29.

<sup>149</sup> Cf. Herculano Cachinho, “Criar Asas: do Sentido da Geografia Escolar na Pós-Modernidade”, Actas do V Congresso da Geografia Portuguesa, Guimarães, Universidade do Minho, 2004, pp.6-7.



A elaboração do “nosso” modelo poderá parecer demasiado ambiciosa, mas recordamos que durante os seminários das Didácticas e das Metodologias, os docentes falaram-nos das suas experiências educativas, apresentaram-nos estratégias diversas, das quais destacamos o trabalho de projecto; a visita de estudo; o *brainstorming* no início de cada unidade temática e o uso das TIC, e incentivaram-nos a inovar, a mobilizar as competências e a encontrar o nosso caminho pedagógico-didáctico.

Importa referir que o tipo de comunicação, muito humanizada, praticada pelo professor cooperante seria aquela que inevitavelmente seguiríamos, pois consideramos que a mesma fomenta a colaboração e ajuda ao sucesso escolar dos alunos.



Fig. VI - O “nosso” modelo pedagógico

Fonte: da Mestranda



O “nosso” modelo pedagógico<sup>150</sup>, cujo ensino é centrado no aluno e que engloba a cognição, a metacognição, a afectividade, e tem em devida conta o contexto social e cultural dos alunos, procura ser um referencial coerente, lógico e motivador da aprendizagem. Para isso importa que o professor, maestro desta enorme orquestra que é o ensinar e aprender, seja um orientador, organizador, transmissor, facilitador e construtor de pontes.

Sendo os conceitos tempo e espaço elementos essenciais na estruturação do pensamento histórico, (este último é também estruturante para a Geografia pois, pensar espacialmente implica: conhecer o espaço; dominar as representações e raciocinar de acordo com diferentes escalas e perspectivas), importa perceber e reflectir sobre a forma como o futuro professor pode trabalhar com os alunos estes conceitos fundadores que funcionam como “portas de embarque”<sup>151</sup> e nos transportam para um outro lugar, para uma nova literacia.

O sucesso do modelo apresentado pressupõe um trabalho rigoroso mas estimulante do docente e do discente, trabalho esse que passa também pela escolha das estratégias, definidas por Maria dos Céu Roldão como “concepção global de uma acção”<sup>152</sup> que visa alcançar um fim, uma determinada aprendizagem. O “nosso modelo” comporta dois grupos de estratégias, um deles denominado de actividades escolares desafiadoras, das quais destacamos o detective da História, a visita de estudo virtual e o trabalho de projecto, pois consideramos que pela importância e pertinência merecem um lugar de relevo.

Importa referir que a ideia de questionar os alunos sobre factos históricos - o Detective da História - e incentivá-los na procura de respostas consensuais ou não, vinha a amadurecer e a ganhar forma no nosso pensamento. Porém, a leitura de um artigo sobre Jorge Borges de Macedo, da autoria de Ana Leal de Faria<sup>153</sup> - embora que numa outra dimensão de ensino e de diferente exigência cognitiva e científica - fez-nos acreditar ainda mais que a estratégia de levar os alunos do 8º ano a pensar e a reflectir sobre a História

---

<sup>150</sup> Para uma melhor visualização do modelo ver anexo I, p.141.

<sup>151</sup> “Portas de Embarque” é uma expressão usada por Herculano Cachinho para explicar que os conceitos uma vez compreendidos capacitam as pessoas para pensar e actuar de forma diferente da habitual. Cf. Herculano Cachinho, “Criando experiências de aprendizagem significativas: do potencial da Aprendizagem Baseada em Problemas”, *Revista El Hombre y La Máquina* n° 40 Septiembre-Diciembre de 2012, Cali Colombia, Universidade Autónoma de Occidente, 2012, p.65.

<sup>152</sup> Cf. Maria do Céu Roldão, *Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor*, p. 57. Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão, 2009, p.57.

<sup>153</sup> Cf. Ana Leal de Faria, “Jorge Borges de Macedo: Saber Continuar”, *Negócios Estrangeiros*, Publicação Semestral do Instituto Diplomático - Ministério dos Negócios, N° 11.3, Agosto 2007, pp. 103-116.

contribui para que o processo de ensino-aprendizagem seja mais estimulante e motivador e propícia a aquisição de aprendizagens estruturantes. Nesse artigo, Ana Leal de Faria recorda que a experiência histórica lhe era apresentada por Borges de Macedo, “de forma meticulosa, assente na consulta das fontes, mas não como um saber estático, já feito, antes como um conjunto de problemas sobre os quais se levantavam hipóteses interpretativas, sem preconceitos, sem preocupação de modas ou convicções instaladas, contrariando teses estabelecidas”<sup>154</sup>.

Estávamos convictos que esse seria o caminho a seguir, questionar as fontes históricas e interpretá-las e, concomitantemente, desenvolver nos alunos a capacidade de mobilizar os diferentes conhecimentos (declarativos, procedimentais e condicionais)<sup>155</sup>, bem como a metacognição, definida por Josu Ugartetxea, “como conocimiento del conocimiento, interviene en el control de los actos de conocer”<sup>156</sup>.

Esclarecemos que a ideia de construir e apresentar uma visita virtual e respectivo guião com diversas actividades para os alunos realizarem em aula, surgiu da vontade manifesta dos alunos do 8º C, em aprenderem mais sobre história moderna portuguesa e da impossibilidade de realizar uma visita para além das previamente programadas pela escola, que são em número muito reduzido e que habitualmente não contemplam a nossa área disciplinar.

Como acreditamos que os obstáculos podem e devem ser ultrapassados, decidimos elaborar uma visita virtual ao Museu da Cidade de Lisboa, à Graça e à Baixa Pombalina, (obra-ímpar da genialidade e criatividade humana, sendo por excelência, o local onde o tempo histórico e o espaço geográfico se apresentam em toda a sua monumentalidade), não só para motivar os alunos para a aprendizagem da História, mas para os ajudar na construção de uma consciência cidadã conducente à valorização e preservação do património natural e cultural, no desenvolvimento do sentido de apreciação estética, no desenvolvimento da curiosidade intelectual, na aquisição de métodos e técnicas de

---

<sup>154</sup> Idem, *ibidem*, p.103.

<sup>155</sup> De acordo com, Philippe Perrenoud os Conhecimentos Declarativos descrevem a realidade sob a forma de factos, leis constantes ou regularidades; os Conhecimentos Procedimentais descrevem o procedimento a ser aplicado para obter-se algum tipo de resultado (conhecimentos metodológicos) e os Conhecimentos Condicionais: determinam as condições de validade dos conhecimentos procedimentais. Cf. Philippe Perrenoud. *Ensinando as competências desde a escola*, [em linha]. Porto Alegre, Art Med, 1999. [Consult. 24/01/2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://pt.scribd.com/doc/103304364/PERRENOUD-Phillipie-Ensinando-Competencias>>.

<sup>156</sup> Cf. Josu Ugartetxea “Motivación y Metacognición, más que una Relación”, *Revista Electrónica de Investigación y Evaluación Educativa*, [em linha]. Vol.7, nº 2, 2001, [n. p.]. [Consult. 31/01/2013]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.uv.es/RELIEVE/v7n2/RELIEVEv7n2\\_1.htm](http://www.uv.es/RELIEVE/v7n2/RELIEVEv7n2_1.htm)>.

pesquisa histórica, na análise de fontes históricas, no desenvolvimento de capacidades de observação e organização do trabalho, na elaboração de sínteses e relatórios, na estruturação das noções espaço-temporais e no desenvolvimento de atitudes de respeito pelo património histórico-cultural. Face ao exposto, entende-se como a visita virtual pode ser uma actividade escolar desafiadora.

Para trás, por impeditivos diversos, ficou o desejo de os alunos identificarem um problema, transformá-lo em projecto e concretizá-lo, pois como sabemos esta estratégia comporta um método centrado na investigação, análise e resolução de problemas que se situa “no campo das investigações qualitativas (...) dentro do paradigma que, criticando a objectividade positivista e o reducionismo quantificador, procura aprender a especificidade do objecto de estudo”<sup>157</sup>.

Esta metodologia contribui de forma efectiva na construção e aquisição de novos conhecimentos. O trabalho de projecto é benéfico, tanto para os professores como para os alunos, pois através deste é possível operacionalizar competências sociais, de entre as quais destacamos a tomada de decisões, o trabalho em equipa, a gestão de conflitos e a construção de uma relação pedagógica mais próxima.

O modelo atrás apresentado pressupõe a utilização das TIC, não só pelo facto de vivermos numa sociedade de informação mas sobretudo porque estas envolvem, motivam os alunos e permitem a aplicação de estratégias pedagógicas, inovadoras e significativas, como a apresentação dos conteúdos programáticos recorrendo ao *PowerPoint* com ou sem animação; o acesso a fontes históricas, disponibilizadas, entre outras, pela ANTT, pela Biblioteca Nacional e pelos museus espalhados pelo mundo; visionar filmes e realizar pesquisas individuais ou em grupo.

Há também neste modelo um tempo dedicado à síntese, onde apresentamos algumas técnicas - com destaque para o mapa conceptual, pois permite organizar visualmente o conhecimento, de modo a que as relações entre conceitos, ideias e teorias possam ser facilmente observadas. A aplicação dos mapas conceptuais em sala de aula contribui para o desenvolvimento das competências dos alunos e para a promoção do pensamento de ordem superior. A construção do mapa e a sua visualização em computador é bastante estimulante, pois este é um processo dinâmico onde o conhecimento vai sendo

---

<sup>157</sup> Cf. Elvira Rodrigues, Manuela Malpique e Milice Ribeiro Santos “*Trabalho de projecto - Aprender por projectos centrados em problemas*”, Porto, Edições Afrontamento, 1989, p. 57.

construído, permitindo ao professor e aos alunos seleccionar e realçar os conceitos, as frases de ligação, e acrescentar o que lhes parecer pertinente.

A tomada de consciência das competências adquiridas e a valorização do trabalho desenvolvido pelos alunos também ocupam um lugar importante neste modelo.

A avaliação que é transversal a todo o processo de ensino-aprendizagem não é por nós descurada, porém importa mencionar que a avaliação formativa desempenha um papel nuclear neste modelo, pois visa identificar as dificuldades de aprendizagem dos alunos e permite perceber se a mesma está a decorrer como previsto, nomeadamente no que respeita às competências e aos conteúdos. Para nós, em processo de formação, esta forma de avaliação é uma mais-valia, pois permite-nos experienciar diversas estratégias, no sentido de adaptar o ensino às características dos nossos alunos para os envolver na aprendizagem e de melhorar as nossas práticas.

Tendo em conta todos os aspectos atrás mencionados, decidimos implementar, com algumas limitações, durante a nossa prática de ensino supervisionada, “o nosso” modelo, que sabemos não estar isento de erros mas que julgamos ser o mais adequado para os alunos em questão. O nosso maior desejo - e desafio - era que as aprendizagens fossem estruturantes, que permitissem o desenvolver de competências e que os alunos considerassem as nossas aulas não como “gaiolas” mas como o local onde pudessem construir “asas” que lhes permitissem “voar” no firmamento do conhecimento histórico.

## **6. Enquadramento histórico do tema *Portugal no Contexto Europeu dos Séculos XVII e XVIII***

*A história é a soma de todas as histórias possíveis: uma colecção de ofícios e de pontos de vista, de ontem, de hoje e de amanhã*

Fernand Braudel<sup>158</sup>

O Portugal da Época Moderna alicerçou-se em continuidades e rupturas, avanços e retrocessos, em reinados e crises dinásticas, períodos de regências, períodos de obscurantismo e períodos de esperança. A sociedade caracterizava-se por uma estrutura fortemente hierarquizada em ordens ou estados, denominados clero, nobreza e terceiro

---

<sup>158</sup> Cf. Fernand Braudel, *História e Ciências Sociais*, 2º ed., Lisboa, Presença, 1990, p.27.

estado e, independentemente de o rei ser magnânimo ou déspota iluminado, esta continuava baseada no privilégio e na desigualdade face à lei. Porém, movimentos como o Renascimento, o Humanismo e o Iluminismo contribuíram de forma decisiva para a alteração das mentalidades.

Portugal, grande responsável pela expansão marítima, não fugiu aos ventos de mudança que percorreram a Europa. No contexto cultural, foram fundadas Academias, normalmente caracterizadas pelo cultivo das letras e em alguns casos pelas inovações científicas que surgiram em catadupa. Destacamos: Academia dos Singulares (1663), Academia dos Solitários (1664), Academia Instantânea (1675), Academia dos Únicos (1691), Academia dos Anónimos (início do século XVII), Academia dos Generosos (1714), Academia dos Ilustrados (1716), Academia dos Escolhidos (1740) e Academia dos Ocultos (1745). A participação de D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde da Ericeira, no desenvolvimento das academias foi notória: em 1696 promoveu as *Conferências discretas e eruditas* que defendiam a renovação cultural da época e, em 1717, com o fim das *Conferências*, fundou a Academia Portuguesa, precursora da Academia Real da História Portuguesa, esta última fundada a 8 de Dezembro de 1720 por decreto de D. João V<sup>159</sup>, que teve uma actividade bastante prolífica, da qual destacamos A História Genealógica da Casa Real Portuguesa, dedicada a D. João V e a Biblioteca Lusitana. Foi nesse contexto que se desenvolveram algumas ciências auxiliares da História, como: a Genealogia; a Numismática; a Paleografia; a Epigrafia e a Heráldica. Posterior às reformas pombalinas educativas foi fundada, em 24 de Dezembro de 1779, a Academia das Ciências de Lisboa, local de partilha e difusão da ciência.

D. João V, vigésimo quarto rei de Portugal - o quarto mais longo reinado da História portuguesa (1706-1750)<sup>160</sup> - reinou seguindo uma política de neutralidade em relação aos diversos conflitos que percorreram a Europa. Defendeu os interesses de Portugal no comércio ultramarino, recordemos a acção ímpar de D. Luís da Cunha, figura emblemática da política interna e externa de Portugal, em Utrecht, nas negociações dos dois Tratados - com França em 1713 e com Espanha em 1715. Bem sabemos que para essa neutralidade foi decisivo o contributo do ouro do Brasil, graças a esse ouro e à boa

---

<sup>159</sup> A Academia Real de História Portuguesa tinha como objectivo escrever a história de Portugal e as conquistas. Os seus estatutos foram confirmados por decreto de 4 de Janeiro de 1721. Compunha-se de 50 sócios: 40 da Academia de Anónimos e das Conferências Discretas e 10 escolhidos pelo Rei.

<sup>160</sup> D. João V sucedeu ao pai a 9 de Dezembro de 1706, tendo sido aclamado rei a 1 de Janeiro de 1707.

relação política com a Santa Sé, a Capela Real foi elevada, em 1716, à categoria de Basílica Patriarcal, sendo considerada uma das mais admiráveis igrejas da Europa.

Reunidas que estavam as condições financeiras, D. João V, cognominado de “o Magnânimo”, pretendeu, muito à semelhança dos outros monarcas europeus, imitar Luís XIV. Defensor acérrimo do absolutismo, nunca reuniu as cortes durante o seu reinado, que foi fortemente marcado pela promoção da arte, da literatura e da ciência. O Aqueduto das Águas Livres e o Palácio-Convento de Mafra destacam-se pela sua monumentalidade e são representações vivas de um Portugal barroco. Recordamos que esta promoção se estendeu além-fronteiras, tendo sido sócio da Academia Literária Arcadia, em Roma, a quem doou em 1725 o terreno no Bosque Parrásio, para a construção da sua sede<sup>161</sup>.

Depois da morte de D. João V, o seu filho D. José I foi aclamado rei, governando Portugal entre os anos de 1750 e 1777. Tentou seguir a mesma política de neutralidade de seu pai, face aos conflitos europeus (Guerra dos Sete Anos, entre 1756 e 1763) e reforçou o absolutismo régio. O seu reinado foi marcado pela crise económica, devido à concorrência das potências coloniais, da redução da exploração do ouro brasileiro, do terramoto de Lisboa e da ascensão política de Sebastião José de Carvalho e Melo.

### **6.1. Quem foi Pombal?**

A rápida ascensão do futuro marquês de Pombal está irremediavelmente ligada a catástrofes, senão vejamos: a forma enérgica com que tratou o incêndio do hospital de Todos os Santos, ocorrido a 10 de Agosto do 1750, chamou a atenção do rei; cinco anos volvidos, no dia 1 de Novembro de 1755, Lisboa foi destruída, na sequência de um grande terramoto, seguido de quatro réplicas, de um maremoto e de múltiplos incêndios e pilhagens que se espalharam um pouco por toda a cidade. Segundo Nuno Monteiro, Sebastião José de Carvalho e Melo esteve sempre ao lado da família real “dando muitas providências”<sup>162</sup>, tornando a sua presença indispensável e insubstituível.

Foi com audácia, ambição, inteligência e mestria que ganhou a confiança real e consolidou o seu poder, intervindo em diversas aéreas. Reorganizou o aparelho comercial,

---

<sup>161</sup> A sede da Arcadia foi inaugurada no dia 09 de setembro de 1726, com a celebração dos Jogos Olímpicos em honra e louvor do generoso rei de Portugal. Informação disponível em WWW: <URL:<http://www.accademiadellarcadia.it/il-bosco-parrasio.cfm> [consult. 16/12/2012].

<sup>162</sup> Cf. Nuno Monteiro, “O Tempo de Pombal (1750 - 1777)”, in *História de Portugal*, cap. VII, Lisboa, Esfera dos Livros, 2009, pp. 357-377.

reestruturou a administração, o ensino, a justiça, fazendo publicar a lei que declarava abolida a distinção entre cristãos novos e cristãos velhos, bem como a lei que equiparava o Santo Ofício aos outros tribunais régios<sup>163</sup>, e alterou a face da cidade de Lisboa. O urbanismo pombalino seria indiscutivelmente a imagem de marca do reinado de D. José.

Déspota, regalista e homem de sentimentos distintos, Pombal direccionou os seus ódios à família Távora<sup>164</sup> (após um processo sumário, mandou-os executar) e iniciou uma perseguição sem tréguas à Companhia de Jesus, que dominava o sistema de ensino em Portugal e além-fronteiras e era dona de um património cultural e financeiro invejável; fomentou desconfianças e acendeu rivalidades religiosas, tendo a 3 de Setembro de 1759 promulgado a “Lei dada para a proscrição, desnaturalização e expulsão dos regulares da Companhia de Jesus, nestes reinos e seus domínios”, urdiu ainda diversas acusações contra a ordem religiosa em apreço, difundindo-as por toda a Europa.

O marquês de Pombal protegeu e concedeu títulos nobiliárquicos a uma burguesia maioritariamente comercial, que se afirmava tanto a nível nacional como internacional. Face ao exposto, facilmente se compreende a criação da Aula do Comércio, destinada à formação de uma burguesia elitista e poderosa.

Para Jorge Borges de Macedo, no campo do reforço do Estado “a actividade pombalina não foi renovadora, utilizando os organismos tradicionais assim como os métodos, ao tempo, tradicionais da monarquia. Reorganização, em Pombal, quer simplesmente dizer reforço da organização existente”<sup>165</sup>.

No aspecto educacional, e sabendo que as ciências eram então consideradas a base da “felicidade das Monarquias”, por Alvará Real de 28 de Junho de 1759 o rei criou a “Directoria” Geral dos Estudos (génese do actual Ministério da Educação) e efectuou uma reforma geral no ensino das Aulas e Estudos das Letras Humanas, retirando aos jesuítas todas as prerrogativas sobre o ensino estabelecendo a criação de aulas públicas de Latim, Grego e Retórica e impôs que fossem seguidos os compêndios, bem como os métodos,

---

<sup>163</sup> As Cortes Gerais Constituintes, em 1821, decretaram a extinção do Tribunal do Santo Ofício.

<sup>164</sup> A 13 de Janeiro de 1759, foram executados D. Francisco de Assis de Távora e D. Leonor de Távora, José Maria de Távora, Luís Bernardo de Távora (filhos dos Marqueses de Távora), D. José de Mascarenhas (duque de Aveiro), D. Jerónimo de Ataíde (conde de Atouguia), Manuel Alvares Ferreira (guarda roupa do duque de Aveiro), Brás José Romeiro (cabo da Esquadra da Companhia do Marquês de Távora), João Miguel (moço de acompanhar o duque de Aveiro) e José Policarpo de Azevedo, queimado figurativamente em estátua, porque andava foragido. Todos foram acusados de estarem implicados no atentado ao rei D. José I, ocorrido uns meses antes, a 3 de Setembro de 1758.

<sup>165</sup> Cf. Jorge Borges de Macedo, *A situação Económica no tempo de Pombal*, 2ª ed., Lisboa, Moares Editores, 1982, p.33.

usados nas escolas da Congregação do Oratório. Porém, como lembra Rómulo de Carvalho, a expulsão dos Jesuítas deixou o país no mais completo caos no que concerne às escolas Menores, “para preencherem o vazio tão abruptamente instaurado afixaram-se editais de norte a sul do país, em vilas e aldeias, angariando professores de improviso, e ao anúncio acorreram, barbeiros, sapateiros taberneiros, etc.”<sup>166</sup>.

D. Thomaz de Almeida<sup>167</sup> foi nomeado, por Carta Régia de 6 de Julho de 1759, director Geral dos Estudos do Reino, função que desempenhou até 1771. Com a criação deste cargo, o Estado pretendia uniformizar o ensino e controlar as tarefas subordinadas à figura do professor, que para exercer a docência nas escolas régias, bem como no ensino particular, estava a partir de então sujeito a um rigoroso exame. Após aprovação, o professor das escolas régias gozaria dos privilégios dos Nobres, incorporados em Direito comum, mas seria considerado “funcionário público”. O Estado impunha assim limites à sua precária autonomia.

A Real Mesa Censória, entidade estatal que fiscalizava todas as obras que se pretendessem publicar ou divulgar no Reino<sup>168</sup> foi criada por alvará de 5 de Abril de 1768. O regimento, concedido em Maio de 1769 a este novo tribunal, determinou que a Mesa seria constituída por um presidente e deputados, sendo estes maioritariamente doutores, lentes e opositores à orgânica da Universidade de Coimbra. Por alvará de 4 de Junho de 1771, a Real Mesa Censória fica também com a administração das escolas de Estudos Menores do Reino, incluindo o Colégio dos Nobres, este último como referido por Veríssimo Serrão “destinado a 100 pensionistas de nascimento distinto que gozavam de protecção régia”<sup>169</sup>.

Por diploma de 6 de Novembro de 1772, avançou com a Reforma dos Estudos Menores, surgindo a primeira legislação que determinou a abertura e entrada em funcionamento nas cidades e vilas do Reino de 479 escolas oficiais, um exame de acesso à carreira docente, a colocação dos mesmos nas escolas e a obrigatoriedade de no final do cada ano lectivo os professores enviarem à Real Mesa Censória um relatório, onde se descreviam “as Relações de todos, e cada hum dos seus Discípulos; dando conta dos

---

<sup>166</sup> Cf. Rómulo de Carvalho, *Actividades Científicas em Portugal no Século XVIII*, Coord. Secretariado Editorial da Universidade de Évora, Évora, 1996, p. XIX.

<sup>167</sup> D. Thomaz de Almeida, primeiro director Geral dos Estudos, nasceu, em Lisboa, em 1706, sendo filho do 3º conde de Avintes e sobrinho de D. Thomaz de Almeida, primeiro cardeal patriarca de Lisboa.

<sup>168</sup> Documento disponível em WWW: <URL:<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4311313>>. [consult. 16/06/2013].

<sup>169</sup> Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, “Religião, Assistência e Cultura”, in *História de Portugal*, vol. VI- *O Despotismo Iluminado (1750-1807)*, 2.ª ed., Lisboa, Editorial Verbo, [s.d.], pp.250-252.



progressos, e morigeração deles”<sup>170</sup>. No diploma em apreço responsabilizou os seguidores de Inácio de Loyola: “pelos funestos Estragos, com que pelo longo período de dous Seculos se virão as Letras arruinadas nos mesmos Reinos e Dominios.” A 10 de Novembro do mesmo ano extinguiu as colectas aplicadas no pagamento dos mestres de ler, escrever, solfa, gramática ou de qualquer outra instrução de meninos e criou um imposto destinado a suportar as despesas com a educação, denominado de “Subsídio Literário”.

Para Áurea Adão, a reforma de 1772 constitui o ponto de partida para o estabelecimento de uma rede nacional de escolas régias, a cargo e sob a dependência do Estado; no entanto, nas páginas seguintes da sua obra adverte que a mesma não constitui o ponto de partida para a abertura de escolas públicas de ler e escrever, já que anteriormente existia uma rede abrangendo todo o Reino, a cargo das câmaras, da Igreja, das congregações e dos próprios pais. Ao estudarmos o Portugal Moderno percebemos que a questão educativa das classes mais desfavorecidas não foi para D. José, nem para Pombal, uma questão maior; embora fosse efectivamente uma preocupação<sup>171</sup>.

Como refere António Nóvoa

«Les deux Réformes Pombalines de l’Enseignement datant de 1759 et de 1772, se trouvent au centre de ce changement capital: Leur compréhension implique une approche socio-économique, culturelle et politique (...). Les Réformes de 1759 et de 1772 essaient d’apporter une réponse aux besoins éducatifs des classes bourgeoises en ascension sociale et aux nouvelles fonctions confiées à l’Etat dans transformations socio-économiques du XVIII<sup>e</sup> siècle; de ce fait, elles s’adressent à des couches minoritaires de la société portugaise, ne devant pas être confondues avec les projets de «scolarisation de l’enfance» mis en œuvre à partir du XIX<sup>e</sup> siècle»<sup>172</sup>.

## **6.2. Alguns Portugueses ilustrados**

Luís António de Verney e Ribeiro Sanches são dois vultos do iluminismo português e nomes incontornáveis da política educativa portuguesa; segundo António

---

<sup>170</sup> Cf. Colecção da Legislação Portuguesa desde a última compilação das ordenações, redigidas pelo desembargador António Delgado da Silva. Legislação desde 1763 a 1774, Tipografia Maigrense, Lisboa, 1829, págs. 612-615.

<sup>171</sup> *Op.cit.*, p.48.

<sup>172</sup> Cf. António Nóvoa, *Le temps des professeurs. Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal XVIIIe- XXe siècles*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica 1987, p.95

Nóvoa estes homens “ élaborent un corps de concepts et d'idées réformatrices qui constituent le support théorique des Réformes Pombalines de l'Enseignement”<sup>173</sup>.

Verney escreveu, entre outras obras *O verdadeiro método de estudar*, apresentando um projecto inestimável e inovador que contempla o conteúdo dos curricula escolares, as práticas pedagógicas e a educação feminina<sup>174</sup> (que mais tarde encontraremos expressas em nomes de referência como Condorcet); sobre esta última temática Verney escreveu:

“certamente, que a educasam das mulheres neste reino, é péssima: e os homens quazi as consideram, como animais de outra espécie: e nam só pouco aptas mas incapazes de qualquer género de estudo e erudisam”. Mas se os Pais, e Maens considerásem bem a matéria, veriam que tem gravissima obrigasam, de as-ensinar: melhor: e que de o-nam-fazerem rezulta gravissimo prejuízo à Republica, tanto nas coizas publicas, como domesticas ” <sup>175</sup> .

Verney o grande renovador em matéria pedagógica, distinguido pelo Papa com a nomeação de Arcediago da Sexta cadeira na Universidade de Évora, foi vítima da inveja de homens poderosos como Manuel Pereira de Sampaio e Francisco de Almada e Mendonça, Ministros Plenipotenciários em Roma que “recusaram” cumprir respectivamente as ordens reais de D. João V e D. José para o pagamento das edições das suas obras. No exílio, em Itália, Verney escreveu por diversas vezes ao marquês de Pombal, pedindo ajuda, mas nunca obteve resposta. Como refere António Salgado Júnior “enquanto Pombal o mantém num exílio injusto, são as suas ideias (...) que o Senhor marquês vai pondo agora em execução, em legislação sucessiva”<sup>176</sup>. Em carta dirigida ao padre Joaquim Foios, já depois de Pombal ter caído em desgraça, Verney menciona o seguinte: “ Despedido que foi Pombal, o novo governo reconheceu e publicou a minha inocência (...). Deste modo ficou salva a minha honra, mas os gravíssimos prejuízos de todo o género, que sofri e soffro, nunca me salvaram”<sup>177</sup>. A rainha D.<sup>a</sup> Maria nomeia-o, em

---

<sup>173</sup> Idem, *ibidem*, p. 127.

<sup>174</sup> Da leitura que fizemos da obra *Emílio* de Rousseau a preocupação com a educação feminina, representada na figura de Sofia é restrita à preparação para esta ocupar um determinado lugar na sociedade, já para António Luís Verney a educação feminina era fulcral pois a mulher era a primeira educadora dos filhos.

<sup>175</sup> Cf. Luís António de Verney, *Verdadeiro Metodo de Estudar: para ser util a Republica e a Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal/Exposto em varias cartas escritas polo R. P. \* \* «Barbadinho da Congregasam de Itália, ao R. P. \* \* \* Doutor na Universidade de Coimbra, Tomo Segundo, Valensa [Nápoles]: Na Off. De António Balle., 1746, pp. 299.*

<sup>176</sup> Cf. António Salgado Júnior, “Prefácio II Biografia breve de Luís António Verney”, Luís António Verney, *Verdadeiro Método de Estudar*, ed. organizada pelo professor António Salgado Júnior, vol. II – Estudos Literários, Lisboa, Editora Lisboa, 1950, p. XLIV.

<sup>177</sup> Idem, *ibidem*, p. XLVI.

Setembro de 1790, Deputado Honorário da Mesa de Consciência e Ordens. Dois anos depois, a 20 de Março, o grande pedagogo morre, aos 79 anos de idade.

Outro nome que se impõe falar é o de António Nunes Ribeiro Sanches. Nasceu em Penamacor em 7 de Março de 1699, era o filho mais velho de uma família de cristãos novos, estudou em Coimbra mas desiludido com a vida boémia dos seus colegas e com o ensino aí praticado partiu para Salamanca concluindo na Universidade dessa cidade o curso de medicina, em 5 de Abril de 1724. De regresso a Portugal, foi em Benavente que durante dois anos exerceu medicina. Porém, a denúncia de práticas judaicas por parte de um familiar ao Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, impeliu-o a partir para o estrangeiro no final de 1726, para nunca mais voltar. Nas cartas escritas ao seu amigo Sampaio Valadares, referia que anti-semitismo inquisitorial o impedia de regressar a Portugal mas afirmava estar “prompto para partir, no caso que possa fazer bem à pátria, que doutro modo não o desejo”<sup>178</sup>.

Depois de visitar Génova, Montpellier, Paris e Londres foi estudar para a Universidade de Leiden tendo sido aluno do famoso Herman Boerhaave (1689-1738), médico e reitor da referida Universidade que cedo lhe reconheceu enormes capacidades intelectuais. Foi depois nomeado médico do Senado e da cidade de Moscovo, onde estava encarregado de instruir os barbeiros-cirurgiões, as parteiras e os farmacêuticos, chegando a médico da corte da Rússia em 3 de Março de 1740. Após a morte da imperatriz Ana Ivanovna tornou-se primeiro médico da regente e de seu filho Ivan. Volvidos quatro anos foi nomeado Conselheiro de Estado, provavelmente por ter salvado a vida à princesa Sophia Augusta e à futura imperatriz Catarina II. Em 1747 regressa à cidade da Luz e dois anos depois vê partir para sempre o seu amigo de longa data, o diplomata D. Luís da Cunha, que tinha intercedido por ele junto à coroa portuguesa.

Médico de renome europeu, Ribeiro Sanches colabora com Pedro Gendron na publicação, em Paris, no ano de 1759, das obras de Luís Vaz de Camões. Por essa altura a coroa portuguesa atribuiu-lhe uma tença, como pagamento das diversas propostas que apresentou sobre a reforma do sistema educativo português, bem como para melhorar o ensino da medicina e da cirurgia, aliás como veio a acontecer. Mas na época o reconhecimento foi-lhe negado, como referiu no século XIX Camilo Castelo Branco

---

<sup>178</sup> Cf. Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches: A sua Vida e a sua Obra*, Porto, Ed. Eduardo Tavares Martins, 1911, p.113.

“O marquez de Pombal, ou não quiz, ou apesar da sua onnipotencia, não logrou assegurar repouso na patria ao seu douto oraculo, em paga dos conselhos e projectos de boa administração que o neto de hebreus lhe suggeriu de Paris, e o valido ingrato aproveitou, occultando-lhes a procedencia. A criação do *collegio dos nobres*, por carta de lei de 7 de março de 1761, havia sido aconselhada por carta de Ribeiro Sanches, datada em Paris, em 19 de novembro de 1759. Possuo esta carta autographa”<sup>179</sup>.

Longe da pátria, Ribeiro Sanches foi devidamente reconhecido pela comunidade científica europeia. Basta recordar que foi *membro da Sociedade Real de Londres e sócio da Academia Imperial das Ciências de S. Petersburgo* e o único português que teve a honra de escrever para a *Encyclopédie*, de Diderot e d’Alembert, um artigo sobre o mal venéreo, denominado *Maladie vénérienne inflammatoire chronique*.

Em 1762 Catarina II concedeu-lhe uma pensão de mil rublos, a qual recebeu ininterruptamente até à sua morte<sup>180</sup>, o que veio a acontecer em Paris, a 14 de Outubro de 1783.

Autor das *Cartas para a Educação da Mocidade*, António Nunes Ribeiro Sanches apresenta uma obra inovadora à época, referindo que uma condição imprescindível para o sucesso da reforma seria o pagamento de um salário público, a cargo do Estado, a todos os mestres. No entanto, defende um acesso limitado à educação por parte das camadas menos abastadas do terceiro estado:

“Não necessitaria esta classe do povo de outra educação do que os pais e mães estivessem empregados no trabalho; e seus filhos, não tendo outro recurso para ganharem a vida, seguiriam aquele caminho que exercitavam os progenitores e tutores. Quem trabalha faz um acto virtuoso, evita o ócio- vício o maior, contra a religião e contra o estado (...). Isto é o que basta para a boa educação da mocidade plebeia”<sup>181</sup>.

Porém, esse facto não pode ser descontextualizado da época em questão, pois podemos correr o risco de cair em anacronismos, Ribeiro Sanches não simboliza o retrocesso, mas sim a evolução intelectual de uma época.

---

<sup>179</sup> Cf. Camilo Castelo Branco, “O Oraculo do marquez de Pombal”, *Noites de Insomnia Offerecidas a quem não póde dormir*, nº2, Porto Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1874, p.66. Disponível em WWW: <URL: <http://www.gutenberg.org/files/24464/24464-h/24464-h.htm>

<sup>180</sup> Cf. Maximiano de Lemos, *Ribeiro Sanches – A sua vida e a sua obra*, Porto, Editor Eduardo Tavares Martins, 1911, p.195.

<sup>181</sup> Cf. António Ribeiro Sanches. (1759), *Cartas sobre a educação da mocidade*, Porto, Domingos Barreira, [19-?], p. 131. Disponível em: WWW: <URL: [http://purl.pt/148/3/sc-16289-p\\_PDF/sc-16289-p\\_PDF\\_24-C-R0072/sc-16289-p\\_0000\\_capa-239\\_t24-C-R0072.pdf](http://purl.pt/148/3/sc-16289-p_PDF/sc-16289-p_PDF_24-C-R0072/sc-16289-p_0000_capa-239_t24-C-R0072.pdf)>.

Estes são somente alguns dos aspectos históricos enquadrados no tema *Portugal no Contexto Europeu dos Séculos XVII e XVIII* que trabalhámos em contexto de sala de aula. Imperativo foi também ajudar os nossos alunos a perceberem que Portugal não esteve arredado dos grandes progressos da ciência e da cultura que se registaram na Europa. Recordamos que na Royal Society de Londres, a mais antiga sociedade científica do mundo em actividade, estão inscritos, até à data, 25 personalidades portuguesas, a grande maioria dos quais no século XVIII. Logo em 1668, durante o reinado de D. Afonso VI, entrou para a Royal Society o primeiro português, o arquivista António Álvares da Cunha, guarda-mor da Torre do Tombo e pai de D. Luís da Cunha, que haveria de ser embaixador em Londres no tempo do rei D. João V.

João Baptista Carbone (astrónomo), Jacob de Castro Sarmiento (médico), Bento de Moura Portugal (um dos nossos maiores físicos e engenheiros da época, sendo comparado a Newton, morreu no forte da Junqueira, onde se encontrava encarcerado, vítima do regime pombalino), João Chevalier, (astrónomo que havia de chegar a Director da Real Academia Belga), Teodoro de Almeida, (o primeiro físico experimental português), João Jacinto Magalhães, (talvez o mais famoso de todos os cientistas portugueses que foram membros da Royal Society) e D. João de Bragança (2.º Duque de Lafões, diplomata português, exilado para fugir ao regime pombalino), são alguns dos vultos da nossa história que provam que Portugal não era um país atrasado. Ao percorrermos com os nossos alunos a lista destes portugueses e as suas histórias de vida, percebemos que os inicianos tiveram um papel relevante na educação e que a Inquisição não foi a única responsável pela perseguição feroz movida a alguns vultos da cultura e da ciência portuguesa. Sobre esta temática, Rómulo de Carvalho afirma que:

“Esses portugueses, homens de saber, actualizados nos conhecimentos científicos do seu tempo, ou tinham ido, por sua própria iniciativa, refugiar-se no estrangeiro, ou tinham fugido de cá encapuçados, das suas residências fixadas na província, ou estavam gemendo nas prisões da sua pátria. O marquês de Pombal desembarçou-se de todos quantos lhes podiam fazer sombra e os seus esbirros trabalharam para si com a maior eficiência”<sup>182</sup>.

Nas aulas, para além dos exemplos já elencados e na tentativa de responder a várias questões colocadas pelos alunos sobre temas tão diversos, como o tratamento de doenças, a prática do exercício físico, a alimentação e os hábitos de higiene na Época Moderna, falámos aos nossos alunos de Manuel Joaquim Henriques de Paiva, figura cimeira da

---

<sup>182</sup> Cf. Rómulo de Carvalho, *Actividades Científicas em Portugal no Século XVIII*, Coord. Secretariado Editorial da Universidade de Évora, Évora, 1996, p. XX.

medicina e da vida científica portuguesa dos séculos XVIII e XIX, que desenvolveu um trabalho de importância fulcral na difusão dos princípios higienistas em Portugal<sup>183</sup>, bem como das ideias médicas, farmacêuticas, e químicas. De acordo com Isabel Drummond Braga, Henriques de Paiva “contribuiu para a definição de uma estratégia de governo sanitário da população, tendo traduzido e adaptado obras estrangeiras nas quais insistiu no valor político da saúde e na necessidade de uma pedagogia eficaz”<sup>184</sup>.

Henriques de Paiva nasceu em Castelo-Branco, na rua do Relógio, a 23 de Dezembro de 1752. Filho de Isabel Aires e António Ribeiro de Paiva, cirurgião, farmacêutico e cristão-novo<sup>185</sup>, tinha quinze anos quando, acompanhado de seu pai, viajou para o Brasil. No Rio de Janeiro funda com o seu pai e o seu irmão José, a *Sociedade de História Natural do Rio de Janeiro*, sob a protecção do marquês do Lavradio<sup>186</sup>. Data de 28 de Março de 1773 a carta que o irmão de Henriques de Paiva escreve ao seu familiar, Ribeiro Sanches, residente em Paris, para proteger e encaminhar o jovem estudante pois ele regressaria à Europa com o propósito de ir estudar medicina em Paris, mas o jovem recusou, pois entendeu “que nam seria do Real agrado, que se fosse buscar às Universidades Estrangeiras aquilo mesmo que o Augustissimo e Piisimo Senhor D. Joze que Santa Gloria haja, acaba de instituir, promulgar e firmar em Coimbra”<sup>187</sup>. Nesta cidade estudou medicina e aí desempenhou as funções de Demonstrador do Laboratório Químico, tendo fundado em Celas, onde vivia, uma sociedade, a qual chamou *A Sociedade dos Mancebos Patriotas*. Estes jovens tinham ideias avançadas, seguiam os grandes pensadores da época como Rousseau ou Voltaire. Alguns olhavam-nos com desconfiança, como foi o caso de Francisco Cândido Chaves, estudante de Geometria que se apresentou ao Inquisidor de Coimbra, Manuel António Ribeiro, para os acusar. A Inquisição moveu um sumário a Henriques de Paiva, acusado de seguir e propagar doutrinas subversivas e principalmente de não respeitar o preceito da abstinência quaresmal, celebrando-se no laboratório químico da Universidade festins pantagruélicos em que os fornos eram

---

<sup>183</sup> Cf. Isabel M.R. Mendes Drummond Braga, “princípios higienistas e Saúde Pública no final do Antigo Regime”. *Assistência, Saúde Pública e Prática Médica em Portugal (Séculos XV-XIX)*, Lisboa, Universitária Editora, 2001, pp. 127-158.

<sup>184</sup> Idem *ibidem*, p.145.

<sup>185</sup> Cf. Maximiano de Lemos, “Amigos de Ribeiro Sanches”, *Estudos de História da Medicina Peninsular*, Porto, Typ. Enciclopédia Portuguesa, 1916, p. 297.

<sup>186</sup> Marquês de Lavradio foi um título criado por D. José I, por carta de 18 de Outubro de 1753, a favor de D. António de Almeida Soares Portugal. Foi o 8º vice-rei do Brasil, de 1749 a 1753.

<sup>187</sup> Cf. A petição de Henriques de Paiva a rainha Dª Maria transcrita na obra de Maximiano de Lemos, “”, *Estudos de História da Medicina Peninsular*, Porto, Typ. Enciclopédia Portuguesa, 1916, pp. 337-340.

empregados em cozinhar presuntos roubados<sup>188</sup>. Admoestado com as injustiças que lhe foram movidas, Henriques de Paiva abandonou Coimbra alguns dias depois da Páscoa de 1779. No processo da Inquisição é referido que Henriques de Paiva exerceu medicina em Coimbra, Almada, Caparica e Lisboa e que terá residido no Rossio, junto do Arco<sup>189</sup>. Sabemos que em Lisboa desenvolveu intensa actividade científica. Autor, tradutor e grande divulgador das novas doutrinas médicas, é também autor do primeiro livro português sobre educação física<sup>190</sup>, intitulado *Aviso ao Povo ou Sumario dos Preceitos mais importantes, concernentes á criação das Crianças, ás diferentes Profissões e Offícios, aos Alimentos e Bedidas; ao Ar, ao Exercício, ao Somno, aos Vestidos, á Intemperança, á Limpeza, ao Contagio, às Paixões, às Evacuações regulares, &., que se devem observar para prevenir as enfermidades, conservar a saúde, e prolongar a vida*.

Em 1783, torna-se editor do *Jornal Enciclopédico*, marco incontornável da história da divulgação científica e cultural em Portugal. Foi ainda Director da Farmácia da Real Casa Pia do Castelo e seu Professor de Química; em 1783 dedica o livro *Elementos de química e farmácia* ao seu amigo Pina Manique<sup>191</sup>, o célebre Intendente de Polícia. Em 1801, por Ordem e Mandado do Príncipe Regente, a quem a obra é dedicada, publicou *Preservativo das Bexigas e dos Terríveis estragos ou Historia da Origem e Descobrimento da Vaccina, dos seus Effeitos ou Symptomas, e do Methodo de Fazer a Vaccinação*. Segundo João Rui Pita<sup>192</sup>, “Henriques de Paiva estava consciente dos benefícios da vacinação e do caminho que era necessário prosseguir no sentido de sensibilizar a população e educar sanitariamente o povo, por isso, desafiava os médicos a publicarem as suas observações e sensibilizava a população a aderir à vacinação”, estando ele certo “*que não os perseguir a mágoa e os remorsos e a Posteridade os cobrirá de bensão os, como a seus generosos benfeitores*”<sup>193</sup>.

---

<sup>188</sup> Cf. Lisboa, A.N.T.T., Inquisição de Lisboa, proc. n.º 13369.

<sup>189</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>190</sup> Cf. José Pontes, *Quase um século de desporto: Apontamentos para a história da educação física em Portugal*. Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1924, p.9.

<sup>191</sup> Diogo Inácio de Pina Manique ocupou diversos cargos, antes de ser designado Intendente-Geral da Polícia. Foi juiz do crime em diversos bairros de Lisboa, superintendente-geral de Contrabandos e Descaminhos, desembargador da Relação do Porto e desembargador dos Agravos da Casa da Suplicação. Uma das suas maiores obras foi a Casa Pia, instituição de alto-relevo na área da assistência e beneficência, fundou também uma casa de correcção para mendigos e um laboratório químico, onde se fabricavam gratuitamente remédios para os pobres.

<sup>192</sup> Professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. Investigador e Coordenador do Grupo de História e Sociologia da Ciência do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra.

<sup>193</sup> Cf. “Manuel Joaquim Henriques de Paiva e a Publicação do Preservativo das Bexigas” In João Rui Pita, *Medicina da Beira Interior da Pré-história ao século XXI, Cadernos de Cultura*, n.º 16, 2003, pp. 45-52.

Em França, fez um “estágio” no Laboratório de Gay-Lussac. Depois escreveu sobre o poder de Napoleão, sendo por esse motivo perseguido como jacobino e mandado prender a 15 de Dezembro de 1808. Foi degradado das honras militares, encarcerado no presídio da Trafaria, mas ficando aí doente foi transferido para a cadeia de Almada, voltando para a primeira prisão logo que melhorou. Com a sentença do Juízo da Inconfidência de 24 de Março de 1809, viu-se demitido de todos os cargos que exercia e condenado a degredo para o Ultramar<sup>194</sup>. No Brasil, tornou-se o primeiro professor da cadeira de Farmácia no curso médico-cirúrgico da Escola de Cirurgia da Baía, no ano de 1813. Continuou a ser sócio de várias Academias Científicas, entre as quais se destacam a Academia Real de Madrid e a Academia de Upsala, esta última por indicação de Lineu<sup>195</sup>. Em 1818, por decreto régio de D.João VI, foi reintegrado na honra e prerrogativa que perdera. Henriques de Paiva agradece mas não volta ao reino. Por nomeação régia tornou-se professor de Matéria Médica e Farmácia em Maio de 1824, leccionando esta cadeira no Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia. Morreu na Baía, provavelmente no ano de 1829<sup>196</sup>

Henriques de Paiva foi Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, Censor Régio da Mesa do Desembargo do Paço, médico da Casa Real, encarregado da administração do armazém e da botica da Marinha Real, ocupou diversos cargos na administração sanitária portuguesa e pertenceu a Real Junta do Protomedicato. No entanto, o País que o viu nascer, crescer, estudar, dar aulas e salvar vidas, votou-o quase ao esquecimento, não compreendendo que estudar a sua obra é fazer uma viagem histórica pelo estado da ciência, da cultura e da mentalidade portuguesa da época.

O movimento intelectual, filosófico, literário e cultural conhecido como Iluminismo, ou Ilustração, chegou a Portugal como a tantos outros países da Europa. Mas falar abertamente de progresso, da valorização da razão, da liberdade de pensamento, do direito à felicidade, da igualdade perante a lei, da separação dos poderes (legislativo, executivo, judicial), e da tolerância, não seria tarefa fácil para os nossos antepassados e consideramos, face ao exposto anteriormente, que a culpa não pode ser atribuída exclusivamente aos Jesuítas e à Inquisição e mesmo sobre esta última importa tomar em

---

<sup>194</sup> Cf. Maximiano de Lemos, “Amigos de Ribeiro Sanches”, *Estudos de História da Medicina Peninsular*, Porto, Typ. Enciclopédia Portuguesa, 1916, p.303.

<sup>195</sup> Botânico e zoólogo sueco, nasceu em 1707, em Rashult, e morreu em 1778, em Uppsala. Elaborou uma nomenclatura binominal (géneros e espécies).

<sup>196</sup> Cf. Innocencio Francisco da Silva no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo VI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, p. 13 indica que havia dúvidas quanto ao ano de falecimento de Henriques de Paiva, apontando como data provável 1819. No tomo XVI da mesma obra (9º Suplemento), datado de 1893, afirma como data de falecimento 10 de Março de 1829.



devida nota as palavras de José Pedro Paiva que afirma que “por paradoxal que possa parecer, as reformas pombalinas da Inquisição, ao darem-lhe o apoio da Coroa e ao ajustarem os seus procedimentos face às críticas que ecoavam da Europa culta, foram o fôlego suplementar de que carecia uma instituição que dava mostras de estar debilitada e era duramente criticada externa e internamente”<sup>197</sup>.

Estamos convictos que alguns portugueses - que os historiadores não permitem esquecer - podem estar representados lado a lado com Voltaire, Rousseau, Montesquieu ou outras figuras de referência do iluminismo europeu, pois perante os condicionalismos à época, em Portugal, lutaram no seu país ou no estrangeiro pela defesa dos seus ideais.



Fig. VII - Portugueses e estrangeiros ilustres

Fonte: da Mestranda

<sup>197</sup> Cf. José Pedro Paiva, “Sob a Tutela do Marquês de Pombal”, *História da Inquisição Portuguesa 1536 - 1821*. Dir. Giuseppe Marcocci, José Pedro Paiva, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2013, pp. 356-357.

---

**SEGUNDA PARTE – CONTEXTO ESCOLAR:  
LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE  
ALCOCHETE, DA ESCOLA, DA TURMA E DO  
PROFESSOR COOPERANTE**

---

*Continua a ser importante repensar a democratização do ensino, inscrevendo-a,  
simultaneamente, nos nossos ideais educativos.*

Joaquim Pintassilgo<sup>198</sup>

---

<sup>198</sup> Cf. Joaquim Pintassilgo, “Construção histórica da noção de democratização do ensino. O contributo do pensamento pedagógico português”, in M. M. Vieira, J. Pintassilgo e B. P. Melo (orgs.), *Democratização Escolar: Intenções e Apropriações*, Lisboa, Centro de Investigação em Educação da FCUL, 2003, pp. 119.

## 1. Alcochete: Localização e caracterização



Imagem I - Ortofotomapa da localização de Alcochete e da Escola El Rei D. Manuel I

Fonte: <http://www.google.pt>

De acordo com Fernando Machado e António Costa “as transformações espaciais, demográficas e socioprofissionais ocorridas na sociedade portuguesa ao longo das últimas décadas alteraram de tal modo a configuração do país [...] que se pode falar, com propriedade, de mudança estrutural”<sup>199</sup>. Destacam-se na recomposição da estrutura social portuguesa, entre outras, a litoralização, a urbanização, as dinâmicas demográficas, a terciarização do emprego e a comparação dos níveis de escolaridade das gerações actuais com os das que lhe são imediatamente anteriores<sup>200</sup>. Por todos estes factos considerámos importante proceder a uma caracterização mais detalhada de Alcochete, para se compreender a dinâmica da turma onde decorreu a nossa prática de ensino supervisionada.

---

<sup>199</sup> Cf. Fernando Luís Machado e António Firmino da Costa, “Processos de uma modernidade inacabada: mudanças estruturais e mobilidade social”, in José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?* Oeiras, Celta Editora, 1998, p.17.

<sup>200</sup> Idem, *ibidem*, p. 42.



Imagem II – Localização de Alcochete  
Fonte: Google Earth e <http://www.worldmapfinder.com><sup>8</sup> (adaptada)

Alcochete é um dos treze concelhos que constituem o distrito de Setúbal. Detentor de uma localização privilegiada na Área Metropolitana de Lisboa, situa-se na margem esquerda do estuário do Tejo, usufruindo de uma extensa frente ribeirinha. É sede do concelho com o mesmo nome, sendo composto por três freguesias: Alcochete, Samouco e São Francisco. Corresponde-lhe uma área de 128,5 km<sup>2</sup> <sup>201</sup>; a distância a Setúbal, capital de distrito, é de 29 km e a Lisboa é de 30 km. O seu sistema urbano é constituído por 5 centros: Alcochete, Samouco, S. Francisco, Fonte da Senhora e Passil.

No que concerne à demografia e às condições económicas e sociais, importa referir que Alcochete foi, de acordo com os censos de 2001, o 3º concelho da Península de Setúbal com maior crescimento populacional entre 1991 e 2001; tendo à data uma população de cerca de 13 mil habitantes. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística<sup>202</sup>, em 2004 Alcochete apresentou a taxa de natalidade mais elevada da sub-região 14,8 %, já em 2008 esse valor tinha decrescido, sendo de 13,3 %, em 2001 apresentava a 3ª taxa de analfabetismo (10,1%) mais elevada da Península de Setúbal<sup>203</sup>.

<sup>201</sup> Com a publicação no Diário da República I Série de 28 de Janeiro de 2005, o território concelhio aumentou, passando de 94,49 Km<sup>2</sup> para 128,50 Km<sup>2</sup>.

<sup>202</sup> Cf. Dados gerais do Concelho de Alcochete em WWW: <URL: [http://www.cm-alcochete.pt/NR/rdonlyres/A112BFC0-F432-4E28-A7B4-C6D874A34BA3/0/Dados\\_Gerais\\_2011.pdf](http://www.cm-alcochete.pt/NR/rdonlyres/A112BFC0-F432-4E28-A7B4-C6D874A34BA3/0/Dados_Gerais_2011.pdf)>. [consult. 09/02/2013].

<sup>203</sup> Cf. Condições económicas e sociais | Demografia em WWW: <URL: [http://www.cm-alcochete.pt/NR/rdonlyres/FEC43655-E27A-44C5-88D4-08F17B93FF85/1756/pdm\\_alcochete.pdf](http://www.cm-alcochete.pt/NR/rdonlyres/FEC43655-E27A-44C5-88D4-08F17B93FF85/1756/pdm_alcochete.pdf)>. [consult. 09/02/2013].



A melhoria generalizada das acessibilidades, a construção da Ponte Vasco da Gama, bem como a oferta de bens e serviços, contribuíram fortemente para esta dinâmica demográfica. Na análise dos resultados dos Censos 2011, Alcochete encontra-se entre os três locais que apresentaram maiores aumentos da densidade populacional, o que corresponde a mais 35%. Actualmente, o número de habitantes é de 17.565, dos quais 14.54% têm mais de 65 anos e 18.97% são crianças ou adolescentes. Uma estrutura demográfica que pode ser melhor compreendida se considerarmos que residem em Alcochete 100 jovens por cada 76 idosos<sup>204</sup>. Era, de acordo com dados fornecidos pelo INE em 2006 e pela Pordata em 2012, o concelho da Península de Setúbal em que os empregados por conta de outrem usufruíam um melhor salário, como se pode comprovar no gráfico seguinte<sup>205</sup>.

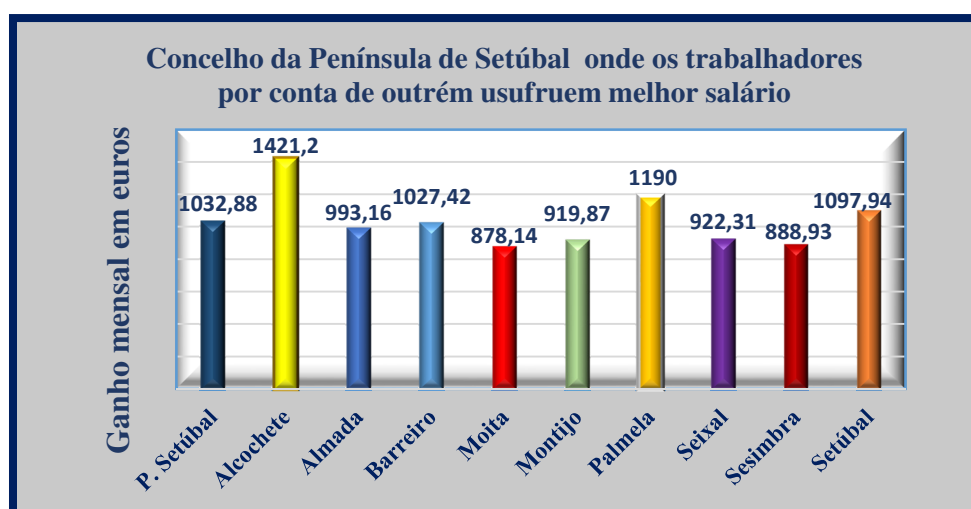


Gráfico I – Ganho médio mensal dos trabalhadores por conta de outrem  
Fonte: INE e Pordata, 2012 (adaptado)

A intensidade no sector terciário deve-se em grande parte à existência de uma área bruta arrendável de 75.000 m<sup>2</sup> onde se localiza o *Freeport*, bem como à Academia do Sporting Clube de Portugal, um lugar com cerca de 250.000m<sup>2</sup> enquadrado numa área de paisagem protegida com enorme qualidade ambiental que trouxe emprego a muitos alcochetanos. O aumento demográfico já atrás mencionado resultou também num

<sup>204</sup> Cf. Dados gerais do concelho de Alcochete disponíveis em WWW:

<URL:[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=150036667&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=150036667&PUBLICACOESmodo=2)>. [consult. 09/02/2013].

<sup>205</sup> Cf. Pordata, disponível em WWW:

<URL:<http://www.pordata.pt/Municipios/Ganho+medio+mensal+dos+trabalhadores+por+conta+de+outrem+total+e+por+sexo-282>>. [consult. 09/02/2013].

crescimento do poder de compra das pessoas que escolheram Alcochete para viver. Importa referir que no sector primário a exploração de salinas ainda constitui uma parcela de importância assinalável.

Em relação à sua História, sabemos que a ocupação humana do concelho remonta ao Paleolítico inferior, como se pode comprovar pelas várias estações arqueológicas ainda existentes<sup>206</sup>. Entre os séculos I e V. d. C., alguns romanos fizeram das terras deste concelho a sua casa, tendo depois chegado os Visigodos, sendo expectável que os árabes também aqui tivessem permanecido<sup>207</sup>. Com a Reconquista, Alcochete passou a integrar a área denominada por Ordem de Santiago, de Riba Tejo. Em Sabonha, na actual freguesia de São Francisco, foi mandada construir, em 1252 por ordem do Bispo de Lisboa, a Igreja de Santa Maria, da qual não restam quaisquer vestígios; sabemos, no entanto, que no mesmo lugar, em 1572, foi erigido um convento franciscano, do qual actualmente resta apenas o pórtico monumental.

Durante o séc. XV Alcochete foi um dos principais locais de repouso da corte de D. João I. O Infante D. Fernando escolheu-a para aí residir, e foi também o local onde em 31 de Maio de 1469 nasceu o seu filho Manuel, aquele que viria a ser o Venturoso rei de Portugal. D. Manuel I viria a conceder foral à sua terra natal, em 17 de Janeiro de 1515.



Fig. VIII - D. Manuel I

Fonte: <http://purl.pt/4157/3/>



Fig. IX - Carta de Foral

Fonte: <http://www.cm-alcochete.pt>

<sup>206</sup> Uma das principais jazidas pré-históricas está localizada sob a estação de serviço da Ponte Vasco da Gama. Na escavação arqueológica, foram recolhidos aproximadamente 8500 artefactos líticos.

<sup>207</sup> Alcochete foi provavelmente fundada por Abdelarir-Ben-Musa no ano 714 d.C. Frei João de Sousa, em vestígios da língua Árábica em Portugal, diz que o nome Alcochete provém da palavra composta “Alcaxete”, “Alca-xête”, cujo significado à letra é “achada da ovelha”, que significaria descampado ou terra baixa e plana onde pastavam ovelhas.

No aspecto económico, o concelho conheceu nos séculos XVI e XVII um significativo desenvolvimento, motivado por uma crescente produção de sal, gerando assinalável acréscimo populacional. Alcochete foi predominantemente rural até meados do séc. XX, mas a renovada produção de sal, a criação do maior centro de secagem de bacalhau do país (graças ao clima e à excelente localização), a instalação da fábrica de pneus *Firestone*, à qual se seguiu a instalação de outras unidades de processamento de cortiça e de alumínio, vieram dar uma forte dinâmica industrial ao concelho.

Com a construção da Ponte Vasco da Gama, o concelho de Alcochete voltou a ser alvo de investimentos, retomando o desenvolvimento económico que tinha abrandado com o encerramento das referidas unidades industriais. De assinalar que a oferta de bens e serviços contribuíram fortemente para a dinâmica demográfica, tendo Alcochete ganho uma nova centralidade na Área Metropolitana de Lisboa.

Como sabemos, o clima e a qualidade do ar têm influência nos componentes bióticos e abióticos de determinado local e interferem na escolha e sedentarização da população. Segundo a classificação climática de Köppen-Geiger o concelho de Alcochete insere-se numa zona de clima mediterrâneo temperado húmido. Na primavera e no outono as temperaturas são amenas, o verão é seco e quente e o inverno é caracterizado por algum índice de precipitação. Quanto ao nível de emissões de CO<sub>2</sub>, Alcochete é o concelho da margem sul que apresenta o valor mais baixo<sup>208</sup>.

Hoje, Alcochete é um concelho moderno mas que mantém e preserva a sua identidade histórica e valoriza as diversas tradições de cariz religioso e tauromáquico. Destacam-se as Festas do Barrete Verde e das Salinas, onde o forcado, o campino e o salineiro são figuras de referência.

---

<sup>208</sup>Informação disponível em WWW:

<URL:<http://www.senergia.pt/images/upload/File/Matriz/MatrizSenergia.pdf>>. [consult. 09/02/2013].



## **2. Caracterização da escola**



Imagem III – Fotografias da Escola El-Rei D. Manuel I

Fonte: da Mestranda - Fonte: <http://schooldemocracy.edublogs.org/files/2009/01/pict00701.jpg>

Não é nossa pretensão fazer uma apresentação minuciosa da Escola EB 2,3 El-Rei D. Manuel I de Alcochete, que actualmente já não é sede do Agrupamento Vertical de Escolas, nem tão pouco do seu projecto Educativo (que está a ser estruturado de raiz) e que devia ser um instrumento fundamental para a progressiva construção de uma identidade própria do agrupamento. Julgamos mais pertinente informar que, face à imposição do Ministério da Educação e Ciência da criação de mega agrupamentos, a Escola El Rei D. Manuel I e a Escola Secundária de Alcochete constituem, desde o presente ano lectivo, um só agrupamento, com aproximadamente 2834 alunos.

A impossibilidade de acedermos aos dados actualizados (ano escolar 2011/2012) sobre o número de alunos e de turmas que comporta a Escola El- Rei D. Manuel I foi colmatada graças à ajuda dos professores cooperantes, que disponibilizaram a informação pedida, acrescida do número total de professores que é actualmente de 173 dos quais 50% fazem parte do quadro de nomeação definitiva. Os dados sobre a distribuição de alunos por turma encontram-se na tabela da página seguinte.

<b>Distribuição de alunos por turma</b>	<b>5º Ano</b>	<b>6º Ano</b>	<b>7º Ano</b>	<b>8º Ano</b>	<b>9º Ano</b>
Nº Total de alunos	<b>218</b>	<b>253</b>	<b>180</b>	<b>136</b>	<b>213</b>
Nº Total de turmas	9	10	8	6	9
Nº de Turmas <18 alunos	0	0	0	0	1
Nº de Turmas com 18 a 23 alunos	3	3	5	3	3
Nº de Turmas com 24 a 28 alunos	6	7	3	3	5
Nº de Turmas com + de 28 alunos	0	0	0	0	0
Nº Total de alunos com NEE	8	4	10	6	10
Nº Total de turmas com alunos NEE	4	3	6	3	3
Nº Total de alunos com Ed. Moral e Religiosa	159	211	149	86	103
<b>Total de alunos</b>					<b>1000</b>

Tabela IV – Distribuição de alunos por turma

Fonte: Professores cooperantes (adaptado)

Para o Ministério da Educação e Ciência, os novos agrupamentos permitem reforçar o projecto educativo e a qualidade pedagógica das escolas, através da articulação dos diversos níveis de ensino, do pré-escolar ao secundário, possibilitando que os alunos realizem todo o seu percurso escolar no âmbito de um mesmo projecto educativo, se assim o desejarem, facilitando o trabalho dos professores, que podem contar com o apoio de colegas de outros níveis de ensino, e ajudando a superar o isolamento de algumas escolas, permitindo também racionalizar a gestão dos recursos humanos e materiais das escolas, dando-lhes o melhor aproveitamento possível<sup>209</sup>.

A Escola El-Rei D. Manuel I é formada por quatro blocos (A, B, C e D), contendo diversas salas de aula. Algumas possuem instalações próprias para as disciplinas de carácter artístico, laboratorial e tecnológico, designadamente três salas de Educação Visual e Tecnológica, duas salas de Educação Visual, um laboratório de Físico-Química, um laboratório de Ciências e duas salas TIC. Possui ainda um bloco polivalente, que comporta o Gabinete da Direcção, Secretaria, PBX, SASE, Papelaria, Reprografia, Refeitório, Bar, Associação de Estudantes, Associação de Pais, Sala de Professores, Centro de Recursos e Biblioteca, Sala dos Directores de Turma, Sala de Música, Sala da Rádio, WC dos Alunos e Gabinete Médico e arrecadação de produtos de limpeza e de papelaria. Dispõe ainda de um pavilhão Polidesportivo, um parque desportivo e um espaço exterior, com portaria. Existem ainda dois contentores que funcionam como sala de aulas.

<sup>209</sup> Disponível em WWW: <URL: <http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia/mantenha-se-atualizado/20120703-mec-agrupamentos-escolas.aspx>>. [consult. 09/02/2013].

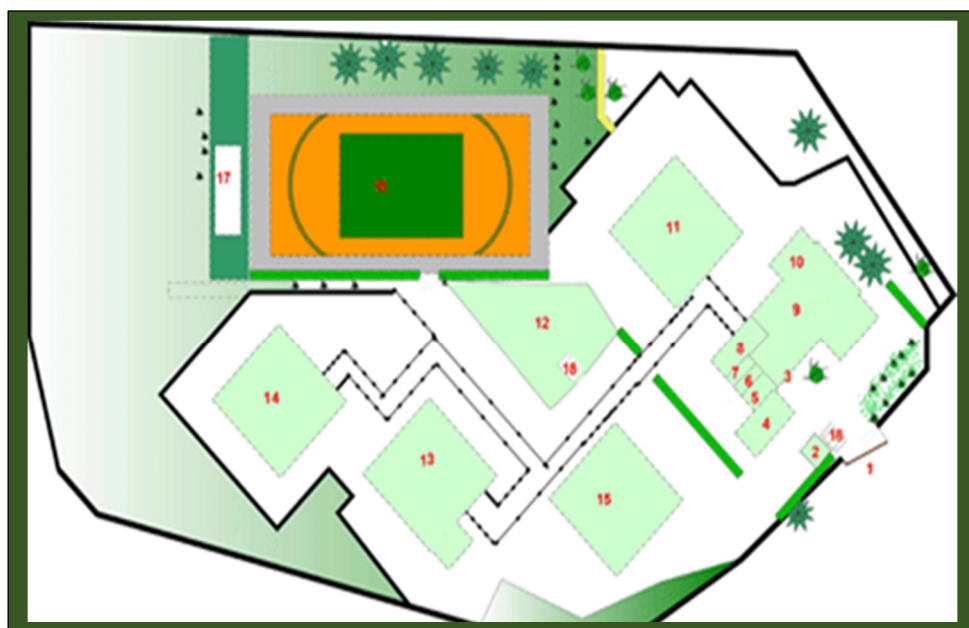


Fig. X - Instalações da Escola E. B. 2,3 El Rei D. Manuel I

Fonte: <http://www.avealcochete.pt/instalacoes.php>

## **2.1. A urgência de obras de modernização**

Nas várias visitas, efectuadas ao longo de dois anos, constatámos que a escola precisa com urgência de obras de modernização, pois a sua concepção arquitectónica modelo de área aberta, muito em moda nos países escandinavos nas últimas décadas do século XX, com menos divisões entre as salas, e cujas paredes são suportadas por enormes janelas, para o exterior, é desactualizada e fora do contexto português. Se as janelas são um factor distractor, a excessiva luminosidade e calor dos dias quentes, ou o frio dos dias de Inverno, em nada contribuem para um adequado processo de ensino-aprendizagem. Na verdade, alguns obstáculos podem ser vencidos, por exemplo: para uma melhor visualização dos slides constroem-se os mesmos sobre um fundo escuro e a compra de umas pequenas colunas de som permite a apresentação de filmes em melhores condições acústicas, mas contra as condições do espaço físico como pode o professor lutar?

Como já referimos algumas aulas são leccionadas em contentores, em virtude de a escola funcionar 50% acima da sua capacidade. A insuficiência de espaço é notória, com salas com espaço exíguo para o número de alunos que cada turma comporta, obrigando alguns estudantes a sentarem-se “colados” ao quadro didáctico e impedindo a livre

circulação do professor. Outra particularidade digna de nota negativa é que o professor para chegar à sua sala de aula, habitualmente, tem que invadir as aulas de outros docentes.



Imagem IV – Fotografias das salas de aula

Fonte: da Mestranda

### **Corredor de acesso às outras salas de aula**

A ligação entre os diversos blocos é feita no exterior por galerias cobertas na parte superior com placas de fibrocimento, material que contém amianto, um elemento cancerígeno muito perigoso para a saúde. Com a criação do mega agrupamento e com o momento particularmente difícil que o país atravessa tememos que as obras de requalificação que a escola El-Rei D. Manuel I, construída em 1984, tanto necessita, e tantas vezes foi pedida aos órgãos competentes, visando a construção de um espaço acolhedor para os alunos, bem como a construção de um espaço central e funcional, onde os professores pudessem fazer o planeamento e preparação de aulas, a avaliação do trabalho dos alunos, levar a cabo práticas de trabalho colaborativo e descontraír nos intervalos entre aulas, não se vislumbrem nos tempos mais próximos.

## **2.2. A escola, que futuro?**

As mudanças em educação, como refere Jean Manuel Escudero, “no sólo son necesarios sino al tiempo inevitables, deben ser entendidos y afrontados como la expresión de un compromiso decidido y sostenido en el tiempo con el “propósito moral y social” de

la educación”<sup>210</sup>; no entanto, através dos contactos que temos mantido com os professores cooperantes e com outros professores dos diversos departamentos, percebemos que a fusão num só agrupamento não visa a reestruturação da rede escolar em Alcochete, já que a decisão assenta em objectivos de natureza financeira que afectarão de forma irreparável a tranquilidade e a estabilidade desejáveis para a construção de projectos educativos viáveis e promotores do sucesso educativo.

A autonomia construída desde 2007 na escola El-Rei D. Manuel I, que corresponde ao que João Barroso denomina de “jogo de dependências e interdependências que os membros de uma organização estabelecem entre si, bem como com o meio envolvente, o que permite estruturar a sua acção organizada em torno de objectivos próprios coletivamente assumidos”<sup>211</sup> é agora (face às novas linhas orientadoras do Ministério da Educação e Ciência) posta em causa, sendo necessário voltar a construir uma nova cultura organizacional, fulcral na vida das organizações escolares, mas que resulta das complexas relações e interconexões entre a estrutura e a acção organizacional e que leva muito tempo a ser construída e consolidada.

Da nossa vivência na escola, pudemos constatar que também os professores não encontram vantagens na criação destas novas unidades orgânicas, temendo que a racionalização e gestão dos recursos humanos e materiais das escolas signifiquem menos recursos para os professores e para os alunos.

Face ao exposto, compreende-se que a escola viva actualmente um vazio legal, difícil de suportar. O Departamento Curricular, estrutura de coordenação e supervisão pedagógica que desempenhava funções específicas de articulação e gestão curricular, também sofreu reestruturação. Do departamento fazem parte, agora, todos os docentes do grupo de recrutamento que o integram, ou seja, da Escola secundária e da Escola El-Rei D. Manuel I. Planificar e adequar a aplicação dos planos de estudo estabelecidos ao nível nacional à realidade do Agrupamento; elaborar o seu plano anual de actividades; propor ao conselho pedagógico os critérios de avaliação específicos do departamento; elaborar propostas curriculares diversificadas, em função da especificidade de grupos de alunos; optar ou não pela adopção de manuais escolares, está dependente da vontade de pessoas que não fizeram parte da cultura organizacional desta escola.

---

<sup>210</sup> Cf. Juan Manuel Escudero. "Prólogo", in M. Fullan: *Los nuevos significados del cambio en educación*. Barcelona, Octaedro, 2002, p.17.

<sup>211</sup> Cf. João Barroso, *Autonomia e Gestão das Escolas*, Lisboa, Ministério da Educação, 1996, p.20.



Em relação aos critérios de avaliação já anteriormente referidos, o professor cooperante de História mostrou-se desagradoado com esta alteração, pois como desempenha na escola a função de instrutor de processos disciplinares - processo altamente burocrático, que visa aplicar medidas correctivas e disciplinares sancionatórias dissuasoras e de integração, visando de forma sustentada o cumprimento dos deveres do aluno - sabe que as competências sociais são fulcrais para a plena integração dos jovens no espaço escolar, evitando a indisciplina e o abandono escolar.

Da conversa que mantivemos com alguns professores, a indisciplina torna difícil um clima propício ao ensino e à aprendizagem. Embora não seja um problema sistemático, dada a sua ocorrência esporádica, verificou-se em diversos estudos realizados em Portugal, do qual destacamos o de Feliciano Veiga, que a indisciplina é a principal causa de insatisfação e stresse na profissão docente “sobretudo nos professores mais jovens e durante os primeiros dez anos de actividade profissional”<sup>212</sup>.

Importa referir que a Escola El Rei D. Manuel I não é um espaço fechado. A mostra de trabalhos desenvolvidos nos clubes e projectos como: Teatro, Música, Activo e Saudável, Protecção Civil, Sabor e Mundo, Oficina do Livro, Desporto escolar, Natação, Voleibol, Futsal, Andebol, *Badminton*, Tecnologia, Robótica e Oficina de BD ilustram bem os múltiplos fios condutores que ligam a escola à comunidade exterior.



Imagem V - Mostra de trabalhos

Fonte: da Mestranda

<sup>212</sup> Cf. Feliciano Veiga, *Indisciplina e violência na escola: práticas comunicacionais para professores e pais*, 3ª Ed., Coimbra, Almedina, 2007, p. 9.

### 2.3. Caracterização da turma do 8º C

Segundo Leandro S. Almeida, numa escola que se pretende inclusiva o conhecimento das características dos alunos apresenta-se como uma condição necessária na construção de projectos educativos próprios, capazes de responder às características e necessidades dos jovens<sup>213</sup>.

Para um melhor conhecimento da turma, pedimos ao professor cooperante a caracterização da turma do 8º C. Da sua análise, destacamos que no início do ano esta era constituída por 26 alunos (actualmente 25, devido à mudança de residência de um aluno).



Gráfico II – Número de alunos por género

Fonte: Escola (adaptado)



Gráfico III – Idade dos alunos

Fonte: Escola (adaptado)

Em termos etários, a turma revela-se bastante heterogénea; no início do ano lectivo as idades dos alunos oscilavam entre os 13 e os 17 anos. No aspecto psicopedagógico, trata-se de uma turma normal que apresenta um grupo restrito de alunos acima da média, incorporando dois alunos com necessidades educativas especiais; um dos casos por défice cognitivo pois embora o aluno responda oralmente às questões, na leitura de textos nota-se fraca consciência fonológica, lentidão e imprecisão no reconhecimento de palavras. Infelizmente na semana do Natal sofreu um duro golpe, já que a sua mãe, vítima de doença prolongada faleceu. O outro aluno apresenta problemas do foro comportamental, estando a ser medicado para controlar a agressividade é um adolescente com uma notória baixa

<sup>213</sup> Cf. Leandro S. Almeida et al, “Sucesso e insucesso no ensino básico: relevância de variáveis sociofamiliares e escolares”, Actas do VIII Congresso Galaico Português de Psicopedagogia, Braga, Universidade do Minho, 14 - 16 Setembro 2005, p.3632. Disponível WWW: <URL: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4206/1/433.pdf>>. [consult. 09/02/2013].

auto-estima, exibindo sempre um semblante triste e carregado. Nas aulas a que assistimos, vimos por diversas vezes o professor cooperante dirigir-lhe palavras de incentivo, e nas aulas por nós leccionadas tentámos sempre integrá-lo na turma, colocando-lhe questões sobre os conteúdos leccionados, elogiando as suas respostas e incentivando-o a estudar. Nunca foi indelicado, pedindo-nos até com muita gentileza os pequenos dossiês que fomos construindo e dado aos alunos e que – por ele faltar com muita frequência - não possuía, o que demonstra alguma vontade de aprender. Estes dois alunos gozam de um estatuto que lhes permite realizar as fichas de trabalho e os testes com o apoio de um professor do ensino especial, mas fora do contexto da sala de aula.

De referir que todos os alunos estão habituados, na disciplina de História, a um trabalho didáctico alicerçado em actividades pedagógicas que lhes permite a permanente construção e reconstrução do saber, do saber fazer e do saber ser, e os resultados são francamente positivos. Verificámos que no final do primeiro período o Luís se destacou com a melhor nota, logo seguido por nove alunos que tiveram boas prestações. Onze alunos ficaram no limite e registámos ainda 4 negativas, duas delas por manifesta desmotivação e falta de estudo.

No contacto que mantivemos com a turma, reconhecemos que a maioria dos alunos são bastante faladores e participativos, mas não sendo de todo alunos indisciplinados. Na generalidade, e como é comprovado no gráfico seguinte, o sentimento em relação à escola é francamente positivo e em relação ao futuro apresentam altas expectativas, já que a grande maioria pretende concluir uma formação superior.

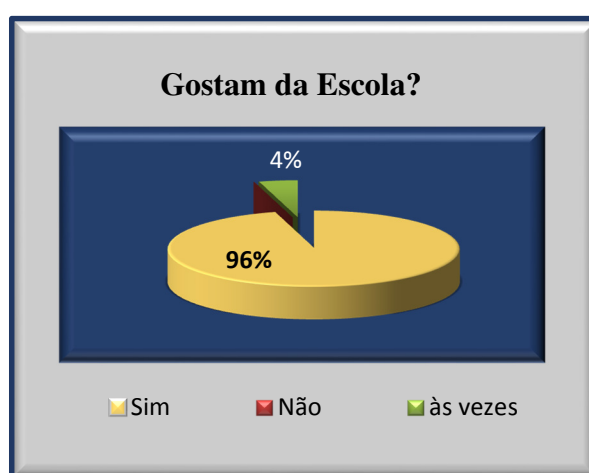


Gráfico IV - Sentimento em relação à escola

Fonte: Escola (adaptado)



Alguns alunos apresentam bons hábitos de estudo, mas alertamos para o facto de que os dados apresentados não correspondem à totalidade dos alunos, pois nem todos responderam ao inquérito.



Gráfico V – Tempo diário dedicado ao estudo

Fonte: Escola (adaptado)

É interessante verificar que a disciplina de que os alunos mais gostam - para além da Educação Física - é a Língua Francesa. Lamentavelmente, a História não apresenta nenhum resultado positivo no que se refere às preferências disciplinares.

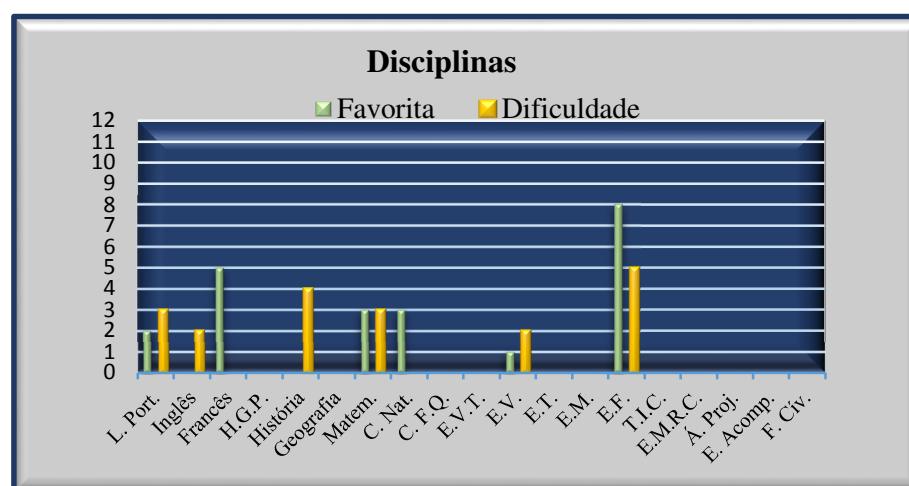


Gráfico VI - Identificação das disciplinas preferidas

Fonte: Escola (adaptado)

Na análise que fizemos da situação socio cultural dos alunos, considerámos diversas variáveis, das quais destacamos o nível académico e a situação profissional e

económica dos pais, bem como a estrutura familiar. Quanto ao núcleo familiar, verifica-se que a maioria dos alunos vive com o agregado familiar original, composto maioritariamente por quatro pessoas, e dispõe de um espaço próprio para estudar (quarto, sala ou escritório).

No que concerne ao nível académico, só um dos Encarregados de Educação e/ou pais, tem habitações que correspondem ao 1º ciclo, quatro ao 2º ciclo, oito ao 3º ciclo do ensino Básico, 10 ao ensino Secundário e 20 possuem um curso do Ensino Superior. Esta situação tem natural reflexo na estrutura profissional dos Encarregados de Educação, em que predominam os (as) empregados (as) de serviços de nível médio alto, normalmente ligados (as) empresas da Grande Lisboa. Na análise da caracterização da turma verificamos que duas pessoas não exercem qualquer actividade profissional, três dos pais encontram-se actualmente desempregados (de agregados familiares diferentes), sete são contratados a prazo e os restantes estão efectivos.

Ao longo do segundo período fomos percebendo, pelas conversas que mantivemos com os alunos, que alguns discentes frequentavam centros de explicações e que à noite os pais mantinham uma vigilância apertada, verificando os cadernos escolares e confirmando se os filhos tinham realizado os trabalhos das diferentes disciplinas. Essa exigência que devia e deve ser encarada como benéfica, teve repercussões negativas para uma aluna, já que a mãe propôs-se fazer apontamentos de todos os conteúdos programáticos e obrigar a filha a estudar por estes, não considerando usar para a elaboração dos mesmos nem o manual didáctico nem os apontamentos de aula, nem um autor de referência. A confusão foi total com a aluna, em aula, a ter um desempenho acima da média e nos trabalhos realizados em casa a obter resultados muito abaixo dos espectáveis. Como podemos constatar, durante o segundo período, a mãe continuou indiferente às opiniões dos docentes e ao estado de ansiedade da sua filha, mantendo a mesma atitude.

## **2.4. A sala de aula**

Agora que apresentámos a escola e caracterizámos a turma, lembramos que um aspecto muito importante no processo de ensino aprendizagem é a sala de aula. Ela é o cérebro e o coração da escola, pois aí se realizam as funções vitais do ensino e da aprendizagem. Independentemente do número de alunos, dos recursos materiais, do ambiente hostil e das enormes limitações com que alguns professores trabalham, ela deve

ser o lugar de partilha de ideias, de trocas de experiências e de construção de novos saberes<sup>214</sup>.

O trabalho de grupo, tarefa agradável e produtiva, é um meio muito eficaz para o professor de História conseguir que os alunos pratiquem, em contexto de sala de aula, ou mesmo fora dela, uma investigação em torno dos temas propostos ou sugeridos. Recordamos que no século XX, Lev Vygotsky, Piaget, Bruner e Paulo Freire, atribuíam um papel preponderante às relações interpessoais no processo de aquisição do conhecimento. Tese reforçada por Miguel Monteiro, ao recordar que Freinet apostava na metodologia de grupo, extravasando o conceito de sala de aula para o exterior com a finalidade de aproximar o aluno da sociedade e da própria natureza. De acordo com o autor em apreço, o sentido socializante das propostas de Freinet visava sobretudo aproximar a escola do meio envolvente<sup>215</sup>.

## **2.5. O professor cooperante**

Eurico Sequeira é licenciado pela FLUL e profissionalizado no primeiro biénio no ramo educacional da mesma faculdade. Tem 51 anos de idade e 24 de serviço. É professor do Quadro de Agrupamento há 21 anos. Desempenha funções no secretariado de exames e é também, instrutor de processos disciplinares e co-autor de um manual escolar do 5ºano de História e Geografia de Portugal.

Tem trabalhado, ao longo dos anos, na construção de várias reconstituições históricas, apresentadas por alunos e professores à comunidade alcochetana, das quais destacamos a feira medieval de 2009, cujas imagens apresentamos no pequeno filme intitulado Sentir e Viver Alcochete<sup>216</sup>.

---

<sup>214</sup> Cf. João Batista Araújo Oliveira e Clifton Chadwick. *Aprender e Ensinar*. São Paulo, Global, 2001, pp.299-365.

<sup>215</sup> Cf. Miguel Monteiro, *O Ensino da História numa Escola em Transformação*, Lisboa, Plátano Edições Técnicas, 2001, p. 52.

<sup>216</sup> O filme faz parte de um trabalho de grupo apresentado no seminário de Didáctica das Ciências Sociais e resulta da ligação de várias imagens, sobre Alcochete, disponíveis no *You Tube* as quais foram acrescidas de outras imagens, de legenda e fundo musical. Encontra-se disponível para visualização no verso da contra capa deste relatório.



Fig. XI – Viver e Sentir Alcochete

Fonte: da Mestranda

As práticas pedagógicas observadas nas diversas aulas a que assistimos revelaram-se fulcrais para uma melhor compreensão do processo ensino-aprendizagem e, concomitantemente, foram e serão determinantes para um melhor desempenho desta profissão que pretendemos abraçar. Nunca percepcionámos, face aos desafios actuais que põem em causa as funções e o papel do professor, algum tipo de cansaço ou de sentimento negativo face à escola ou aos alunos; aliás, das experiências vivenciadas na escola e em sala de aula reconhecemos uma preocupação em formar cidadãos responsáveis, constituindo as relações afectivas entre o professor cooperante e os seus alunos, uma das características que merecem realce. A satisfação que sentimos ao observar esses afectos é indescritível e fez-nos acreditar que o futuro ainda é possível.

Nunca será demais recordar a total disponibilidade do professor cooperante em realizar um trabalho numa perspectiva inter, trans e multidisciplinar, por promover um diálogo reflexivo e por nos ensinar a ensinar.

Da parte do professor cooperante Eurico Sequeira, encontrámos um apoio incondicional, nunca nos colocando entraves, nem à forma de leccionar as unidades didácticas, nem quanto aos recursos a utilizar. As fichas de trabalho, os testes e as planificações apresentadas foram sempre aceites, sem qualquer reparo. Para nós, foi muito gratificante ouvi-lo dizer que gostou da dinâmica das aulas, dos recursos apresentados e da ligação afectiva que uniu, alunos, professor cooperante e professora em formação.

---

**TERCEIRA PARTE – UNIDADE DIDÁCTICA:  
PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA,  
ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO PEDAGÓGICO-  
DIDÁCTICA**

---

*Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca,  
não aprendo nem ensino.*

Paulo Freire<sup>217</sup>

---

<sup>217</sup> Cf. Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo , 29ª ed., Paz e Terra, 1996, p.95.

## **1. As reuniões**

De acordo com o Despacho n.º 8322/2011, publicado no Diário da República, 2.<sup>a</sup> série - N.º 115 - 16 de Junho de 2011, a qualificação profissional para a docência dá especial valor à área de iniciação à prática profissional, consagrando a prática de ensino supervisionada como o momento privilegiado e insubstituível de aplicação dos conhecimentos, capacidades, competências e atitudes ao contexto real das situações concretas da sala de aula, da escola e da comunidade escolar. Recordamos que no ano lectivo anterior os professores cooperantes de História e Geografia supervisionaram-nos nas vertentes científica e técnica, bem como na construção e desenvolvimento de competências necessárias ao desempenho da docência. Deram-nos a conhecer as turmas mais profundamente e a forma como ensinam; essa partilha da prática e da teórica revelou-se fulcral para a construção do projecto de aula que este ano desenvolvemos.

Importa referir que nas aulas a que assistimos nunca verificámos as tão faladas práticas estereotipadas, rotineiras e uniformes que os professores com mais de 20 anos de experiência lectiva poderiam possuir. É certo que os dois professores têm práticas pedagógicas diferentes e diversificadas, mas o incorporar das diferentes metodologias resultou em maior conhecimento e reflexividade.

No início de um novo ano lectivo, a 27 de Setembro de 2012, reunimos com o professor cooperante na faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e combinámos nova reunião em Alcochete, para a escolha da turma da unidade temática e do período em que iniciáramos a nossa actividade lectiva. A 12 de Outubro assistimos a uma aula leccionada pelo professor cooperante e estabelecemos o nosso programa de acção. Nas semanas subsequentes assistimos a diversas aulas leccionadas pelo nosso colega de mestrado, Pedro Pereira e pelo professor cooperante. Iniciáramos a nossa prática de ensino supervisionada de História ainda em Novembro, mas por motivos a que somos alheios e que se prendem com a orgânica da escola, fomos informados, a 19 de Dezembro (data que estivemos em Alcochete para uma reunião de direcção de turma), que as nossas aulas só teriam início no final de Janeiro, já que por motivo de falecimento da mãe de um dos alunos com necessidades educativas foi necessário dar algum apoio emocional ao educando, o que atrasou a matéria a leccionar pelo professor cooperante.

## **2. As planificações**

Planificar significa “tornar claro”, apresenta-se fundamental para a promoção de um ensino de qualidade e é um excelente meio auxiliar da prática pedagógica; planificar é organizar o trabalho em função do papel formativo da disciplina. Podemos planificar a longo<sup>218</sup>, a médio<sup>219</sup> ou a curto prazo. Por longo prazo entende-se a planificação anual que deve ser elaborada por todos os professores de História do Departamento de Ciências Sociais e Humanas; a planificação a médio prazo é construída tendo em conta um determinado período lectivo e a de curto prazo corresponde a uma aula ou a um reduzido número de aulas.

Segundo Richard Arends, na planificação a curto prazo esquematiza-se o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizadas para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação<sup>220</sup>. A planificação pode incluir os conteúdos a ensinar, as competências, as metodologias, o tempo, a sequência de aprendizagem, as técnicas de avaliação e os recursos e pode até ser completada com uma reflexão crítica.

Miguel Monteiro lembra que cada professor deve encontrar a sua planificação. No entanto, é fundamental que conheça o programa oficial, o livro adoptado, os recursos que a escola disponibiliza e principalmente deve conhecer muito bem a turma. Também refere que “a planificação é um processo de intenções e não tem carácter rígido, (...). Os alunos estão sempre a surpreender o professor com questões que o fazem modificar ou adaptar o que tinha sido planeado”<sup>221</sup>.

Miguel Zabalza afirma que “elaborar um plano é para cada professor uma situação específica, intransmissível e única” (...) a melhor planificação é aquela que se auto-planifica continuamente, que se auto recria no interior da própria aula”<sup>222</sup>.

O professor, como foi referido durante os seminários do mestrado, deve ter presente que a planificação não é nem poderá ser um processo rígido, devendo a mesma ser alterada e adaptada de acordo com as necessidades dos alunos.

---

<sup>218</sup> A planificação anual comportava diversas páginas, por esse facto a mesma encontra-se disponível em suporte digital.

<sup>219</sup> A planificação a médio prazo está disponível no anexo II, pp.143-148.

<sup>220</sup> Cf. Richard Arends, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 1999, pp.59.

<sup>221</sup> Cf. Miguel Monteiro, *Didáctica da História. Teorização e prática - algumas reflexões*, Lisboa, Plátano, 2001, pp.32-33.

<sup>222</sup> Cf. Miguel Zabalza, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, ed. Asa, Porto, 1994, pp. 24-36.



Concordamos plenamente com todos estes ensinamentos, mas consideramos também imperativo, no caso da História, o uso de uma linguagem específica e comum a todas as planificações. Julgamos ainda que é importante que o professor estabeleça e indique o tempo a distribuir pelas diferentes etapas, sendo com esta planificação que o professor em início de carreira ocupa mais tempo, pois ter a aula bem estruturada e sistematizada constitui uma valiosa ajuda e contribui para a dinâmica do ensino-aprendizagem.

Empenhados em promover aprendizagens de qualidade, muito na linha do que o nosso professor cooperante demonstrou em aula, foi nossa grande preocupação a gestão das diferenças em sala de aula. Conhecer os alunos suscitou-nos dúvidas que ultrapassavam a esfera teórica da normal planificação de aula, pois agora tínhamos que planificar para alunos de que conhecíamos as suas formas de aprendizagem, os seus ritmos, as suas aspirações, etc.

### **3. A visita de estudo: Um percurso científico pedagógico pela Baixa Pombalina**

*Não acredito que haja uma verdade histórica, mas creio que o historiador se deve esforçar por construir uma história verdadeira*

Jacques Le Goff<sup>223</sup>

De acordo com o Artigo 3º da Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei n.º46/1986, de 14 de Outubro, publicada no Diário da República, 1ª Série, nº 237, o sistema educativo organiza-se de forma a:

«Contribuir para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal, através da consciencialização relativamente ao património cultural do povo português [...]; Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania».

No documento da Unesco comumente conhecido por *Relatório Delors* estão elencadas quatro aprendizagens fundamentais que os cidadãos ao longo da vida devem identificar como os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*<sup>224</sup>. A visita de estudo, dado o seu carácter mais

<sup>223</sup> Cf. Jacques Le Goff, *Em busca da Idade Média*, Lisboa, Teorema, 2003, p.176.

<sup>224</sup> Cf. Jacques Delors, “*Os quatro pilares do conhecimento: um tesouro a descobrir*”. *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI*, 9ª edição, Lisboa, Edições Asa, 2005, pp.77-88.

prático, mesmo que restrita ao espaço de aula, permite aproximar alunos e professores, o que logo à partida constitui uma mais-valia pedagógica e formativa. Lembramos que para Miguel Monteiro é importante promover-se “um tipo de ensino mais aberto e humanizado muito importante em termos relacionais”<sup>225</sup>.

Sempre que possível, as visitas de estudo devem ser precedidas de uma pré-visita por parte do(s) docente(s), para que este(s) verifique(m) a exequibilidade da mesma, bem como das tarefas propostas aos alunos no decorrer da visita de estudo. Nesse sentido, achámos pertinente visitar o Museu da Cidade, o bairro da Graça, percorrer por diversas vezes as ruas da baixa pombalina, e sentir o poder do rei absoluto, que tudo domina e que é a figura central dos 36.000 m<sup>2</sup> e dos 86 arcos dessa monumental e grandiosa Praça do Comércio.

Consideramos que a visita de estudo, ainda que virtual, é uma das estratégias do processo ensino-aprendizagem que propicia o desenvolvimento de técnicas de trabalho e a motivação para o estudo e para a investigação e tem como objectivo final a preparação e sensibilização dos conteúdos a leccionar ou o aprofundamento, reforço e consolidação de aprendizagens das unidades curriculares já leccionadas. Por isso, tentámos definir com rigor os objectivos pretendidos e as competências que esperávamos que os alunos desenvolvessem, o que resultou na construção de algumas fichas, umas para orientação do professor e outras para serem inseridas no guião de visita que fornecemos a cada aluno.

É comumente aceite que a Baixa Pombalina, espaço vivo, onde se sente e se respira a cidade, é um marco na história da planificação das cidades do século XVIII, sendo por isso um recurso pedagógico potenciador de competências. Neste sentido, seria expectável que os alunos, ao percorrerem virtualmente esse espaço de tempo e memória, ao descobrirem o traçado geométrico e a toponímia muito ligada às actividades económicas do século XVIII, desenvolvessem competências em História e que esta visita simultaneamente os ajudasse na construção de uma consciência cidadã, pois estamos certos que só conhecendo, respeitando e preservando esse património se pode permitir acreditar que este “organismo vivo” continue a maravilhar as futuras gerações.

---

<sup>225</sup> Cf. Miguel Corrêa Monteiro, *O ensino da História numa escola em transformação*, Lisboa, Plátano Universitária, 2003, p.53.

#### **4. Prática de ensino supervisionada - O caminho faz-se caminhando**

*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa.  
Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.*

Paulo Freire<sup>226</sup>

Souto González define o conceito de unidade didáctica como “uma sequência ordenada de conteúdos, de métodos de aprendizagem e de atitudes escolares relativos a problemas sociais, que ocorrem em lugares concretos”<sup>227</sup>. Na verdade, é uma definição com a qual nos identificamos, por isso a elaboração das aulas implicou sempre um trabalho minucioso e laborioso e enquadrou aspectos muito diversos, como: a leitura e contextualização do programa, a definição dos nossos objectivos e das metas que pretendíamos alcançar, a consulta de obras de referência necessárias à planificação e realização das aulas, a selecção das metodologias, a construção de friso cronológico, das fichas de trabalho, dos testes, do glossário, do mapa conceptual, dos slides e dos filmes, para que o processo de ensino aprendizagem decorresse de forma positiva e estimulante.

O manual escolar foi usado com alguma parcimónia, mas na construção dos slides incluímos informação relevante retirada do mesmo<sup>228</sup>. O envio dos slides foi um obstáculo que tivemos que vencer, pois o professor cooperante não era o director de turma em apreço, e para não ferir susceptibilidades ou tentar ultrapassar a nossa função na escola e na turma, não propusemos a criação de um *email* ou *blog* de turma, estratégia pedagógica eficaz e motivadora. Face ao exposto, distribuímos na nossa primeira aula, a cada aluno, um dossiê que foi sendo preenchido ao longo do período lectivo com cópias dos slides, do glossário, do mapa conceptual, das fichas de trabalho, bem como, de outras actividades que foram realizando.

Tínhamos a pretensão de que as aulas incluíssem momentos diversificados e dinâmicos, de forma a motivar os alunos para aprendizagem da História, momentos esses,

---

<sup>226</sup> Cf. Paulo Freire, *A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam*, São Paulo, Cortez Editora & Autores Associados, 1991, p.29.

<sup>227</sup> Cf. Xosé Souto González, *Didáctica de la Geografía. Problemas sociales y conocimiento del medio*, Barcelona Ediciones del Serbal. 1998, pp. 215 -216.

<sup>228</sup> Algumas páginas do manual escolar estão disponíveis no anexo III, pp.149-156.

que comportariam, por exemplo, a visualização de pequenos excertos de filmes ou a leitura e análise de documentos históricos. Para conhecer um pouco da mentalidade da época e estudar as repercussões do terramoto de 1755, recorreríamos, entre outros documentos, às Memórias Paroquiais, concretamente à da Vila de Alcochete, pois consideramos que trabalhar a dimensão local é bastante motivador para os alunos, pois através dessa leitura os discentes perceberiam como era Alcochete no tempo e no espaço e como era profunda a religiosidade dos seus habitantes, que atribuíam aos seus três oragos, São João Baptista, Nossa Senhora da Vida e Nossa Senhora da Conceição, ainda hoje venerados<sup>229</sup>, o facto de Alcochete não ter, segundo o prior na época Felis Soares da Sylva, sofrido a mínima ruína. Seria este o momento em que poderíamos fazer a ponte da dimensão local com a nacional e europeia e levar os alunos a perceberem qual o valor e peso da religião na sociedade moderna. Importava esclarecer os alunos que umas das grandes marcas da modernidade nacional e europeia foi a regulação institucional do religioso pelo poder político. Porém, no que concerne à secularização era importante que os alunos compreendessem que existiram realidades distintas devido as especificidades culturais, sociais e religiosas das sociedades e que perante os processos de laicização e secularização a religião soube recompor-se e recolocar-se na sociedade, continuando a ser para muitos o seu referencial.

Sabíamos que não seria fácil seguir à risca um plano pré-estabelecido, pois os factores de distração são múltiplos e manter os alunos motivados não é de todo uma tarefa fácil; questionávamo-nos se seria possível que 25 adolescentes interagissem entre si e com a professora durante 50 ou 90 minutos, numa sala de aula.

Para que as aulas decorressem em harmonia, sentimos a necessidade de reforçar algumas regras básicas que o professor cooperante já tinha pré-estabelecido. No primeiro dia, e antes de darmos início à nossa unidade didáctica, elencámos à turma as regras que um aluno responsável deve seguir e que são as seguintes: pontualidade, desactivação e guarda do telemóvel, entrar na sala sem boné nem chapéu; entrar e sair da sala de forma ordenada; se chegar atrasado, bater à porta e explicar o motivo do atraso; trazer o material necessário para a aula; não mastigar pastilha elástica; usar o intervalo para comer e ir à casa de banho; respeitar o professor e os colegas; saber que o professor responde a todas

---

<sup>229</sup> Como se pode verificar no pequeno filme “Viver e sentir Alcochete” que se encontra no CD que acompanha este trabalho.

as questões e a todos os alunos mas somente a um de cada vez; por isso, sempre que pretender intervir levantar a mão e aguardar calmamente.

A questão afectiva também não foi por nós descurada e em todas as aulas recebemos os alunos, que aguardavam no exterior da sala, algumas vezes à chuva, com um sorriso, um bom dia e uma palavra amiga e fomos retribuídos com 25 sorrisos que nos encheram a alma.

No final das aulas, após conversa com o professor cooperante, elencámos, no nosso diário, aspectos positivos e negativos da nossa prática de ensino, bem como informações relevantes sobre o comportamento e a motivação dos alunos. Na verdade, o diário de aula foi um recurso fulcral para uma reflexão assertiva sobre a nossa prática docente. Miguel Zabala considera que a característica mais importante do diário é o “diálogo que o professor, através da releitura e da reflexão, estabelece consigo mesmo com respeito à sua actuação nas aulas”, (...) o diário é um “recurso *penoso*, pelo que implica de continuidade no *esforço narrativo*, pelo que supõe de *constância* e *ascese* ao ter que pôr-se a escrever após um dia de trabalho nas aulas, por vezes esgotante, pelo próprio *esforço linguístico* de reconstruir verbalmente episódios densos de vida”<sup>230</sup>.


A nossa prática de ensino supervisionada iniciou-se a 21/01/2013 e terminou em 15 /03/2013, perfazendo o total de 22 aulas. O facto de ser uma turma que já conhecíamos não diminuiu em nada o nervosismo inicial, mas a notória vontade dos alunos em aprender e a nossa, em aprender a ensinar, contribuíram decisivamente para nos acalmar.

O quadro que a seguir apresentamos, foi a proposta inicialmente apresentada ao professor cooperante para a leccionação das aulas. Como se verá nas páginas seguintes nem sempre foi possível cumprir os caminhos que tínhamos delineado, mas esse incumprimento nunca foi provocado por indisciplina ou por desinteresse pois os alunos estavam motivados para a aprendizagem e tiveram, na sua maioria, uma postura que nos surpreendeu positivamente. A impossibilidade deveu-se sobretudo à nossa dificuldade em controlar e gerir eficazmente o tempo de aula, já que tentávamos responder a todas as questões colocadas pelos alunos e frequentemente elas surgiam em catadupa. Por esse

---

<sup>230</sup> Cf. Miguel Zabala, *Los diarios de clase. Documento para estudiar cualitativamente los dilemas prácticos de los profesores*, Barcelona, Promociones y Publicaciones Universitarias, S. A., 1991, pp. 91-94.

motivo os alunos realizaram em casa a maioria das fichas de trabalho que inicialmente eram para ser trabalhadas em aula.

<p><b>História – 8º Ano -Turma C - Ano lectivo 2012/2013</b></p> <p><b>Prática de ensino supervisionada</b></p> <p><b>Professor cooperante – Eurico Sequeira – Professora em formação – Isabel Coelho Carrilho</b></p>			
			
21 /01/ 2013 1ª - 2ª Aula	90 Minutos	O mercantilismo. As características do mercantilismo. As práticas mercantilistas em Portugal na segunda metade do século XVII.	Ficha de trabalho para realizar em casa
25 /01/ 2013 3ª Aula	45 Minutos	A sociedade de Ordens. As ordens ou estados e os diferentes estatutos sociais.	Aula assistida Ficha de trabalho
28 /01/ 2013 4ª - 5ª Aula	90 Minutos	A sociedade de Ordens e visionamento de um pequeno filme sobre Luís XIV	Ficha de trabalho realizada em aula
1 /02/2013 6ª Aula	45 Minutos	O absolutismo no espaço europeu do século XVII e XVIII – características do absolutismo	Ficha de trabalho
4/02/ 2013 7ª - 8ª Aula	90 Minutos	A implementação do absolutismo em Portugal. A arte portuguesa do século XVIII. As características do Barroco	Ficha de trabalho realizada em aula
8/02/2013 9ª Aula	45 Minutos	Ficha de avaliação sobre: Mercantilismo e Sociedade do Antigo Regime	Ficha de avaliação
<b>Férias de carnaval</b>			
15 /02/2013 10ª Aula	45 Minutos	A economia portuguesa na segunda metade do século XVIII. A importância do ouro do Brasil e a estagnação da economia portuguesa. O fomento comercial e manufactureiro no tempo de Pombal	Ficha de trabalho realizada em aula
18 /02/2013 11ª - 12ª Aula	90 Minutos	A sociedade portuguesa do século XVIII. O despotismo esclarecido e a nova elite social – a burguesia nobilitada. Pombal. A cultura em Portugal.	Visita de estudo virtual à Baixa Pombalina. Filme
22/02/2013 13ª Aula	45 Minutos	As reformas pombalinas do ensino. O terramoto e o urbanismo pombalino. A cidade como imagem do poder	Análise de fontes históricas
25/02/2013 14ª - 15ª Aula	90 Minutos	A cultura e o Iluminismo em Portugal face à Europa. Os grandes progressos científicos, as ideias iluministas, os centros académicos, as academias, as edições científicas, os estrangeirados.	Trabalho de grupo, pesquisa biográfica de alguns vultos da cultura europeia
01 /03/2013 16ª Aula	45 Minutos	Ficha de avaliação sobre: fomento comercial, despotismo esclarecido, reformas pombalinas no ensino e urbanismo pombalino.	Ficha de avaliação
04/03/2013 17ª - 18ª Aula	90 Minutos	A cultura e o Iluminismo em Portugal face à Europa. Os grandes progressos científicos, as ideias iluministas (Voltaire, Rousseau, Montesquieu), os centros académicos, as academias, as edições científicas, os estrangeirados.	Análise de fontes históricas
8/03/2013 19ª Aula	45 Minutos	A Royal Society of London. Alguns portugueses famosos. Seria Portugal um país atrasado?	Apoio aos trabalhos de grupo
11/03/2013 20ª - 21ª Aula	90 Minutos	Apresentação dos trabalhos	
15/03/2013 22ª Aula	45 Minutos	Síntese do iluminismo. Avaliação das aulas.	Ficha de trabalho + palavras cruzadas férias +ficha cidadania

■ Início das aulas a introduzir no relatório de estágio

Tabela V – Proposta da prática de ensino supervisionada  
Fonte: da Mestranda

#### **4.1. As aulas leccionadas**

Para uma melhor compreensão das aulas leccionadas, apresentamos de forma sucinta e sempre que se justificar a linha conceptual. Porém, não incluímos a linha metodológica, porque está implícita na planificação de aula. Transcrevemos algumas notas do nosso diário, no sentido de refletirmos sobre a nossa prática docente e, concomitantemente, sobre as aprendizagens dos alunos.

##### **4.1.1. Aulas leccionadas a 4 de Fevereiro de 2013<sup>231</sup>**

Linha conceptual – A partir da segunda metade do século XV, em Portugal, como de resto em toda a Europa, as Coroas assumiram-se cada vez mais como detentoras do poder absoluto. O poder absoluto dos monarcas atingiu a plenitude no século XVIII, o rei francês Luís XIV tornou-se o modelo da monarquia em toda a Europa. No contexto português, destacamos a figura de D. João V que, como sabemos, foi um defensor acérrimo do absolutismo, nunca reunindo as Cortes durante o seu reinado. O seu primeiro-ministro e homem de confiança foi D. João da Silva e Mota, conhecido por Cardeal da Mota. O “Magnânimo”, como foi cognominado, destacou-se como mecenas nas artes, nas letras e no património arquitectónico. Graças a décadas gloriosas de abundante ouro e diamantes provenientes do Brasil o nosso rei encomendou aos mais conceituados artistas obras que engrandeceram, entre outras, a Basílica Patriarcal de Lisboa, umas das perdas irreparáveis do terramoto de 1755, a Capela Real de São João Baptista e o Palácio – Convento de Mafra. A manifestação do poder absoluto e do esplendor régio foi visível também na reestruturação do cerimonial da corte.

Nestas aulas falámos do Barroco, estilo artístico que nasceu em Itália, nos finais do século XVI, expandindo-se rapidamente para outros países europeus e mais tarde às colónias espanholas e portuguesas da América Latina e da Ásia. Na pintura, é caracterizado por uma liberdade de movimento (curva e contracurva), a par de um fundo

---

<sup>231</sup> A planificação das aulas encontra-se disponível no anexo IV, pp.157-159. Os slides apresentados em aula encontram-se no anexo V, pp.160-175.

dramático, emocional e invulgar; a sensualidade das formas e contraste de cor, luz e sombra. A decoração sumptuosa com horror ao vazio, as ilusões de óptica utilizando a perspectiva e planos assimétricos são algumas das suas características. Em Portugal, num período em que as remessas de ouro permitiram a realização de obras que reafirmavam a imagem e o poder do rei absoluto, o barroco viveu sem dúvida o seu período áureo.

De referir que no início da aula entregámos aos alunos um pequeno texto lacunar, duas folhas com palavras cruzadas - que sabíamos que os alunos gostavam e que os motivaria para os conteúdos que iríamos leccionar - e um glossário, ao qual os alunos deveriam ao longo das aulas acrescentar informações pertinentes para a elaboração de biografias<sup>232</sup>.

#### *Diário de aula*

- Como sempre, acolhemos os alunos na porta da sala, dando-lhes as boas vindas e constatámos que alguns demonstram um interesse acima da média pela História, e é com gosto que fazem os trabalhos pedidos, pois à entrada queriam entregar a ficha de trabalho e saber qual seria o conteúdo da próxima, bem como qual era o trabalho para o detective da história.
- No início da aula, os nossos detectives da História responderam correctamente, não só à questão colocada na aula anterior, como nos disseram com pormenor quais os 4 reinados mais longos da história da monarquia portuguesa: (D. João I num total de 48 anos, D. Afonso Henriques durante 46 anos, D. Dinis que também reinou 46 anos e D. João V cujo reinado durou 44 anos. Nesta aula ainda trabalhámos alguns conteúdos da aula anterior
- Um dos alunos com necessidades educativas especiais sentou-se próximo de nós, e não na última fila como é habitual, esteve atento e quando iniciámos o debate participou de forma bastante positiva.
- Os alunos trouxeram para debate alguns aspectos relacionados com o absolutismo e com o barroco, tornando a discussão bastante profícua.
- Nos últimos 10 minutos da aula e ainda durante o intervalo, esclarecemos as dúvidas sobre aspectos relacionados com a sociedade de ordens e com o mercantilismo, pois na aula seguinte os alunos iriam realizar uma ficha de avaliação sumativa.

---

<sup>232</sup> Os respectivos documentos de trabalho estão disponíveis no anexo VI, pp. 176 -181.



- É notório que tivemos dificuldade em controlar o tempo da aula, pois o mesmo pareceu-nos sempre reduzido para apresentar os conteúdos e responder às solicitações dos alunos.

#### **4.1.2. Aula leccionada a 8 de Fevereiro de 2013**

Nesta aula os alunos realizaram uma ficha de avaliação sumativa relacionada com o Antigo Regime. Este período histórico caracterizou-se pelo peso da agricultura na economia (apesar do desenvolvimento das manufacturas e do comércio ultramarino), pelo predomínio do Clero e da Nobreza na sociedade de ordens (apesar do crescimento da burguesia) e pela centralização do poder real (Absolutismo Régio).

Era expectável que os alunos, face ao que aprenderam nas aulas anteriores, conseguissem distinguir aspectos de ordem económica, social, política e cultural das sociedades do Antigo Regime e avaliassem o papel dos indivíduos nas transformações históricas (acção diplomática de Duarte Ribeiro Macedo; acção política de Luís XIV, D. João V; Colbert e do conde da Ericeira).

Como seria normal, os alunos estavam nervosos e ficaram assustados com a dimensão do teste para 50 minutos. No entanto, depois de ouvirem as nossas explicações e de lerem o mesmo, compreenderam que este não era difícil e que pouco apelava à memorização. A realização do teste decorreu de forma exemplar.

No final da aula, alguns alunos perguntaram qual seria a nova questão que iríamos colocar aos detectives da História. Na verdade, não tínhamos pensado em apresentar nesta aula nenhuma questão, mas depois da insistência dos alunos pedimos-lhe para descobrirem quem eram os meninos de Palhavã.

Pelo facto de o teste incidir sobre conteúdos programáticos por nós leccionados, mas anteriores às 16 aulas que apresentamos neste relatório, não teceremos comentários sobre a elaboração e cotação do mesmo. No entanto, a ficha de avaliação sumativa que elaborámos, encontra-se no suporte informático no verso da contracapa deste trabalho.

#### **4.1.3. Aula leccionada a 15 de Fevereiro<sup>233</sup>**

Linha conceptual - Nesta aula abordámos uma temática tão complexa como a economia portuguesa do século XVIII e tentámos demonstrar que, independentemente das riquezas provenientes do Brasil, Portugal não soube apoiar o programa económico de Duarte Ribeiro de Macedo, defendido pelo conde da Ericeira. Falámos também do fomento comercial e manufactureiro durante o reinado de D. José.

##### *Diário de aula*

- A resposta dos nossos detectives da História sobre os meninos de Palhavã suscitou um debate entusiasmado sobre a moralidade de D. João V.
- A análise de um documento histórico sobre o fomento industrial demonstrou que ainda existem fragilidades que importam ultrapassar.
- O João Rodrigues tinha estudado a história dos bandeirantes e partilhou esses conhecimentos com a turma.
- Os últimos dez minutos de aula foram deixados para a entrega e correcção do teste. Destacamos o excelente trabalho de quase todos os alunos, muito particularmente da aluna Ana Bona que parecia não acreditar na possibilidade de recuperar das sete negativas do primeiro período. Dissemos-lhe, perante todos os colegas, que as suas respostas estavam bem estruturadas e que era notório que ela tinha estudado. Também lhes referimos que os bons resultados obtidos se deviam, em primeiro lugar a eles, porque estudaram e, em segundo lugar, ao professor cooperante, ao realizar diversas fichas de avaliação durante o período lectivo, comportando as mesmas pequenas partes dos conteúdos programáticos, que assim foram melhor apreendidos e compreendidos.

#### **4.1.4. Aulas leccionadas a 18 de Fevereiro de 2013<sup>234</sup>**

Linha conceptual – Estas duas aulas foram pensadas não só para colmatar a impossibilidade de efectuar uma visita de estudo onde os alunos pudessem sentir e tocar esse espaço de tempo e memória, mas a de revisitar, ainda que virtualmente, Lisboa, antes,

---

<sup>233</sup> Planificação de aula encontra-se no anexo VII, p. 182-184. Os slides no anexo VIII, pp.185 – 190.

<sup>234</sup> Planificação de aula encontra-se no anexo IX, pp. 191-193. Os slides no anexo X, pp. 194-208.

durante e após o terramoto, de demonstrar como os documentos nos permitem escrever a História e de deixar claro que na sombra do Marquês de Pombal homens como Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel nos deixaram um legado ímpar que foi a reconstrução da baixa de Lisboa.

Os diversos slides que construímos pretendem ajudar os alunos a compreenderem as relações profundamente estruturais que unem a sociedade e a natureza, o espaço geográfico e o tempo histórico. Esperamos que os discentes ao sentirem o lugar, que é sempre feito de afectos e interações, formulem hipóteses sobre as causas dos grandes problemas que a sociedade portuguesa enfrentou, muitas vezes com custos desmedidos e perdas irreparáveis, e apresentem soluções possíveis à época.

A confrontação e análise de dois documentos (uma sátira anónima datada de 1772 e uma oração fúnebre da autoria de Frei Joaquim de Santa Clara datada de 1782) acerca da uma mesma personalidade (como proposto no guião da nossa visita virtual à Baixa Pombalina de que mais à frente falaremos) foi uma das estratégias de aprendizagem escolhida pela professora em formação, para levar os alunos a identificar, compreender e interpretar os documentos.

#### *Diário de aula*

- No início da aula entregámos a cada aluno o guião da visita<sup>235</sup> e informámos que as questões lá colocadas eram para ser respondidas.
- Os primeiros slides suscitaram algumas gargalhadas, já que alguns alunos se identificaram com os bonecos animados.
- Na visita virtual ao Museu da Cidade os alunos foram surpreendidos pela dimensão da maqueta sobre Lisboa.
- O filme com música de fundo de Carlos Seixas sobre a Lisboa de D. João V, bem como as imagens do terramoto<sup>236</sup> captaram a atenção de todos os alunos que nos interrogaram sobre aspectos vários, como da existência da Casa da Ópera, que desconheciam, sobre a intensidade do terramoto, sobre o número de mortos, das medidas tomadas para evitar as pilhagens, quais os impactes em Alcochete ou de como o terramoto foi interpretado na

---

<sup>235</sup> O guião de visita está disponível no anexo XI, pp.209-219.

<sup>236</sup> O CD do filme encontra-se no verso da contracapa deste relatório.

Europa Iluminista. Esta última questão foi-nos levantada pelo Luís, sem dúvida, um adolescente com uma sensibilidade e um gosto pela História muito acima da média.

#### **4.1.5. Aula leccionada a 22 de Fevereiro de 2013<sup>237</sup>**

A primeira parte da aula foi dedicada à leitura das Memórias Paroquiais sobre a vila de Alcochete, pois acreditamos que trabalhar o contexto local é sempre mais significativo para os alunos. Na segunda parte, a temática abordada foi a do ensino e as finalidades da acção reformadora pombalina (estatizar, secularizar e uniformizar). Os últimos cinco minutos da aula e parte do intervalo foram destinados a esclarecer dúvidas sobre os trabalhos de grupo.

##### *Diário de aula*

- No início da aula foi necessário ter uma conversa séria com os alunos, pois alguns estavam desatentos. Dissemos-lhes que esse comportamento nos entristecia, pois tínhamos trabalhado, pela noite dentro, na construção de slides da aula e ainda porque esse comportamento não era, de todo, habitual. Recordámos-lhes que dentro de dias iriam realizar uma ficha de avaliação sumativa e que o grau de dificuldade seria superior à anterior.
- A chamada de atenção surtiu o efeito desejado e a aula decorreu dentro da normalidade, com o André a colocar questões pertinentes sobre a mentalidade da época após a leitura e análise do pequeno enxerto das Memórias Paroquiais<sup>238</sup> e a Catarina Antão a responder de forma bem estruturada a uma questão da ficha de trabalho nº 3<sup>239</sup> que os alunos deviam entregar completamente preenchida na aula seguinte. Ainda lhes foi recomendado que tentassem responder às questões da ficha seguinte<sup>240</sup>, pois a análise dos documentos poderia ser uma mais-valia para o teste.
- No final da aula, dissemos ao professor cooperante que os conteúdos apresentados foram excessivos para os 50 minutos e por esse facto não pudemos trabalhar o comentário ao

---

<sup>237</sup> Planificação de aula disponível no anexo XII, pp. 220-222. Os slides de aula encontram-se no anexo XIII, pp. 223-229.

<sup>238</sup> Ver slides 5 -7, p.225.

<sup>239</sup> Ver ficha de trabalho no anexo XIV, pp. 230-237.

<sup>240</sup> Também disponível no anexo anterior.

Alvará Régio de 6 de novembro de 1772, nem responder a todas questões propostas no slide nº 19<sup>241</sup>. O professor Eurico lembrou-nos que nem sempre é possível cumprir a planificação e que o mais importante era ter leccionado os conteúdos com rigor científico e de forma a manter os alunos motivados para a aprendizagem.

#### **4.1.6. Aulas leccionadas a 25 de Fevereiro de 2013<sup>242</sup>**

Linha conceptual – Ao longo de seis aulas foi nossa pretensão identificar os processos ocorridos no domínio científico e técnico dos séculos XVI, XVII e XVIII e interpretar a acção de cientistas como Galileu, Newton ou Bento Moura Portugal. Caracterizar o método científico, elencar alguns inventores e invenções, reconhecer a simultaneidade de diferentes valores e culturas, bem como os fenómenos de resistência à inovação científica, destacar o processo Galileu e o de alguns portugueses que por diferentes razões se viram impedidos de realizar os seus projectos, foram algumas das tarefas que nos propusemos cumprir.

Tema incontornável da Época Moderna é o movimento intelectual, filosófico, literário e cultural que recuperando o Humanismo do Renascimento, apresenta uma nova concepção do Homem e do mundo, comumente conhecido por Idade da Razão, Iluminismo, Ilustração, Século das Luzes, ou simplesmente Luzes. Importa apresentar os meios difusores dos ideais iluministas: os centros académicos, as academias, as edições científicas, os estrangeirados e dar a conhecer aos nossos alunos o papel desempenhado por personalidades como: Descartes, Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Kant, Verney, Ribeiro Sanches, Dom Luís da Cunha, Henriques de Paiva, Marquesa Du Châtelet, Laura Bassi, Marquesa de Alorna, Luísa Todt, Jacob de Castro Sarmiento, Jacob Rodrigues Pereira ou Teodoro de Almeida.

#### *Diário de aula*

- Nos primeiros 15 minutos de aula concluímos os conteúdos sobre as reformas pombalinas e analisámos dois documentos sobre o marquês de Pombal que estavam no guião da visita de estudo. Na pressa de apresentar os novos conteúdos não pedimos aos

---

<sup>241</sup> Ver p. 228.

<sup>242</sup> A planificação de aula está no anexo XV, pp.238-240. Os slides no anexo XVI, pp. 241-254.

alunos, como habitualmente, para procederem à leitura dos textos que apresentámos nos slides, o que suscitou alguma inquietação nos jovens, pois pensaram que ainda estávamos aborrecidos com o comportamento manifestado por alguns deles na aula anterior. Depois dos esclarecimentos a turma esteve, na generalidade, bastante atenta e participativa, pois este é um conteúdo programático que colhe particular atenção nos jovens.

- Foi notório o interesse dos alunos nas diversas animações apresentadas para ajudar a explicar as teorias defendidas por Copérnico, Galileu e Kepler.
- No final da aula pedimos aos alunos para ao longo das próximas aulas nos ajudarem a elaborar um mapa conceptual sobre a Idade Moderna.

#### **4.1.7. Aula leccionada a 1 de Março de 2013 – Teste<sup>243</sup>**

Absolutismo, Política Económica, Despotismo e Reformas foram os temas deste teste, constituído por itens de resposta obrigatória, na sua maioria introduzido por textos e imagens incluindo itens de selecção (associação/correspondência) e por itens de construção (resposta curta, resposta extensa e resposta restrita). A sua construção levantou-nos algumas dúvidas, quer na categorização, quer na cotação, e mesmo na distribuição das questões. Hoje, provavelmente tê-lo-íamos construído de forma diferente, talvez com menor apelo à memorização e a questão de síntese seria a última a ser respondida.

#### *Diário de aula*

- Alguns alunos demonstraram manifesta dificuldade em realizar o teste. O João Rodrigues estava bastante nervoso e só a muito custo conseguiu realizá-lo, embora o resultado final tenha sido francamente positivo. A Diana também estava nervosa, mas por um motivo diferente, já que tinha estudado muito pouco, estamos certos que bastava um pequeno esforço, quase indelével, para se tornar numa das melhores alunas. Ficámos preocupados pela ausência da Ana Bona e pedimos às colegas para a avisarem que na aula seguinte teria que realizar o teste.

---

<sup>243</sup> Teste; critérios de correcção; classificações e algumas respostas, apresentados encontram-se respectivamente no anexo XVII; pp.255- 265.

#### **4.1.8. Aulas leccionadas a 4 de Março de 2013<sup>244</sup>**

Continuámos a apresentação dos conteúdos programáticos já referidos nas aulas de 25 Fevereiro de 2013, com especial destaque para a vida e obra de Newton, para os membros portugueses da Royal Society, bem como para muitos outros portugueses ilustres. Para responder às questões anteriormente levantadas sobre a saúde e os hábitos de higiene da Época Moderna, analisámos alguns excertos das obras de Henriques de Paiva. Ainda nos foi possível começar a trabalhar personalidades ímpares, como Voltaire, Rousseau e Montesquieu.

##### *Diário de aula*

- Foi muito gratificante perceber como os alunos estão envolvidos na aprendizagem, dado as muitas as interrogações sobre o “atraso” de Portugal no domínio científico e cultural.
- A leitura e análise da vida e obra de muitos portugueses fizeram-lhes perceber que as resistências à inovação não podem ser atribuídas somente aos Jesuítas e à Igreja, como o manual escolar parece indiciar. Como referiu o Luís, na época a maioria dos portugueses não sabia ler nem escrever e esse era um grande entrave à inovação. O André lembrou que, face aos documentos analisados, Pombal também contribuiu para essa resistência.
- Alguns alunos quiseram saber qual o percurso da alfabetização e escolarização portuguesas, da Época Moderna até à actualidade. Dissemos-lhes, em breves linhas, que no final do século XIX cerca de 80% da população não sabia ler; depois do fim da monarquia e independentemente dos esforços republicanos, as bolsas de absentismo escolar permaneceram historicamente altas e só com o Estado Novo (1926-1974) a escolarização e a alfabetização se tornaram um todo indissociável. No caso português, a escola primária foi o veículo que permitiu fixar o ideário do novo regime, cujos símbolos maiores eram *Deus, Pátria e Família*. A revolução dos cravos trouxe uma nova história à história da educação; a democratização do ensino tornou-se uma realidade e nos anos oitenta a sociedade converteu-se à escola. Actualmente, continuamos a construir uma escola democrática, mas a taxa de analfabetismo ainda se encontra próxima dos 8%.

---

<sup>244</sup> Planificação de aula no anexo XVIII, pp.266-268. Slides no anexo XIX, pp. 269-282.

Dissemos aos alunos que nesse dia seríamos nós o detective da História, já que queríamos confirmar com exatidão as percentagens informadas.

- Lamentámos não ter tempo para responder a todas as solicitações dos alunos, mas a nossa prática de ensino supervisionada está próxima do fim e ainda temos algum trabalho pela frente.

#### **4.1.9. Aula leccionada a 8 de Março de 2013<sup>245</sup>**

Linha conceptual - Luzes e Sombras na Europa Iluminista foi o sumário desta aula, onde trabalhámos com os nossos alunos as ideais iluministas e o despotismo esclarecido. Como sabemos, os ideais iluministas propostos por Voltaire, Rousseau e Montesquieu, influenciaram muitos monarcas na segunda metade do século XVIII, os quais ficaram comumente conhecidos por déspotas iluminados, ou esclarecidos. Alguns procuraram fomentar a ciência, a cultura e o progresso, mas como sabemos nem sempre o exercício do poder foi orientado para o bem dos súbditos. Por esse facto, os grandes pensadores das Luzes teceram duras críticas e colocaram em causa o despotismo esclarecido.

##### *Diário de aula*

- No início da aula os alunos perceberam, pelo nosso semblante carregado, que já tínhamos procedido à correcção dos testes e que os resultados não tinham sido os esperados. Confirmámos essa suspeita e lamentámos o facto de a leitura de alguns testes revelar apenas falta de estudo. Informámos os alunos que, em virtude de terem que aguardar na sala de aula pela chegada da professora de Francês, procederíamos à entrega do teste durante esse intervalo. Depois, pedimos para se manterem em silêncio, pois a Ana estava a realizar o teste. Talvez pelos condicionalismos já referidos, os alunos estiveram muito calados e pouco participativos.

- Alguns alunos reagiram de forma muito positiva à inclusão nos slides de pequenas frases em francês, a disciplina favorita de vários discentes<sup>246</sup>.

---

<sup>245</sup> Planificação de aula, anexo XX, pp.283-285. Slides anexo XXI, pp.286-295.

<sup>246</sup> Esta ideia ganhou força depois de conversarmos com a Doutora Fátima, a professora de Francês da turma, ambas consideramos que esta poderia ser uma forma de motivar os alunos para a aprendizagem da língua francesa.



- Durante o intervalo, falámos das questões que compunham o teste, as quais tinham sido debatidas nas aulas ou respondidas na ficha de trabalho nº 3. A chegada da professora de Francês fez-nos apressar a entrega dos testes. Como sempre, a Doutora Fátima foi muito amável e concedeu-nos mais alguns minutos para conversarmos com os alunos.

#### **4.1.10. Aulas leccionadas a 11 de Março de 2013**

No início da nossa prática de ensino supervisionada propusemos aos alunos a realização e apresentação, em grupo, de pequenos estudos biográficos sobre personalidades históricas dos séculos XVII ou XVIII. A escolha dos grupos foi consensual; no entanto, por impeditivos vários, três discentes tiveram que trabalhar individualmente. Importa referir que depois de analisadas as propostas apresentadas com o professor cooperante e indo de encontro às solicitações de alguns alunos que gostariam de fazer uma pesquisa mais detalhada da vida e obra de Galileu e de uma personalidade única da nossa História como foi a rainha Carlota Joaquina, decidimos pela sua inclusão, já que a primeira reforçava os conteúdos anteriormente leccionados e a segunda poderia motivar os alunos para a aprendizagem da História.

Estimular nos alunos o gosto pela pesquisa histórica e desenvolver a capacidade de elaboração e síntese foi uma das metas que pretendemos atingir.

#### *Diário de aula*

- Fomos agradavelmente surpreendidos pela qualidade de alguns trabalhos apresentados<sup>247</sup> quer na estrutura da exposição, na dinâmica, na criatividade, na correcção linguística e no criterioso respeito pelo tempo previamente determinado<sup>248</sup>.

- Lamentamos o facto de o Ruben não ter participado nas diversas fases do trabalho de grupo e não ter comparecido à apresentação do mesmo. A ausência do Manuel<sup>249</sup> deixou-nos com uma sensação de dever não cumprido e fez-nos perceber, uma vez mais, como é difícil trabalhar com alunos com necessidades educativas tão díspares.

---

<sup>247</sup> Apresentação de trabalhos de grupo disponível no anexo XXII, pp. 296-301.

<sup>248</sup> Ver grelha de avaliação do trabalho de grupo no anexo XXII, p.302.

<sup>249</sup> A ausência do Manuel foi posteriormente justificada e sabemos que depois da nossa prática de ensino supervisionada ele entregou ao professor cooperante um pequeno estudo biográfico.

#### **4.1.11. Aula leccionada a 15 de Março de 2013<sup>250</sup>**

Nesta última aula, que coincidiu com o final do segundo período, sintetizámos o processo das transformações científicas, técnicas e culturais que ocorreram na Europa nos séculos XVII e XVIII e tentámos apresentar uma síntese coerente de uma parte dos conteúdos leccionados através de um mapa conceptual<sup>251</sup>, que embora esquematizada pretendia demonstrar a complexidade que a História abarca.

Posteriormente, mostrámos aos alunos a nossa grelha de avaliação de trabalhos e testes<sup>252</sup>. Depois, os alunos preencheram uma pequena ficha de autoavaliação<sup>253</sup>, intitulada Educação para a Cidadania, e de forma voluntária e em breves linhas avaliaram a nossa prestação ao longo do segundo período<sup>254</sup>. Quase no final da aula, e após os respectivos agradecimentos ao professor Eurico e à turma, dissemos-lhes que a ficha de trabalho sobre o Iluminismo<sup>255</sup> deveria ser realizada durante as férias escolares e que o professor Eurico procederia à sua correcção e respectiva avaliação, pois nós estaríamos ausentes durante o mês de Abril, devido a uma intervenção cirúrgica, mas garantimos-lhes que mesmo em fase de convalescença os visitaríamos para os felicitar, pois estávamos certos que as classificações do segundo período seriam francamente positivas<sup>256</sup>.

#### *Diário de aula*

- Ao terminarmos de leccionar as aulas propostas, fomos assaltados por sentimentos que se traduziram num misto de tristeza e de alegria. Tristeza, por ter chegado ao fim do percurso e porque as perspectivas de iniciar uma nova caminhada nos parecem cada vez mais distantes. Alegria, por termos aprendido tanto, pelo carinho dos alunos, pelo apoio incondicional do professor cooperante e pelo gosto imenso que foi aprender a ensinar.

---

<sup>250</sup> Planificação de aula e slides apresentados encontram-se respectivamente no anexo XXIII, pp.303-305. slides no anexo XXIV, pp. 306-312.

<sup>251</sup> Ver mapa conceptual no anexo XXV, pp.313.

<sup>252</sup> Grelha de avaliação no anexo XXVI, pp. 315-317.

<sup>253</sup> Ver ficha de autoavaliação no anexo XXVII, pp.318-320.

<sup>254</sup> Ver anexo XXVIII, pp. 321-324.

<sup>255</sup> Ver ficha de trabalho no anexo XXIX, pp. 325-329.

<sup>256</sup> Ver avaliação do segundo e terceiro períodos no anexo XXX, pp.330-331.

## **5. Novos desafios**

No terceiro período visitámos os alunos, assistimos a algumas aulas e reunimos diversas vezes com o professor cooperante, não só para acompanhar a evolução dos jovens e recolher a informação sobre as diversas avaliações a que foram sujeitos mas para reflectirmos sobre a nossa prática de ensino supervisionada e para aprendermos, pois estávamos certos que alguém que há 24 anos procura incessantemente situações de aprendizagem adequadas, contextualizadas e adaptadas ao desenvolvimento cognitivo e metacognitivo dos seus alunos muito nos poderia ensinar. As nossas expectativas não foram goradas e para além de uma avaliação de desempenho que muito nos honrou<sup>257</sup>, o professor Eurico ofereceu-nos uma diversidade de sugestões e proposições relativas a situações de aprendizagem que futuramente e noutro contexto esperamos desenvolver e colocar em prática.

Foi notório o contentamento do professor cooperante quando nos informou que todos os alunos tinham transitado para o 9º ano e que só havia a registar uma negativa na sua disciplina. Também nos disse que face à necessidade de dar um apoio diferenciado aos dois alunos com necessidades educativas especiais, em princípio a turma seria reduzida para 20 alunos, o que veio a acontecer.

---

<sup>257</sup> A avaliação da Mestranda está disponível no anexo XXXI, p.333.

---

## **QUARTA PARTE - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

*Dans la vie, il n'y a pas de solutions. Il y a des forces en marche: il faut les créer et les solutions suivent.*

Antoine de Saint-Exupéry<sup>258</sup>

---

<sup>258</sup> Cf. Antoine de Saint-Exupéry, *Vol de nuit*, Paris, Gallimard, 1972, p.159.

## **Considerações finais**

Na primeira parte deste relatório recordamos o contributo de alguns historiadores para a afirmação da História como ciência, tentamos definir o que é a História e para que serve, e fazemos uma análise reflexiva fundamentada sobre a importância e o contributo do Mestrado em Ensino de História e Geografia da Universidade de Lisboa na formação do futuro professor.

O contacto com metodologias nas áreas da Educação e da Didáctica, permitindo aos futuros professores conhecer e diferenciar os principais paradigmas em educação, ajudando-os na compreensão do pensar e do agir dos seus educandos, de forma a prevenir e a resolver os problemas na sala de aula e na escola, contribuindo de forma decisiva para a caminhada de sucesso escolar dos seus alunos, são alguns dos aspectos que importa mencionar e que ultrapassam grandemente o que foi referido ao longo deste trabalho.

Os incomensuráveis ensinamentos fizeram-nos perceber que neste novo século é urgente repensar os sistemas de ensino, o funcionamento das organizações educativas, as estratégias e os objectivos do ensino-aprendizagem. Se queremos que os professores em formação ocupem um lugar de charneira na formação de cidadãos responsáveis, devemos libertar-nos da pobreza e do hermetismo de algumas práticas de ensino, e transpor fronteiras, promover a interdisciplinaridade e pensar a História e a Geografia escolar de forma holística.

Ao longo deste mestrado, pretendeu-se que o futuro docente desenvolvesse uma acção consciente, deliberada e responsável nos contextos da prática profissional, sem nunca esquecer a importância de fazer da investigação um lugar privilegiado, não só como fonte do conhecimento, mas sobretudo como modo de conhecer e intervir, consensualizando-se de que a formação pessoal, visando o aprofundamento dos estudos realizados e a aquisição de novos saberes, deverá ser contínua. Estamos certos que o caminho não é fácil, que o futuro não se apraz risonho, mas o que aprendemos não tem preço, para nós ensinar sempre foi e será aprender.

Os professores ensinaram-nos que os alunos devem constituir o objectivo primeiro de toda a actividade docente e provaram-nos que somos o meio incontornável e privilegiado na construção e valorização das aprendizagens.

Foi um prazer inefável, assistir às suas aulas. Só recorrendo às palavras de Olga Pombo lhes conseguimos expressar o nosso agradecimento, dizendo que é importante revalorizar também a figura do professor, como aquele que representa o saber, que o apresenta, que o torna presente, que o vivifica com a sua presença. Não como repetidor, mas como executante de uma sinfonia de luz, cor e inteligência.

Nos diversos contactos que mantivemos com a Escola e com os professores cooperantes de História e Geografia, a quem estaremos para sempre gratos pela sua disponibilidade, ajuda e ensinamentos, pudemos assistir *in loco* a diversas operações didácticas e concomitantemente compreender a função e a importância da planificação das aulas para o sucesso das aprendizagens.

Durante a nossa formação adquirimos alguns conhecimentos fundamentais sobre a gestão da sala de aula e sobre a gestão do currículo em contexto escolar, aprendemos que para estruturar, monitorizar e avaliar aprendizagens socialmente relevantes no quadro do desenvolvimento integral dos indivíduos e da sua inclusão plena na escola e na sociedade, devemos incorporar metodologias orientadas pelos princípios da reflexividade, auto-direcção, criatividade e inovação, sem descurar o aspecto afectivo; afinal somos todos humanos.

Se é verdade que este modelo de formação de professores, contribui de forma inequívoca para o desenvolvimento dos saberes docentes, importa mencionar que peca pela estreiteza de tempo dedicado à prática de ensino supervisionada e ao contacto mais profundo com a escola o que lhe poderia permitir conhecer melhor a sua cultura interna os seus valores as suas crenças e trabalhar ou aprender a trabalhar em prol de uma escola democrática e inclusiva que não espelhe as incertezas e inquietudes da sociedade portuguesa actual, pois como referiu Maurice Tardif, os professores são actores sociais e esse papel é reforçado pelo facto de terem uma missão de cidadania e uma missão educativa.

Importa referir que durante os diversos seminários, muito particularmente os de Iniciação à Prática Profissional e das Didácticas, os docentes lembraram-nos da multiplicidade de papéis que o professor desempenha e quais são os deveres e direitos inerentes ao exercício da docência, reportando-nos para diversas leituras, das quais destacamos a obra de António Nóvoa, de Juan Carlos Tedesco, (ex-diretor da Oficina Internacional de Educação da UNESCO e para o incontornável relatório Mundial da UNESCO sobre Educação.

Pela dimensão da temática em apreço consideramos que seria uma mais-valia se este modelo de formação de professores contemplasse na estrutura curricular um seminário dedicado à deontologia das práticas educativas, não só para conhecermos e analisarmos textos sobre a educação, mas para melhor compreendermos os direitos e deveres intrínsecos ao exercício da função docente que extravasa o que é comumente aceite pelo cidadão comum.

Percorremos um longo caminho na procura de uma corrente pedagógica e de um método que tivesse em conta a cognição, a metacognição, a motivação intrínseca e extrínseca e o aspecto cultural e afectivo dos alunos, pois eram eles a nossa preocupação maior. Com o apoio do professor orientador, delineámos duas linhas de acção sobre as quais assentaria a nossa prática de ensino supervisionada. A primeira consistia em elevar o nível de tratamento científico dos conteúdos programáticos, que ambos considerávamos baixo, permitindo que os alunos adquirissem competências históricas relevantes; a segunda em construir e aplicar na turma o “nosso” modelo pedagógico que julgamos reflectir aspectos fulcrais dos modelos anteriormente analisados, mas acreditamos ter acrescentado alguma inovação, visível no detective da História e na tentativa de ajudar os jovens a estruturarem um pensamento próprio, a perceberem a complexidade do todo social em evolução, a realizem actividades individuais ou cooperativas de forma responsável, contribuindo para a aquisição de aprendizagens estruturantes e para a construção de uma cidadania que se espera activa e responsável.

Tentámos, mas nem sempre conseguimos, que as nossas aulas fossem um verdadeiro laboratório. Por esse facto e tendo em atenção o nível cognitivo dos alunos, trabalhámos diversos documentos históricos, pois acreditamos nas palavras do historiador Olivier Grenouilleau, que é a desconstruir e reconstruir os pensamentos dos outros que podemos realmente aprender a construir o nosso. Foi nessa perspectiva que desenvolvemos o nosso trabalho, levando os alunos a dar sentido aos conceitos – abstrações que estão na base da aprendizagem – a problematizar noções como documento/monumento, crítica documental e reflectir em torno da provisoriedade e da objectividade em História. Estamos convictos de que vários discentes conseguiram atingir os objectivos propostos, particularmente no que concerne à desmontagem de uma visão redutora de um Portugal Moderno cujo “atraso” é imputado, segundo o manual escolar, exclusivamente à Inquisição e aos Jesuítas. Também compreenderam que a tentacular acção “reformadora” levada a cabo por Pombal, por vezes, foi tudo menos reformadora e



que a objectividade no campo das ciências sociais e humanas é passível de diferentes interpretações.

Durante a nossa prática de ensino supervisionada o manual escolar foi usado com alguma parcimónia. Embora se reconheça a importância deste como recurso didáctico e pedagógico para o desenvolvimento e construção de saberes e das aprendizagens que se encontram elencadas no Currículo Nacional, consideramos que não é exclusivo e se queremos motivar os alunos para o ensino da História não devemos esquecer que vivemos num mundo altamente tecnológico em constante evolução, por isso, a aposta nas TIC foi consciente e devidamente planeada

A participação entusiasmada dos alunos na visita de estudo virtual, nos filmes, na apresentação dos trabalhos de grupos e nos slides, alguns com animações, que fomos apresentando ao longo das aulas e no mapa conceptual construído, permitiu-nos reforçar a ideia de que elas são excelentes ferramentas pedagógicas, pois permitem ao aluno investigar, ordenar o conhecimento e realizar trabalhos. Para o professor, as TIC são também um importante recurso didáctico, motivadoras e potenciadoras de profícuos ambientes de aprendizagem. Os comentários dos alunos sobre o uso das TIC que apresentamos neste trabalho reforçaram essa convicção.

Se a gestão do tempo de aula foi sempre um aspecto de difícil controlo, que vamos ter que repensar e melhorar, a construção das fichas de avaliação formativa e sumativa e a sua correcção foram precedidos de períodos de alguma angústia, pois aferir o desempenho dos alunos que espelha também a dinâmica das aulas e concomitantemente avalia também o nosso trabalho, pressupunha procedimentos metodológicos e conhecimentos no que concerne aos objectivos educacionais, que muito embora tivessem sido detalhadamente trabalhados pelos professores nos seminários Iniciação à Prática Profissional, receávamos ainda não dominar. Esperamos conseguir colmatar algumas dessas falhas, lendo mais e construindo mais, pois também se aprende a saber-fazer-bem, fazendo.

Acreditamos, face aos resultados obtidos, que a prática sistemática de avaliação formativa é o caminho que permite aos alunos alcançarem bons resultados e o professor aprender a ensinar. Porém estamos conscientes que a problemática da avaliação das aprendizagens requer um olhar mais profundo que um trabalho desta dimensão lhe nega.

Outro assunto que gostaríamos de ter aprofundado e que está contemplado no “nosso” modelo, está intrinsecamente relacionado com os direitos humanos, com a

cidadania, e deve fazer parte integrante da consciência social - a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais - pois não podemos esquecer que inclusão é indissociável da integração. Se “são as margens que definem o centro”, importa que a Escola aceite as particularidades dos alunos, devendo por isso trabalhar e criar condições para a sua formação. Acreditamos, pelo que vivenciámos, que estes alunos são motivados a participar activamente e de forma adequada na vida da sala de aula quando experimentam um sentimento de pertença com a Escola e mantêm relações de proximidade com os professores e colegas.

A construção do “nosso” modelo de aprendizagem, onde se esboçam as principais estratégias didácticas e se definem as etapas e as finalidades, não foi um exercício fácil nem tão pouco está isento de erros, mas ajudou-nos a reflectir e a compreender melhor o processo de ensino aprendizagem.

Se a aplicação em aula do “nosso” modelo ajudou um ou vários alunos a pensarem historicamente, a perceberem a importância da História, ciência única e total que Joaquín Prats denomina, pela sua dimensão multidimensional, de “ciência da complexidade humana” e os ajudou, ainda que de forma indelével, a construírem uma consciência cidadã e a estruturarem a sua própria compreensão do mundo, este espaço único, multicultural que é a nossa casa, o nosso trabalho valeu a pena.

Acreditamos que hoje, tal como amanhã, a educação histórica deve estar na linha da frente, desempenhando o papel de educadora e formadora dos jovens, dotando-os de ferramentas intelectuais para que encontrem as causas e concomitantemente as soluções dos problemas sociais profundos que minam este mundo em permanente mudança.

Do cruzamento dos diversos saberes e competências adquiridos resultou este relatório que marca o fim de um caminho iniciado há dois anos e simultaneamente abre novos percursos de investigação, pois aprender para ensinar e ensinar para aprender pela sua dimensão e complexidade é um devir que não se encerra.

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **I - FONTES**

#### **1.1. Fontes manuscritas**

Lisboa, A.N.T.T., “Lei dada para a proscrição, desnaturalização e expulsão dos regulares da Companhia de Jesus, nestes reinos e seus domínios”. 1759-09-03. Armário Jesuítico e Cartório dos Jesuítas, Armário Jesuítico, liv. 1, nº 19.

Lisboa, A.N.T.T., Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 8064.

Lisboa, A.N.T.T., Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc.13369.

Lisboa, A.N.T.T., “Sentença proferida em 12 de Janeiro de 1759 contra do Duque de Aveiro e mais fidalgos que morreram estrangulados na Praça de Belém no dia 13 de Janeiro de 1759.” Manuscritos da Livraria, nº 2333

### **2. Fontes impressas**

#### **2.1. Manuais escolares**

DINIZ, Maria Emília, TAVARES Adérito e CALDEIRA Arlindo M., *História Oito* - 8.º Ano, Porto, Raiz Editora / Lisboa Editora, 2012.

MAIA, Cristina e BRANDÃO Isabel Paulos, *Viva a História!* - 8º Ano, Porto, Porto Editora, 2012.

MOREIRA, Mendes e BARREIRA Aníbal, *Sinais da História* 8, Porto, Edições Asa, 2007.

## **2.2. Ministério da Educação**

*Competências Gerais e Específicas da História*, Lisboa, DEB, 2002.

PORTUGAL. Ministério da Educação, *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*, Lisboa, Editorial do Ministério da Educação, 2001.

*Programa de História, Ensino Básico - 3º Ciclo*, Vol.I, Lisboa, DGEBS, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

*Programa de História - Plano de Organização do Ensino Aprendizagem, Ensino Básico - 3º Ciclo*, Vol.II, Lisboa, DGEBS, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

## **3. Fontes Gerais**

COSME, João e VARANDAS, José, *Memórias paroquiais, 1758-1759, Vol. II, Alcária – Alijó*. Introdução, transcrição e índices João Cosme, José Varandas, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2010.

CUNHA, D. Luís da, *Testamento Político ou Carta de conselhos ao Senhor D. José sendo Príncipe*. Introdução, estudo e ed. crítica de Abílio Diniz Silva, Lisboa, BNP, 2013.

PAIVA, Manuel Joaquim Henriques de, *Relação dos principais métodos de tratar as doenças venéreas*, [S.l.], [s.d.], [s.n.].

— *Medicina domestica, ou Tratado de prevenir, e curar as enfermidades com o regimento, e medicamentos simples. Escrito em inglez pelo D.r Guilherme Buchan, traduzido em Portuguez, com varias notas, e observações concernentes ao clima de Portugal, e do Brazil, com o receituário correspondente, e hum appendice sobre os hospitaes navaes*, Tomo II, Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1801.

— *Aviso ao Povo ou summario dos preceitos mais importantes concernentes à criação das Crianças, às diferentes Profissões e Offícios, aos Alimentos e Bebidas, ao Ar, ao Exercício, ao Somno, aos Vestidos, á Intemperança, á Limpeza, ao Contagio, as Paixões, as Evacuações regulares, &, que se devem observar para prevenir as enfermidades, conservar a saúde, e prolongar a vida*, Lisboa, Officina Morazziana, 1787.

SANCHES, António Ribeiro, *Cartas sobre a educação da mocidade*, Porto, Domingos Barreira, [19-?]. >.

SILVA, António Delgado da, *Collecção da legislação portugueza desde a última compilação das ordenações*, Lisboa, Typografia Maigrense, 1829-1830. Contém: Legislação portuguesa desde 1750 a 1774.

SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo I, ed., QuidNovi/Público, Academia Portuguesa de História, 2007.

VERNEY, Luís António de, *Verdadeiro Metodo de Estudar: para ser util a Republica e a Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal/Exposto em varias cartas escritas polo [sic]*, 2 tomos, Valensa [Nápoles]: Na Off. De António Balle, 1746.

— *Verdadeiro Metodo de Estudar*, Edição de António Salgado Junior, Vol. II, “Estudos Literários”, Lisboa, Editora Lisboa, 1950.

VIEIRA, António, *Cartas*. Coord. e anotação por J. Lúcio de Azevedo, 3 vols, Lisboa, INCM, 2009.

## **II. BIBLIOGRAFIA**

### **2.1. Obras gerais e estudos**

ABRANTES, Paulo, “Prefácio”, in Philippe Perrenoud. *Porquê Construir Competências a Partir da Escola?*, Porto, Asa, 2001.

ADÃO, Áurea, *Estado Absoluto e Ensino das Primeiras Letras. As escolas régias (1772-1794)*. Prefácio de Rogério Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação, 1997.

ALLAL, Linda, “Régulations des apprenstissages: orientations conceptuelles pour la recherche et la pratique en education”. In L. Allal; L. Mottier López (Dir.), *Régulation des apprentissages en situation scolaire et en formation*, 1<sup>a</sup> ed., Bruxelles, De Boeck Université, 2007, p. 8.

— “Estratégias de avaliação formativa: Concepções psicopedagógicas e modalidades de aplicação”. In Linda Allal, J. Cardinet; P. Perrenoud (Org.), *A avaliação formativa num ensino diferenciado*, Coimbra, Almedina, 1986, pp. 175-209.

ALMEIDA, Leandro S., et al, “Sucesso e insucesso no ensino básico: relevância de variáveis sociofamiliares e escolares”, Actas do VIII Congresso Galaico Português de Psicopedagogia, Braga, Universidade do Minho, 14 - 16 Setembro 2005.

ALMEIDA, Leandro S.; KARPICKE, Jeffrey; SOUSA Hélder Diniz, *A Avaliação dos alunos*, Lisboa, Fundação Manuel dos Santos, 2012, 76.

AMADO, José, “Desenvolvimento e Estruturação da Historiografia Portuguesa”, in Fernando Catroga, José Amado Mendes, Luís Reis Torgal, *História da História em Portugal: Sécs. XIX-XX*, Lisboa, Círculo de Leitores e Autores, 1996.

ANDERSON, L.W., & KRATHWOHL, D.R., *A Taxonomy for Learning, Teaching, and Assessing: A Revision of Bloom's Taxonomy of Educational Objectives*, New York, Longman, 2001.

ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 1999.

AUSUBEL D. P., *Educational Psychology: A Cognitive View*, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968.

BARRETO, António, *O Marquês de Pombal: catálogo bibliográfico e iconográfico*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982.

BARROSO, João, *Autonomia e Gestão das Escolas*, Lisboa, Ministério da Educação, 1996.

BERTRAND, Yves, *Teorias Contemporâneas da Educação*, Lisboa, Instituto Piaget, 1991.

BETHENCOURT, Francisco, “A Inquisição”, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. de Carlos Moreira Azevedo, vol. A-C. Coord. de Ana Maria Jorge, et al, Lisboa, ed. Círculo de Leitores SA, e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001.

— Rejeições e polémicas”, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. de Carlos Moreira Azevedo, vol. A-C. Coord. de Ana Maria Jorge, et al, Lisboa, ed. Círculo de Leitores SA, e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001.

BLOCH, Marc, *Introdução à História*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1965.

BLOOM, Benjamin S., et al., *Taxionomia de Objectivos Educacionais. Compêndio Primeiro: Domínio Cognitivo*, 6ª ed., Porto Alegre, Editora Globo, 1977.

BLOOM Benjamin S., KRATHWOHL David e MASIA Bertran, *Taxonomia de Objectivos Educacionais Compêndio Segundo: Domínio Afectivo*, Porto Alegre, Editora Globo, 1976,

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé, *As Escolas Históricas*, Publicações Europa - América, Mem Martins, 2003.

BRAGA, Isabel M.R. Mendes Drumond, “Princípios higienistas e Saúde Pública no final do Antigo Regime”. *Assistência, Saúde Pública e Prática Médica em Portugal (Séculos XV-XIX)*, Lisboa, Universitária Editora, 2001.

BRANCO, Camilo Castelo, "O Oraculo do marquez de Pombal", *Noites de Insomnia Offerecidas a quem não póde dormir*, n.º2, Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1874.

BRAUDEL, Fernand, *História e ciências sociais*, Lisboa, Presença, 1990.

BROUSSEAU, G., "Fundamentos e Métodos da Didáctica da Matemática", in Jean Brun, *Didáctica das Matemáticas*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000.

BURKE, Peter, *O Mundo como Teatro. Estudos de Antropologia Histórica*. Coord. de Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto. Trad. de Vanda Maria Anastácio, Lisboa, ed. Difel Difusão Editorial Lda., 1992.

CACHINHO, Herculano, "Criar Asas: Do Sentido da Geografia Escolar na Pós-Modernidade", *Actas do V Congresso da Geografia Portuguesa*, Guimarães, Universidade do Minho, 2004, pp.6-7.

— "Criando experiências de aprendizagem significativas: do potencial da Aprendizagem Baseada em Problemas", *Revista El Hombre y La Maquina n.º 40 Septiembre-Diciembre de 2012*, Cali Colombia, Universidade Autónoma de Occidente, 2012, pp.58 -67.

CANÁRIO, Rui, *O que é a escola? Um "olhar" sociológico*, Porto, Porto Editora, 2005.

CARDONA, Xavier Hernández, *Didáctica de las ciencias sociales, geografía e historia*, 8ª ed., Barcelona, Editorial GRAÓ, 2012.

CARNEIRO, Roberto, *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem*, Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão, 2001.

CARVALHO, Laerte, *As Reformas Pombalinas da Instrução Pública*, São Paulo, Saraiva Ed. Universidade de São Paulo, 1978.



CARVALHO, Rómulo de, *Actividades Científicas em Portugal no Século XVIII*, Coord. Secretariado Editorial da Universidade de Évora, Évora, 1996.

CHAFFER, John; TAYLOR, Lawrence, *A História e o professor de História*, Lisboa, Liv. Horizonte, 1984.

CITRON, Suzanne, *Ensinar a História hoje*, Lisboa, Liv. Horizonte, 1990.

CLAUDINO, Sérgio, “Portugal Continental ou um novo olhar sobre os manuais escolares de Geografia” in Rui Castro, et.al., *Manuais Escolares – estatuto, funções, história.*, Braga, Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho, 1999.

COLLINGWOOD, R.G., *A Ideia de História*, Trad. De Alberto Freire, Lisboa, Editorial Presença, 2001.

CRATO, Nuno, “*O educar em discurso directo*”, Lisboa, Gradiva, 2006.

DELORS, Jacques, “Os quatro pilares do conhecimento”: um tesouro a descobrir”. *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI*, 9ª ed., Lisboa, Edições Asa, 2005.

DOMINGUES, Ernesto, *Contribuição científica e artística de antigos missionários jesuítas*, Braga, Edições Bracara Augusta, 1984.

ESCUADERO, Juan M., "Prólogo", in M. Fullan: *Los nuevos significados del cambio en educación*. Barcelona, Octaedro, 2002.

FARIA, Ana Leal de, *Duarte Ribeiro de Macedo. Um diplomata moderno 1618 -1680*, Colecção Biblioteca Diplomática do MNE, Portugal, 2005.

—“O ensino da História em questão”, *Boletim da APH*, nº 30-31, Julho 2005-Janeiro 2006, pp.11-13.

— *Arquitectos da Paz. A diplomacia Portuguesa de 1640 a 1815*, Lisboa, Tribuna da História, 2008.

— *D. Pedro II, o Pacífico Dinastia de Bragança 1683-1706*, Lisboa, QuidNovi, 2009.

— “O terramoto de 1755 visto por um diplomata holandês em Lisboa”, *Clio- Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Lisboa, Edições Colibri, 1997, pp.195 – 199.

FARINHA, António Dias, “Assistência”, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. de Carlos Moreira Azevedo, vol. A-C. Coord. de Ana Maria Jorge, et al, Lisboa, ed. Círculo de Leitores SA, e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001.

FELGUEIRAS, Margarida Louro, *Pensar a História Repensar o Ensino. A disciplina de História no 3º Ciclo do Ensino Básico: Alguns Princípios Orientadores da metodologia de Ensino*, Porto, Porto Editora, 1994.

FERNANDES, Domingos, *Avaliação das aprendizagens: desafios às Teorias, Práticas e Políticas*, Lisboa, Texto Editores, 2005.

FRANCO, José Eduardo, *O Mito dos Jesuítas. Em Portugal, no Brasil e no Oriente*, Lisboa, Gradiva Publicações, 2006.

FREIRE, Paulo, *A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam*, São Paulo, Cortez Editora & Autores Associados, 1991.

— *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo, 29ª ed., Paz e Terra, 1996.

GLEITMAN, Henry, FRIDLUND, Alan J.e REISBERG, Daniel, *Psicologia*, 8ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

GOMES, Joaquim, *O Marquês de Pombal e as Reformas do Ensino*, Coimbra, Livraria Almedina, 1982.

GUSDORF, Georges, *Professores para quê?* Lisboa, Moraes Editores, 1970.

HESPANHA, António Manuel, “O Antigo Regime”, *História de Portugal*, Coord. de António Manuel Hespanha, Volume VI, Lisboa, Editorial Estampa, 1998.

HOBSBAWM, E. J., *A Era das Revoluções*, Lisboa, Editorial Presença, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Ranke*, Trad. de Trude Von Laschan Solstein, São Paulo, Editora Ática S.A., 1977.

HOUSSAYE, Jean, *La pédagogie: une encyclopédie pour aujourd’hui*, Paris, ESF, 1996.

LE GOFF, Jacques, “Documento-Monumento”, *Enciclopédia Einaudi*, Vol. I, Lisboa, IN/CM, 1984.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre, “Apresentação”, *Fazer História I. Novos problemas*, Trad. de Maria Eduarda Correia, Amadora, Liv. Bertrand, 1977.

LEBRUN, Marcel, *Teorias e Métodos pedagógicos para ensinar e aprender*, Lisboa, Instituto Piaget, 2008.

LEFEVRE, Lucien, *O professor, observador e actor*, Coimbra, Liv. Almedina, 1978.

LEITÃO, Henrique, et al, *Sphaera mundi: a ciência na aula da esfera: manuscritos científicos do Colégio de Santo Antão nas colecções da BNP*. Coord. técnica Lígia Martins. Comissão científica de Henrique Leitão. Organização Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, BNP, 2008.

LE MOS, Maximiano, *Ribeiro Sanches. A sua vida e sua obra*, Porto, Eduardo Tavares Martins, 1911.

— *Estudos de história da medicina peninsular*, Porto, Tip. A Vapor da Enciclopedia Portuguesa, 1916.

MACEDO, Jorge Borges de , *A situação económica no tempo de Pombal: alguns aspectos*, Lisboa, Gradiva, 1989.

— “O Ensino Liceal de História e as Exigências Universitárias”, Separata dos números 37, 38 e 39 da *Revista de Pedagogia e Cultura Palestra*, Lisboa, 1970. (sem nº de páginas)

— “Para o Estudo da Mentalidade Portuguesa do século XVI — Uma Ideologia de Cortesão. As Sentenças de D. Francisco de Portugal”. *Revista ICALP*, Vol. 7 e 8, Março-Junho, 1987, pp.73-106.

— “Ciência Histórica e Conhecimento do Homem”, [S. l.], [s. n.], sep. da *Revista Ciências Humanas e Fé Cristã*, Ano 41, nº 143 -145, Janeiro – Setembro, 1989, pp.1-35.

MACHADO, Fernando Luís e COSTA, António Firmino da, “Processos de uma modernidade inacabada: mudanças estruturais e mobilidade social”. In José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?* Oeiras, Celta Editora, 1998.

MALHEIRO, Ângela, *A Baixa-Chiado: uma sala de aula dinâmica e interdisciplinar. Proposta de interacção com o público escolar*. Tese de Mestrado - Mestrado em Práticas Culturais Para Municípios, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2010.

MARCOCCI, Guiuseppe ; PAIVA, José Pedro, *História da Inquisição Portuguesa 1536-182*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2013.

MARECHAL, Paul, *L'Histoire en question. Les voies éducatives*. Paris, Librairie Armand Colin, 1969.

MARQUES, António Lourenço, “Manuel Joaquim Henriques de Paiva e a literatura médica dos pobres. A dor nos finais do Antigo Regime”, *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século XX — Cadernos de Cultura nº6*, Castelo Branco, Albigráfica Lda, 1993, pp. 7-10.

MARROU, Henri-Irenée, *Sobre o conhecimento histórico*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

MATOS, Manuel João, *Rousseau e a Lógica da Democracia*, Lisboa, Edições Colibri, 2008.

MELO, Maria Benedita L. P., “Traços da retórica produzida sobre o “efeito de escola”: análise exploratória da opinião difundida na imprensa escrita e das representações dos professores do ensino secundário”, *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, Lisboa, 2010, pp. 291 - 304.

MONTEIRO, Miguel Maria Corrêa, *Didáctica da História, Teorização e prática: algumas reflexões*, Lisboa, Plátano, 2001.

— *O Ensino da História numa Escola em Transformação*, Lisboa, Plátano Edições Técnicas, 2003.

— *D. José O Reformador. Dinastia de Bragança 1750 – 1777*, Lisboa, QuidNovi, 2009.

— *Os Jesuítas e o Ensino Médio*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2011.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo, “O Antigo Regime (Século XVIII) ”, *História de Portugal*, Coord. de Rui Ramos, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.

— “O tempo de Pombal (1750-1777) ”, *História de Portugal*, Coord. de Rui Ramos, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2009.

NOVAK, Joseph D., *Uma teoria de educação*, São Paulo, Liv. Pioneira Editora, 1981

NORA Pierre, *Les Lieux de Mémoire*, Paris, Editions Gallimard, Vol. I, 1984.

NÓVOA, António, *Le temps des professeurs. Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal XVIIIe- XXe siècles*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

— “O regresso dos professores”. *Conferência Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida*, Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, Lisboa, ME, DGRHE, 2007.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e CHADWICK Clifton, *Aprender e Ensinar*. São Paulo, Global, 2001.

PACHECO, José, “A reforma do Sistema Educativo. Alguns aspectos da reorganização dos planos curriculares do ensino básico e secundário em Portugal e Espanha”. *Revista Portuguesa de Educação*, N.º 4 (2), Universidade do Minho, 1991, pp.69-83.

— “Avaliação da aprendizagem”. In Leandro Almeida e José Tavares (org.). *Conhecer, aprender e avaliar*, Porto, Porto Editora, 1998.

PACHECO, José Augusto e ZABALZA Miguel, “A Avaliação dos Alunos dos Ensinos Básico e Secundário”, *Actas do I Colóquio sobre Questões Curriculares*, Braga, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1995, pp.39-49.

PALMA-FERREIRA, João, *Academias Literárias dos Séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982.

PEREIRA, Ana Leonor e PITA, João Rui, “Manuel Joaquim de Paiva (1752-1829?). Vítima flagrante do esquecimento que tudo devora” *In Vivo. Revista Mensal de Saúde* 2 (4), Coimbra, Mar da Palavra - Edições, Lda., 2001, p.46.

PEREIRA, Miguel Baptista, “O século da hermenêutica filosófica: 1900-2000”, *Revista Filosófica de Coimbra*, Vol. 9, n.17, Instituto de Estudos Filosóficos -Faculdade de Letras, Coimbra, 2000, pp.3-68.

PERRENOU, Philippe, “Não mexam na minha avaliação! Para uma abordagem sistémica da mudança pedagógica”. In Estrela, A. e Nóvoa, A. (Ed.). *Avaliações em educação: novas perspectivas*, Lisboa, Educa, 1992.

— *Porquê construir competências a partir da escola*, Porto, Edições Asa. 2001.

PINTASSILGO, Joaquim, “Construção histórica da noção de democratização do ensino. O contributo do pensamento pedagógico português”, in M. M. Vieira, J. Pintassilgo e B. P. Melo (orgs.), *Democratização Escolar: Intenções e Apropriações*, Lisboa, Centro de Investigação em Educação da FCUL, 2003, pp. 119.

PINTASSILGO, J., MOGARRO, M., HENRIQUES, R., *A formação de professores em Portugal*, Lisboa, Edições Colibri, 2010.

PONTE, João Pedro, “Didácticas específicas e construção do conhecimento profissional”, in J. Tavares, A. Pereira, A. Pedro, H. Sá, *Investigar e formar em educação*, Actas do IV Congresso do SPCE, Porto, SPCE, 1999, p. 59-72.

PRATS Joaquín, et. al., *Por qué y para qué enseñar Historia. Didáctica de la Geografía y la Historia*, Barcelona, Editorial GRAÓ, 2011.

PROENÇA, Maria Cândida, *Didáctica da História*, Lisboa, Universidade Aberta, 1989.

REIS, Fátima, *D. João V O Magnânimo, Dinastia de Bragança 1706 -1750*, Lisboa, QuidNovi, 2009.

REIS, Fernando Egídio, *Felicidade, Utilidade e Instrução. A Divulgação Científica no Jornal Enciclopédico Dedicado à Rainha 1779; 1788 – 1793; 1806*, Porto, Porto Editora, 2005.

REY, Bernard, et.al., *Competências na Escola - Aprendizagem e Avaliação*, Lisboa, Edições Gailivro, 2005.

RIBEIRO, Lucie Carrilho, *Avaliação da Aprendizagem*, Porto, Texto Editora, 3ª ed., 1991.

ROLDÃO, Maria do Céu, “Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional”. *Revista Saber (e) Educar*, nº 13, Porto, Centro de Investigação Paula Frassinetti, 2008, pp. 171-184.

— *Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor*, Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão, 2009, p.57.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, “ História Política, Diplomática e Militar”, *História de Portugal Volume V*, Lisboa, Editorial Verbo, 1980.

— “Religião, Assistência e Cultura”, *História de Portugal*, vol. VI - *O Despotismo Iluminado (1750-1807)*, 2.ª ed., Lisboa, Editorial Verbo, 1982.

TARDIF, Jacques, *Pour un Enseignement Stratégique. L'apport de la psychologie cognitive*, Québec, Les Éditions LOGIQUES, 1997.

TESSIER, Georges, *La Diplomatie*, 3ª ed, Paris, PUF-Que Sais-Je?, 1966.

VEIGA, Feliciano, *Indisciplina e violência na escola: práticas comunicacionais para professores e pais*, 3ª ed., Coimbra, Almedina, 2007.

VERÍSSIMO, Helena Ângelo, “Experiencias de aprendizagem. A aprendizagem activa”. *Revista da APH*, 2004, pp. 25-27.

VEYNE, Paul, *Como se Escreve a História*, Lisboa, Edições 70, 1987.

— *O Inventário das Diferenças*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1983, p.34.

VICO, Giambattista, *Ciência Nova*. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.



VIENNEAU, Raymond, *Apprentissage et enseignement: Théories et pratiques*, Montréal, gaëtan morin, éditeur, 2005.

ZABALZA, Miguel, *Los diarios de clase. Documento para estudiar cualitativamente los dilemas prácticos de los profesores*, Barcelona, Promociones y Publicaciones Universitarias, S. A., 1991.

— *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Ed. ASA, Porto, 1994.

## **2.2. Documentos electrónicos**

### **2.2.1. Legislação**

GAVE [em linha]. Despacho n.º 17169/2011. “D.R. n.º 245, Série II” (2011-12-23). [consult. 10/04/2013]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=Despacho\\_n\\_171692011\\_CNEB.pdf](http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=Despacho_n_171692011_CNEB.pdf)>.

DGES [em linha]. Lei de Bases do Sistema Educativo Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro, alterada pela Lei n.º 115/97 de 19 de Setembro e alterada / republicada pela Lei n.º 49/2005 de 30 de Agosto. [consult. 15/06/2013]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/40A12447-6D29-49BDB6B4E32CBC29A04C/1128/L492006.pdf>>.

PORTUGAL. Ministério da Educação [em linha]. Alvará de 19 de Maio de 1759 - A instituição da Aula do Comércio, já prevista no capítulo 16º dos Estatutos da Junta do Comércio. [consult. 15/06/2013]. Disponível em WWW:<URL:[http://www.sg.minedu.pt/fotos/editor2/RDE/L/S18/1751\\_1760/1759\\_05\\_19\\_alvara.pdf](http://www.sg.minedu.pt/fotos/editor2/RDE/L/S18/1751_1760/1759_05_19_alvara.pdf)>.

PORTUGAL. Ministério da Educação [em linha]. Alvará de criação da Directoria Geral dos Estudos, de 28 de Junho de 1759, [consult. 15/06/2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.sg.min-edu.pt/pt/patrimonio-educativo/museu-virtual/exposicoes/exposicao-documental-e-bibliografica/alvara-real-pagina-1/>>.

PORTUGAL. Ministério da Educação [em linha]. Carta Régia de 6 de Julho de 1759. Nomeação de D. Thomaz de Almeida para Director Geral dos Estudos do Reino. [consult. 15/06/2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.sg.min-edu.pt/pt/patrimonio-educativo/museu-virtual/exposicoes/exposicao-documental-e-bibliografica/carta-regia/>>.

PORTUGAL. Ministério da Educação [em linha]. Carta Régia de 7 de Março de 1761 sobre a instituição do na cidade de Lisboa o Colégio Real dos Nobres. [consult. 15/06/2013]. Disponível em WWW:<URL:[http://www.sg.minedu.pt/fotos/editor2/RDE/L/S18/1761\\_1770/1761\\_03\\_07\\_cartadelei.pdf](http://www.sg.minedu.pt/fotos/editor2/RDE/L/S18/1761_1770/1761_03_07_cartadelei.pdf)>.

PORTUGAL. Ministério da Educação [em linha]. Subsídio Literário Alvará de 10 de Novembro de 1772, [consult. 15/06/2013]. Disponível em:WWW: <URL:[http://www.sg.minedu.pt/fotos/editor2/RDE/L/S18/1771\\_1780/1772\\_11\\_10alvar\\_a\\_1.pdf](http://www.sg.minedu.pt/fotos/editor2/RDE/L/S18/1771_1780/1772_11_10alvar_a_1.pdf)>.

### **2.2.2. Dados gerais sobre Alcochete**

INE [em linha]. Informação estatística [consult. 15/06/2013]. Disponível em WWW :< URL:[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=150036667&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=150036667&PUBLICACOESmodo=2)>.

Câmara Municipal de Alcochete [em linha]. Dados gerais [consult. 15/06/2013]. Disponível em WWW:< URL: [http://www.cm-alcochete.pt/NR/rdonlyres/A112BFC0-F432-4E28-A7B4-C6D874A34BA3/0/Dados\\_Gerais\\_2011.pdf](http://www.cm-alcochete.pt/NR/rdonlyres/A112BFC0-F432-4E28-A7B4-C6D874A34BA3/0/Dados_Gerais_2011.pdf)>.

Câmara Municipal de Alcochete [em linha]. PDM [consult. 05/06/2013]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.cm-alcochete.pt/NR/rdonlyres/FEC43655-E27A-44C5-88D4-08F17B93FF85/1756/pdm\\_alcochete.pdf](http://www.cm-alcochete.pt/NR/rdonlyres/FEC43655-E27A-44C5-88D4-08F17B93FF85/1756/pdm_alcochete.pdf)>.

### **2.2.3. Artigos electrónicos sobre educação**

BERTRAND, Yves e VALOIS, Paul, [em linha]. “École et sociétés”, *Revue française de pédagogie*, nº 101, 1992, pp. 124-126. [consult. 14/03/2013]. Disponível em WWW: <URL:[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rfp\\_05567807\\_1992\\_num\\_101\\_1\\_2517\\_t1\\_0124\\_0000\\_2](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rfp_05567807_1992_num_101_1_2517_t1_0124_0000_2)>.

FERRAZ, Ana Paula do Carmo Marcheti e BELHOT Renato Vairo, [em linha]. “Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais”. [consult. 14/05/2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.scielo.br/pdf/gp/v17n2/a15v17n2.pdf>>.

HOUSSAYE, Jean, “Prazer”, *Currículo sem Fronteiras*, [em linha]. v.7, n.2, pp.71-77, Jul/Dez 2007. [consult. 14/05/2013]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/houssaye.pdf>>.

LIEBERMAN, Ann, “Real-life view: An interview with Ann Lieberman”, *Journal of Staff Development*, [em linha]. Vol. 20, no 4, Fall, 1999, pp.53-57. [Consult. 26/06/2013]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.pps.k12.or.us/files/districtleadership/Read\\_Life\\_View\\_An\\_Interview\\_with\\_Ann\\_Lieberman\\_Dennis\\_Sparks.pdf](http://www.pps.k12.or.us/files/districtleadership/Read_Life_View_An_Interview_with_Ann_Lieberman_Dennis_Sparks.pdf)>.

MINIER, Pauline. *Ancrage historique et développement des courants de pensée de l'apprentissage*, [em linha]. 2007, [Consult. 14/05/2013]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.wens.uqac.ca/~pminier/>>.

PERRENOUD, PHILIPPE. *Ensinando as competências desde a escola*, [em linha]. Porto Alegre, Art Med, 1999. [Consult. 24/01/2013]. Disponível em WWW:<URL: <http://pt.scribd.com/doc/103304364/PERRENOUD-Phillipie-Ensinando-Competencias>>.

PORTUGAL. Ministério da Educação [em linha]. *Linhas Orientadoras - Educação para a Cidadania*. [consult.10/05/2013]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.dgidc.minedu.pt/educacaocidadania/index.php?s=directorio&pid=71>>.

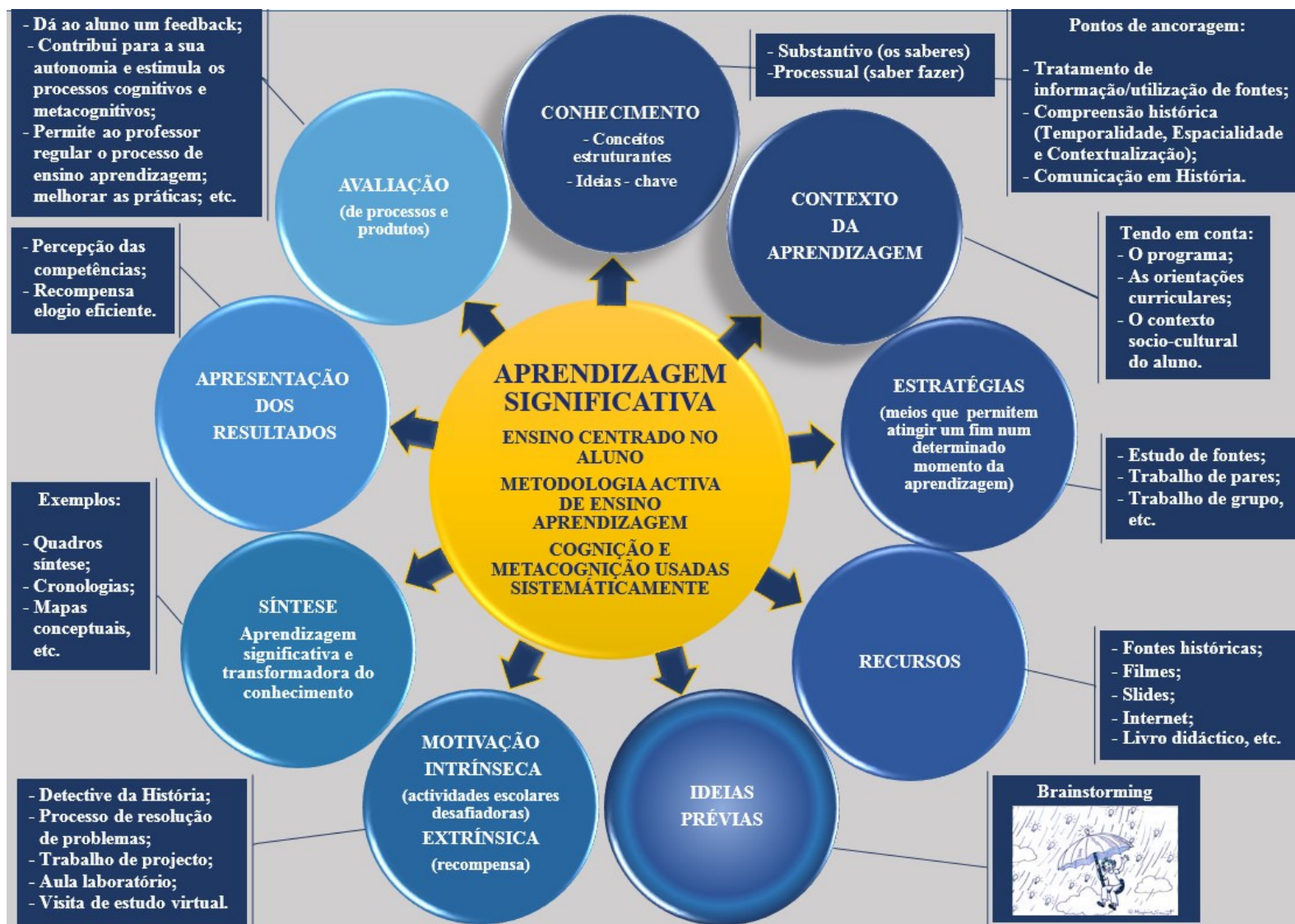
PORTUGAL. Ministério da Educação [em linha]. “Reorganização escolar”. [consult. 12/04/2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia/mantenha-se-atualizado/20120703-mec-agrupamentos-escolas.aspx>>.

RIBEIRO Célia, “Metacognição: Um apoio ao processo de aprendizagem dos alunos”. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, [em linha]. vol. 16, nº 1, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. [consult. 12/04/2013].Disponível em WWW:<URL:[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722003000100011&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722003000100011&script=sci_arttext&tlng=es)>.

UGARTETXEA, Josu “ Motivación y Metacognición, más que una Relación”, *Revista Electrónica de Investigación y Evaluación Educativa*, [em linha].Vol.7, nº 2, 2001, [n. p.]. [Consult. 31/01/2013]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.uv.es/RELIEVE/v7n2/RELIEVEv7n2\\_1.htm](http://www.uv.es/RELIEVE/v7n2/RELIEVEv7n2_1.htm)>.

# ANEXOS



## **Anexo I – O “nosso” modelo pedagógico**



## Anexo II - Panificação a Médio Prazo





<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p><b>Ministério da Educação</b></p> </div> <div style="text-align: center;"> <p><b>Escola El Rei D. Manuel I, Alcochete</b></p> <p><b>Departamento de Ciências Sociais e Humanas – Grupo disciplinar: História (400)</b></p> </div> <div style="text-align: right;">  <p><b>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALCOCHETE</b> ESCOLA BÁSICA D. EL REI D. MANUEL I</p> </div> </div> <div style="text-align: center; margin-top: 10px;"> <p><b>PLANIFICAÇÃO A MÉDIO PRAZO - Disciplina: História – 8º ano – Turma C</b></p> <p><b>Aulas previstas – 20 A 22 - Ano lectivo de 2012-2013</b></p> </div>						
<b>TEMA F – PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII e XVIII</b>						
<b>CONTEUDOS</b>	<b>CONCEITOS</b>	<b>OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS</b>	<b>ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES</b>	<b>RECURSOS</b>	<b>AVALIAÇÃO</b>	<b>TEMPO</b>
<p><b>F.2 – Absolutismo e Mercantilismo numa Sociedade de Ordens</b></p> <p>O Antigo Regime na Europa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A agricultura e o comércio;</li> <li>- O mercantilismo;</li> <li>- A Sociedade de Ordens;</li> <li>- O poder absoluto;</li> </ul> <p>O Antigo Regime Português na 1ª metade do século</p>	<p>Antigo Regime</p> <p>Sociedade de Ordens</p> <p>Terceiro Estado</p> <p>Absolutismo</p> <p>Mercantilismo</p> <p>Proteccionismo</p>	<p><b>Compreensão histórica</b></p> <p><i>Temporalidade</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar e caracterizar fases importantes da evolução histórica (Antigo Regime, economia – pré industrial, Sociedade de Ordens, Absolutismo, Mercantilismo, despotismo esclarecido, Barroco).</li> <li>- Localizar no tempo os eventos e os processos abordados.</li> <li>- Identificar e caracterizar momentos de ruptura (crise comercial de 1669, terramoto de 1755).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exploração sistemática de documentos escritos e iconográficos, de mapas, barras cronológicas, gráficos e diagramas.</li> <li>- Elaboração de pequenos trabalhos temáticos e sínteses, aplicando o vocabulário específico da História.</li> <li>- Valorização da comunicação através da recolha (se possível recorrendo a meios informáticos), produção e análise de materiais iconográficos, mapas, quadros, etc. e da comunicação oral, particularmente em situações de diálogo na aula ou de debate.</li> <li>- Diálogo aberto, orientado pelo professor, em torno de questões suscitadas pela análise da documentação, de modo a inferir conceitos, levantar hipóteses</li> </ul>	<p>Quadro e Giz</p> <p>Manual</p> <p>Caderno de Atividades</p> <p>Caderno diário</p> <p>Transparências</p> <p>Computador</p> <p>Colunas áudio</p>	<p>Continua</p> <p>Observação directa</p> <p>Sumativa</p> <p>Formativa</p> <p>Participação oral</p> <p>Monitorização e registo das competências e atitudes reveladas na concretização das actividades propostas</p>	<p>22 Aulas de 45 minutos</p>

*A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem*

<p>XVIII:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- O mercantilismo em Portugal;</li> <li>- O Tratado de Methuen;</li> <li>- O ouro brasileiro;</li> <li>- O absolutismo em Portugal.</li> </ul> <p><b>F.3 - Um projecto modernizador – o despotismo pombalino:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Submissão dos grupos privilegiados;</li> <li>- Reforço do Estado;</li> <li>- Fomento comercial e manufactureiro – promoção da Burguesia;</li> <li>- O urbanismo pombalino.</li> </ul>	<p>Manufatura</p> <p>Pragmática</p> <p>Despotismo Esclarecido</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estabelecer relações passado /presente (ex: permanência de estruturas económicas e sociais do Antigo regime, nomeadamente de formas de tratamento; presença do património artístico e paisagístico).</li> </ul> <p><b>Espacialidade</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Localizar no espaço os países europeus do Antigo regime, as principais cidades e centros comerciais europeus, a região de Minas gerais, alguns centros europeus de arte barroca.</li> <li>-Relacionar a organização do espaço com diversos condicionalismos (políticos e físico-naturais); a nova organização do espaço urbano no projecto pombalino; a transformação do espaço rural na região vinícola do Douro.</li> </ul> <p><b>Contextualização</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Distinguir aspectos de ordem económica, social, política e cultural das sociedades do Antigo Regime, nomeadamente da sociedade portuguesa estabelecendo entre eles inter-relações (ex: senhorialismo e economia agrícola;</li> </ul>	<p>explicativas, contextualizar os factos ou discutir problemas.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise de um mapa da Europa, assinalando os países de Antigo Regime.</li> <li>- Construção de um friso cronológico</li> <li>- Visionamento de filmes e vídeos sobre a política absolutista de Luís XIV e a corte de Versalhes, apoiado em roteiros de leitura e interpretação desses documentos.</li> <li>- Análise de diagramas e quadros estatísticos com vista à definição do conceito de balança comercial e à sua aplicação mercantilista.</li> <li>- Leitura de documentos escritos e iconográficos.</li> <li>- Pesquisa (em livros, suportes multimédia ou através da Internet) sobre os grandes cientistas dos séculos XVII e XVIII e elaboração de sínteses ilustradas resultantes das pesquisas efectuadas.</li> <li>- Leitura de mapas com o objectivo de identificação das regiões do globo conhecidas através das grandes viagens de exploração do século XVIII.</li> </ul>	<p>Projector de vídeo</p> <p>Filmes</p> <p>Documentários</p> <p>Mapas</p> <p>Cronologias</p> <p>Esquemas conceptuais</p>	<p>Trabalhos de pesquisa apresentados</p> <p>Trabalho de grupo</p>	
---	---	--	---	--	--	--



*A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem*

<p>inovação – a Inquisição e o ensino tradicional;</p> <p>- O Iluminismo na Europa e em Portugal;</p> <p>- Os filósofos iluministas;</p> <p>- Os ideais iluministas;</p> <p>- Meios de difusão do iluminismo;</p> <p>- Os estrangeirados;</p> <p>- O despotismo esclarecido;</p> <p>- Desenvolvimento e laicização do ensino – as reformas pombalinas;</p>	<p>Iluminismo</p>	<p>- Caracterizar o método experimental</p> <p>- Identificar os processos ocorridos nos domínios científicos e técnico dos séculos XVII e XVIII.</p> <p>- Compreender que a revolução científica se traduz na elaboração de uma nova visão do mundo.</p> <p>- Caracterizar em traços gerais, a filosofia iluminista.</p> <p>- Relacionar a obra e as críticas dos “estrangeirados”, bem como a acção do Marquês de pombal, com o movimento iluminista.</p> <p>- Identificar e caracterizar momentos de ruptura (Revolução Científica, Iluminismo/Século das Luzes, época pombalina, etc.).</p> <p>- Distinguir diferentes ritmos de desenvolvimento (por exemplo o desfasamento temporal de Portugal relativamente ao iluminismo europeu).</p> <p>- Localizar as reformas culturais e pedagógicas do marquês de Pombal.</p> <p>-Estabelecer relações passado/presente, nomeadamente</p>	<p>- Promoção de um debate subordinado ao tema «A Cultura em Portugal».</p> <p>- Diálogo acerca da projecção actual das ideias iluministas, particularmente no que toca aos regimes parlamentares contemporâneos e ao sistema político em Portugal</p> <p>- Síntese dos factos e ideias-chave da unidade.</p>			
--	-------------------	---	---	--	--	--

		<p>entre o iluminismo e o despotismo esclarecido; etc.).</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Interpretar o papel dos indivíduos e dos grupos no Século das Luzes (nomeadamente: o papel desempenhado pelos académicos ou pelos enciclopedistas; a acção de cientistas como Galileu e Newton, filósofos como Descartes e Voltaire, estrangeirados como Verney ou Ribeiro Sanches; a actuação de monarcas como Frederico II da Rússia e de ministros como o marquês de Pombal; etc.).</li> <li>- Reconhecer a simultaneidade de diferentes valores e culturas, bem como os fenómenos de resistência à inovação científica.</li> <li>- Relacionar a situação de “atraso” de Portugal face às transformações ocorridas na Europa das Luzes com as especificidades da sociedade portuguesa.</li> <li>- Integrar o “atraso” de Portugal no domínio científico no contexto das resistências desenvolvidas pela Inquisição e pela Universidade.</li> <li>- Sintetizar o processo das transformações científicas, técnicas e culturais que ocorreram na Europa, nos séculos XVII e XVIII.</li> </ul>				
--	--	--	--	--	--	--

## **Anexo III – Algumas páginas do manual escolar**



## O ABSOLUTISMO

Entre os séculos XVI e XIX, muitos Estados da Europa adoptaram o Absolutismo como forma de governação. O que caracteriza o Absolutismo? De que forma se implantou em Portugal?

### CARACTERÍSTICAS DO ABSOLUTISMO

Ao longo do Antigo Regime\*, isto é, entre os séculos XVI e XIX (até às revoluções liberais), a maioria dos países da Europa adoptou um regime político chamado Absolutismo.

Este regime político caracterizou-se por:

- o poder do monarca era considerado de origem divina, isto é, provinha de Deus pelo que os reis só a Deus tinham de prestar contas (**docs. 2 e 3**);
- o monarca concentrava todos os poderes do Estado (administração do território, feitura das leis, aplicação da justiça, comando do exército); estes poderes eram exercidos, em todo o Reino, por funcionários em nome do monarca (**docs. 4 e 5**);
- as assembleias que faziam as leis (Cortes na Península Ibérica, Estados Gerais em França) perderam importância e deixaram de reunir-se;
- todos os grupos sociais estavam subordinados ao poder do Rei.

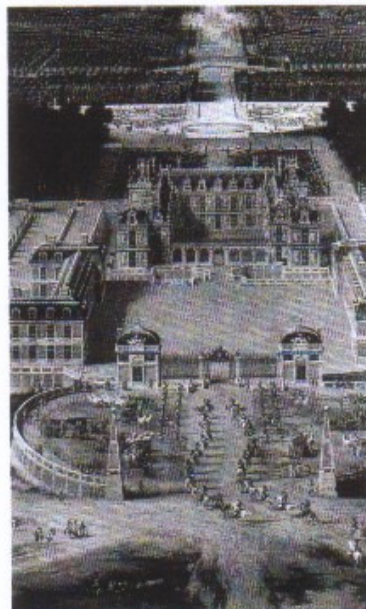
O poder absoluto dos monarcas atingiu a plenitude no século XVIII. O rei francês Luís XIV (1643-1715) tornou-se no modelo da monarquia absoluta em toda a Europa (**doc. 1**).

### A IMPLANTAÇÃO DO ABSOLUTISMO EM PORTUGAL

Os reis portugueses tomaram várias medidas a fim de estabelecer o Absolutismo no reino. Entre outras, destacaram-se:

- a **Lei Mental** (1434), de D. Duarte, que determinava que os bens doados pela Coroa só podiam ser transmitidos em herança ao filho mais velho; caso contrário, reverteriam para a Coroa;
- as **Ordenações Afonsinas\*** (meados do século XV) e as **Ordenações Manuelinas** (1521), compilações de leis destinadas a ser aplicadas em todo o território português;
- a **Reforma dos Forais** (1497-1520), ordenada por D. Manuel I, que reorganizou os impostos a pagar, dentro de cada município, ao monarca ou aos senhores.

Para centralizar o poder, os monarcas precisavam de possuir importantes meios económicos. A expansão marítima proporcionou, para este efeito, à Coroa portuguesa os rendimentos necessários. Por isso, D. João II (1481-1495) pôde subordinar a Nobreza e lançou as bases do Estado Absoluto português. Em 1698, no tempo de D. Pedro II (1667-1706), reuniram-se as Cortes pela última vez (**doc. 6**). Na 1.ª metade do século XVIII, D. João V (1706-1750), graças ao ouro vindo do Brasil, pôde reforçar o seu prestígio e autoridade. Este monarca absolutista, inspirou-se em Luís XIV, rei de França.



1. O Palácio de Versalhes, em 1668 – Símbolo da monarquia absoluta, em particular da grandeza do poder do rei Luís XIV, de França.

\*Antigo Regime – ver Glossário (pág. 222).

\*Ordenações Afonsinas – conjunto de leis mandadas coligir por D. João I, trabalhadas na regência de D. Pedro e promulgadas por D. Afonso V. Daí o seu nome.

### SÍNTESE

Os Estados europeus, na sua maioria, adoptaram entre os séculos XVI e XIX um regime político chamado Absolutismo. O monarca absoluto concentrava em si todos os poderes – administrativos, legislativos, judiciais. Considerava-se que o poder absoluto vinha de Deus, directamente para o rei.

O Absolutismo atingiu a plenitude no século XVIII, conhecendo, por isso, etapas várias na sua implantação.

Em Portugal, a Lei Mental, as Ordenações Afonsinas e Manuelinas, a reforma dos forais contribuíram para afirmar o poder do rei.



## A ECONOMIA PORTUGUESA NA 2ª METADE DO SÉCULO XVIII. FOMENTO COMERCIAL E MANUFACTUREIRO NO TEMPO DE POMBAL

Os últimos anos do reinado de D. João V foram de crise. O Marquês de Pombal procurou relançar a economia através do desenvolvimento do comércio e mais tarde da indústria. Que medidas tomou?

### O DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO

Nos últimos anos do reinado de D. João V, como sabes, diminuíram as remessas de ouro provenientes do Brasil. Também os rendimentos das exportações do vinho, açúcar e tabaco decaíram. Por isso a coroa teve de relançar a economia.

Na 2ª metade do século XVIII, o Marquês de Pombal (1750-1777), ministro de D. José I (doc. 1), tomou uma série de medidas para ultrapassar a crise que afectava Portugal. Assim, aperfeiçoou a administração do Estado, melhorou a cobrança de impostos e fomentou o comércio. Na metrópole, incrementou a cultura da vinha e, no Brasil, a do algodão, cacau e tabaco, entre outras. Por outro lado, criou companhias comerciais, como a Companhia do Grão-Pará e Maranhão (1755); da Agricultura das Vinhas do Alto Douro (1756); de Pernambuco e Paraíba (1759).

Estas Companhias eram constituídas com dinheiro de accionistas e actuavam em monopólio\*. Assim, só elas podiam explorar as riquezas da região onde exerciam a sua actividade (docs. 2 e 3). Por outro lado, gozavam de muitos privilégios. Mas, a política de fomento comercial, a certa altura, deixou de dar os resultados esperados. Tornou-se, por isso, necessário mudar de política.

### O FOMENTO INDUSTRIAL

Com efeito, nos finais da década de 1760, o ouro e outros produtos coloniais brasileiros (açúcar, diamantes) entraram em crise. As importações e exportações portuguesas diminuíram, decaindo os lucros das companhias comerciais e os rendimentos do Estado.

Então, o Marquês de Pombal, para superar as dificuldades, procurou desenvolver a indústria portuguesa através das seguintes medidas (docs. 4, 5 e 6):

- criação e renovação de muitas oficinas e manufacturas (chapéus, tecidos, vidro, louça, papel, ferramentas, etc.);
- concessão de subsídios e privilégios (isenção de impostos, exclusivo da produção);
- recrutamento de técnicos estrangeiros para melhorar a produção.

A política económica do Marquês de Pombal de fomento comercial e manufactureiro (doc. 4) contribuiu para o desenvolvimento da burguesia. Vamos ver de que forma.



1. Sebastião José de Carvalho e Melo - Oriundo da pequena Nobreza, foi diplomata em Londres e Viena de Áustria. Regressado a Portugal, D. José nomeou-o para a Secretaria dos Estrangeiros e Guerra e encarregou-o de superintender toda a política centralizadora da Coroa. Em 1759, o rei concedeu-lhe o título de conde de Oeiras e, em 1770, o de Marquês de Pombal.

\*Monopólio - exclusivo de exploração ou de comercialização.

### SÍNTESE

Na 2ª metade do século XVIII, o Marquês de Pombal tomou uma série de medidas para ultrapassar a crise que, nos últimos anos do reinado de D. João V, afectou Portugal.

Assim, melhorou a eficácia da administração do Estado e criou companhias comerciais, que actuavam, na metrópole e no Brasil, em regime de monopólio. Mas, nos finais da década de 1760, com a diminuição das remessas do ouro e dos produtos coloniais, a economia portuguesa entrou novamente em crise. Então, o Marquês de Pombal fomentou a indústria, criando oficinas e manufacturas e concedendo privilégios.



## A SOCIEDADE PORTUGUESA DO SÉCULO XVIII. POMBAL: UM PROJECTO MODERNIZADOR

O Marquês de Pombal, para reformar o poder do Estado, seguiu uma nova prática política – o despotismo esclarecido – e submeteu os grupos sociais privilegiados. Em que consistiu a nova prática de governação? Quem fazia parte da elite social?

### O DESPOTISMO ESCLARECIDO

Nos últimos anos do reinado de D. João V, membros da nobreza e das ordens religiosas (em especial os Jesuítas) aproveitaram-se da doença do rei e usurpavam poderes.

Em 1756, quando D. José, reforçou os poderes de Sebastião José de Carvalho e Melo (futuro Marquês de Pombal), este pôs em prática uma nova concepção absolutista de poder – o despotismo esclarecido\*, que se baseava nos seguintes princípios:

- reforço do poder absoluto do rei que, regendo-se pela razão, devia governar em prol do progresso e bem-estar do reino;
- criação de uma nova nobreza, educada de acordo com os novos ideais, e de uma burguesia mais poderosa;
- combate a desigualdades sociais (abolição de certos privilégios, promoção de alguns estratos sociais).

O despotismo esclarecido defendia, na verdade, o reforço do poder dos monarcas, mas considerava que estes deviam governar "a favor do povo", ou seja, em benefício de todos os seus súbditos (doc. 2).

### UMA NOVA ELITE SOCIAL

O Marquês de Pombal para implantar o despotismo esclarecido teve de reforçar o aparelho do Estado com novos órgãos da administração pública: Depósito Público, Erário Régio, Real Mesa Censória; por outro lado, submeteu os estratos sociais mais poderosos – a nobreza e o clero tradicionais – e promoveu outros.

Ora, em 1755 – aquando de um atentado contra D. José, a que o rei escapou – logo importantes membros da nobreza foram afastados do poder e outros condenados à morte (doc. 1). De igual modo, os Jesuítas – acusados de cúmplices no atentado – foram expulsos do país, em 1759.

Em substituição da sociedade anterior (doc. 5), o Marquês de Pombal criou uma elite social constituída por uma nova nobreza, educada de acordo com os novos ideais políticos e uma burguesia\* enriquecida com o comércio metropolitano e ultramarino. Muitos burgueses receberam títulos e ascenderam à categoria de nobres (docs. 4 e 5).

O Marquês de Pombal combateu certas desigualdades sociais. Assim acabou com a distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos\* (doc. 3). Desta forma, o todo-poderoso ministro de D. José I pôde reforçar o poder do rei e criar uma nova sociedade.



1. Decapitação da Marquesa de Távora – Na sequência do atentado contra a vida de D. José, Pombal perseguiu todos os que se opunham ao poder absoluto do monarca. Alguns deles, como os Távora e o duque de Aveiro, foram condenados à morte.

\*Burguesia Pombalina – ver Glossário (pág. 222).

\*Cristãos-novos – nome dado, em fins do século XV, aos judeus recém-convertidos ao Cristianismo.

\*Despotismo Esclarecido – ver Glossário (pág. 222).

### SÍNTESE

O Marquês de Pombal procurou criar uma nova sociedade, de acordo com os ideais do despotismo esclarecido. Para o efeito, abateu a nobreza tradicional e os Jesuítas e criou uma nova nobreza, educada de acordo com os novos ideais. Por outro lado, promoveu socialmente uma burguesia enriquecida com o comércio metropolitano e ultramarino. Procurou, também, estabelecer uma sociedade mais nivelada, pondo termo a certos privilégios e desigualdades. Desta forma, reforçou o poder do rei e submeteu os grupos privilegiados.



## OS AVANÇOS DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA. O ILUMINISMO

Nos séculos XVII e XVIII deram-se importantes inovações científicas. Ao mesmo tempo, surgiu um novo movimento cultural – o Iluminismo. Em que consistiram estes progressos?

### OS PROGRESSOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS

Nos séculos XVII e XVIII, ocorreram no mundo ocidental importantes progressos científicos. Então, desenvolveram-se ciências como a Matemática, Física, Astronomia, Química, Medicina e destacaram-se cientistas como Galileu, Newton e Lavoisier entre muitos outros (docs. 1 e 2). Também, nos mesmos séculos, criaram-se novos instrumentos, como o telescópio e a luneta (Astronomia), o aeróstato\*, a máquina a vapor, o microscópio (doc. 3), o termómetro e o barómetro (Física).

Estes progressos beneficiaram de condições favoráveis (doc. 4):

- os monarcas, interessados no progresso das suas nações, apoiavam a investigação;
- as universidades e outras instituições culturais (como as academias) fomentavam as ciências e divulgavam as descobertas;
- alguns membros do clero e da nobreza, interessados pelas ciências, promoviam encontros culturais e realizavam experiências.

### O ILUMINISMO – UMA NOVA CORRENTE DO PENSAMENTO

No século XVIII, desenvolveu-se na Europa um movimento de renovação cultural a que se deu o nome de Iluminismo\* (mapa, pág. 126). Este movimento defendia os seguintes princípios (doc. 5):

- crença no valor da razão – só a razão liberta o Homem da ignorância e das forças opressoras (Religião, Igreja, Estado Absolutista);
- a ideia de progresso – a educação é a via privilegiada para o progresso da Humanidade; por isso, é necessário romper totalmente com o passado de superstição, ignorância e fanatismo;
- o direito à felicidade – a sociedade deve ser organizada de modo a que o Homem possa ser feliz;
- o espírito de tolerância – os homens devem lutar pela igualdade perante a lei, justiça, liberdade de pensamento e respeito pelos outros.

Os iluministas pretendiam uma nova sociedade, com um novo regime político, sem os privilégios da nobreza e do clero e em que houvesse o direito à liberdade religiosa e à tolerância. Em suma, os iluministas propunham-se contribuir para o bem geral da Humanidade.

As ideias iluministas difundiram-se através de clubes, cafés, salões (doc. 4), academias, jornais, livros (como a Enciclopédia\*) e, ainda, por acção da maçonaria\*. Como principais iluministas, destacaram-se Voltaire, Rousseau e Montesquieu.

CIENTISTAS	DESCOBERTAS
<b>GALILEU</b> , 1564-1642 (italiano)	Prova que a Terra anda em volta do Sol (confirmação do sistema de Copérnico).
<b>DESCARTES</b> , 1596-1650 (francês)	Elabora um método científico e faz progredir a Matemática.
<b>HARVEY</b> , 1578-1657 (inglês)	Descobre a circulação do sangue.
<b>NEWTON</b> , 1642-1727 (inglês)	Descobre a lei da atracção e da gravitação universal.
<b>BUFFON</b> , 1707-1788 (francês)	Classifica os conhecimentos da Zoologia, Botânica e Geologia.
<b>LAVOISIER</b> , 1743-1794 (francês)	Funda a Química moderna, descobrindo a composição do ar e da água.

#### 1. Os progressos científicos nos sécs. XVII e XVIII.

\*Aeróstato – balão.

\*Enciclopédia – ver Glossário (pág. 222).

\*Iluminismo – ver Glossário (pág. 222).

\*Maçonaria – ver Glossário (pág. 223).

### SÍNTESE

Nos séculos XVII e XVIII, ocorreram no mundo ocidental importantes progressos científicos e técnicos. Estes avanços beneficiaram de condições favoráveis como o interesse dos monarcas, o apoio das universidades e das academias, as iniciativas de membros do clero e da nobreza.

No século XVIII, surgiu na Europa um movimento cultural a que se deu o nome de Iluminismo. Este movimento defendia a crença no valor da razão, a ideia de progresso, o direito à felicidade das nações, o espírito de tolerância. Os ideais iluministas, que defendiam uma nova ordem política e social, foram divulgados por vários meios como clubes, salões e livros.



130 Tema F: A Cultura e o Iluminismo em Portugal face à Europa

## PORTUGAL: RESISTÊNCIAS À INOVAÇÃO; AS REFORMAS POMBALINAS DO ENSINO

No século XVII e até meados do século XVIII, Portugal foi um país culturalmente atrasado. Por influência dos estrangeirados e graças à acção do Marquês de Pombal dá-se a modernização da cultura e do ensino no país. Como ocorreu essa mudança?

### PORTUGAL, UM PAÍS ATRASADO; OS ESTRANGEIRADOS

No século XVII e na 1ª metade do século XVIII, Portugal manteve-se afastado das novidades científicas e filosóficas da Europa. O ensino, controlado pelos Jesuítas, era tradicional e retrógrado\*. A Igreja, através da Inquisição e do Index, controlava a introdução de novas ideias (docs. 2, 3 e 4).

A Inquisição, estabelecida entre nós em 1536, defendia a religião católica. Os seus tribunais – em Lisboa, Coimbra, Évora e Goa – julgavam os crentes das igrejas protestantes e os suspeitos de práticas de superstição e de feitiçaria. O Index catalogava os livros que não podiam ser lidos sob pena de condenação. Assim, por força da repressão e da intolerância, muitos portugueses foram presos pela Inquisição e outros obrigados a fugir do país (doc. 1). Por isso, Portugal mantinha-se afastado da moderna cultura europeia.

Os estrangeirados\* aconselhavam, através dos seus escritos, a introdução dos novos valores iluministas em Portugal (doc. 5). Entre os estrangeirados destacaram-se Luís António Verney, António Ribeiro Sanches e Jacob de Castro Sarmiento, que propunham reformas do ensino português.

### AS REFORMAS POMBALINAS DO ENSINO

As propostas apresentadas pelos estrangeirados foram, em grande parte, postas em prática pelo Marquês de Pombal. Assim, para modernizar o país e construir uma nova sociedade, este governante empreendeu uma ampla reforma em todos os sectores do ensino:

- criou escolas de primeiras letras (onde se aprendia a ler, escrever e contar) e escolas de gramática latina, grega, filosofia e retórica;
- fundou a Aula do Comércio (para preparar futuros comerciantes) e o Colégio dos Nobres (para formar uma nova nobreza);
- reformou a Universidade de Coimbra (docs. 6 e 7) que foi dotada de novas faculdades, de novos programas e de equipamento para as aulas práticas e experimentais; para o efeito, criaram-se institutos auxiliares como o Teatro Anatómico, o Museu de História Natural e o Jardim Botânico.

As reformas pombalinas do ensino tiveram limitações, como o número reduzido de escolas e professores mal preparados. Mesmo assim, serviram para concretizar muitas propostas iluministas e modernizar a mentalidade portuguesa.

### CRONOLOGIA

1546-50	Fernão de Pina, cronista
1550-51	Diogo de Teive, humanista
1562	Frei Valentim da Luz (morte na fogueira)
1571-72	Damião de Góis, humanista
1620-23	André de Avelar, matemático
1651-53	Gaspar Clemente, escritor
1663-67	P.º António Vieira, escritor, missionário
1739	António José da Silva, comediógrafo (morte na fogueira)
1762	P.º Gabriel Malagrida, missionário (morte na fogueira)
1778	José Anastácio da Cunha, matemático

1. Vultos da cultura portuguesa vítimas da Inquisição (os anos assinalam períodos de prisão ou morte).

\*Estrangeirados – portugueses que estudaram e/ou desempenharam cargos no estrangeiro e que aderiram às novas ideias.

\*Retórica – arte de bem falar, de bem argumentar.

\*Retrógrado – atrasado; que se opõe ou é contrário ao progresso.

### SÍNTESE

Portugal, no século XVII e na 1ª metade do século XVIII, era um país culturalmente atrasado. Para isso contribuíram a acção da Inquisição e do Index que impediram a entrada de novas ideias em Portugal.

Os estrangeirados portugueses aconselharam a introdução dos valores iluministas. As suas propostas vieram, em grande parte, a ser postas em prática pelo Marquês de Pombal que, para o efeito, empreendeu uma ampla reforma do ensino desde as primeiras letras à Universidade.



## O URBANISMO POMBALINO – A CIDADE COMO IMAGEM DO PODER

No ano de 1755, em 1 de Novembro, a cidade de Lisboa foi abalada por um terramoto, seguido por um maremoto e um incêndio. Que medidas tomou o Marquês de Pombal para a sua reconstrução?

### O TERRAMOTO DE 1755

No dia 1 de Novembro de 1755, a cidade de Lisboa foi abalada por um violento tremor de terra. O abalo, durou cerca de 9 minutos. Hora e meia mais tarde, as águas agitadas de um maremoto invadiram a parte baixa da cidade. Como se tal não bastasse, um terceiro cataclismo abateu-se sobre Lisboa – um incêndio que durou seis dias. Muitas das casas que tinham escapado ao sismo e ao maremoto foram consumidas pelo fogo (doc. 3).

A cidade ficou reduzida, em muitos locais, a escombros. Os edifícios do Terreiro do Paço desapareceram. Grande parte dos conventos e palácios ruíram. Apenas 3000 casas das 20 000 que existiam na cidade ficaram em condições de ser habitadas (doc. 1). Perderam-se, também móveis, pratas e muitas riquezas.

Lisboa tinha, então, cerca de 250 000 habitantes. No dizer do próprio Marquês de Pombal teriam morrido no terramoto cerca de 6 a 8 mil pessoas. O sismo provocou, também, estragos em outros pontos do país, em particular, no Algarve.

O Marquês de Pombal, perante a tragédia, revelou grande dinamismo e capacidade de decisão. Mandou enterrar os mortos, distribuir alimentos, levantar barracas para os desalojados e prender os salteadores.

### O URBANISMO POMBALINO

O Marquês de Pombal tratou, de imediato, da reconstrução de Lisboa. Esta tarefa foi entregue aos engenheiros Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e ao arquitecto Carlos Mardel. A reconstrução foi lenta, arrastando-se ao longo de anos, em consequência da grandeza dos trabalhos.

A reconstrução da “baixa” lisboeta reflectiu as ideias urbanísticas da época – ruas largas e direitas, traçadas geometricamente, isto é, paralelas e perpendiculares umas às outras (docs. 2 e 4). Os edifícios, simples e funcionais, eram, em regra, de quatro pisos, com um rés-do-chão alto. Este era destinado ao comércio e os andares à habitação (docs. 5 e 6).

Com vista a reduzir os efeitos de futuros terramotos, os edifícios foram construídos a partir de uma armação de madeira, a “gaiola”, que sustentava vigas e madeiramentos. Depois, construíam-se as paredes.

Junto ao Tejo, no local do antigo Terreiro do Paço, foi traçada a Praça do Comércio, símbolo da elegante arquitectura pombalina e uma das mais belas praças da Europa.



1. A destruição de Lisboa (gravura francesa do século XVIII) – O terramoto e o incêndio, que se lhe seguiu, destruíram o Paço Real da Ribeira, os armazéns da Casa da Índia e cerca de 17 mil casas (das 20 mil existentes), 35 igrejas (antes eram 40) e todos os 6 hospitais e 33 palácios.

### SÍNTESE

No dia 1 de Novembro de 1755, a cidade de Lisboa foi abalada por um violento tremor de terra. Seguiu-se um maremoto e um incêndio que consumiram muitas das casas da “baixa” lisboeta. O Marquês de Pombal tratou de imediato da reconstrução de Lisboa, tarefa que entregou a Manuel da Maia, Eugénio dos Santos, Carlos Mardel. A reconstrução da “baixa” de Lisboa reflecte as ideias do urbanismo da altura – ruas traçadas geometricamente, edifícios simples e funcionais. A Praça do Comércio, então construída, é o símbolo da elegante arquitectura pombalina.



## PERSONALIDADES

### Galileu

(Pisa, 1564 – Florença, 1642)

Matemático, físico e astrónomo italiano, foi professor nas Universidades de Pisa e Pádua.

As suas primeiras investigações centraram-se na área da mecânica, contribuindo com estudos sobre a gravidade, sobre a dinâmica dos corpos e sobre a medição do tempo.

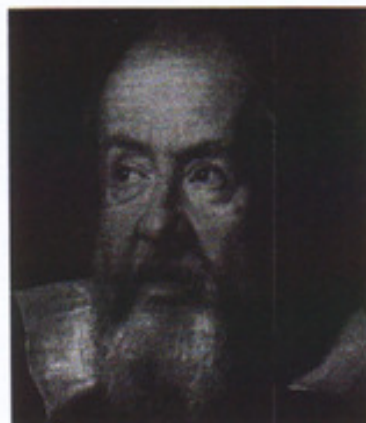
Galileu abordou todos estes assuntos com uma atitude rigorosa, substituindo o critério da autoridade dos mestres antigos, como Aristóteles e Ptolomeu, pelos da observação e da experimentação. Por isso, se considera Galileu como um dos fundadores da ciência moderna.

A partir de 1609, Galileu dirigiu as suas atenções para a astronomia. Motivado pelas notícias vindas dos Países Baixos, como a invenção de novas e melhoradas lentes, construiu um telescópio, com o qual descobriu que a Via Láctea era formada por uma multiplicidade de estrelas, investigou as manchas solares e os satélites de Júpiter.

Estes estudos astronómicos ajudaram-no a confirmar a teoria heliocêntrica de Copérnico, demonstrada na sua obra *Diálogo sobre os Dois Grandes Sistemas do Universo* (1638).

Acusado pela Inquisição, foi julgado, tendo sido obrigado a retratar-se publicamente. Quando saía da sala, teria dito a célebre frase "No entanto, ela [a Terra] move-se".

Retirado para a sua vila de Arcetri, morreu cego, sem nunca renegar o catolicismo.



#### RETRATO VIRTUAL

<http://galileo.rice.edu/galileo.html>

<http://www.infoscience.fr/histoire/portrait/galilee.html>



[http://www.bbc.co.uk/history/historic\\_figures/galilei\\_galileo.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/galilei_galileo.shtml)

#### CURIOSIDADES

- Em 1992 (ou seja, cerca de 360 anos após a condenação pelo Tribunal da Inquisição), o papa João Paulo II reconheceu formalmente o erro cometido pela Igreja ao condenar as investigações de Galileu. Segundo o pontífice, esse erro deveu-se a "uma trágica e recíproca incompreensão".

## **Anexo IV – Planificação aulas 1 e 2**



<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;">  <div style="text-align: center;"> <b>Escola EI - Rei D. Manuel I, Alcochete - Ano lectivo 2012-2013</b>  <b>Disciplina: História – 8º ano – Turma C - Data - 04/02/13</b>  <b>TEMA F – PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII e XVIII</b> </div>  </div>						
Lição nº 51-52 (aula 1 e 2) - Sumário: O poder absoluto dos reis. As características do Barroco.						
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	CONCEITOS	OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	ESTRATÉGIAS ACTIVIDADES	RECURSOS	AValiação	TEMPO 90 minutos
<b>F.2 – Absolutismo e Mercantilismo numa Sociedade de Ordens</b>  O Antigo Regime na Europa na 1ª metade do século XVIII:  - O absolutismo na Europa	<b>Absolutismo</b>	- Identificar e caracterizar fases importantes da evolução histórica  <b>(Sociedade de Ordens, Absolutismo, Barroco).</b>  - Localizar no tempo e no espaço os eventos e os processos abordados.  - Estabelecer relações passado / presente (ex: permanência de estruturas económicas e sociais do Antigo Regime, nomeadamente de formas de tratamento; presença do património artístico e paisagístico)  - Distinguir aspectos de ordem económica, social, política e cultural das sociedades do Antigo Regime, estabelecendo entre eles inter-relações (ex: sociedade de ordens e absolutismo régio);	- Sumário, recolha das fichas de trabalho e entrega dos slides de aula, das fichas de trabalho, do glossário e de informações pertinentes para a realização do trabalho de grupo.  - Diálogo orientado pelo professor, em torno de questão colocada na aula anterior aos nossos detetives da História (slide 1).  - Apresentação de slides e análise de um excerto da dedicatória que Pierre de Bérulle, em 1623, dirigiu a Luis XIII, no <i>Discurso sobre o Estado e a grandeza de Jesus</i> (slide 6).  - Continuação da apresentação dos slides com leituras efectuadas pelos alunos e interpretação (diálogo orientado pelo professor) das imagens sobre o absolutismo europeu com destaque para	Caderno diário  Dossiê  DataShow  Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Avaliação diagnóstica       Avaliação formativa (monitorização e registo das competências)	4 minutos
						2 minutos
						8 minutos
						17 minutos

A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

	Barroco	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Localizar no espaço os países europeus do Antigo Regime e alguns centros europeus de arte barroca</li> </ul>	as figuras de Luís XIV e de D. João V.	Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Utilização de vocabulário específico	5 minutos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecer as manifestações do Barroco:</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visualização de um pequeno filme sobre Versalhes</li> </ul>	Quadro e Giz		5 minutos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliar o papel dos indivíduos nas transformações históricas (papel dos privilegiados e da burguesia; papel dos artistas e dos construtores anónimos na edificação do património monumental; importância de alguns arquitectos, escultores e pintores do barroco)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo aberto, orientado pelo professor, em torno de questões suscitadas pela análise do filme</li> <li>- Apresentação, leitura e interpretação dos slides nº 7 ao nº 30, com particular destaque para os frisos cronológicos dos slides 13 e 27.</li> </ul>			15 minutos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Valorizar as Letras, as Ciências e as Artes no contexto da época.</li> <li>- Relacionar a Arte Barroca com a prosperidade financeira no reinado de D. João V</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação dos slides nº 28 ao nº 42 sobre o Barroco. Reforçar a ideia de que D. João V promoveu a arte, a literatura e a ciência. Na cultura merecem referência especial a Real Academia Portuguesa de História fundada em 1722, (alegoria de Vieira Lusitano), e a introdução da ópera italiana, em 1731.</li> </ul>	Caderno diário	15 minutos	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inferir a partir da interpretação e análise cruzada de textos, imagens, mapas, frisos cronológicos e quadros, os conceitos históricos; contextualizar os factos; levantar hipóteses explicativas e discutir problemas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise do quadro do período Barroco da autoria de Diego Velázquez, 'As Meninas'</li> </ul>		5 minutos	
			<p><b>Síntese</b></p> <p>Reforçar através dos slides nº 43 ao nº 58 o processo de afirmação do absolutismo efectuado também através do cerimonial da corte</p> <p>Motivação – novo desafio para os nossos detectives</p>			10 minutos
						2 minutos




## **Anexo V – Slides das aulas 1 e 2**

# HISTÓRIA

8º ANO – TURMA C

4 de Fevereiro de 2013 – Lição nº 51 - 52

Sumário: O poder absoluto dos reis.  
As características do Barroco.




4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho

8º ANO – TURMA C

ALCOCHETE

Detective da história



1- Quem foi o rei português que teve o reinado mais longo?  
2- Descobre qual o rei que ocupa o 4º lugar.

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho



O detective da história

Agora já sei:



1- D. João I “O de Boa Memória” - (1385 – 1433)  
2 - D. João V “O Magnânimo” – (1706 -1750)

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho



Detective da história

Na próxima aula



De que local era proveniente o ouro que vinha, nesse período, para Portugal?



4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho



**Análise de um documento histórico: recorda o que aprendeste**  
Na leitura e análise que fizemos deste e de outros documentos destacamos:

**TÍTULO**  
**IDEIAS PRINCIPAIS**

**A introdução das artes em Portugal**

*Qual de nós há que traga sobre si alguma coisa feita em Portugal? Acharemos que só o pano de linho e os sapatos são obra nossa. Chapéus, já se desprezam os nossos, e não se estima homem limpo o que não traz chapéu de França. (...) O único meio que há para evitar este dano [das importações] e impedir que o dinheiro saia do Reino, é introduzir nele as artes (manufaturas). As grandes felicidades que se seguirão ao Reino [as] reduzirei a cinco pontos (...): 1ª - A introdução das artes evitará, em comum, o dano que fazem ao reino o luxo e as modas; 2ª - Tirará a ociosidade do Reino; 3ª - Fará [o Reino] mais povoado de gente e frutose poderá, sem que lhe faça falta, ter gente para as colónias e para a guerra; Que a Portugal, mais que a outra nação da Europa, é útil e necessária a introdução das Artes; 5ª - As rendas reais aumentarão*

**AUTOR**  
**OBRA**  
**DATA**

Duarte Ribeiro Macedo. Discurso sobre a Introdução das Artes do Reino, 1675.

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 5

**Lê, com muita atenção o seguinte documento**

*“Um monarca é um Deus na língua escrita: um Deus não por natureza, mas por poder; um Deus não por natureza, mas por graça, um Deus não para sempre, mas por um tempo, um Deus não para o céu, mas para a Terra.”*

Pierre de Bérulle, na dedicatória de seu Discurso sobre o Estado e a grandeza de Jesus, dirigida a Luís XIII, em 1621



Luís XI - (1423-83)  
Diminuição de Jean Fouquet, 1470  
Fonte: <http://angoncalves.lis.fh.floripaet.grand.4030.htm>

D. João II - (1481-1495),  
Fimura de finais do século XVII - cópia de um retrato do século XV - que pertence a Fundação Casa Ducal de Medinaceli.  
Fonte: <http://www.museu-lisboa.pt>

Imperador Carlos V - (1500-1558)  
Pintura de Verelão di Tiziano  
Fonte: <http://www.museu-lisboa.pt>

Henrique VII - (1457-1509)  
Pintura séc. XVI, autor desconhecido.  
Fonte: <http://www.royal.gov.uk>

Isabel Coelho Carrilho 6


**Difusão do absolutismo régio: alguns exemplos**


- ❑ Em Portugal, como de resto em toda a Europa, é difícil determinar com exatidão o início da monarquia absoluta. No entanto, podemos afirmar que as Coroas assumiram-se cada vez mais como detentoras do poder absoluto a partir da segunda metade do século XV;
- ❑ Luís XI (1461 - 1483), em França, derrotou o poder dos grandes senhores (submissão do poder feudal à coroa) e levou a cabo uma forte política de centralização do poder régio;
- ❑ Carlos V (1519 - 1556) imperador do Sacro Império Romano-Germânico e rei de Espanha (Carlos I), exerceu o seu mandato de forma itinerante, governando todos os seus reinos através de instituições centralizadoras.


4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 7

**Difusão do absolutismo régio: alguns exemplos, continuação**

- ❑ D. João II (1481-1495), lutou contra o poderio da nobreza, muito particularmente o da Casa de Bragança. A execução pública do duque de Bragança fortaleceu o poder real;
- ❑ Henrique VII (1485-1509), em Inglaterra, restaurou a autoridade real, erguendo uma monarquia forte, alicerçada no poder constitucional.
- ❑ Propomos que os nossos detectives procurem na Internet a história da guerra das rosas.

  
A Rosa branca dos York

  
A Rosa vermelha dos Lancaster




4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 8




## ABSOLUTISMO

- ❑ Durante o Antigo Regime, a esmagadora maioria dos Estados europeus conheceram um regime político, denominado **Absolutismo**;
- ❑ Era um sistema governativo em que imperava a vontade do chefe;
- ❑ Neste modelo de governação o rei possuiu um poder absoluto sobre os seus súbditos, concentrando na sua pessoa a autoridade legislativa, executiva e judicial.



Fonte: <http://www.applixclub.com/img/stylized/louis14cartoon-iphone-apple.html>




Fonte: [http://imagga.martin.qc.ca/mem.php?pg\\_image=262](http://imagga.martin.qc.ca/mem.php?pg_image=262)

Isabel Coelho Carrilho

4/02/2013

10

# ABSOLUTISMO RÉGIO



**Origem do poder** → **Origem divina**  
O poder emana de Deus

**Poderes** →

- ❑ Executivo (administração do reino, controlo da economia, comando do exército);
- ❑ Legislativo (fazer as leis);
- ❑ Judicial (aplicação da justiça).

**Apoiantes** → **Complexa rede de funcionários régios na corte e espalhados por todo o reino**

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 11




Vamos agora conhecer e estudar  
dois símbolos ímpares do

## ABSOLUTISMO

Luis XIV, rei de França e Navarra (1638-1715). Pintura atribuída a Charles Le Brun (1619-1690). Palácio de Versalhes.

Fonte: <http://www.versailles3d.com/en/discover-the-3d-scale-models/1668.html>

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho





### PODER DIVINO DOS MONARCAS



Por muito mau que possa ser um príncipe, a revolta dos seus súbditos é sempre infinitamente criminosa. Deus, que enviou o rei aos homens, quis que eles o respeitassem (...), apenas a Ele se reconhece o poder de julgar os seus actos.


Luis XIV, *Mémoires pour l'année*, 1667

Comentário.....



Fonte: <http://www.versailles3d.com/en>

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 14



Louis XIV as Apollo in *Les Noces de Palès et de Thémis*, 1654. Reproduced by permission. Fonte: <http://mshelias.slib.org>


- ❑ Nasceu em 1638, em Saint-Germain-en-Laye, em França, e morreu em 1715, em Versalhes. Continua a ser o símbolo da monarquia absoluta, para além de ter ficado conhecido na História como "o Rei Sol".
- ❑ Quando o seu pai morreu, tinha apenas cinco anos. Por esse motivo, durante a sua menoridade, o país foi governado pelo cardeal Mazarino, um dos colaboradores mais dedicados de Richelieu.
- ❑ Quando atingiu a maioridade, Luís XIV fez triunfar definitivamente o absolutismo monárquico em França.
- ❑ Foi, de certa forma e algumas vezes, um tirano, mas, nas palavras de Voltaire: "O seu nome nunca poderá ser pronunciado sem respeito e sem evocar a imagem de uma época eternamente memorável".

Isabel Coelho Carrilho 4/02/2013 15

### O PODER ABSOLUTO

"L'État c'est moi"

O Estado sou eu



Fonte: <http://www.versailles3d.com/en/>

- ❖ Luís XIV tornou-se rei em 1643, tinha apenas cinco anos, no entanto só começou a reinar efectivamente com 24 anos. Quando assumiu o trono, agiu com autoridade total pois dizia que o seu poder lhe havia sido outorgado por Deus
- ❖ O rei sol mantinha no palácio de Versalhes, uma corte composta por cerca de 6000 pessoas mas controlar os nobres implicou enormes gastos que somados às despesas das guerras conduziram a França a uma grave crise financeira.

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 16



## O PODER ABSOLUTO

Luís XIV (...) fez da corte um “instrumento de reinado”, fechando a nobreza na prisão de Versalhes, onde rapidamente ela se endividou e onde apenas podia recorrer aos favores reais.

*Dicionário da história Universal*, vol.1, Círculo dos Leitores, 1998



Luís XIV - 1682  
Strasbourg, musée Historique  
Dépôt du musée de Versailles

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

17



Vista do palácio e dos jardins de Versalhes em 1668 – Pintura de Pierre Patel (1605-1676)

Fonte: <http://www.versailles3d.com/en/discover-the-3d-scale-models/1668.html>

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

18



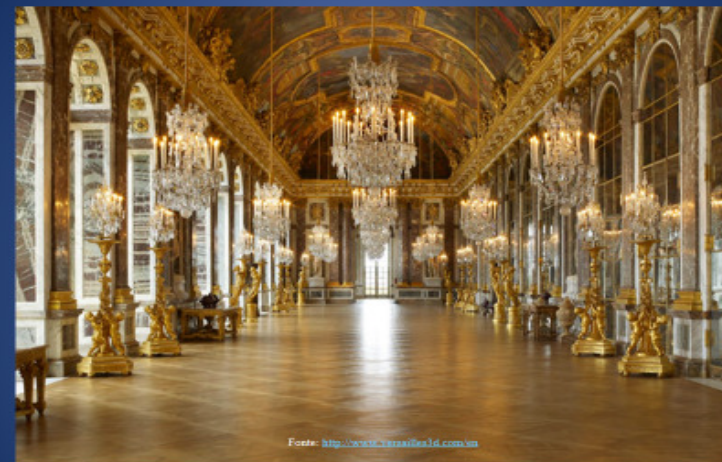
Fonte: <http://www.versailles3d.com>

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

19

## Salão dos Espelhos



Fonte: <http://www.versailles3d.com/en>

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

20





**Versalhes**



**Fonte Latona**



**Fonte de Apolo**



**Fonte de Baco**



**DAMADE-JOLY ALBERT**

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 21

### O PODER ABSOLUTO

- ❖ Em 1715, Luís XIV, que tinha sobrevivido à morte do seu filho mais velho e do seu neto, morreu, deixando um país empobrecido mas extraordinariamente rico no domínio da Arte e da Cultura em geral.
- ❖ Sabias que Luís XIV usava sapatos de salto alto e que cerca de 100 homens assistiam, todos os dias, ao seu despertar.



4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 22



**APRENDER PODE SER DIVERTIDO**

Como o Francês é a vossa disciplina preferida, proponho que, em casa, nos vossos tempos livres, ajudem o rei Luís XIV na construção do palácio de Versalhes e podem ainda melhorar o vosso francês



4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 23



LE CHATEAU DE VERSAILLES PRESENTE

# LOUIS XIV

L'HOMME & LE ROI

Agora vamos ver um pequeno filme sobre Luís XIV e Versalhes; estejam atentos pois vamos em seguida comentá-lo.

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 24

## D. João V


*Assim veio a ser o príncipe D. João dado por Deus,  
e o prometido para a continuação da Real Casa Portuguesa,  
e para estabelecer na sua descendência  
a perpetuidade do Império Lusitano.*

D. António Caetano de Sousa (1741)




Pintura atribuída a Pompeo Batoni (1708-1787)  
Fonte: Palácio Nacional da Ajuda

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 25




D. João V  
Rei | 1689 - 1750




- ☐ Monarca português, vigésimo quarto rei de Portugal, o seu reinado foi um dos mais longos da História portuguesa
- ☐ Nasceu a 22 de Outubro de 1689, filho de D. Pedro II e de D. Maria Sofia de Neuburgo, sucedeu ao pai a 9 de Dezembro de 1706 e foi aclamado rei a 1 de Janeiro de 1707. Casou a 9 de Julho de 1708 com D. Maria Ana Josefa da Áustria, irmã dos imperadores austriacos José I e Carlos VI (pretendente ao trono de Espanha na Guerra da Sucessão).
- ☐ D. João V seguiu uma política de neutralidade em relação aos conflitos europeus mas empenhou-se fortemente na defesa dos interesses portugueses no comércio ultramarino, de que foi exemplo o Tratado de Utreque (1714), em que a França e a Espanha reconheceram a soberania portuguesa sobre o Brasil. Esta neutralidade foi possível devido à riqueza do reino, proveniente da exploração das minas de ouro brasileiras.

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 26



D. João V  
Rei | 1689 - 1750


- ☐ Defensor do absolutismo, não reuniu as Cortes uma única vez durante o seu reinado. Teve como principal ministro e homem de confiança o cardeal da Mota.
- ☐ Promoveu a arte, a literatura e a ciência. Na cultura merecem referência especial a Real Academia Portuguesa de História, fundada em 1722, e a introdução da ópera italiana, em 1731.
- ☐ D. João V desenvolveu ainda as artes menores (talha, azulejo e ourivesaria) e as artes maiores através de vários pintores e escultores que se deslocaram de Itália para trabalhar em Lisboa e Mafra. Deu nome a um período da história da arte portuguesa designado Barroco Joanino.



Alegoria à Academia Real da História. Autor - Vieira Lusitano  
Fonte: <http://www.ual.pt/13319>

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 29

## O BARROCO




D. João V  
Rei | 1689 - 1750

- ☐ O estilo barroco nasceu em Itália, nos finais do século XVI e expandiu-se rapidamente para outros países europeus, atingindo mais tarde as colónias espanholas e portuguesas da América Latina e da Ásia.
- ☐ As principais características desta arte são: -gosto pelo movimento, com a aplicação de volumes, curvas e contracurvas, sensualidade das formas e contraste de cor, luz e sombra; -expressão de sentimentos através de um dramatismo invulgar; decoração sumptuosa com um horror ao vazio; ilusões de óptica utilizando a perspectiva e planos assimétricos.
- ☐ A arquitectura barroca, aplicada sobretudo em igrejas, é caracterizada por uma grandiosidade e riqueza na decoração através da utilização de esculturas, pinturas e talha dourada. Em Portugal, também se aplicava ao azulejo.

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 30



## O BARROCO



D. João V  
Rei | 1689 - 1750

- ❑ A pintura barroca aplica uma riqueza de cor, contrastes de luz, movimento e dramatismo das figuras e das cenas. O holandês Rembrandt, o flamengo Rubens, os espanhóis Velázquez e Murillo e o português Vieira Lusitano, são os principais pintores barrocos.
- ❑ Em Portugal, o Barroco atingiu o seu apogeu com D. João V, com a construção do Palácio-Convento de Mafra - do arquitecto Ludovice, a Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra e o Aqueduto das Águas Livres.
- ❑ Nicolau Nasoni foi outro arquitecto de grande importância, com obras como a Torre dos Clérigos, no Porto, e o Solar de Mateus, em Vila Real. Braga é uma das cidades com mais manifestações barrocas, destacando-se o Santuário do Bom Jesus.
- ❑ A fase final da arquitectura barroca é designada de rococó, devido ao exagero ornamental.

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 31

Palácio	Convento	Basílica	Biblioteca
<b>Mafra</b>			
 <p>Fonte: <a href="http://www.palaciomafra.pt">http://www.palaciomafra.pt</a></p>		 <p>Torre dos Clérigos</p>	
 <p>Aqueduto das águas livres</p> <p>Fonte: <a href="http://pdi.pt/4310/v">http://pdi.pt/4310/v</a></p>		 <p>Igreja de São Francisco</p>	

4/02/2013 32


O sumptuoso edifício é composto por uma basílica, um palácio real e um convento. Em 22 de Outubro de 1730, às 7 horas da manhã, iniciaram-se os festejos da inauguração. Foi servido um banquete popular a mais de 9 mil pessoas.

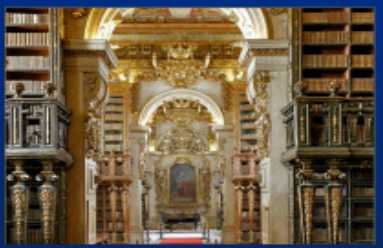



4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 33

**D. João V**

A Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra deve o seu nome ao monarca sob cuja égide se verificou a sua edificação: D. João V, o Rei Magnânimo, como historicamente ficaria conhecido, em legítima consagração da sua extensíssima acção mecenática.







Fonte: <http://bibliotecajoinina.ucp.pt>

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho 34




*A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem*

## D. João V


Visitem com os vossos pais  
A HISTÓRIA DE PORTUGAL NO  
PALÁCIO DA AJUDA (ao Domingo  
durante a manhã a entrada é grátis)  
Site:<http://www.palacioajuda.pt/>

Quem descobre?



Na sala dos Arquivos, o SÍMBOLO  
do REINO de PORTUGAL?

4/02/2013 Isabel Coelho Carrilho



Paintura atribuída a Pompeo Batoni (1708–1787)  
Fonte: Palácio Nacional da Ajuda

33

Francisco Vieira de Matos, conhecido como Vieira Lusitano (1699-1783)

Sagrada Família



Museu Nacional de Arte Antiga

D<sup>a</sup> Maria Francisca Isabel Josefa



Palácio Nacional de Queluz

3 Parcas



Museu Nacional de Arte Antiga

Fonte: [http://www.museu.nac.artegp.pt/MuseuPto/Fotografias/Fotografias\\_arte.asp?TIPOFOTO=&NUMPAG=16&REGPAG=10&CENTRO=corel&IDFOTO=](http://www.museu.nac.artegp.pt/MuseuPto/Fotografias/Fotografias_arte.asp?TIPOFOTO=&NUMPAG=16&REGPAG=10&CENTRO=corel&IDFOTO=)

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

37

A festa de casamento (1667) de Jan Havicksz Steen (1625/26-79)

4/02/2013

Fonte: Wellington Museum, Londres

Isabel Coelho Carrilho

38



A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem



“As Meninas”, é uma tela de proporções grandiosas (318x276cm), que se encontra actualmente no Museu do Prado. Esta pintura seria um simples retrato de família real, ou de como se vivia na Corte de Filipe IV, se não fossem alguns elementos adicionais que a tornam uma das mais estudadas obras de arte. Uma novidade introduzida por Velázquez foi incluir-se em lugar de relevo. Ao seu lado está, centralizada, a infanta Margarida, personagem principal do quadro. Ao seu redor estão aquelas que seriam as suas amas. Surgem ainda Maribárbola, uma anã alemã de vinte anos de idade, ricamente vestida e Nicolasito Pertusato, de família nobre italiana (apesar da sua fisionomia simular uma criança pequena já seria uma adolescente), divertindo-se com o cão deitado. Logo atrás surgem - no meio da obscuridade - uma governante de serviço, ou dama de companhia, Dona. Ao fundo, numa moldura, estará um espelho, onde surgem reflectidos os reis de Espanha, Filipe IV e a sua segunda esposa e sobrinha, Mariana de Áustria. Essa visão muda a ideia de que Velázquez se preparava para pintar a Infanta e as outras companheiras – parece agora que o pintor olhava para os reis e as meninas apenas assistiam à cena, como testemunhas daquele ritual.

O uso do espelho, embora não exclusivo de Diego Velázquez, aumenta a subjectividade e as controvérsias sobre quem seria, de facto, retratado. A figura central, ao ser a infanta Margarida, explica-se pelo facto de que, até aquele momento, a menina seria a herdeira do trono espanhol.

4/02/2013

Isabel Coelho Carriho

42

## Curiosidades

Já aprendeste que Luís XIV, desde o acordar até ao deitar, estava cercado por inúmeras pessoas, que desempenhavam as mais diversas funções.

Como seria em Portugal?

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

43

### Alguns cargos e dignidades existentes na Casa Real Portuguesa

- ❑ Casa Real é expressão de múltiplo sentido que tanto se refere à família real reinante, como ao local físico onde se alojava o rei, como, ainda, a todo um conjunto de funcionários (servidores do rei e da sua família mais directa) que participavam na administração e funcionamento da referida Casa.

#### Oficiais da câmara dos Reis:

- Camareiro-mor - segundo oficial da Casa Real, responsável por vestir e despir o Rei, dormindo aos pés do seu leito. Estavam-lhe subordinados: Gentis-homens da câmara - criados de Câmara; Sumiler - responsável por cerrar a cortina da cama do Rei
- Reposteiro-mor - responsável por chegar a almofada ou a cadeira ao Rei quando ele se sentava ou se ajoelhava. Estavam-lhe subordinados os: Reposteiros - responsáveis por correr as cortinas da Câmara;
- Escrivão da Câmara - secretário da Câmara;
- Físico-mor - médico do Rei;
- Cirurgião-mor - cirurgião do Rei;
- Capelão-mor - capelão da Casa Real;

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

44

### Alguns cargos e dignidades existentes na Casa Real Portuguesa

#### Oficiais da Mesa dos Reis

- Trinchante - cortava a carne e chegava os pratos ao Rei;
- Uchão de el-Rei - chegava os pratos ao trinchante e mandava guardar a caça na dispensa da Casa Real (ucharia);
- Servidor da toalha - colocava os pratos na mesa;
- Mantieiro - retirava os pratos depois do Rei comer;
- Copeiro-mor - servia as bebidas ao Rei. Também baptizava os novos funcionários reais, na sua tomada de posse. Estava-lhe subordinado o: Copeiro-menor - responsável por receber do copeiro-mor, os copos já utilizados pelo Rei; .....

Se quiseres saber mais consulta <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4162275>

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

45

## Absolutismo

### Despotismo esclarecido

### ABSOLUTISMO REFORMADOR

### Descobrir as diferenças

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

46



## DESPOTISMO ESCLARECIDO

- ☐ Poder absoluto mas esclarecido;
- ☐ Autoridade do Estado;
- ☐ Subjugação do clero e da nobreza;
- ☐ Primado da razão



Vamos tentar perceber quem é o quê

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

47

## Leopoldo I

(r. 1658-1705)

Imperador do Sacro  
Império Romano -  
Germânico



Fonte: Kunsthistorisches Museum, Viena

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

48

## Luís XIV - França



Fonte: <http://www.chateauseraillies.fr/decouvrir-domaine-les-collections-les-collections>

49

## Portugal - D<sup>o</sup> João V O Magnânimo investe na cultura e utiliza o luxo como forma de propaganda da realeza



Fonte: <http://www.museudeartantiga.pt>

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

50

Foi consumado na difícil arte de Reinar, pois não derramando o sangue dos Vassalos, antes fazendo benefício aos mesmos, que lhe eram ingratos, soube fazer-se igualmente amado, que temido, porque melhor que seus Antecessores conheceu as prerrogativas do Trono, para ser Pai benéfico e Soberano respeitado. Foi mais generoso que todos os reis que o precederam, excedendo a todos os seus Coroados Ascendentes nesta virtude (...)

Ele foi (...) o verdadeiro Restaurador, Protector e Conservador das Letras e dos Sábios

Inácio Barbosa Machado, 1750.



## Palácio de Schönbrunn – Viena de Áustria



## Rei Frederico II - Prússia

(1712-1786)



Fonte: [http://www.persuade.de/de/projekte/1740\\_Biederich\\_u\\_Ioni/](http://www.persuade.de/de/projekte/1740_Biederich_u_Ioni/)

## A Ilustração e o triunfo da Razão



Fonte: <http://www.liveinternet.ru/users/3405041/post20802923/>

Entre estes homens está uma das figuras cimeiras do Iluminismo. Sabes quem é?

52

## Maria Teresa, Imperatriz do Sacro Império Romano-Germânico - Rainha da Hungria, Croácia e Boêmia e Arquiduquesa da Áustria (1740 -1780)



Fonte: Museu de História de Arte - Viena



Fonte: <http://www.stenmuyeszeti.hu/>

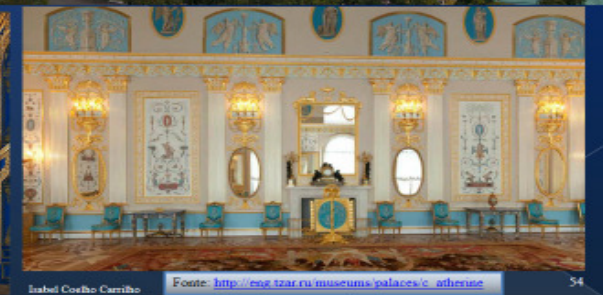
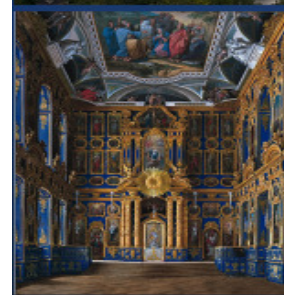


Fonte: Palácio de Schönbrunn

Isabel Coelho Carrilho

53

## Palácio de Catarina II da Rússia em São Petersburgo



Isabel Coelho Carrilho

Fonte: <http://eng.tzar.ru/museums/palaces/catherine>

54



A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem



Fonte: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv168411226k>



4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

### Catarina II da Rússia



Pintura de Fedor Rokotov.  
Museu Hermitage São Petersburgo.

55

### D. José I de Portugal “O Reformador”



Nas próximas aulas vamos tentar descobrir

4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho



Fonte: Museu Hermitage

56

### Europa

1740



4/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

Fonte: <http://www.docstoc.com/docs/951571/Absolutism-Central-Europe> (adaptado)

57

### Prússia e o Império Austríaco: 1721 -1772



Fonte: <http://www.docstoc.com/docs/951571/Absolutism-Central-Europe> (adaptado)

58

O bispado de Lamego está documentado desde muito cedo na História do Cristianismo peninsular, datando a primeira referência de 572.

Em 1159 iniciou-se a construção da Sé Catedral de Lamego.



Fonte: <http://www.rclamego.pt>

Os tetos foram pintados na primeira metade do século XVIII pelo pintor-arquiteto italiano..... revelando composições do Barroco

Isabel Coelho Carrilho 4/02/2013 59



Quem foi o pintor e arquitecto de origem italiana, que pintou as abóbadas da Sé Catedral de Lamego?

Nota: O seu nome já foi referido nas aulas de hoje.

Fonte: da Mestranda

Isabel Coelho Carrilho 4/02/2013 60



## **Anexo VI – Texto lacunar, palavras cruzadas, ficha informativa sobre a elaboração de uma biografia e glossário**



## TEXTO LACUNAR



### Antigo Regime – Absolutismo

Escreve nos espaços em branco as palavras adequadas.

**Absolutismo; absoluto; D. João V; França; Luís XIV; poder; Portugal; régio.**

Ao longo do Antigo Regime, vigorou na Europa um sistema político que ficou conhecido por [ ]. Neste modelo de governação, o rei possuía um [ ]. Foi em [ ] que o absolutismo [ ] atingiu o seu máximo esplendor, na figura do monarca [ ]. Em [ ], o absolutismo régio atingiu o seu auge com o rei [ ].

### A Ciência Moderna

Escreve nos espaços em branco as palavras adequadas.

**Experiência; ibéricos; razão; XVI.**

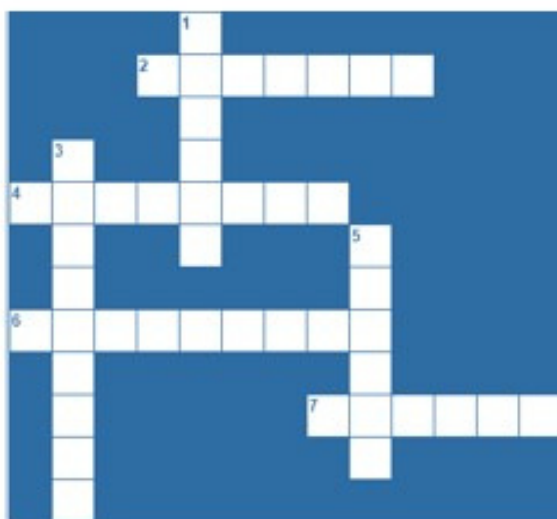
Os descobrimentos [ ] dos séculos XV e [ ] revolucionaram a compreensão do mundo, ampliada pela ciência moderna. O progresso científico deu origem a diversos inventos e a teorias baseadas na [ ] e na [ ].



Bom trabalho.

## Desenvolvimento das Ciências

### Palavras Cruzadas



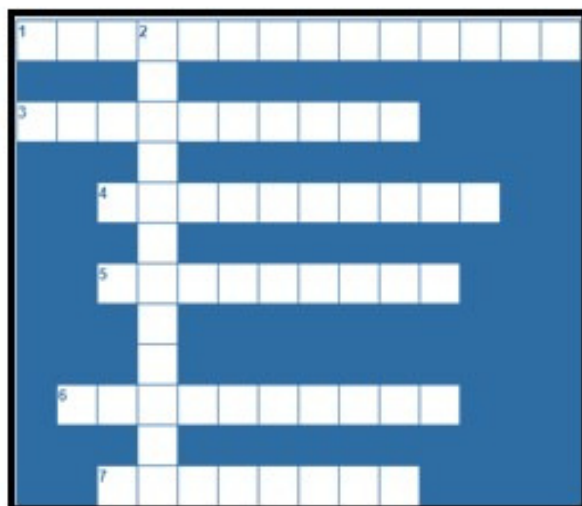
#### Vertical

- |    |   |
|----|---|
| 1. | Conhecido na Física, junto com Torricelli ampliaram o estudo da pressão atmosférica.                  |
| 3. | Distinguiu-se na Matemática, desenvolveu estudos de álgebra e lançou as bases da geometria analítica. |
| 5. | Figura da Medicina, descobriu a grande circulação do sangue.  |

#### Horizontal

- |    |  |
|----|--|
| 2. | Distinguiu-se na Astronomia, comprovando a teoria heliocêntrica.                         |
| 4. | Figura de destaque na Física, desenvolveu ensaios sobre a electricidade.                 |
| 6. | Distinguiu-se na Química, descobrindo o oxigénio e a composição química do ar e da água. |
| 7. | Distinguiu-se na Astronomia, descobrindo a teoria da gravitação universal dos corpos.    |

## Iluminismo - Palavras Cruzadas



### Horizontal

1.	Portugueses que, tendo viajado pelo estrangeiro, foram absorvendo a cultura dos países onde permaneceram.
3.	Total separação entre a Igreja e o estado.
4.	Reformas do Marquês de Pombal.
5.	Sociedade secreta que visa a fraternidade e o bem-estar geral.
6.	Regime político
7.	Pensador/Filósofo do Iluminismo.

### Vertical

2.	Corrente de Pensamento
----	------------------------

### Como fazer uma biografia?

O que é uma biografia? - A Biografia é a história de vida de uma pessoa (do grego: βιογραφία = vida + grafia = escrever) ou de várias pessoas. O que deve o aluno fazer?

1. Escolher alguém que se tenha distinguido (historiador, diplomata, cientista, médico, inventor, etc.).
2. Recolher informação sobre quem quer fazer a biografia:
  - 2.1. Consulta de livros, enciclopédias, biografias já produzidas, revistas, Internet...
3. O registo da informação deve obedecer aos seguintes requisitos: Data, local de nascimento e filiação; Percurso académico e profissional; Obras publicadas; Quais os seus interesses
4. Pensar num título
5. A redacção do texto deve contemplar os factos mais importantes da vida da pessoa biografada, é importante que esteja bem escrito e com uma sequência lógica, (1º, a data e o local de nascimento, 2º, a filiação... no final deve estar a conclusão).
6. É fundamental indicar a bibliografia consultada.

### Sugestão de ficha biográfica:

Nome	Bilhete de Identidade	Estudos	Percurso Profissional	Contributo para a Humanidade
	Datas e locais de nascimento e morte, estado civil, casamento (mulher e filhos) filiação (nomes dos pais), importância social da família (nº de irmãos, títulos de nobreza, funções na corte, etc.	Curso, Universidade ....	Carreira, cargos desempenhados, reconhecimento pelo seu trabalho, prémios, honras, títulos obtidos.....	Obras publicadas, descobertas, invenções ....

## GLOSSÁRIO



**Absolutismo** - Regime político vigente em muitas monarquias da Europa entre os séculos XVI – XIX. Nas monarquias absolutistas considerava-se que o poder real vinha directamente de Deus (origem divina do poder), o rei detinha uma autoridade total e absoluta sobre os seus súbditos, concentrando na sua pessoa todos os poderes do estado. O Absolutismo atingiu a sua plenitude no século XVIII.

**Academias** - O seu nome remonta à Grécia Antiga, foi uma escola filosófica fundada cerca de 385 a. C. por Platão. Relançadas pelo Renascimento as Academias alcançaram grande destaque no século XVIII. Estas sociedades literárias, artísticas e científicas, privadas ou de criação régia, tiveram grande importância no desenvolvimento intelectual e científico da Época Moderna.



**Burguesia pombalina** - Elite social criada pelo Marquês de Pombal, constituída por accionistas e grandes comerciantes ligados às companhias de comércio e aos negócios do tabaco brasileiro. Muitos dos seus membros foram promovidos à categoria de nobres.

**Companhia de Jesus** - Ordem religiosa fundada pelo espanhol Inácio de Loiola e aprovada pelo papa Paulo III, em 1540. Os Jesuítas (membros da Companhia) fundaram colégios e universidades, evangelizaram populações indígenas na América e no Oriente e, através do ensino, doutrinaram os jovens. Em Portugal, fundaram numerosos colégios e a Universidade de Évora.

**Despotismo esclarecido** - Sistema de governo autoritário posto em prática pelos monarcas europeus do século XVIII. Inspirava-se nas ideias filosóficas da época (Racionalismo e o Iluminismo), o rei continuava a ser o legislador absoluto do seu povo mas era de sua competências promover também a modernização do Estado. Para conseguir esse objectivo, os monarcas recorreram, por vezes, à força, para desenvolver a economia, submeter as classes privilegiadas, promover uma certa burguesia e fomentar a educação e a cultura.

## **Anexo VII – Planificação aula 4**



<div>  <div> <b>Escola EI - Rei D. Manuel I, Alcochete - Ano lectivo 2012-2013</b>  <b>Disciplina:</b> História – 8º ano – Turma C - Data - 15/02/13  <b>TEMA F – PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII e XVIII</b> </div>  </div>						
<b>Lição nº 54 (aula 4) Sumário: A economia portuguesa no século XVIII. A importância do ouro do Brasil e a estagnação da economia portuguesa. O fomento comercial e manufactureiro no tempo de Pombal. Entrega e correcção do teste.</b>						
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	CONCEITOS	OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	ESTRATÉGIAS ACTIVIDADES	RECURSOS	AValiação	TEMPO 50 minutos
<b>F.2 – Absolutismo e Mercantilismo numa Sociedade de Ordens</b>  - O absolutismo Joanino	Proteccionismo*  Mercantilismo*	- Identificar e caracterizar fases importantes da evolução histórica  <b>(Sociedade de Ordens, Absolutismo).</b>  - Localizar no tempo e no espaço os eventos e os processos abordados.	- Sumário e entrega dos slides de aula.  - Diálogo orientado pelo professor, em torno de questão colocada na aula anterior aos nossos detectives da História.  - Apresentação dos slides nº 1 a nº 8 com leitura e interpretação (diálogo orientado pelo professor) das imagens sobre a procura do ouro brasileiro e do fluxo migratório para o Brasil. Análise da tabela do slide nº 3 e do gráfico do slide nº 5.	Caderno diário  Dossiê  Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Avaliação formativa (monitorização e registo das competências)	3 minutos
		- Estabelecer relações passadas / presente (ex: permanência de estruturas económicas e sociais do Antigo Regime)  - Distinguir os aspectos de ordem económica dos reinados de D. João V e de D. José.				2 minutos
						10 Minutos

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar as ideias principais, contextualizando-as.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recapitulação, através da exposição dialogada, dos conceitos leccionados nas primeiras aulas sobre o proteccionismo e o mercantilismo</li> </ul>		Utilização de vocabulário específico	5 minutos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inferir a partir da interpretação e análise cruzada de textos, imagens, mapas, frisos cronológicas e quadros, os conceitos históricos; contextualizar os factos; levantar hipóteses explicativas e discutir problemas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação, leitura e interpretação do slide nº 9 sobre o Fomento industrial em 1770 e sobre a Balança do Comércio Portugal – Inglaterra (1697-1789)</li> </ul>	Computador com acesso à Internet e PowerPoint		10 minutos
			<p><b>Síntese</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reforçar a importância do ouro do Brasil, a estagnação da economia portuguesa e o posterior fomento comercial e manufactureiro</li> </ul>	Quadro e Giz		
			<p><b>Entrega dos testes</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação de algumas das respostas dadas</li> </ul>	Caderno diário		10 minutos
				Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Empenho e atitudes	10 minutos

\* Protecçãoismo e Mercantilismo já trabalhados em aulas anteriores.

## **Anexo VIII - Slides da aula 4**

## O antigo regime Português no século XVIII

8º ANO – TURMA C



15 de Fevereiro de 2013 – Lição n. 54

Sumário: A economia portuguesa no século XVIII. A importância do ouro do Brasil e a estagnação da economia portuguesa. O fomento comercial e manufatureiro no tempo de Pombal. Entrega e correção do teste.

15-02-2013 1

No reinado de Dom João V, as minas de ouro do Brasil deram ao rei de Portugal uma riqueza que a metrópole lhe negava.

- ❖ Na corte portuguesa imperava o luxo; entretanto, a agricultura e a indústria definhavam porque o país passou a viver à custa do ouro, deixando de produzir.
- ❖ Ao ouro juntou-se o rendimento do açúcar, do tabaco e dos escravos.





Fonte: <http://imagens.tabellaperiodica.org/pepita-de-ouro/>

Fonte: <http://imperiobrazil.blogspot.pt/2012/02/escravidao-e-escravatura.html>

15-02-2013 Isabel Coelho Carrilho 2

## Na procura do ouro

- ❖ Portugal começou a sentir o efeito da emigração para o Brasil.
- ❖ A emigração aumentou tanto que, no século XVIII, foram publicadas leis proibindo a saída de colonos do Reino para o Brasil.
- ❖ Segundo Magalhães Godinho “teriam abandonado o país 600 mil portugueses entre 1700 e 1760, a média anual seria 8 – 10 mil o que corresponderia a 400 e 450 emigrantes por cada 100 mil habitantes”.

Ensaio - II, 1968, pp 295-315.

### Descarregamentos de ouro do Brasil em Lisboa

REINADOS	ANOS	QUANTIDADE
D. Pedro II	1703	4350 Kg
D. João V	1712	14500 Kg

Fonte: Manual escolar p. 103

### Estimativas de Imigração Portuguesa no Brasil

Período	América Portuguesa	Império Colonial	Média anual América Portuguesa	Média anual Império Colonial
1500-1580		280.000		3.500
1581-1640	100.000	300.000	500	5.000
1641-1700		120.000		2.000
1701-1760	600.000		10.000	
1806-1817	24.000		2.666	
1827-1829	2.004		668	
1837-1841	629		125	
1856-1857	16.108		8.054	
1881-1900	316.204		15.810	
1901-1930	754.147		25.138	
1931-1950	148.699		7.434	
1951-1960	235.635		23.563	
1961-1967	54.767		7.823	
1981-1991	4.605		406	

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/brasil500/portugueses.html>

Isabel Coelho Carrilho 15-02-2013 3

Minas Gerais tornou-se a principal região produtora de ouro, embora outras regiões começassem a ser exploradas devido à grande afluência de pessoas, tais como:

- Mato Grosso (1718);
- Baía (1724);
- Goiás (1725).

As expedições eram feitas por particulares

A maioria dos bandeirantes eram descendentes de primeira e segunda geração de portugueses





15-02-2013

## Impostos

- ❖ A Coroa recebia um quinto de todo o metal extraído, o ouro era fundido em barras e nelas gravados o seu peso, o ano da sua fundição e as armas reais. Seguiam depois para Lisboa em cofres feitos de ferro e com fechaduras bem escondidas, de modo a ser quase impossível abri-los.



Isabel Coelho Carrilho

15-02-2013

5

## Portugal em crise

No final do reinado de D. João V o país entrou em crise:



D. João V (porm.), atrib. a Carlos António Leões, Museu das Cochas, Lisboa

Motivos:

- ❖ Diminuição das remessas de ouro;
- ❖ Diminuição das exportações de vinho, açúcar e tabaco;
- ❖ Os tecidos ingleses invadiram o mercado português;
- ❖ O cultivo de cereais diminuiu.

Isabel Coelho Carrilho

15-02-2013

6



- ❖ No reinado de D. José I (1750 a 1777), Marquês de Pombal, seu ministro, aproveitou o afluxo do ouro e criou medidas para valorizar a produção nacional, reduzir o défice e incrementar o arranque da indústria portuguesa.
- ❖ Marquês de Pombal retoma a política mercantilista do Conde de Ericeira que defendia que a riqueza dos estados consistia na maior acumulação possível de ouro e prata e na diminuição das importações e aumento das exportações.

Isabel Coelho Carrilho

15-02-2013

7



Marquês de Pombal, gravura de G. Legrand, Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Fotográfico

- ❖ Esta nova política permitiu valorizar os nossos produtos e fez com que Portugal deixasse de estar subjugado aos interesses económicos da Inglaterra, pois todo o ouro que vinha do Brasil ia directamente para a Inglaterra, para pagamento dos cereais e dos tecidos importados.
- ❖ Criação de companhias monopolistas
- ❖ Fomento comercial e manufactureiro.

Isabel Coelho Carrilho

15-02-2013

8



## A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

### Fomento industrial

*Com o ano de 1770, começou um período ditoso de oito anos incompletos que foi o século de ouro da nossa indústria e principalmente das manufacturas de seda em Lisboa e na província, em que se deu o aumento da produção com proporcionado consumo, aperfeiçoamento de manufacturas, a introdução de algumas que anteriormente se não fabricam, o melhoramento do método de dar goma e lustro aos tecidos, o desenvolvimento da plantação de amoreiras e da criação de sirgo (bicho-da-seda).*

Acúrcio das Neves, citado in J. Borges de Macedo, *Problemas da História da Indústria* (adaptado)

Comentário.....

Isabel Coelho Carrilho

15-02-2013

9

### Correcção do Teste Recorda o que aprendeste

**Exercício 1** – Resolva os problemas de matemática que se seguem.

1.1. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

1.2. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

1.3. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

1.4. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

1.5. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

1.6. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

1.7. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

1.8. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

1.9. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

1.10. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

**Exercício 2** – Resolva os problemas de matemática que se seguem.

2.1. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

2.2. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

2.3. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

2.4. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

2.5. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

2.6. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

2.7. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

2.8. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

2.9. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

2.10. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

**Exercício 3** – Resolva os problemas de matemática que se seguem.

3.1. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

3.2. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

3.3. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

3.4. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

3.5. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

3.6. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

3.7. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

3.8. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

3.9. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

3.10. Calcule o valor de  $x$  e  $y$  na seguinte equação:

Isabel Coelho Carrilho

15-02-2013

10

### Mercantilismo



PresenterMedia



Jean-Baptiste Colbert  
Fonte: <http://en.chateauc Versailles.fr>



D. Luís de Meneses, 3º conde da Ericeira, ministro da Fazenda, no reinado de D. Pedro II.

- ☐ O mercantilismo foi uma doutrina económica existente nos séculos XVII a XVIII, que defendia uma forte intervenção do estado na economia.
- ☐ A riqueza de um país era medida pela quantidade de metais preciosos que possuía.
- ☐ Os mercantilistas procuravam obtê-lo conseguindo um saldo positivo na balança comercial, aumentando as exportações e diminuindo as importações; são as chamadas medidas de tipo proteccionista e monopolista.

Isabel Coelho Carrilho

14-07-2013

11

### Mercantilismo - Portugal

Duarte Ribeiro de Macedo (1618-1680), um dos pensadores políticos portugueses mais marcantes do século XVII e um apóstolo das ideias mercantilistas, revela grandes preocupações com o equilíbrio da balança de pagamentos, o que resultava num défice monetário muito prejudicial à vida do país, como se comprova pela sua afirmação: "A importância da circulação do dinheiro na sociedade é igual à da circulação do sangue no corpo humano".

A obra *Discurso sobre a Introdução das Artes no Reino* irá influenciar o grande executor das ideias mercantilistas portuguesas, o conde de Ericeira, (secretário de Estado de 1675 a 1690), bem como, o Marquês de Fronteira.

### Política Proteccionista Posta em Prática: as Pragmáticas

#### 1703 – Tratado de Methuen

Nota: Ver slides e manual escolar pp. 102-103

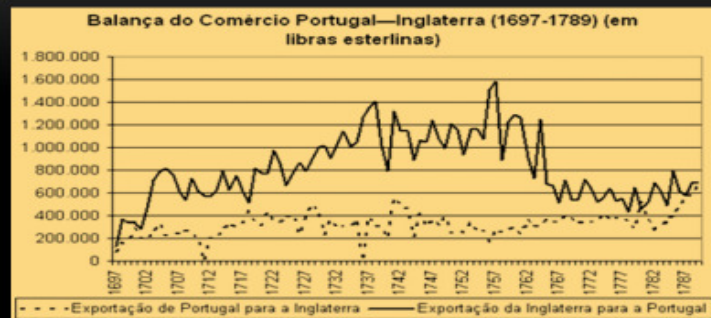
Isabel Coelho Carrilho

14-07-2013

12



A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem



Fonte: José de Almada. *A aliança inglesa: Subsídios para o seu estudo*. Tratados, Volume I, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Imprensa Nacional de Lisboa, 1946.

Isabel Coelho Carrilho

15-02-2013

13

## Sociedade do Antigo Regime Séculos XVII a XVIII

### Sociedade de Ordens

Hierarquizada e estratificada em função do nascimento e das actividades de cada pessoa

#### Privilegiados

**Clero:**  
- Alto Clero  
- Baixo Clero

**Nobreza:**  
- Nobreza de Espada  
- Nobreza de Toga

#### Não privilegiados

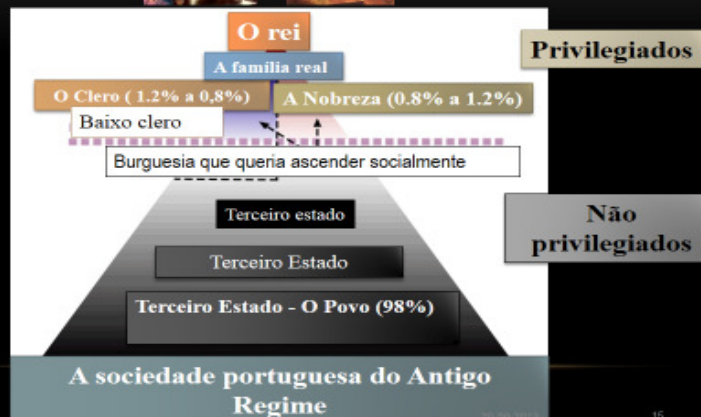
**Terceiro Estado:**  
- Burguesia  
- Povo

14

Reinado D. João V 1706-1750



Reinado de D. José 1750-1777



15



Fonte: Museu de la Ville de Paris, Museu Carnavalet, Paris

### Senhor e Senhora três estados



Vilões, os que nada ou pouco tinham, os ofícios mais desprestigiados eram os de jornaleiro, taberneiro, pastor, etc., actividades que não eram socialmente apreciadas.



Ratinhos - eram assim denominados os trabalhadores sazonais. Na parte mais baixa do terceiro estado estão os marginais que se dedicavam à vagabundagem e aos roubos.



16



*A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem*

[illegible][illegible]

3

2.5. Identifica as três ordens ou estados a que se refere o documento.

Estado, monarquia, a terceira ordem.

5.3. Em que estado adequas ao documento anterior.

5.4. Considera, no espaço abstrato, uma primeira social do Análogo Regimes a complexa e, considerando cada um dos grupos sociais representados a partir das Flores d'ouro.

A. ☐ Desista o poder executivo, legislativo e judicial. ✓

B. ☐ Vivia em condições miseráveis e não possuía qualquer privilégio. ✓

C. ☐ Dedicava-se à vida religiosa. ✓

D. ☐ Dedicava-se especialmente à guerra. ✓

E. ☐ Não pagava impostos. ✓

F. ☐ O seu poder era-lhe concedido por Deus. ✓

G. ☐ Os seus filhos desde muito jovens dedicavam-se essencialmente ao comércio. ✓

Rei



15-02-2013

10



Parabéns pelos resultados obtidos e continuem a estudar

## **Anexo IX – Planificação aulas 5 e 6**

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;">  <div style="text-align: center;"> <b>Escola EI - Rei D. Manuel I, Alcochete - Ano lectivo 2012-2013</b>  <b>Disciplina: História – 8º ano – Turma C - Data - 18/02/13</b>  <b>TEMA F – PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII e XVIII</b> </div>  </div>						
<b>Lição nº 55-56 (aula 5 e 6) - Sumário: Visita de estudo virtual a Lisboa. Um percurso histórico pela cidade. O urbanismo como imagem do poder. A sociedade portuguesa do século XVIII.</b>						
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	CONCEITOS	OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	ESTRATÉGIAS ACTIVIDADES	RECURSOS	AValiação	TEMPO 90 minutos
<b>F. 3 - O Antigo Regime Português do século XVIII</b>  O Urbanismo Pombalino: a cidade como imagem do poder.	<b>Urbanismo</b>	- Identificar e caracterizar fases importantes da evolução histórica  <b>Absolutismo, Despotismo Esclarecido</b>  - Interpretar o espólio exposto e bibliográfico como fonte histórica para o estudo da cidade e da sociedade portuguesa do século XVIII.  - Identificar e caracterizar momentos de ruptura, (terramoto de 1755).  - Utilizar as noções de evolução, de multicausalidade, de multiplicidade temporal e de relatividade cultural no relacionamento da História de Portugal com a História europeia e mundial;	- Sumário entrega do guião de visita de estudo  - Exposição dos objectivos/competências pretendidos nas respectivas paragens da visita de estudo virtual. Questão de partida: Quem foi Pombal?  - Apresentação de slides nº 1 ao nº 16. Identificar as principais características da malha urbana da cidade antes do terramoto.  - Visualização de um pequeno filme (com música de Carlos Seixas, de forma a sensibilizar os alunos para as diferentes formas e inovações) sobre a Lisboa Joanina e sobre o terramoto.  - Diálogo aberto, orientado pelo professor, em torno de questões suscitadas	Caderno diário   DataShow  Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Avaliação formativa (monitorização e registo das competências)   Utilização de vocabulário específico	3 minutos  5 minutos  10 minutos  5 minutos  7 minutos

*A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem*

	<b>Despotismo esclarecido</b>	- Relacionar o projecto de reconstrução urbanístico como manifestação de uma nova concepção de espaço urbano e afirmação de poder absoluto	pela análise do filme.  - Continuação da apresentação dos slides com leituras efectuadas pelos alunos e interpretação (diálogo orientado pelo professor). Resposta dos alunos às questões do slide nº 27.	Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Empenho e atitudes	10 minutos
		- Seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável	- Apresentação dos slides nº 28 ao nº 42 com exposição dialogada acerca do despotismo esclarecido, do suplício da família Távora, do Padre Malagrida e da expulsão dos Jesuítas.			30 minutos
		- Inferir conceitos históricos a partir da interpretação e análise cruzada de fontes com linguagens e mensagens variadas	- Reforçar a importância do trabalho de campo em História (slide nº 45 e guião de visita de estudo). Levantamento da toponímia da Baixa Pombalina.	Computador com acesso à Internet e PowerPoint		7 minutos
		- Fomentar actividades cooperativas de aprendizagem com explicitação de papéis e responsabilidades	- Escrever no glossário o significado de urbanismo			3 minutos
		- Integrar e valorizar elementos do património histórico português no quadro do património histórico mundial	Apresentação dos slides nº 46 ao nº 54 com exposição dialogada e análise dos dois documentos coevos, para responder à questão de partida.	Quadro e Giz Caderno diário		10 minutos

## **Anexo X – Slides aulas 5 e 6**



**8º ANO – TURMA C**  
**Ano Lectivo 2012/2013**

**18 de Fevereiro de 2013 – Lições n. 55 e 56**



**Sumário: Visita de estudo virtual a Lisboa. Um percurso histórico pela cidade. O urbanismo como imagem de poder. A sociedade portuguesa do século XVIII.**

18-02-2013 Isabel Coelho Carriho 1

**Descobrir Lisboa**



**Um percurso científico – pedagógico pela Baixa Pombalina**



18-02-2013 Isabel Coelho Carriho

**18 de Fevereiro de 2013**

**08h00 – Comparência junto à escola**



18-02-2013 Isabel Coelho Carriho 3

**08h30 – Saída em direcção a Lisboa**



18-02-2013 Isabel Coelho Carriho 4

A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem



**Devem ler, com muita atenção, o vosso guião de visita de estudo e estarem atentos à projecção dos slides e do filme, para realizarem com êxito as tarefas pedidas**

Este caderno pertence a:

Nome:

Bom trabalho!

Descobrir Lisboa.

Um percurso pela Baixa Pombalina

Guião de visita de estudo

8º C

18 de Fevereiro de 2013

Docentes: Eurico Sequeira - Isabel Coelho Carrilho

PresenterMedia

PresenterMedia

18-02-2013 Isabel Coelho Carrilho 6



**Lisboa antes e depois do Terramoto de 1755 – A cidade como imagem do poder caracterização da sociedade portuguesa da época.**

**Descrição:** Através da análise do espólio exposto, do filme e da leitura de excertos da obra “O Portugal de D. João V visto por três estrangeiros”, caracteriza-se Lisboa antes e depois do terramoto de 1755. As obras joaninas como o Aqueduto, o ordenamento da zona costeira para ocidente, a reformulação do Terreiro do Paço com intervenção no Palácio Real e construção da Patriarcal, ou a construção do Convento e Palácio das Necessidades expressam o projecto político e são as bases para a nova Lisboa de Pombal. Se 1758 marca o início da reconstrução o ano de 1775 com a inauguração da estátua equestre de D. José I é o consagrar da obra.

**Competências a desenvolver:**  
Interpretar o espólio exposto e bibliográfico como fonte histórica para o estudo da cidade e da sociedade portuguesa do século XVIII.

18-02-2013 Isabel Coelho Carrilho 8



A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem





## A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem



### Excertos de textos coevos, com descrições do Terramoto de Lisboa.

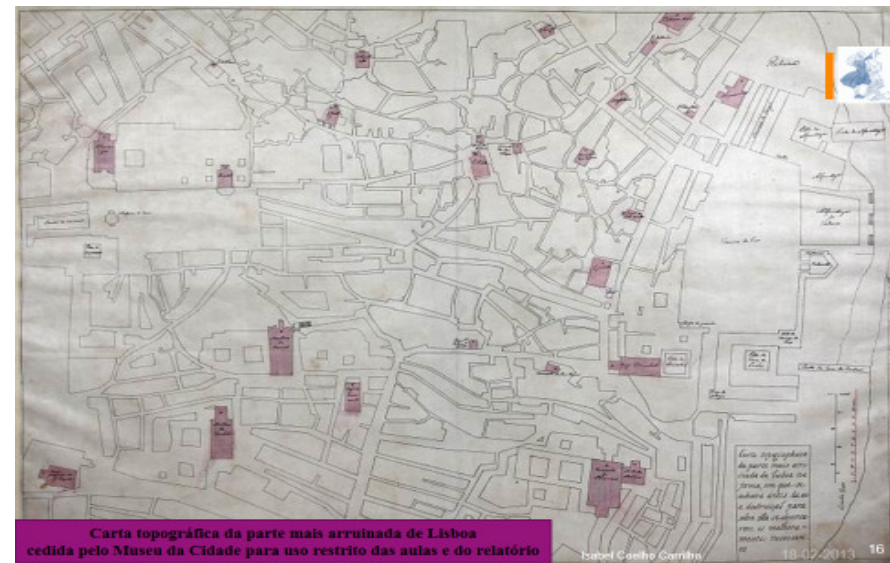


- Cônsul Britânico em Lisboa: “O primeiro abalo fez-se sentir cerca de um quarto de hora antes das dez da manhã e, pelo que me pude aperceber, durou seis ou sete minutos, pelo que, num quarto de hora, esta grande cidade estava em ruínas...”
- Padre Manuel Portal (Convento da Congregação do Oratório/Necessidades): “Fiquei enterrado, porém sem pedra nem pau me dar na cabeça...”
- José Joaquim Moreira de Mendonça (responsável pela Torre do Tombo): “Primeiro se começou a ver arder o Palácio do marquês de Louriçal, a Igreja de S. Domingos...”
- Comandante de Navio Inglês: “Enquanto a multidão estava reunida próximo da margem do rio, a água subiu a uma altura tal e ultrapassou e inundou a parte baixa da cidade...”

18-02-2013

Isabel Coelho Carrilho


15






A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

Vamos assistir a um pequeno filme sobre Lisboa com música de um dos maiores compositores portugueses – Carlos Seixas



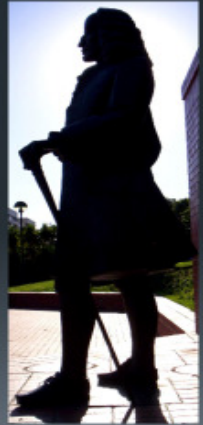
Graças aos documentos foi possível reconstruir a história



17 Isabel Coelho Carilho 18-02-2013

Medidas atribuídas a Sebastião José de Carvalho e Melo

- Providência I – Evitar o receio da Peste;
- Providência II – Evitar a fome;
- Providência III – Curar os feridos e doentes;
- Providência V – Evitar os roubos e castigar os ladrões;
- Providência VI – Evitar que pelo mar se desse saída aos roubos;
- Providência XI – Recolher as Religiosas que vagueavam;
- Providência XII – Ocorrer a diversas necessidades em que estava o povo



18 Isabel Coelho Carilho 18-02-2013






A “real barraca da Ajuda” ou “barraca rica”, foi local de residência de D. José desde 1755 até à sua morte, em 1777. A corte lá permaneceu até a real barraca ser destruída por um incêndio, em 1794.

20 Isabel Coelho Carilho 18-02-2013

Três figuras de destaque na reconstrução de Lisboa



18-02-2013

Isabel Coelho Carrilho

21

Lisboa Antiga

Lisboa Moderna



Planta de Lisboa, 1650 (autoria do Arq. João Tinoco)  
Fonte: Arquivo Estudos Olsiponenses, 2007

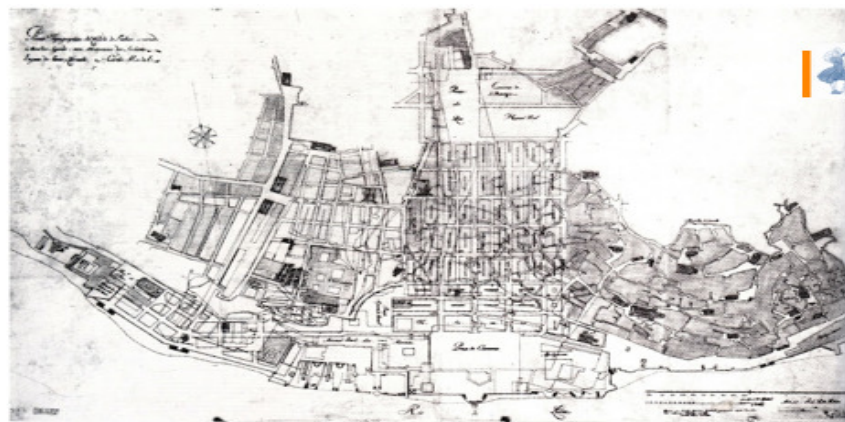
O projecto urbano seguido era suportado “numa grelha ortogonal de módulo rectangular – constituída por 9x8 eixos e 58 quarteirões – de que se destacam três praças – Comércio, Rossio e Figueira – ligadas pelos três eixos principais perpendiculares ao rio – Ouro, Augusta e Prata

Piano de Eugénio dos Santos, sobreposição à cidade antiga  
Fonte: Arquivo Estudos Olsiponenses, 2007

Isabel Coelho Carrilho

18-02-2013

22



**Planta topográfica da Cidade de Lisboa**, segundo o novo Alinhamento dos Arquitectos Eugénio dos Santos Carvalho e Carlos Mardel (esta planta parece pertencer ao Decreto de 12 de Junho de 1758). Desenho a tinta da China, aguarelado a rosa e amarelo. Ass. João Pinto Ribeiro. Cópia feita por Vieira da Silva. Instituto Geográfico e Cadastral. Fotografia, Estúdio Horácio Novais - CML (1982), *Exposição Lisboa e o Marquês de Pombal*, Museu da Cidade. Amadora: Heska Portuguesa.



Maqueta em madeira do sistema estrutural anti-sísmico conhecido por gaiola

18-02-2013

24



## A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

**A  
I  
M  
A  
G  
E  
M  
D  
O  
P  
O  
D  
E  
R**

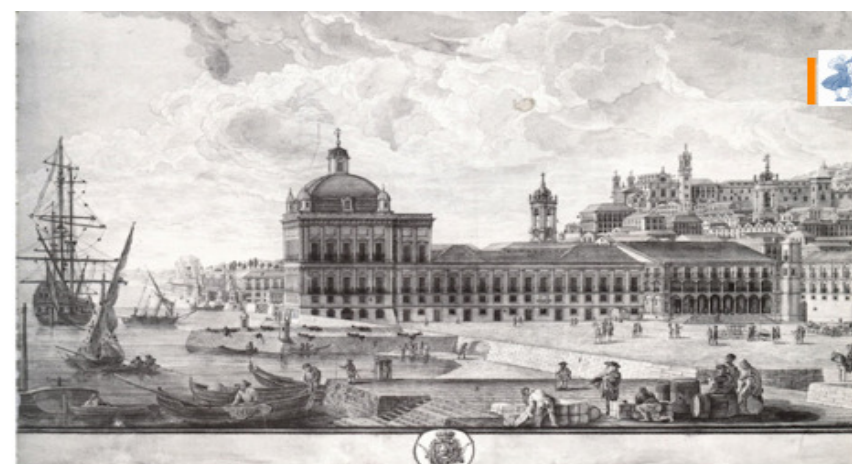
"E tu, nobre Lisboa, que no mundo  
Facilmente das outras és princesa"  
Luís Vaz de Camões, Os Lusíadas



Maurício José do Carmo Sendim, 1786-1870  
O escultor Machado de Castro apresenta ao Marquês de Pombal o modelo da estátua equestre

Esboço do Arco Triunfal

Isabel Coelho Carrilho 18-02-2013 25




**Vista do Paço da Ribeira e Alto de S. Francisco.** Desenho à pena, aguarelado a nanquim. Ass. Zuzarte, 1782. Na margem inferior as armas reais do tempo de D. José I. Fotografia, Estúdio Horácio Novais - CML (1982), *Exposição Lisboa e o Marquês de Pombal*, Museu da Cidade. Amadora: Heska Portuguesa.

Isabel Coelho Carrilho

18-02-2013

26

Vamos agora responder às seguintes questões



PresenterMedia

**Algumas questões**

Deves estar com muita atenção às informações que o guia do Museu da Cidade der, para no final da visita responderes correctamente às seguintes questões:

- 1 - A actual Praça do Comércio ainda é habitualmente designada por *Terreiro do Paço*. Qual é a razão dessa denominação?
- 2 - Qual foi o acontecimento que esteve na origem na reformulação completa desta Praça?
- 3 - A que se destinava a Ribeira das Naus?

Isabel Coelho Carrilho 18-02-2013 27

### Agora vamos falar da sociedade Portuguesa do século XVIII e do chamado despotismo esclarecido



Fonte: <http://espacoconhecimento.blogspot.pt/2011/02/estudo-de-estudo-estudo.html>

- O reinado de D. José I e a governação de Sebastião José de Carvalho e Melo marcam, para muitos historiadores, a introdução do despotismo esclarecido em Portugal

**Despotismo esclarecido** - Sistema de governo autoritário posto em prática pelos monarcas europeus do século XVIII. Inspirava-se nas ideias filosóficas da época (Racionalismo e o Iluminismo), o rei continuava a ser o legislador absoluto do seu povo mas era de sua competência promover também a modernização do Estado. Para conseguir esse objectivo, os monarcas recorreram, por vezes, à força, para desenvolver a economia, submeter as classes privilegiadas, promover uma certa burguesia e fomentar a educação e a cultura.

18-02-2013

Isabel Coelho Carrilho

28



Na noite de 3 de Setembro de 1758, o rei D. José I sofreu um atentado, do qual escapou com ferimentos.



Vieira Lusitano - Museu da Cidade, Lisboa, Portugal

18-02-2013

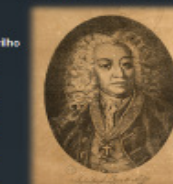
Isabel Coelho Carrilho

29

## As consequências

❑ A investigação sobre o atentado e o processo judicial decorrente, conduziram à acusação e à prisão dos principais membros da família Távora, do Duque de Aveiro, respectivos criados envolvidos e ainda de alguns padres jesuítas, nomeadamente do padre Malagrida, confessor das famílias.

Marquês de Pombal



Fonte: <http://www.biblioteca.ajuda.pt/fundacaoajuda.pdf>

❑ Em Janeiro de 1759, os implicados no crime foram sentenciados e supliciados, em Belém. Os seus bens, tomados para a coroa e os jesuítas viram a sua influência e poder diminuídos, para além de recair sobre estes a suspeita do seu envolvimento, ainda que moral, no atentado. A sua expulsão era iminente.



Fonte: <http://www.biblioteca.ajuda.pt/fundacaoajuda.pdf>

18-02-2013

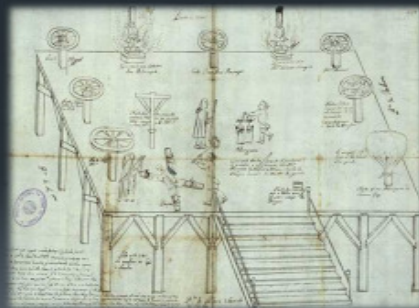
Isabel Coelho Carrilho

30

'Representa este papel o cadafalso em que foram justicados a 13 de Janeiro de 1759, 10 pessoas principais cabeças do horroroso insulto que executaram contra a pessoa d'el-rei nosso senhor D. José I a 3 de Setembro de 1758, na noite deste dia estavam em 4 emboscadas para tirarem a vida a el-rei. Na primeira estava o Duque de Aveiro, José de Mascarenhas, que foi o primeiro que atirou o tiro ao bulheiro da sege em que ia Sua Magestade, e errou logo. Dois moços que com ele estavam e que atiraram os dois tiros de que ficou Sua Magestade gravemente ferido. Os mais que estavam nas mais emboscadas. A marquesa de Távora foi a primeira que morreu degolada, o duque quebraram-lhe as 8 catanas de braços e pernas, como mostra a figura, o mesmo castigo se deu ao marquês de Távora, seus dois filhos, com o conde de Atouguia, e os mais morreram de garrote e depois de mortos lhes quebraram as pernas e braços, e os puseram nas rodas, pegando-se fogo a tudo se lançaram as cinzas ao mar'.

Fonte: [http://antt.dgarc.gov.pt/exposicoes/virtuais/2o\\_suplicio\\_dos\\_tavoras](http://antt.dgarc.gov.pt/exposicoes/virtuais/2o_suplicio_dos_tavoras)

**Mapa ou vista do cadafalso em que foram executados os fidalgos que deram os “tiros” no atentado ao rei D. José I de Portugal**



Fonte: [http://antt.dgarc.gov.pt/exposicoes/virtuais/2o\\_suplicio\\_dos\\_tavoras](http://antt.dgarc.gov.pt/exposicoes/virtuais/2o_suplicio_dos_tavoras)

Isabel Coelho Carrilho

18-02-2013

31

## As execuções



Execução de Marquesa de Távora



Fonte: [http://antt.dgarc.gov.pt/exposicoes/virtuais/2o\\_suplicio\\_dos\\_tavoras](http://antt.dgarc.gov.pt/exposicoes/virtuais/2o_suplicio_dos_tavoras)



Fonte: [http://antt.dgarc.gov.pt/exposicoes/virtuais/2o\\_suplicio\\_dos\\_tavoras](http://antt.dgarc.gov.pt/exposicoes/virtuais/2o_suplicio_dos_tavoras)

Isabel Coelho Carrilho

18-02-2013

32



- ❑ O palácio que o duque de Aveiro possuía em Belém foi completamente arrasado, e nele se erigiu uma memória para perpetuar o crime e o seu castigo. É uma coluna cilíndrica, de cinco metros de altura, terminada por uma chama em forma de pira, cercada de cinco anéis - também de pedra - representando os cinco membros da família de Aveiro que entraram na conjuração. Na base da coluna lê-se o seguinte:



18-02-2013

AQUI FORAM ARRASADAS E SALGADAS AS CASAS DE  
JOSÉ MASCARENHAS,  
EXAUTORADO DAS HONRAS DE DUQUE DE AVEIRO  
E OUTRAS CONDENADO POR SENTENÇA PROFERIDA  
NA SUPREMA JUNTA DE INCONFIDENCIA EM 12 DE  
JANEIRO  
DE 1759 JUSTIÇADO COMO UM DOS CHEFES  
DO BARBARO E EXECRANDO DESACATO  
QUE NA NOITE DE 3 DE SEPTEMBRO  
DE 1758 SE HAVIA COMMETTIDO  
CONTRA A REAL E SAGRADA PESSOA DE  
D. JOSÉ I.  
NESTE TERRENO INFAME SE NÃO PODERÁ  
EDIFICAR EM TEMPO ALGUM.

Isabel Coelho Carrilho

33

## Recorda

- ❑ O Tribunal do Santo Ofício era uma instituição eclesiástica de carácter "judicial", que tinha por principal objetivo "inquirir heresias" - daí também ser conhecido como Inquisição. O fim da Inquisição chegaria em 1821, quando o Tribunal do Santo Ofício foi abolido por lei.
- ❑ Auto-de-fé *era* uma solenidade pública inquisitorial em que se aplicavam as penas aos sentenciados.



Fonte: <http://purl.pt/14632/3/w/4>

### Proposta de leitura



Voltaire, *Candide*, particularmente o capítulo referente ao auto-de-fé em Lisboa para impedir terremotos

### Palácio da Inquisição em Lisboa



Fonte: <http://purl.pt/13142/3/>

Isabel Coelho Carrilho

18-02-2013

34

## Processo de padre Gabriel Malagrida

Cota actual - Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 8064  
Cota antiga - Processo n.º 8059

### Conteúdo

Estatuto social: cristão-velho

Idade: 72 anos

Crime/acusação: heresia, inventor de novos erros heréticos, convicto, ficto, falso, confitente, revogante, pertinaz (obstinado) e profitente (que professa uma doutrina ou religião)

Cargos, funções, actividades: religioso professo da Companhia de Jesus, sacerdote, confessor, missionário e teólogo.

Data da prisão: 17/01/1661 (cárcere da Custódia)



Fonte: <http://purl.pt/22582/2/>

Isabel Coelho Carrilho

18-02-2013

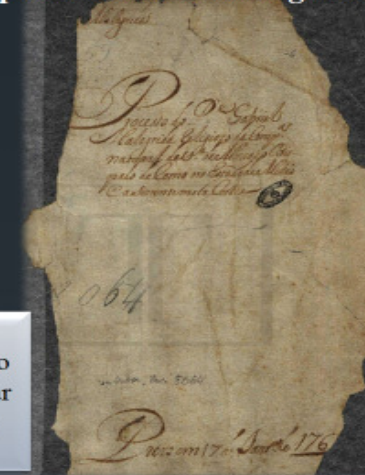
35



Fonte: <http://faculty.fairfield.edu/mac/jp/jpmac.htm>

## Processo de padre Gabriel Malagrida

Sentença: auto-de-fé de 21/09/1761.  
Excomunhão maior, deposto e degredado de suas Ordens, relaxado à justiça secular com mordaza e carocha com rótulo de heresiarca.



Fonte: <http://biblio.dnbg.gov.pt/details?id=2308165>

18-02-2013

Isabel Coelho Carrilho

36



## Auto-de-fé



Fonte: <http://www.lusomundoitalia.it/Portogallo/Lisbona/Comercio.html>



- ❑ Vocês sabiam que o julgamento foi presidido por um homem da confiança do ministro, o seu irmão Paulo de Carvalho, e desenrolou-se rapidamente, não se fosse dar o caso do velho jesuíta falecer de morte natural?...
- ❑ No dia 21 de Setembro de 1761, depois de sofrer os maus tratos do cárcere durante mais de dois anos, o “monge regicida”, velho e doente, é garrotado e queimado na praça principal de Lisboa (Rossio).

18-02-2013

Isabel Coelho Carrilho

37

## Pombal – a expulsão dos jesuítas



Fonte: Museu da Cidade

- ❑ A campanha anti-jesuítica levada a cabo por Pombal levou à formulação de uma série de acusações publicitadas em toda a Europa, em sucessivas edições da obra *Dedução cronológica e analítica* na qual se “manifestam pela sucessiva série cada um dos reinados da monarquia portuguesa, que decorreram desde o governo do senhor rei D. João III até o presente, os horrorosos estragos, que a Companhia denominada de Jesus fez em Portugal”.

18-02-2013

Isabel Coelho Carrilho

38

## Pombal constrói a lenda negra dos Jesuítas

- ❑ Os jesuítas dominavam o sistema de ensino, em Portugal e no Ultramar, tinham vínculos profundos à Santa Sé, eram homens de um grande influxo cultural e donos de um património invejável. Os jesuítas formavam um corpo que, para o sistema absolutista vigente, pretendia controlar todos os aspectos da vida social, tornando-se num enorme obstáculo.



Fonte: <http://www.jesuistas.pt>

- ❑ A 3 de Setembro de 1759, o rei D. José I decretou a expulsão dos Jesuítas do país. Os primeiros padres saíram a 16 de Setembro rumo a Itália, para *Civitate Vecchia*. No total, aproximadamente 1100 jesuítas foram desembarcados nos Estados Pontifícios; cerca de 70 morreram nas prisões e uns 40 durante as viagens
- ❑ Por breve do papa Clemente XIV, a extinção da Companhia de Jesus ocorre em 21 de Julho de 1773
- ❑ 45 jesuítas encontravam-se ainda presos em S. Julião da Barra quando, em 1777, foram libertados, após a queda de Pombal.

18-02-2013

Isabel Coelho Carrilho

39

## Pombal constrói a lenda negra dos Jesuítas portugueses

- ❑ Entre essas acusações, encontravam-se: a resistência dos jesuítas à aplicação do Tratado de Madrid, celebrado entre Portugal e a Espanha para a delimitação de fronteiras na América do Sul; a oposição, no Brasil setentrional, às leis que regulavam a administração das aldeias de índios; o exercício de actividades comerciais proibidas a religiosos; a decadência dos jesuítas portugueses; a difamação do rei no estrangeiro; e a participação pelo menos moral no atentado contra D. José e na revolta popular do Porto ocorrida em 1757 (Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro que favoreceu apenas os “magnates da empresa”).

AGUARELA REPRESENTATIVA DA EXPULSAO DOS JESUITAS



Arquivo Municipal de Lisboa, AFML - A59744

18-02-2013

Isabel Coelho Carrilho

40



## Pombal constrói a lenda negra dos Jesuítas portugueses e espalha-a por toda a Europa



Numa Europa percorrida por uma nova corrente de pensamento, o Iluminismo, que representa também, a rejeição da tutela religiosa e que parte à descoberta de outras religiões.

Fonte: Photo © BnF, département des Estampes et de la Photographie

Isabel Coelho Carrilho

18-02-2013

41



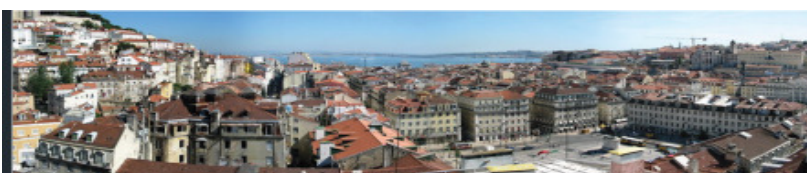
## Descoberta de outras religiões



18-02-2013



Fonte: <http://expositions.bnf.fr/illuminismes/>



## 2º Paragem - 11h30 - Miradouro Senhora do Monte - Graça

Na mais alta colina da cidade de Lisboa, está situado o Bairro da Graça, um dos mais antigos e belos da capital, edificado em terras onde, por volta constituição da nacionalidade, se encontrava um imenso olival.

A Graça viu aumentar o número de habitantes após o terramoto de 1755; esses novos habitantes construíram residências simples, e também imponentes Palácios. Na altura da extinção das ordens religiosas, o Bairro da Graça sofreu uma grande mudança, o Convento passou a Quartel, a Igreja do Largo de Santa Marinha foi demolida, e grande parte dos terrenos conventuais foram expropriados e vendidos a particulares.

Leitura e análise do documento histórico da época - Recordações de Jacome Ratton

18-02-2013

Isabel Coelho Carrilho

43



## Almoço na Escola Gil Vicente



Isabel Coelho Carrilho

18-02-2013

44



História	
<b>Título</b>	Levantamento da toponímia da Baixa Pombalina Recolha de informação sobre saberes e ofícios
<b>Nível de Ensino</b>	3º Ciclo do Ensino Básico
<b>Anos de escolaridade</b>	8º Ano
<b>Temas/Conteúdos</b>	OURBANISMO POMBALINO
<b>Conceitos</b>	Urbanismo, poder.
<b>Objetivos/Competências</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criar uma experiência educativa diversificada, no conhecimento do Centro Histórico de Lisboa.</li> <li>- Pesquisar informação utilizando a imagem e a entrevista como técnicas de recolha.</li> <li>- Contactar com a realidade local, através da realização de trabalho de campo.</li> <li>- Contribuir para a literacia histórica.</li> </ul>
<b>Método/Técnicas</b>	Trabalho de grupo
<b>Duração</b>	Tarde de 18/02/2013
<b>Recursos</b>	Hardware: Computador
<b>na escola</b>	Software: Google Earth
	On-line: <a href="http://lab-coelho-carvalho.org/links.pt">http://lab-coelho-carvalho.org/links.pt</a>
	<a href="http://toponimia.m4labo.pt">http://toponimia.m4labo.pt</a>
<b>Outros</b>	Ficha de trabalho grupo
<b>Avaliação</b>	

**3ª Paragem - Praça do Comércio**

**14h00**

**Trabalho de campo**

Isabel Coelho Carriho 18-02-2013 45

**A Praça do Comércio, também conhecida por Terreiro do Paço, é uma das maiores praças da Europa, com uma área de 36.000 m<sup>2</sup>**




Isabel Coelho Carriho 18-02-2013 46



**No topo do arco é possível ver as esculturas de Calypso, representando a Glória a coroar o Génio e o Valor. No plano inferior, estão presentes as esculturas de Victor Bastos, Nuno Álvares Pereira, Viriato, Marquês de Pombal e Vasco da Gama**



Isabel Coelho Carriho 18-02-2013 47



**Como figuras encontram-se nas laterais, os dois rios - Tejo e Douro - que delimitavam o território da Antiga Lusitana, que como o próprio nome indica é reino de luz, do conhecimento. O Douro é facilmente reconhecível pelo cacho de uvas que ostenta. Entre estas duas figuras surgem as imagens de Viriato, o fundador da Nacionalidade, que defendeu a terra até à morte; Vasco da Gama, o navegador unificador do Oriente com o Ocidente; Marquês de Pombal, o reconstrutor de Lisboa e, por fim, Nuno Álvares Pereira, lutador pela independência e herói nacional.**

Isabel Coelho Carriho 18-02-2013 48

## Trabalho de campo



A professora

Isabel Coelho Carriho 18-02-2013 49

## Hora do Lanche: 17h00



PresenteMedia

Isabel Coelho Carriho 18-02-2013 50

## Luzes e Sombras da governação pombalina

### Afinal, quem foi Pombal?

O António Maria -1882



Louis Michel van Loo e Vernet, de 1766  
Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Vejam vossorias o que eu faria se fosse o sr. marquez de Pombal

Isabel Coelho Carriho 18-02-2013 51

## Afinal quem foi Pombal?

Doc. A

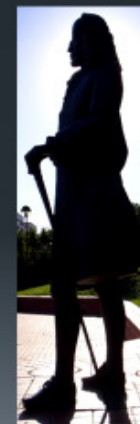
Aqui jaz:  
Sebastião José de Carvalho e Mello  
Marquês de Pombal.  
Ministro e Secretário de Estado.  
De Dom José Primeiro.  
Rey de Portugal.  
Que Reedificou Lisboa.  
Animou a Agricultura.  
Estabeleceu as Fabricas.  
Restituiu as Sciencias.  
Reprimiu o Vicio.  
Premiou a Virtude.  
Desmascarou a Hypocrisia.  
Desterrou o Fanatismo.  
Regulou o Erario Regio.  
Respeitou a Autoridade Soberana.  
Cheio de Gloria.  
Corado de Louro.  
Oprimido pela Calumnia.  
Louvado pelas Nações Estrangeiras.  
Como Richelieu.  
Sublime nos Projectos.  
Igual a Sully.  
Na Vida e na Morte.  
Grande na Prosperidade.  
Superior na Adversidade.  
Como Filosofo.  
Como Heroe.

Doc. B

Como Christo.  
Passou-se para a Eternidade.  
Aos 83 annos da suaidade.  
Em 27 de sua Administracão.  
Anno de 1782."

Dr. Frei Joaquim de Santa Clara

Ao Hiperbólico, Fantástico, Extravagante,  
Prepotente,  
Antidevoto, Arquideista  
Sebastião José de Carvalho e Mello  
Marquês de Pombal:  
D. Quixote dos Ministros de Estado,  
Sublime Engenheiro de Castelos de vento,  
Legislador de Bagatelas,  
Autor de Leis Enigmáticas,  
Intimidável Criador de Palavras gigantescas,  
Amplificador de Nadas,  
Único Descobridor da Pedra Filosofal,  
Dos Direitos Natural e das Gentes,  
Defensor in voce  
Destruidor in re.



Isabel Coelho Carriho 18-02-2013 52




**Afinal quem foi Pombal?**

Virtuoso nas palavras  
Vicioso nas obras;  
Abundante de projectos  
Falto de Execuções;  
Restaurador quimérico das Letras,  
Real Perseguidor dos Sábios,  
Protector aparente do Comércio,  
Arruinador da Lavoura,  
Povoador dos Cárceres,  
Despovoador dos Campos,  
Grande dentro  
Pequeno fora;  
Richelieu na Vingança  
Mazarin na ambição;  
Nas Virtudes, nem Eu, nem outro.  
Agradecido por Sistema  
Ingrato por Natureza  
Digno para Vizir de um Príncipe Maometano,  
Indigno para Ministro de um Príncipe Cristão!  
O POVO PORTUGUÊS  
Sumamente agradecido à sua odiosa memória,  
Pelo haver governado  
Com um Cepetro de ferro,  
Por ter armado parte dos seus Cidadãos  
Contra outra parte,  
Por enriquecer o Particular  
E empobrecer o Público,  
Por ter aniquilado a antiga Nobreza  
E levantado outra de nova invenção,  
Por ter acrescentado o número dos Processos

Com a confusa multidão das suas informes  
Leis,  
Por ter enriquecido a Língua  
Com uma prodigiosa Cópia de palavras  
Exóticas  
E Insignificantes;  
E por muitos outros favores  
Que deve à sua Liberdade e piedosa mão,  
Lhe manda levantar este Mausoléu:  
Construído do Ossos de inumeráveis  
Vítimas  
Do seu humor bárbaro, cruel e sanguinário,  
Amassados  
Com lágrimas  
De tantas desamparadas Viúvas,  
De tantas arruinadas Donzelas,  
De tantos Orfãos Pupilos.  
No dia 6 de Março  
Ano. Era 1777

Anónimo

Isabel Coelho Carrilho 18-02-2013 53



**18h00 - Viagem de regresso à Escola, via Parque das Nações (uma nova imagem da cidade)**

Alcochete

Fim

Isabel Coelho Carrilho 18-02-2013 54



## **Anexo XI – Guião de visita de estudo**



**Este caderno pertence a:**

**Nome:**



**Bom trabalho!**

**Descobrir Lisboa.**



**Um percurso pela Baixa Pombalina**



**Guião de visita de estudo**

**8º C**

**18 de Fevereiro de 2013**

**Docentes: Eurico Sequeira - Isabel Coelho Carrilho**



### Itinerário de viagem

**08h30:** Partida de Alcochete (Escola).



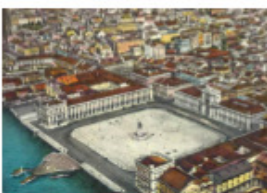
**09h10:** Chegada ao Museu da Cidade em Lisboa (visita guiada).



**11h30:** Continuação para o miradouro da Senhora do Monte na Graça (observação); descida a pé até à escola Gil Vicente (almoço).



**14h00:** Continuação para a Praça do Comércio ; actividades práticas, em grupo. Às 17h00 lanche



**18h00:** Viagem de regresso via Parque das Nações e ponte Vasco da Gama. Chegada à escola às 18h50.

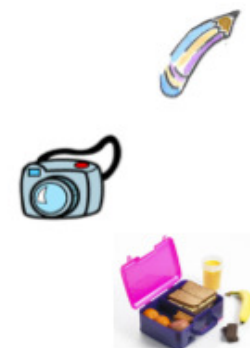


Fim da viagem.

### Orientações necessárias .....

#### Material necessário:

- ♦ Caderno de campo
- ♦ Caneta ou lápis
- ♦ Máquina fotográfica
- ♦ Roupas confortáveis
- ♦ Guarda-chuva
- ♦ Lanche



#### Na visita é importante:

- ♦ Ser pontual
- ♦ Levar os materiais indicados pelos professores.
- ♦ Respeitar todas as instruções.
- ♦ Ouvir atentamente as explicações que forem dadas.
- ♦ Tomar notas.
- ♦ Fotografar os locais autorizados

#### Regras de trabalho

- ♦ Andar sempre junto do grupo de trabalho
- ♦ Não andar em áreas proibidas
- ♦ Respeitar o percurso definido pelo professor
- ♦ Registrar no guião as informações recolhidas na área de estudo
- ♦ Boa disposição

### **Objectivos da visita de estudo:**

- ♦ Utilizar técnicas e instrumentos adequados de registo da informação histórica
- ♦ Relacionar o projecto de reconstrução urbanístico como manifestação de uma nova concepção de espaço urbano e afirmação de poder.
- ♦ Recolher informação sobre a toponímia
- ♦ Analisar casos concretos de nosso Património que mostrem a importância da preservação e conservação do mesmo.

### **Muito importante:**

Certamente já ouviste falar de Património Cultural, isto é, do conjunto de elementos de uma cultura, produzidos ao longo dos tempos, que recebemos dos nossos antepassados e que nós próprios devemos deixar às gerações que nos sucedem. Normalmente Património Cultural subdivide-se em Património Imóvel (constituído por estruturas construídas pelo homem, tais como castros, igrejas, mosteiros, castelos, moinhos, etc.) e Património Móvel (que encontramos geralmente nos museus de arqueologia, arte, ciência, etnologia, etc.). Mas o Património Cultural não se limita aos edifícios nem às colecções de pintura, escultura, ourivesaria, de instrumentos científicos e de trabalho, etc., que encontramos nos museus. O Património Cultural é ainda constituído, numa terceira subdivisão, pelo Património Cultural Imaterial que corresponde às tradições que herdamos dos nossos antepassados e que são transmitidas entre gerações.

Por isso durante a visita tem especial atenção ao património que está à tua volta e recolhe imagens algumas imagens ou toma nota de alguns elementos que consideres importantes.

### **1ª Paragem - Museu da Cidade**



Sabes que o Museu da Cidade está instalado no Palácio Pimenta, construído em meados do século XVIII. Deves estar com muita atenção às informações que o guia te der para responderem correctamente às seguintes questões:

**1 - A actual Praça do Comércio ainda é habitualmente designada por *Terreiro do Paço*. Qual será a razão dessa denominação?**

---

---

---

**2 - Qual foi o acontecimento que esteve a na origem na reformulação completa desta Praça?**

---

---

---

**3 - A que se destinava a Ribeira das Naus?**

---

---



## 2ª Paragem - Bairro da Graça

Na mais alta colina da cidade de Lisboa está situado o Bairro da Graça, um dos mais antigos e belos da capital, edificado em terras onde, por volta constituição da nacionalidade, se encontrava um imenso olival.


A Graça viu aumentar o seu número de habitantes após o terramoto de 1755, e esses novos habitantes constroem residências simples, e também imponentes Palácios. Na altura da extinção das ordens religiosas o Bairro da Graça sofre uma grande mudança, o Convento passa a Quartel, a Igreja do Largo de Santa Marinha é demolida, e grande parte dos terrenos conventuais foram expropriados e vendidos a particulares.

A industrialização do Beato e Xabregas, fez a Graça conhecer novos habitantes, desta feita operários que ali decidem morar. Passa-se para o período dos pátios, dos bairros... operários e, sobretudo, das vilas operárias construídas com sentido estético e critérios urbanísticos. A Graça passa, nessa época, a ser um local de vilas operárias, como a Vila Estrela de Ouro, construída em 1908, ou a Vila Berta, construída entre 1902 e 1908.


Com uma curiosa mistura de cosmopolitismo e ruralidade, a Graça é conhecida e procurada pelos seus Miradouros, onde se pode desfrutar de uma das mais belas vistas da cidade.

### **Nota importante:**

Agora que já conheces um pouco da sua História olha com atenção para a cidade e faz o que é pedido na página seguinte.



### HISTÓRIA e GEOGRAFIA



#### Miradouro da Senhora do Monte na Graça

Deste local tens uma vista privilegiada da cidade, recorda o que aprendeste nas aulas de Geografia e identifica e caracteriza a planta urbana que estás a visualizar (irregular, radioconcêntrica e ortogonal).

Ao lado na parte superior faz um desenho da planta que identificaste.

Durante a tarde irás identificar e desenhar a planta da Baixa

### **3ª Paragem - Praça do Comércio**



Também conhecida como Terreiro do Paço, a Praça do Comércio é uma das mais majestosas praças de Lisboa e do Mundo. Situada frente ao Rio Tejo, a Praça do Comércio parece querer fazer inveja à beleza do rio, à sua dimensão e cor. Esta é uma das maiores Praças da Europa, com cerca de 36000m<sup>2</sup> (180m x 200m).

O seu nome “Terreiro do Paço” vem de outros tempos, quando albergava na ala ocidental, desde o século XVI, o Palácio dos Reis de Portugal, e a sua magnífica Biblioteca de mais de 70.000 volumes, destruídos irremediavelmente no Terramoto de 1755, esta Praça tomou-se no elemento fundamental do plano do Marquês de Pombal, Ministro do Rei D. José I, que escolheu privilegiar e valorizar a classe comercial, financeira e burguesa que muito contribuiu para a reconstrução da Lisboa pós-terramoto, daí o nome de “Praça do Comércio”.

Durante séculos a Praça do Comércio foi a grande sala de recepção de Lisboa para quem vinha de barco, desfrutando de uma paisagem única do Rio e da cidade, situando-se aqui o Cais de desembarque de Reis e Chefes de Estado de visita ao País, sendo ainda visível a escadaria em mármore do Cais das Colunas que sai do Rio Tejo em direcção à Praça do Comércio.

A Praça, já delineada pelo plano Pombalino, é caracterizada pelos seus edifícios arqueados, pintados aquando a implantação da República em cor-de-rosa republicano, voltando recentemente à sua cor original amarela, sede de departamentos governamentais e de alguns restaurantes, encontrando-se aqui o café-restaurant mais antigo de Lisboa: o “Martinho da Arcada”.

No centro geométrico da Praça, e virada para o rio, encontra-se a estátua equestre de D. José I, montado no seu cavalo Gentil, trabalho em bronze do afamado escultor Machado de Castro, erigida em 1775. No lado norte da praça, encontra-se o Arco Triunfal da Rua Augusta, a entrada majestosa para a Baixa, pela graciosa Rua do Ouro, uma das principais áreas de comércio pedestre da baixa de Lisboa. O arco contém diversas figuras de prumo do País (Vasco da Gama, Marquês de Pombal, Nuno Álvares Pereira, entre outras) ladeadas pelas representações dos rios Tejo e Douro, com referências aos grandes valores e virtudes da Pátria, de frente para o Tejo, como que a abrir o caminho para o sentido universal do mundo.





## Trabalho de campo



Agora que já almoçaste deves reunir com o teu grupo e escutar com atenção as indicações dadas pelos professores para a realização das actividades práticas.

O percurso vai iniciar-se no Terreiro do Paço, junto à **estátua de D. José**, e todos os alunos devem preencher individualmente e posteriormente em grupo a ficha sobre o Património Imaterial – Saberes e Ofícios tradicionais que está no teu guião.

Não te esqueças que esta é a altura ideal para recolheres imagens da toponímia das ruas da baixa pombalina que estão directamente ligadas com os ofícios.

Esta recolha deve ser efetuada na próxima hora, depois tens o mesmo tempo para conjuntamente com o teu grupo fazerem a análise e comentário aos dois documentos que se encontram no teu guião.

**Muito importante:** Caso te desencontres do grupo, deves ligar para o telemóvel 919191911 e informar o professor do local onde te encontras. Podes para isso usar o mapa da cidade que te entregámos.



### PATRIMÓNIO IMATERIAL SABERES E OFÍCIOS TRADICIONAIS

Nome do grupo:

Nomes dos elementos do grupo:

Nome do ofício tradicional:

Rua onde se pratica:

Dá a tua opinião fundamentada sobre a importância do ofício tradicional escolhido.



**Muito importante:** Na recolha do Património Imaterial, tem em conta o número de colegas que tens na tua equipa e o trabalho que cada um pode assumir.

**Momento de reflexão.....**

Afinal quem foi Pombal?



**Doc. A**

Ao Hiperbólico, Fantástico, Extravagante,  
Prepotente,  
Antidevoto, Arquideísta  
Sebastião José de Carvalho e Melo  
Marquês de Pombal:  
D. Quixote dos Ministros de Estado,  
Sublime Engenheiro de Castelos de vento,  
Legislador de Bagatelas,  
Autor de Leis Enigmáticas,  
Inimitável Criador de Palavras gigantescas,  
Amplificador de Nadas,  
Único Descobridor da Pedra Filosofal,  
Dos Direitos Natural e das Gentes,  
Defensor in você  
Destruidor in re.  
Virtuoso nas palavras  
Vicioso nas obras;  
Abundante de projectos  
Falto de Execuções;  
Restaurador quimérico das Letras,  
Real Perseguidor dos Sábios,  
Protector aparente do Comércio,  
Arruinador da Lavoira,  
Povoador dos Cárceres,  
Despovoador dos Campos,  
Grande dentro  
Pequeno fora;  
Richelieu na Vingança  
Mazarin na ambição;



Nas Virtudes, nem Eu, nem outro.  
Agradecido por Sistema  
Ingrato por Natureza.  
Digno para Vizir de um Príncipe Maometano,  
Indigno para Ministro de um Príncipe Cristão!  
O POVO PORTUGUÊS  
Sumamente agradecido à sua odiosa memória,  
Pelo haver governado  
Com um Ceptro de ferro,  
Por ter armado parte dos seus Cidadãos  
Contra outra parte,  
Por enriquecer o Particular  
E empobrecer o Público,  
Por ter aniquilado a antiga Nobreza  
E levantado outra de nova invenção,  
Por ter acrescentado o número dos Processos  
Com a confusa multidão das suas informes Leis,  
Por ter enriquecido a Língua  
Com uma prodigiosa Cópia de palavras Exóticas  
E Insignificantes;  
E por muitos outros favores  
Que deve à sua Liberdade e piedosa mão,  
Lhe manda levantar este Mausoléu:  
Construído do Ossos de inumeráveis  
Vítimas  
Do seu humor bárbaro, cruel e sanguinário,  
Amassados  
Com lágrimas  
De tantas desamparadas Viúvas,  
De tantas amuinadas Donzelas,  
De tantos Órfãos Pupilos.  
No dia 6 de Março  
Ano. Era 1777  
Anónimo

### **Doc. B**

*Aqui Jaz.*  
*Sebastião José de Carvalho e Mello*  
*Marquez de Pombal.*  
*Ministro e Secretário de Estado.*  
*De Dom José Primeiro.*  
*Rey de Portugal.*  
*Que Reedificou Lisboa*  
*Animou a Agricultura.*  
*Estabeleceu as Fabricas.*  
*Restituiu as Sciencias.*  
*Reprimiu o Vicio.*  
*Premiou a Virtude.*  
*Desmascarou a Hypocrisia.*  
*Desterrou o Fanatismo.*  
*Regulou o Erario Regio.*  
*Respeitou a Autoridade Soberana*  
*Cheio de Gloria.*  
*Coroado de Louro.*  
*Opprimido pela Calumnia.*  
*Louvido pelas Nações Estrangeiras.*  
*Como Richelieu.*  
*Sublime nos Projectos.*  
*Igual a Sully.*  
*Na Vida e na Morte.*  
*Grande na Prosperidade.*  
*Superior na Adversidade.*  
*Como Filosofo.*  
*Como Heroe.*  
*Como Christão.*  
*Passou-se para a Eternidade.*  
*Aos 83 annos da sua Idade.*  
*Em 27 de sua Administração.*  
*Anno de 1782."*

Dr. Frei Joaquim de Santa Clara

Se o tempo estipulado for respeitado às 17h00 estás a lanchar junto à estátua de D. José que está a sofrer obras de restauro. Nos painéis que a envolvem estão informações sobre este monumento, inaugurado há 237 anos, e sobre a Lisboa dessa época.



A estátua apresenta há décadas uma coloração esverdeada, resultante da oxidação que o bronze tem sofrido. Análises ao material mostram que a liga utilizada poderá conter mais latão do que se pensava e que a estátua original pode ter sido, afinal, dourada. As teorias baseiam-se num quadro do francês van Loo, em exposição no Museu da Cidade, que hoje visitaste, no qual figura o Marquês de Pombal, tendo como fundo a cidade. A estátua de D. José I, então ainda não concluída, está representada na pintura a dourado. No Museu está ainda exposta uma peça nos mesmos tons, desenvolvida por Machado de Castro como estudo para o monumento equestre, o que reforça a teoria de que a estátua apresentava originalmente essa coloração.





Estátua equestre de D. José I. Gravura a buril de Joaquim Carneiro da Silva. 1774

### **Avaliação do trabalho realizado**

É muito importante que nos digas o que achaste da visita de estudo e do trabalho de campo desenvolvido, por isso, deves nestas linhas referir os aspectos positivos e/ou negativos da mesma e apresentar propostas e sugestões para melhorar alguns aspectos da visita, era também muito importante dizer-nos de que forma a visita contribuiu para consolidar as tuas aprendizagens e te fez perceber a importância de preservar o património.

[illegible][illegible]

## **Anexo XII – Planificação aula 7**

<div>  <div> <b>Escola EI - Rei D. Manuel I, Alcochete - Ano lectivo 2012-2013</b>  <b>Disciplina: História – 8º ano – Turma C - Data - 22/02/13</b>  <b>TEMA F – PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII e XVIII</b> </div>  </div>						
<b>Lição nº 57 (aula 7) - Sumário: Alcochete e o terramoto de 1755. As reformas pombalinas no ensino. Realização de uma ficha de trabalho. Apoio ao trabalho de grupo.</b>						
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	CONCEITOS	OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	ESTRATÉGIAS ACTIVIDADES	RECURSOS	AVALIAÇÃO	TEMPO 50 minutos
<b>F.2 – Absolutismo e Mercantilismo numa Sociedade de Ordens</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contextualizar a história local e nacional;</li> <li>- Utilizar fontes de informação para reconstituir o passado;</li> <li>- Reconhecer e utilizar no quotidiano unidades de referência temporal.</li> <li>- Seleccionar informação pertinente.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sumário, recolha das fichas de trabalho.</li> <li><b>Questão de partida: O que aconteceu em Alcochete a 1 de Novembro de 1755?</b></li> <li>- Apresentação do livro <i>Memórias Paroquiais</i>.</li> <li>- Apresentação, leitura e interpretação dos slides nº 1 a nº 6.</li> <li>- Resolução de uma questão da ficha de trabalho.</li> <li>- Continuação da apresentação dos slides com leituras efectuadas pelos</li> </ul>	Caderno diário       DataShow Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Avaliação diagnóstica       Avaliação formativa (monitorização e registo das competências)	4 minutos
						3 minutos
						3 minutos
						10 minutos
<b>F.3 – A Cultura e o Iluminismo em Portugal face à Europa</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inferir a partir da interpretação e análise das imagens, e quadros, os</li> </ul>				



<p>- Resistências à inovação, a Inquisição e o ensino tradicional;</p> <p>- Desenvolvimento e laicização do ensino – as reformas pombalinas.</p>		conceitos históricos;	alunos e interpretação (diálogo orientado pelo professor) das imagens sobre o ensino das primeiras letras em diversos países europeus.	Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Utilização de vocabulário específico	5 minutos
		- Identificar as ideias principais, contextualizando-as.	- Diálogo aberto, orientado pelo professor, em torno de questões suscitadas pela análise das imagens.		Empenho e atitudes	10 minutos
		- Identificar os acontecimentos e personagens relevantes para os processos históricos em estudo, por exemplo as reformas pedagógicas com Verney e Ribeiro Sanches	- Apresentação leitura e interpretação dos slides nº 9 a nº 18, com destaque para análise do Alvará régio de 6 de Novembro de 1772.			3 minutos
		- Interpretar o papel dos indivíduos, como Verney ou Ribeiro Sanches e a actuação de ministros como o marquês de Pombal; etc.).	- Resolução de uma questão da ficha de trabalho sobre o ensino.			
			- Síntese dos conteúdos leccionados			7 minutos
			<b>Apoio aos trabalhos de grupo</b>	Quadro e Giz		5 minutos



## **Anexo XIII - Slides aula 7**

22 de Fevereiro de 2013 – Lição n. 57



**Sumário: Alcochete e o terramoto de 1755. As reformas pombalinas no ensino. Realização de uma ficha de trabalho. Apoio ao trabalho de grupo.**

22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

1

**Lisboa - 1 de Novembro de 1755**

O que aconteceu nesse dia em Alcochete?

- ☐ Terramoto? (sentido em Veneza)
- ☐ Maremoto?
- ☐ Incêndios?



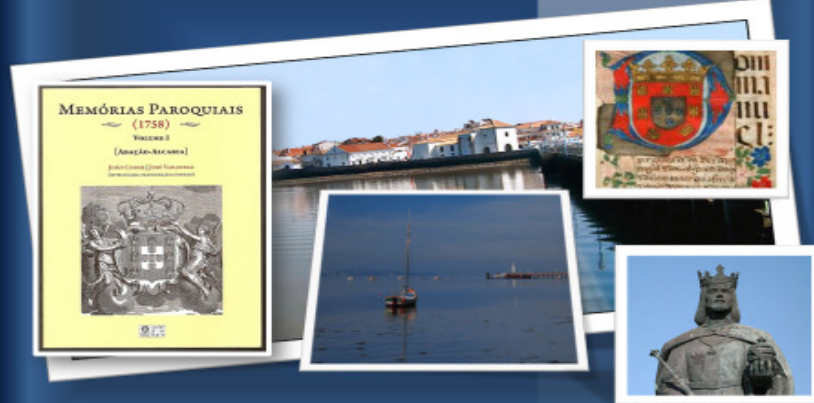
Fonte: BNF - Eau-forte, 1760, (30 x 37,9 cm)

22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

2

**Hoje vamos ler um documento muito importante e vais ficar a conhecer melhor Alcochete**



22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

3

**Memórias Paroquiais**



Um aviso de 18 de Janeiro de 1758 do Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, fazia remeter, através dos principais prelados, e para todos os párocos do reino, os interrogatórios sobre as paróquias e povoações pedindo as suas descrições geográficas, demográficas, históricas, económicas, e administrativas, para além da questão dos estragos provocados pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755. As respostas deveriam ser remetidas à Secretaria de Estado dos Negócios do Reino.

22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

4

## MEMÓRIAS PAROQUIAIS -ALCOCHETE

### 2 de Julho de 1758



Villa na provincia da Estremadura, patriarcado de Lisboa, comarca de Setubal. Terra esta mais fellis de todo o Portugal, pois tem a gloria de que fosse bersso daquele Grande e Augusto Monarca, o senhor rey Dom Manuel. Hé terra da hordem e mestrado de Santiago. Tem esta villa e seu termo quinhentos e trinta fogos; pessoas de sacramento, mil e seissentas e outenta pessoas. Está esta villa á borda do mar, cituada em planice, e sem monte algum que lhe embarace a vista. Para Poente, descobrindo-ce della desde a Torre de Bellem athé Santarem, (...) descobre-ce também as serras de Cintra, cabessa de Montachique, cerra de Montejunto...

Tem esta villa termo seu e nelle há hum lugar a que chamam Samouco; terá este lugar setenta moradores, pouco mais ou menos. O seu orago hé Sam Bras.

22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

5

## MEMÓRIAS PAROQUIAIS – ALCOCHETE



A parochia está no fim da villa da parte do Nascente. O seu orago hé Sam João Baptista. Este santo hé muito milagroso e na perfeição hé sem segundo....

Tem esta villa de Alcochete hum convento franciscano recoletto sugeyto á provincia dos Algarves; Tem esta villa hum hospital, o qual hé administrado pella Santa Caza da Mizericordia, mas hé um hospital sem renda algũa; Tem esta villa caza de mizericordia (...) que o senhor rey Dom Manuel a inriqueceo de regalias; Tem esta villa hũa ermida hoje chamada de Nossa Senhora da Vida, cuja imagem hé muito milagrosa. Esta villa de Alcochete em tudo venturoza porque com o torromoto (...) nam padeceo a mais mínima ruyna, quando todas as outras terras circunvizinhas lamentavam a sua desgraça. Foy maravilha daquelle grande padroeyro desta villa Sam João Baptista (...), Nossa Senhora da Vida e Nossa Senhora da Conceyçam

22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

6

## MEMÓRIAS PAROQUIAIS – ALCOCHETE



A parochia está no fim da villa da parte do Nascente. O seu orago hé Sam João Baptista. Este santo hé muito milagroso e na perfeição hé sem segundo....

Tem esta villa de Alcochete hum convento franciscano recoletto sugeyto á provincia dos Algarves; Tem esta villa hum hospital, o qual hé administrado pella Santa Caza da Mizericordia, mas hé um hospital sem renda algũa; Tem esta villa caza de mizericordia (...) que o senhor rey Dom Manuel a inriqueceo de regalias; Tem esta villa hũa ermida hoje chamada de Nossa Senhora da Vida, cuja imagem hé muito milagrosa. Esta villa de Alcochete em tudo venturoza porque com o torromoto (...) nam padeceo a mais mínima ruyna, quando todas as outras terras circunvizinhas lamentavam a sua desgraça. Foy maravilha daquelle grande padroeyro desta villa Sam João Baptista (...), Nossa Senhora da Vida e Nossa Senhora da Conceyçam

22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

6

## Vamos agora começar a responder à questão 2.1 da ficha de trabalho nº 3

- Na próxima aula devem entregar a ficha de trabalho à professora devidamente preenchida
- Como sabem a sua realização é muito importante, vai ajudar a esclarecer dúvidas e a obter bons resultados no próximo teste

Escola Básica 2/3 El-Rei D. Manuel I – Alcochete  
Ano Lectivo 2012/2013  
HISTÓRIA – 8º Ano, Turma C  
Ficha de trabalho nº 3

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Lê com muita atenção o enunciado que te segue e, depois de analisar cuidadosamente os documentos apresentados, responde de forma clara, objetiva e cuidada.

2. Olha com atenção para o documento B.

Doc. B. Terremoto 1755



2.1. Relaciona o terramoto de 1755 com a acção política do Marquês de Pombal.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

8



A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem





*A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem*

**Capa da Gramática da Língua Portuguesa, de João de Barros, 1539**



**Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar, escrita em 1722**





**Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar, escrita em 1722**

Fonte: Museu Britânico, Londres


Fonte: <http://cvc.instituto-camoes.pt/literatura/lingua.htm>

Fonte: <http://purl.pt/107/3/v.16>

The image displays two pages from a historical Portuguese educational text, 'Método Castilho' (Castilho's Method), published by the Imprensa Nacional in 1834.

**Left Page:** Features a large, detailed engraving of a classical building with a pediment and columns, topped by a statue. The building is labeled 'INSTITUTO DO BOM PAZ'. In the foreground, several children are engaged in various activities, including playing a game with a ball and a stick, and others standing or sitting. The scene is set in a lush, wooded area. Below the illustration, the names 'Gouffier del.' and 'Barro grav.' are printed.

**Right Page:** Contains the title 'MÉTODO CASTILHO' in large, bold letters, followed by 'PARA O' and 'ENSINO RÁPIDO E APRENSÍVEL DO LER, IMPRESSO, MANUSCRITO, E NUMERICAL'. Below this, there is a block of text in Portuguese, including the phrase 'E DO ESCRIVER' and 'COMO PRÁTICA PARA AS ESCOLAS E COMO PRÁTICA DAS FAMÍLIAS'. Further down, it says 'SEGUNDA EDIÇÃO' (Second Edition) and 'Integramente reatualizada, aumentada, e revista de um grande numero de alterações.' (Completely updated, increased, and reviewed with a large number of changes). At the bottom, there is a smaller illustration of a building and a group of people, and the publisher's information: 'LISBOA — Imprensa Nacional 1834'. A red circular stamp is visible in the bottom right corner of the page.



- ❑ Pombal adiantou-se, no aspecto educativo, a quase todas as nações da Europa, criando um sistema de ensino estatal e laico, que integrava aquilo que hoje designamos por ensino primário, por ensino secundário e por ensino universitário.

### As reformas pombalinas do ensino

- ❑ **Reforma de 1759:** criação das escolas régias de gramática latina, grego, retórica e filosofia.
- ❑ **Reforma de 1772:** criação das escolas régias de ler, escrever e contar; reforma da Universidade.

**Finalidades da acção pombalina:**

**estatizar, secularizar e uniformizar o ensino.**



22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

15

## Outras medidas


- ❑ Criação da Aula do Comércio (1759);
- ❑ Fundação do Real Colégio dos Nobres (1761);
- ❑ Instituição da Real Mesa Censória (1768) com o objectivo de transferir, na totalidade, para o Estado a fiscalização das obras que se pretendessem publicar ou divulgar no Reino, o que até então estava a cargo do Tribunal do Santo Ofício, do Desembargo do Paço (tribunal superior do reino) e do Clero Ordinário;
- ❑ Subsídio literário - Carta de Lei, de 10 de Novembro de 1772.



22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho


16



## Com as reformas pombalinas do ensino


- Esboça-se uma rede escolar pública a nível nacional;
- Os professores e mestres régios passam a ser nomeados, inspeccionados e pagos pelo Estado;
- O ensino passa a estar dependente de autorização do Estado;
- Cria-se, em 1772, um imposto – o Subsídio Literário – destinado a custear o pagamento dos professores
- Alguns professores passam a usufruir dos chamados “privilégios de nobreza”:

título de distinção social e política, isenção de determinados impostos, a possibilidade de ocupar postos destinados à nobreza, a exclusão de penas infames, ou ainda o privilégio de não ir para a prisão.



22/02/2013 Isabel Coelho Carrilho

## Alvará régio de 6 de Novembro de 1772



“Porque sendo impraticável, que se formasse em toda uma Nação hum Plano, que fosse de igual comodidade a todos os Póvos, e a todos, e a cada hum dos Particulares deles (...), sendo igualmente certo, que nem todos os Individuos destes Reinos, e seus Dominios, se hão de educar com o destino dos Estudos Maiores (...) bastará a hums que se contenhão nos exercicios de lêr escrever e contar; a outros, que somente se fará necessário habilitar-se para a Filologia o menor número de outros mancebos (...) e para este efeito nomeei hum Plano e Cálculo Geral e, Particular de todas, e em cada huma das Comarcas dos meus Reinos”.

D.º José, rei de Portugal

Comentário.....

22/02/2013 Isabel Coelho Carrilho

## Vamos agora começar a responder à questão 5.2 da ficha de trabalho nº 3 e ler algumas das respostas dadas à questão 6, cuja análise dos dois documentos foi iniciada no dia da nossa visita.


6.2 O ano de 1778 ficou marcado por dois grandes acontecimentos ligados à religião e ao ensino. Tente agora depois de ler os textos das grandes reformas do ensino educativo.

Complete o texto, com as seguintes palavras: Companhia de Jesus; Francisco; Jerónimo; Mariana; ensino; Jesus; escolas; Estado.

Documento 7

O Marquês de Pombal iniciou uma peregrinação aos lugares a \_\_\_\_\_ que destruiu o sistema de \_\_\_\_\_ em Portugal e substituiu-o por um sistema de \_\_\_\_\_, baseado no ensino público e no ensino privado. O Marquês de Pombal também criou a \_\_\_\_\_, que substituiu o ensino privado e o ensino religioso. O Marquês de Pombal também criou a \_\_\_\_\_, que substituiu o ensino privado e o ensino religioso.

Depois, vamos esclarecer algumas dúvidas, falar do trabalho de grupo e da ficha de avaliação sumativa a realizar em 1/03/2013. Está atento pois é meio caminho para o sucesso.



Isabel Coelho Carrilho


22/02/2013

## TRABALHO DE GRUPO

### NÃO ESQUECER QUE A BIOGRAFIA É A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PESSOA OU DE VÁRIAS PESSOAS.

### Os passos que devem seguir

1. Escolher alguém que se tenha distinguido (historiador, diplomata, cientista, médico, inventor, etc.).



22/02/2013 Isabel Coelho Carrilho



## NÃO ESQUECER QUE A BIOGRAFIA É A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PESSOA OU DE VÁRIAS PESSOAS.

2. Recolher informação sobre quem querem fazer a biografia:

2.1. Consulta de livros, enciclopédias, biografias já produzidas, revistas, Internet...



3. O registo da informação deve obedecer aos seguintes requisitos:

Data, local de nascimento e filiação; Percurso académico e profissional; Obras publicadas; Quais os seus interesses...



22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

21

## NÃO ESQUECER QUE A BIOGRAFIA É A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PESSOA OU DE VÁRIAS PESSOAS.

4. Pensar num título

5. A redacção do texto deve contemplar os factos mais importantes da vida da pessoa biografada; é importante que esteja bem escrito e com uma sequência lógica, (1ª a data e o local e nascimento, 2ª filiação... no final deve estar a conclusão).



6. É fundamental indicar a bibliografia consultada.

22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

22

## Sequência de apresentação dos trabalhos a 11/03/2013



I – Miguel Fidalgo + João Miguel + João Maria - Biografia a trabalhar:

**Leonardo da Vinci (1452);**

II – André Neves + Luís Amaral - Biografia a trabalhar – **Galileu Galilei (1564);**

III – Alicia Falé + Ana Bona - Biografia a trabalhar – **Colbert (1619);**

IV – Carolina Pardal + Carolina Pedrosa + Mariana Francisco + Sofia Tavares – Biografia a trabalhar – **Luís XIV (1638);**

V – Catarina Santos - Biografia a trabalhar – **Marquês de Pombal (1699);**

VI – Bruno Cabral – Biografia a trabalhar – **Newton (1643);**

22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

23

## Sequência de apresentação dos trabalhos

VII – Marta + Tomás + Diogo + Sílvia - Biografia a trabalhar – **Edward Jenner (1749) ou Nicolau Nasoni (1691);**

VIII – Pedro Sobral + Miguel Martins + Ricardo Santiago - Biografia a trabalhar – **Voltaire (1694);**

IX – Diana + Tatiana + Rubén – Biografia a trabalhar – **Ribeiro Sanches (1699);**

X – Catarina Antão – Biografia a trabalhar – **Dª Carlota Joaquina (1775);**

XI – Manuel – Biografia a trabalhar – ?

**MUITO IMPORTANTE:**

Os trabalhos devem ser entregues aos  
para avaliação



22/02/2013

Isabel Coelho Carrilho

24

## **Anexo XIV – Fichas de trabalho 3 e 4**

**Escola Básica 2/3 El-Rei D. Manuel I – Alcochete**

**Ano Lectivo 2012/2013**

**HISTORIA – 8º Ano, Turma C**

**Ficha de trabalho nº 3**



Nome \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Lê com muita atenção o enunciado que se segue e, depois de analisares cuidadosamente os documentos apresentados, responde de forma clara, objectiva e cuidada.

**1. Documento A - Uma corte luxuosa**

*Tive enrejo de ver D. João V quatro ou cinco vezes, uma das quais em dia de festa, na capela real. Nessa ocasião, cobria-lhe as vestes um longo manto de seda preta semeada de estrelas bordadas de ouro. (...) Ama excessivamente a magnificência (pompa ou esplendor) e a ostentação (luxo).*

*César de Saussure, Cartas escritas de Lisboa no ano de 1730 (adaptado)*

**1.1. Menciona qual a proveniência e quais os produtos que sustentaram a corte luxuosa do rei**

**D. João V.**

---

---

---

---

---

**1.2. Explica como aplicou D. João V essa riqueza.**

---

---

---

---

---

**1.3.** Face ao que aprendeste nas aulas, **comenta** a frase seguinte: “ O ouro do Brasil não estimulou a economia portuguesa”

---

---

---

---

---

---

---

**2.** Olha com atenção para o documento B.

Doc. B. Terramoto 1775



**2.1.** Relaciona o terramoto de 1775 com a ascensão política do Marquês de Pombal.

---

---

---

---

---

---

---

**2.2.** Tendo em atenção o que aprendeste na visita virtual ao Museu da Cidade, refere qual foi o acontecimento que esteve na origem da reformulação completa do Terreiro do Paço.

---

---

---

### 3. Na procura do ouro

#### Documento C

Segundo Magalhães Godinho "teriam abandonado o país 600 mil portugueses entre 1700 e 1760, a média anual seria 8 – 10 mil pessoas".

*Ensaio - II*, 1968, pp 295-315.

#### Documento D

Estimativas de Imigração Portuguesa no Brasil				
Período	América Portuguesa	Império Colonial	Média anual América Portuguesa	Média anual Império Colonial
1500-1580	100.000	280.000	500	3.500
1581-1640		300.000		5.000
1641-1700		120.000		2.000
1701-1760	600.000		10.000	
1800-1817	24.000		2.666	
1827-1829	2.004		668	
1837-1841	629		125	
1856-1857	16.108		8.054	
1881-1900	316.204		15.810	
1901-1930	754.147		25.138	
1931-1950	148.699		7.434	
1951-1960	235.635		23.563	
1961-1967	54.767		7.823	
1981-1991	4.605		406	

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/brasil500/portugueses.html>

3.1. Olha atentamente para os documentos C e D e refere qual foi o período de tempo em que ocorreu a maior vaga emigração para o Brasil.

---

---

---

---

3.2 Explica qual foi o principal motivo que desencadeou esse enorme fluxo migratório e tenta encontrar uma justificação para a diminuição acentuada da emigração no período seguinte.

---

---

---

---

---

#### 4. Documento E - Fomento industrial

*Com o ano de 1770, começou um período ditoso de oito anos incompletos que foi o século de ouro da nossa indústria e principalmente das manufacturas de seda em Lisboa e na provincia, em que se deu o aumento da produção com proporcionado consumo, aperfeiçoamento de manufacturas, a introdução de algumas que anteriormente se não fabricam, o melhoramento do método de dar goma e lustro aos tecidos, o desenvolvimento da plantação de amoreiras e da criação de sirgo (bicho-da-seda).*

Acúrsio das neves, citado in J. Borges de Macedo, *Problemas da História da Indústria*  
(adaptado)

**4.1. Comenta** o texto, tendo em atenção que o marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII, retomou a política mercantilista levada a cabo por D. Luís de Meneses, conde da Ericeira, no século XVII.

---

---

---

---

---

---

---

**5. Define** despotismo esclarecido.

---

---

---

---

**5.1 Quem** constituía a nova “elite social” criada pelo Marquês de Pombal?

---

---

---

---



5.2 O ano de 1759 ficou marcado por dois grandes acontecimentos ligados à religião e ao ensino. Treze anos depois são de assinalar duas grandes reformas do foro educativo.

**Completa o texto, com as seguintes palavras: Companhia de Jesus; financeiro; jesuítas; Menores; ensino; Jesus; escolas, Estudos.**

Documento F

O Marquês de Pombal iniciou uma perseguição sem tréguas à \_\_\_\_\_, que dominava o sistema de \_\_\_\_\_ em Portugal e além-fronteiras e era dona de um património cultural e \_\_\_\_\_ invejável; fomentou desconfianças e acendeu rivalidades religiosas, tendo a 3 de Setembro de 1759 promulgado a “Lei dada para a proscrição, desnaturalização e expulsão dos regulares da Companhia de \_\_\_\_\_, nestes reinos e seus domínios”. No aspecto educacional, e sabendo que as ciências eram então consideradas a base da “felicidade das Monarquias”, por Alvará Real de 28 de Junho de 1759 o rei criou a “Directoria” Geral dos \_\_\_\_\_ (génese do actual Ministério da Educação) e efectuou uma reforma geral no ensino das Aulas e Estudos das Letras Humanas, retirando aos \_\_\_\_\_ todas as prerrogativas sobre o ensino. Volvidos 13 anos, em 6 de Novembro de 1772, também por Alvará Real, inicia-se a Reforma dos Estudos \_\_\_\_\_, surgindo a primeira legislação que determina a abertura e a entrada em funcionamento nas cidades e vilas do Reino, de 479 \_\_\_\_\_ oficiais e gratuitas, de ler, escrever e contar. É também este o ano da reforma da Universidade.

Isabel Coelho Carrilho. *Trabalho realizado no mestrado sobre a educação em Portugal, no século XVIII.*



Bom trabalho!



Escola Básica 2/3 El-Rei D. Manuel I – Alcochete  
Ano Lectivo 2012/2013  
HISTÓRIA – 8º Ano, Turma C  
Ficha de trabalho



Nome \_\_\_\_\_ N° \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Lê com muita atenção o enunciado que se segue e, depois de analisares cuidadosamente os documentos apresentados, responde de forma clara, objectiva e cuidada.**

### O Antigo Regime Português no Século XVIII

#### 1. A dependência do estrangeiro

*Todo o ouro deles, assim como o açúcar e tabacos, são os lucros dos nossos industriais pelos produtos que lhe vendemos a crédito para serem pagos com o lucro do comércio com o Brasil. Três partes, em quatro, do trigo consumido neste país e todos os panos tingidos são importados de Inglaterra, de modo que isto explica porque é que esta gente vive para nós e não pode viver sem nós.*

Texto de um comerciante inglês, c. 1710. Citado por Carl A. Hanson, *Economia e Sociedade no Portugal Barroco*.

#### 2. O terramoto de 1755

*Semelhante a muitas carroçarias tiradas por oito cavalos, com retumbante fragor, crepitando com o estrondo e rompendo as vísceras da terra, agitou perfurou, arruinou a terra. (...) O mar recuou sobre si próprio e irrompeu exasperado na terra (...). O que permaneceu imune ao terramoto foi completamente derrubado e destruído pelo mar. \**

*Os que viram Lisboa antes desta pavorosa calamidade, se a vissem agora, ficariam muito chocados, porque a cidade não passa de um amontoado de pedras provocado pelo grande incêndio.*

*Uma das coisas mais terríveis que aconteceu foi que muitas pobres almas ficaram enterradas nas ruínas, não morreram, mas não conseguiram sair e assim umas morreram queimadas e outras morreram de fome. \*\**

\* D. Lourenço de Santa Maria (bispo do Algarve) in *O terrível Terramoto da cidade que foi Lisboa*, de Arnaldo Pinto Cardoso

\*\* Kitty Witham (freira inglesa) in *História de Portugal*, de David Birmingham

#### 3. O novo urbanismo

*A cidade nova reflectia a concepção que pombal tinha do Estado: planta geométrica e rectilínea, alçados iguais para todos os edifícios, ausência de palácios ou de qualquer sinal exterior que pudesse sugerir a nobreza do proprietário. Na praça principal, reúnem-se as forças que, para Pombal, deviam formar o país: nos andares nobres as secretarias de Estado e, por baixo delas, as lojas do comércio. A presidir à imensa parada, a estátua do Rei. O próprio nome do lugar – Terreiro do Paço – foi corrigido: Praça do Comércio.*

Suzanne Chantal, *A vida Quotidiana em Portugal no Tempo do Terramoto*

1 - Comenta com base no documento 1, a dependência comercial de Portugal em relação à Inglaterra.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

2 - Redige, com base do documento 2, um texto sobre o terramoto de 1755.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

3 - Comenta, com base no documento 3, a frase: “ A baixa de Lisboa reflecte uma nova concepção de espaço urbano”.

---

---

---

---

---

---

---

---



---

---



Bom trabalho!

## **Anexo XV – Planificação aulas 8 e 9**

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;">  <div style="text-align: center;"> <b>Escola EI - Rei D. Manuel I, Alcochete - Ano lectivo 2012-2013</b>  <b>Disciplina: História – 8º ano – Turma C - Data - 25/02/13</b>  <b>TEMA F – PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII e XVIII</b> </div>  </div>						
<b>Lição nº 58-59 (aula 8 e 9) - Sumário: Conclusão da matéria leccionada na última aula. Da revolução científica ao Iluminismo: os grandes progressos científicos.</b>						
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	CONCEITOS	OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	ESTRATÉGIAS ACTIVIDADES	RECURSOS	AValiação	TEMPO 90 minutos
<b>F.3 – A Cultura e o Iluminismo em Portugal face à Europa</b>  - A revolução científica na Europa e a permanência da tradição  - O nascimento do método científico;  - Os avanços da ciência moderna e o	<b>Ciência</b>	- Localizar no tempo e no espaço os eventos e os processos abordados	- Sumário, recolha das fichas de trabalho e entrega dos slides de aula  - Apresentação dos slides nº 1 a nº 9 e diálogo orientado pelo professor, em torno dos conteúdos programáticos leccionados na última aula.  - Motivação - Novo desafio para os nossos detectives (slide 10).  <b>Questão de partida: Seria Portugal um país atrasado?</b>	Caderno diário  Dossiê DataShow  Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Avaliação diagnóstica	3 minutos
		- Identificar e caracterizar fases importantes da evolução histórica				10 minutos
		- Relacionar os avanços da ciência e o desenvolvimento da técnica com o alargamento do conhecimento do mundo			Empenho e atitudes	2 minutos
		- Caracterizar o método experimental	- Continuação da apresentação dos slides, com leituras efectuadas pelos alunos e interpretação (diálogo orientado pelo professor) das imagens sobre a revolução científica.	Computador com acesso à Internet e PowerPoint		20 minutos

*A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem*

<p>desenvolvimento da técnica;</p> <p>- O alargamento do conhecimento do Mundo;</p> <p>- As grandes descobertas científicas;</p>	<p><b>Método experimental</b></p>	<p>-Reconhecer a simultaneidade de diferentes valores e culturas, bem como os fenómenos de resistência à inovação científica.</p>	<p>- Diálogo aberto, orientado pelo professor, em torno dos slides nº 31 a nº 39 sobre o processo Galileu.</p>	<p>Quadro e Giz</p>		<p>10 minutos</p>
		<p>- Identificar os processos ocorridos nos domínios científicos e técnico dos séculos XVII e XVIII.</p>	<p>- Apresentação dos restantes slides, destacando a experiência dos hemisférios de Magdeburgo provando que os inicianos não estavam arredados dos conhecimentos científicos que varreram a Europa Moderna.</p>	<p>Computador com acesso à Internet e PowerPoint</p>	<p>Utilização de vocabulário específico</p>	<p>20 minutos</p>
		<p>- Compreender que a revolução científica se traduz na elaboração de uma nova visão do mundo.</p>	<p>- Resolução de uma questão da ficha de trabalho sobre o ensino a Revolução Científica.</p>	<p>Dossiê</p>		<p>5 minutos</p>
			<p>- Síntese dos conteúdos leccionados</p>	<p>Quadro e Giz</p>	<p>Avaliação formativa</p>	<p>10 minutos</p>
			<p>- Esclarecimento de dúvidas sobre o teste.</p>	<p>Caderno diário</p>	<p>Monitorização e registo das competências e atitudes reveladas na concretização das actividades propostas</p>	<p>10 minutos</p>



## **Anexo XVI – Slides aula 8 e 9**



**HISTÓRIA – 8º ANO – TURMA C**

**Tema F: Portugal no Contexto Europeu dos Séculos XVII e XVIII**

**A Cultura e o Iluminismo em Portugal Face à Europa**

**Lições nº 58 e 59 – 25 de Fevereiro de 2013**

**Sumário:** Conclusão da matéria leccionada na última aula. Da revolução científica ao Iluminismo: os grandes progressos científicos.

Maria Isabel Coelho Carriho 25/02/2013 1

**Elogio a Pombal por Bernardino Machado (3º e 8º Presidente da República)**

*O marquês de Pombal, meus Senhores, sabia de cor a historia da nossa decadencia e ruina; sabia que só pela sciencia nos tinhamos enaltecido, e que tombaramos de chofre, mal se nos consumiu a razão inflammada pelas irradiações do oiro e pedrarias. O seu programma foi portanto este: arrancar do paiz a inextricavel vegetação parasitaria que o sugava, a ignorancia; e, depois delle bem revolvido, semeá-lo de saber.*


*A ignorancia tinha um sacerdote, um paladino, um consocio, o jesuita: expulsou-o. Era a ignorancia fanatica: quebrou-lhe as armas na Inquisição, e impossibilitou-lhe as victimas, os christãos novos. Era deshumana: aboliu a escravatura na metropole e emancipou os indios no Brazil. Era immoral: comminou severamente os concubinatos publicos. Era arrogante, odienta, cruel: abafou no cadafalso a conspiração dos nobres. Era vã, perdularia: mandou arrazar os vinhedos dos campos do Tejo, Mondego e Vouga, e denunciou o tractado de Methuen. Era a ignorancia doutorada: demoliu o velho ensino. Em summa, atacou-a de todos os lados e subjugou-a sempre!...*

*... Sim, Senhores, só um homem extraordinario pôde trazer para dentro da nossa instrucção superior os derradeiros dots seculos, em que a sciencia parecia havê-la desertado; só forças descommunes poderam amplifiá-la tanto, que nella viessem a caber Bacon e Descartes, Newton e Leibniz.*

Bernardino Machado, *Discurso commemorativo do Marquez de Pombal*  
Coimbra, Imp. da Universidade, 1882

25/02/2013 Maria Isabel Coelho Carriho 2

**Recorda**




Retrato do Marquês de Pombal, gravura de C. Legrand. Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Fotográfico

- ❑ Depois do terramoto de 1755, Sebastião José de Carvalho e Melo apresentou-se como o herói de uma nova época, que inteligentemente e a pulso, quis mudar a visão de Portugal na Europa e no Mundo. Ocupou-se, imediatamente, da reconstrução da cidade segundo um programa de edificação que obedecia a critérios de racionalidade e traçado geométrico, que iam ao encontro da concepção de poder centralizado, defendido pelo Marquês de Pombal, o que lhe valeu muito prestígio junto do rei.
- ❑ O Marquês de Pombal encetou uma política centralizadora, de reforço da autoridade real. Tomou uma série de medidas que suscitaram grande oposição, em particular dos nobres e representantes do clero, dado que estas reduziam os privilégios e o poder destes grupos sociais.

25/02/2013 Maria Isabel Coelho Carriho 3

**Recorda**



- ❑ A nível político e social, submeteu os grupos privilegiados, implicou a família de Távora e o Duque de Aveiro na tentativa de regicídio, conduzindo-os a uma morte horrenda e indescritível;
- ❑ Habilmente construiu a lenda negra dos Jesuitas portugueses, ao imputar-lhes a responsabilidade de todo o atraso intelectual do Portugal Moderno; donos de um património cultural invejável foram exautorados e depois expulsos de todos os territórios portugueses, no ano de 1759;
- ❑ Promoveu a criação de uma nova elite social, constituída sobretudo por burgueses enriquecidos com o comércio metropolitano e ultramarino;
- ❑ A nível económico, reorganizou as finanças do Estado, promoveu a criação de novas indústrias e deu incentivos às já existentes, fomentou o comércio através da criação de companhias dotadas do direito de monopólio, quer em Portugal quer no Brasil. O período pombalino caracterizou-se, também, por um retorno à política mercantilista.

25/02/2013 Maria Isabel Coelho Carriho 4



## Recorda



- ❑ A nível do ensino, fundou a Aula do Comércio, o Real Colégio dos Nobres, **extinguiu a Universidade de Évora** e reformou a Universidade de Coimbra
- ❑ Fase embrionária de uma rede escolar pública a nível nacional;
- ❑ Os professores e mestres régios passam a ser nomeados, inspeccionados e pagos pelo Estado;
- ❑ O ensino passa a estar dependente de autorização do Estado;
- ❑ É criado, em 1772, o Subsídio Literário destinado a custear o pagamento dos professores.

Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

5

## Podemos concluir que:



- ❑ Ao estudarmos alguns documentos históricos do Portugal Moderno percebemos que a questão educativa das classes mais desfavorecidas não foi para D. José, nem para Pombal, uma questão maior, embora fosse efectivamente uma preocupação. Provavelmente, a emergência política, económica e social de uma burguesia poderosa torna a questão dos três níveis de ensino incontornáveis.
- ❑ Luís António de Verney e Ribeiro Sanches, dois estrangeirados e dois nomes incontornáveis da política educativa, estão na base do desiderato educativo pombalino; consideramos que os seus ideais são a semente geradora da construção da escola de massas, da laicização e da democratização do ensino no século XX.

Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

6

## Sabias que:



- ❑ Em 1777, quando D. Maria I subiu ao trono, retirou todos os cargos ao Marquês e afastou-o do governo, pois nunca lhe perdoou a impiedade para com a família Távora.
- ❑ Em 1799, inúmeras queixas contra Pombal levam à elaboração de uma acção judicial, onde o Marquês é acusado de abuso de poder, corrupção e fraudes várias.
- ❑ Em 1781 Pombal é considerado culpado e condenado ao exílio. Contudo, como era doente e idoso, a rainha não exigiu que ele saísse do país. Desgostoso, retirou-se para a sua propriedade rural, em Pombal, onde viria a falecer no ano seguinte.

Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

7

## Quem foi Pombal?



Nascido em Lisboa a 15 de Maio de 1698, seguiu na Universidade de Coimbra o Curso de Direito e, em 1720, foi nomeado Primeiro-Ministro do Reino. Em 1750, quando a dinastia portuguesa chegou ao fim, foi nomeado primeiro-ministro do Reino e, em 1755, foi nomeado primeiro-ministro do Reino. Em 1755, foi nomeado primeiro-ministro do Reino e, em 1755, foi nomeado primeiro-ministro do Reino.

**Hiperbólico, Fantástico,  
Extravagante, Prepotente,  
Antidevoto, Arquideísta  
Racionalista, Intolerante, Opressor,  
Manipulador, Reformador, Déspota  
esclarecido, Ditador sanguinário,  
Tirano progressista, Extraordinário.**

25/02/2013

Maria Isabel Coelho Carrilho

8





Independente de ter sido bom ou mau governante, foi claramente um déspota em muitas das suas acções, mas foi também, um reformador.

Fonte: <http://www.paseira.com/photo/49301753>

Fonte: <http://espacosmemoria.blogspot.pt/2012/03/alteracao-dramatica-da-rotunda-da-quinta.html>

Imagem do Marquês de Pombal, em carta-público da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro

Fonte: <http://www.instituto-camoes.pt/recursos/textos/13.htm>

Allegoria da Glória do Marquês de Pombal, gravura anónima.

Biblioteca Nacional de Lisboa

25/02/2013

Maria Isabel Coelho Carriho

9



Vamos agora falar dos grandes progressos científicos que percorreram a Europa mas antes deixo um novo desafio aos detectives

Qual a corte onde estas pessoas viviam?

Mascarada Nupcial

Envergavam vestuário de luxo, tiveram direito a assistência médica e ao ensino, numa época em que o acesso a tais bens e serviços era privilégio de poucos. Não obstante, eram vistos com curiosidade, como pequenos animais exóticos. A famosa anã Rosa era a favorita, tendo aposentos reservados junto aos de .....


Fonte: <http://www.museo-galileo.it/>

Em casa podes fazer uma visita virtual ao museu

25/02/2013

Maria Isabel Coelho Carriho

10



**Recorda**

- No centro da transformação intelectual renascentista encontra-se a passagem de uma mentalidade teocêntrica (isto é, que colocava Deus no centro da reflexão humana) a uma mentalidade antropocêntrica (que tinha o homem como centro).
- Esta proposta correspondia a um reconhecimento e a uma crença optimista nas capacidades e no valor do ser humano, contrapondo-se à visão medieval do mundo.

Fonte: <http://www.museo-galileo.it/>

Em casa podes fazer uma visita virtual ao museu

25/02/2013

Maria Isabel Coelho Carriho

11



**O homem quer conhecer o céu, a terra, o universo**

A representação do mundo 1588-1593

Fonte: <http://www.museo-galileo.it/>

Em casa podes fazer uma visita virtual ao museu

25/02/2013

Maria Isabel Coelho Carriho

12



### O sonho comanda a vida



Leonardo da Vinci 1452-1519



Século XV



13

Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

### A Revolução Científica na Europa dos séculos XVI - XVIII

- Na Europa registam-se grandes progressos na ciência, podendo-se falar de uma Revolução científica. Herdeira do Renascimento, nasce e desenvolve-se uma nova forma de pensar. Os conhecimentos só adquirem validade depois de confirmados pela razão e pela experiência.
- Razão - Modo de pensar próprio ao Homem; faculdade de distinguir o verdadeiro do falso, o bem do mal; bom senso; prova por argumento.
- Experiência - Faculdade de raciocinar ou de estabelecer conceitos e proposições de modo discursivo (não intuitivo), segundo as regras lógicas do raciocínio.

Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

14

### A palavra ciência, do latim "scientia", significa conhecimento.

#### Método experimental

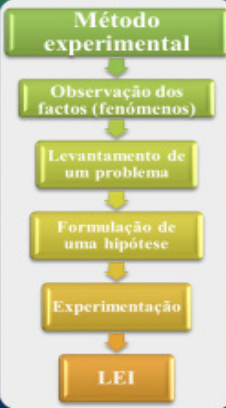
**1ª fase:** Observação dos factos (fenómenos)

**2ª fase:** Levantamento de um problema

**3ª fase:** Formulação de uma hipótese

**4ª fase:** Experimentação

**Conclusão:** LEI



Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

15

- Os séculos XVI, XVII e XVIII foram marcados, na Europa, por grandes avanços científicos e tecnológicos, contribuindo para um alargamento do conhecimento do Mundo e do ser humano.
- No século XVIII surgiu um movimento cultural que acreditava em valores como o progresso, a tolerância, a razão, a liberdade e a igualdade. Este movimento ficou conhecido por ILUSTRAÇÃO, ILUMINISMO ou LUZES, pois pretendia tirar as pessoas do obscurantismo cultural em que viviam e "iluminá-las" com o conhecimento.
- Vamos agora conhecer algumas das descobertas científicas e os seus autores, bem como recordar as grandes personalidades percursoras e defensoras do movimento das Luzes, e verificar como essas ideias foram difundidas.....

Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

16



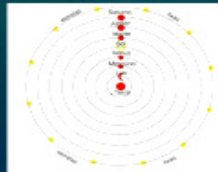
Recorda - O universo medieval é o de Ptolomeu, um universo fechado e finito - teoria geocêntrica

❑ Ptolomeu nasceu por volta do ano 85 no Egipto? e faleceu cerca do ano de 165 em Alexandria, no Egipto.



Fonte: claudupptolmy99.weebly.com

❑ Deduziu que a Terra era o corpo supremo e que se mantinha estacionário no centro do Universo; à volta da Terra giravam o Sol e a Lua e mais os cinco planetas visíveis: Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno.



Planisfério ptolomaico



Andreas Cellarius, 1661  
© Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze

25/02/2013

17

Maria Isabel Coelho Carrilho

Planisfério de Copérnico



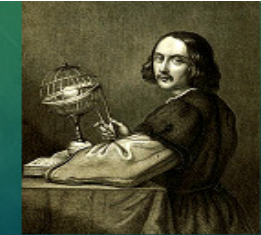
Andreas Cellarius, 1661  
© Istituto e Museo di Storia della Scienza

Nicolau Copérnico (Toruń, Polónia 19 de Fevereiro de 1473 — Frauenburgo, 24 de Maio de 1543) foi um astrónomo e matemático polaco que desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar. Foi também cônego da Igreja Católica, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico.

Maria Isabel Coelho Carrilho

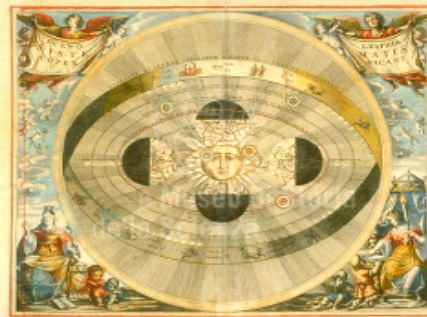
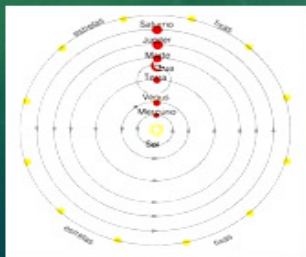
25/02/2013

18



Fonte: <http://brunelleschi.imes.fi.it/museum/ism.asp?c=300146>

Heliocentrismo é uma teoria astronómica que demonstra cientificamente que o Sol é o centro do Sistema Solar



Nicholas Copernicus' cosmographic system (from Andreas Cellarius, 1661).  
© Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze



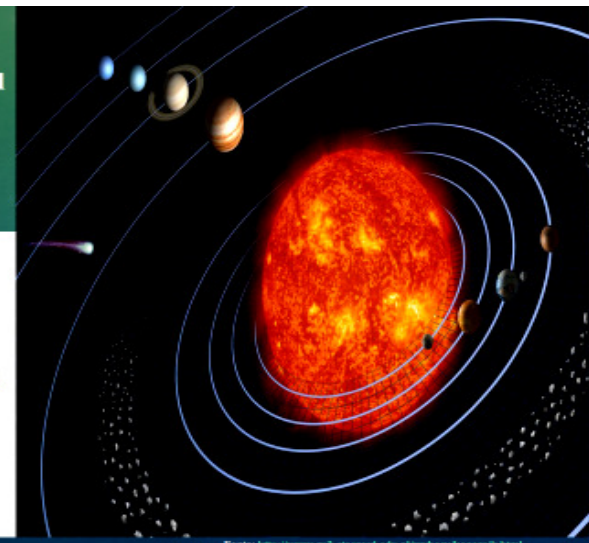
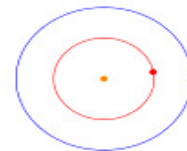
25/02/2013

Fonte: <http://www.za2-staracad.edu.pl/wyboru/copernik.html>

19

Maria Isabel Coelho Carrilho

Gravitação Universal  
Copérnico



Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

Fonte: <http://www.za2-staracad.edu.pl/wyboru/copernik.html>

20



### Alguns inventores e invenções

- GALILEU GALILEI: telescópio
- ISAAC NEWTON: movimento dos corpos - gravidade
- PASCAL e TORRICELLI: propriedades do ar
- HARVEY: grande circulação do sangue
- GALVANI e VOLTA: pilha
- LINEU: classificação das espécies vegetais e animais
- BENJAMIN FRANKLIN: pára-raios
- LAVOISIER: composições químicas
- DESCARTES: filosofia: racionalismo
- DENNIS PAPIN: a bomba centrífuga (força do vapor)
- BARTOLOMEU GUSMÃO: A passarola voadora - aeróstatos
- IRMÃOS MONTGOLFIER: balões de ar aquecido-aeróstatos.
- JAMWES WATT: Nova força motriz (vapor) -1769



Torricelli



Linnaeus



James Watt



Benjamin Franklin

Maria Isabel Coelho Carriho

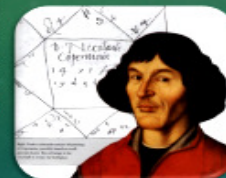
25/02/2013

21

### Personalidades a não esquecer



Pedro Nunes



Nicolau Copérnico



Galileu Galilei



Isaac Newton



William Harvey



René Descartes



Blaise Pascal



Bartolomeu de Gusmão

Maria Isabel Coelho Carriho

25/02/2013

22

Tycho Brahe é um dos personagens mais fascinantes na história da Astronomia. Nasceu em 1546, em Knudstrup, na Dinamarca e morreu em 1601, em Praga. As suas observações, ainda antes da invenção do telescópio, permitiram a Kepler, seu discípulo, enunciar as leis sobre o movimento dos planetas.



Fonte: [http://www.ccsalg.pt/astroscopia/tycho\\_brahe.htm](http://www.ccsalg.pt/astroscopia/tycho_brahe.htm)



Fonte: [http://www.ccsalg.pt/astroscopia/tycho\\_brahe.htm](http://www.ccsalg.pt/astroscopia/tycho_brahe.htm)

Maria Isabel Coelho Carriho

25/02/2013

23

O empenho de Brahe contribuiu para o desenvolvimento dos instrumentos astro- nômicos e, consequentemente, do estudo das posições das estrelas. De 30 anos de trabalho - observações de estrelas, planetas, de um cometa e da lua - resultou um estudo do sistema solar e o conhecimento da exata posição de 777 estrelas fixas.

### Planisfério de Tycho



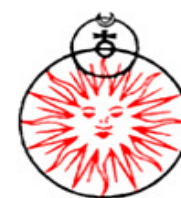
Andreas Cellarius, 1661

Tycho Brahe concluiu que os planetas giravam em torno do Sol, e a Lua girava em torno da Terra.

Maria Isabel Coelho Carriho

25/02/2013

24

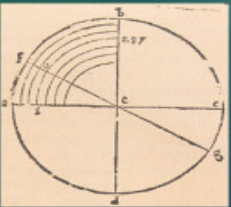


Fonte: [http://tycho.brahe.dk/tycho\\_brahe.htm](http://tycho.brahe.dk/tycho_brahe.htm)



A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

Quadrante, com o raio de 390 mm, dispondo do nónio de Pedro Nunes, conforme gravura inserida na *Astronomiae Instauratae Mechanica*, de 1602, de Tycho Brahe



Desenho segundo a gravura apresentada por Pedro Nunes, em *De Crepusculis*, que acompanha a descrição do nónio. Lisboa, 1542.

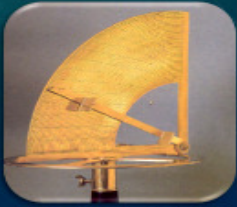
Biblioteca Nacional, Lisboa

Maria Isabel Coelho Carrilho 25/02/2013 25

**PETRI NONII**  
*Salaciensis, de Crepusculis liber*  
*nus, nunc recte cognatus et editus*  
**PEDRO NUNES, 1502-1578**  
NOVAS TERRAS, NOUOS MARES E O  
QUE MAYS HE:  
NOUO CEO E NOUAS ESTRELLAS  
BIBLIOTECA NACIONAL

Entre as contribuições científicas de Pedro Nunes, merecem destaque os seus estudos sobre a loxodromia, conceito descoberto pelo próprio, que está na base do sistema de projecção dos mapas de Mercator. Pedro Nunes mostrou que, em geral, uma linha de rumo - mais tarde chamado loxodromia - isto é, um caminho que seguisse sempre a mesma direcção cardeal, faria uma espiral que daria um número infinito de voltas à roda dos pólos da Terra.

Outro contributo importante foi a concepção do nónio. Este instrumento permitiria medir fracções de grau em dois instrumentos náuticos, o astrolábio e o quadrante.




Reconstituição do nónio de Pedro Nunes  
Instituto e Museu di Storia della Scienza,  
Firenze

Maria Isabel Coelho Carrilho 25/02/2013 26

**Pedro Nunes**  
**Figura emblemática representada no Padrão dos Descobrimentos**

De um lado estão representados:

- o filho de D. João I, o Infante Pedro
- D.ª Filipa de Lencastre
- o escritor Fernão Mendes Pinto
- Frei Gonçalo de Carvalho
- Frei Henrique Carvalho
- o poeta Luís de Camões
- o pintor Nuno Gonçalves
- o cronista Gomes Eanes de Zurara
- o viajante Pêro da Covilhã
- o cosmógrafo Jácome de Maiorca
- o navegador Pedro Escobar
- o matemático Pedro Nunes
- o navegador Pêro de Alenquer
- o navegador Gil Eanes
- o navegador João Gonçalves Zarco
- o filho de D. João I, Infante Santo, D. Fernando



Maria Isabel Coelho Carrilho 25/02/2013 27

Do outro lado estão representados:

- o rei D. Afonso V
- o navegador Vasco da Gama
- o navegador Afonso Gonçalves Baldaia
- o navegador Pedro Álvares Cabral
- o navegador Fernão de Magalhães
- o navegador Nicolau Coelho
- o navegador Gaspar Corte Real
- o navegador Martim Afonso de Sousa
- o navegador João Barros
- o navegador Estêvão da Gama
- o navegador Bartolomeu Dias
- o navegador Diogo Cão
- o navegador António Abreu
- o navegador Afonso de Albuquerque
- o missionário São Francisco Xavier
- o capitão Cristóvão da Gama.



Maria Isabel Coelho Carrilho 25/02/2013 28



### Francisco Sanches (1550 ou 1551-1623)

- ❑ Nasceu numa localidade da diocese de Braga. A partir de 1581 exerceu funções de médico no Hospital Saint Jacques, em Toulouse, cargo que manteve durante 39 anos. Em 1585 foi chamado, por convite, para professor da Faculdade das Artes de Toulouse, onde ensinou durante 25 anos.
- ❑ “Astrónomo, geómetra, filósofo e médico, observador infatigável da Natureza, autêntico protótipo do homem do Renascimento, legou-nos uma obra que foi o arauto da revolução filosófica dos séculos XVII e XVIII.”
- ❑ A atitude filosófica de Sanches foi desenvolvida ao longo do século XVII por outros filósofos que, partindo do seu cepticismo, evoluíram para uma valorização do conhecimento científico.



Fonte: [http://www.museu-sanches.pt/verano\\_sag/p33.html](http://www.museu-sanches.pt/verano_sag/p33.html)

Fonte: <http://post.pt/978171191>



Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

29

### Francis Bacon (1561-1626)

Sir Francis Bacon ocupa um notabilíssimo lugar na história do pensamento e da ciência, como criador da investigação experimental (*Novum Organum Scientiarum*, *Ensaio*). Conta-se entre os primeiros que teve consciência do significado histórico das ciências e de como estas transformam não só a filosofia, mas também a vida dos homens. Para Bacon, o saber permitia ao homem dominar a natureza. Por isso, tenta unir as tradições sábia e popular, até então separadas. A sua filosofia baseia-se, essencialmente, na substituição da lógica medieval, que considera estéril, por um novo método experimental.



Fonte: <http://www.francisbaconsociety.co.uk/>

**O *Novum Organum* é o início de um ambicioso projecto de síntese total do conhecimento humano.**

Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

30



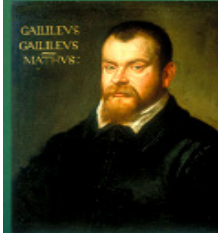
Fresco de Gori Agnolo, 1663 - (Galleria degli Uffizi, Florença, corredor oeste)

25/02/2013

Maria Isabel Coelho Carrilho

31

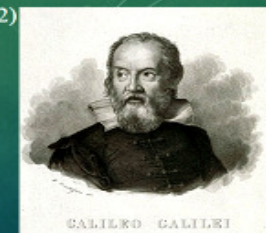
### Galileu Galilei (Pisa 1564-Arcetri 1642)



Pinura de Domenico Tintoretto, 1605-1606.  
National Maritime Museum, Greenwich  
© Istituto e Museo di Storia della Scienza



<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/224058/Galileo>



© Istituto e Museo di Storia della Scienza  
Fonte: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/224058/Galileo>

Matemático, astrónomo e físico italiano, é considerado o fundador do método experimental.

Galileu abraçou publicamente a teoria copernicana de um universo heliocêntrico, o que lhe valeu numerosas críticas, nomeadamente por tais noções serem contrárias àquelas presentes na Bíblia. Por esse motivo, Galileu foi julgado e condenado em 1633, e teve de abjurar perante a Inquisição.

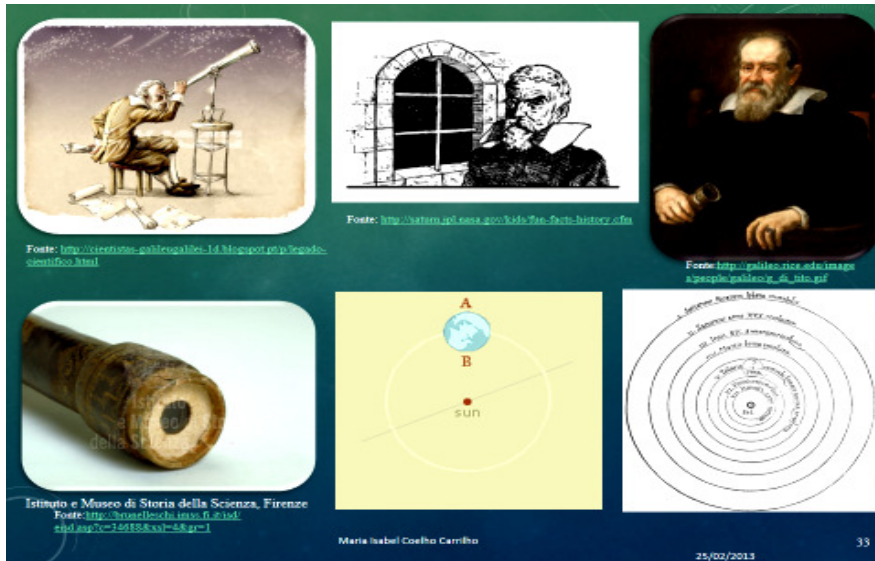
Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

32



A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem



Fonte: <http://astronomia.gutenberggalilei-14.blogspot.pt/p/legado-scientifico.html>

Fonte: <http://nature.pl.sara.gov.br/da-foto-facts-history.cfm>

Fonte: [http://galileo.rice.edu/image.asp?pic/galileo\\_g\\_d\\_telo.gif](http://galileo.rice.edu/image.asp?pic/galileo_g_d_telo.gif)

Istituto e Museo di Storia della Scienza, Firenze  
Fonte: <http://brunelleschi.uniss.it/it/itinerario/pdf/GalileoBiography.pdf>

Maria Isabel Coelho Carrilho 25/02/2013 33

Cópia do Sidereus Nuncius. A lua, desenhada por Galileu

## Galileo Galilei

Cópia do telescópio de Galileu

Na versão de Galileu, a luz que entra na extremidade (1) passa através de uma lente convexa (2), que dobra os raios de luz até eles chegarem ao ponto focal (f). A ocular (3), em seguida, espalha a luz de modo que a imagem aparece maior.



(BINCE Ms. Gal. 48, c. 28r).  
© Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze

Fonte: <http://astronomy.swin.edu.au/vacuaire/pagalileo/>

Maria Isabel Coelho Carrilho 25/02/2013 34

### Galileo explica a sua teoria perante os oficiais da Inquisição romana



Pintura de Carlo Felice Biscarra, 1859 (Castello Ducale, Aiglié, Piedmont)

Fonte: <http://brunelleschi.uniss.it/it/itinerario/pdf/GalileoBiography.pdf>

Maria Isabel Coelho Carrilho 25/02/2013 35

### A grande verdade de Galileo



### O julgamento de Galileo



Pintura de Joseph-Nicolas Robert-Fleury, 1652  
Fonte: <http://www.phy.syr.edu/news/earth/galileo-big-mistake.html>

### Galileo Galilei perante o Tribunal da Inquisição



Pintura de Cristiano Banti, 1857 (Coleção e Elena Fragna, Milano).

### Galileu na prisão



Pintura de Muzillo, do século XVII. Localização actual desconhecida

Maria Isabel Coelho Carrilho Fonte: <http://brunelleschi.uniss.it/it/itinerario/pdf/GalileoBiography.pdf> 25/02/2013 36



A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

**A abjuração de Galileu**  
Diz a lenda que ao se levantar Galileu terá dito: *eppur, si muove!* (e todavia, move-se)



Frontispício do Index, edição de 1664, contendo a proibição do Diálogo de Galileu



Abjuração de Galileu



Pintura de Giovanni Squarcina, Século XIX.  
Localização actual - desconhecida

25/02/2013 Maria Isabel Coelho Carrilho

**Em 1992, o Papa João Paulo II deu por encerrado o caso Galileu, reconhecendo que a Igreja se tinha enganado**

**A morte de Galileu**



Papa João Paulo II olhando a estátua de Galileu (Escultura de Paolo Emilio Denti) na Aula Magna da Universidade de Pisa



Pintura de Giovanni Lodi, 1856  
Academia Atestina, Modena.

25/02/2013 Maria Isabel Coelho Carrilho 38

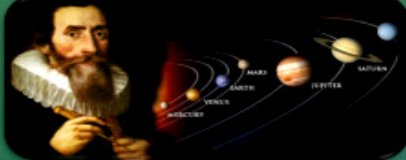
**Algumas das publicações de Galileu**



Fonte: <http://brunelleschi.mss.fl.it/inscrana/pdf/GalileoBiography.pdf>

25/02/2013 Maria Isabel Coelho Carrilho

**Johanes Kepler**



*Os meus corpos celestes não eram o nascimento de Mercúrio na sétima casa em quadratura com Marte, mas Copérnico e Tycho Brahe. Sem as suas observações, tudo o que eu pude trazer à luz estaria enterrado na escuridão.*

Fonte: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/durer/kepler.htm>

Considerado o fundador da Astronomia moderna, nasceu a 27 de Setembro de 1571, na cidade de Weil der Stadt, na Alemanha. As poucas condições financeiras da sua família levaram-no a ter que iniciar os seus estudos num seminário. Antes de completar os seus estudos, foi convidado para ensinar Matemática no seminário protestante de Graz, na Áustria, onde leccionou durante sete anos. Mais tarde, Kepler decide ir ao encontro de Tycho Brahe, entretanto contratado pelo Imperador Rudolph II de Praga, e torna-se seu assistente.

25/02/2013 Maria Isabel Coelho Carrilho 40



- ❑ Mais tarde, Kepler decide ir ao encontro de Tycho Brahe, entretanto contratado pelo Imperador Rudolph II de Praga, e torna-se seu assistente. Em Outubro de 1601, morre Tycho Brahe e Kepler sucede-lhe como matemático da corte. Com esta sucessão teve acesso aos dados de Tycho Brahe que lhe permitiram, ao fim de muitas experiências, compreender que as órbitas dos planetas não eram círculos, mas sim elipses.



Fonte: <http://www.kepler-archiv.de/>

- ❑ Kepler era protestante e nunca se converteu ao catolicismo. Morreu em 15 de Novembro de 1630, em Regensburg.



Fonte: <http://www.kepler-museum.de/>

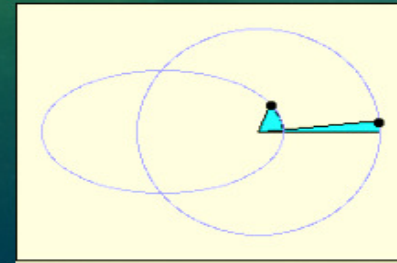
- ❑ As leis de Kepler constituem o fundamento para a compreensão do sistema solar e serviram a Isaac Newton para estabelecer a Lei da Gravitação Universal.

Maria Isabel Coelho Carrilho

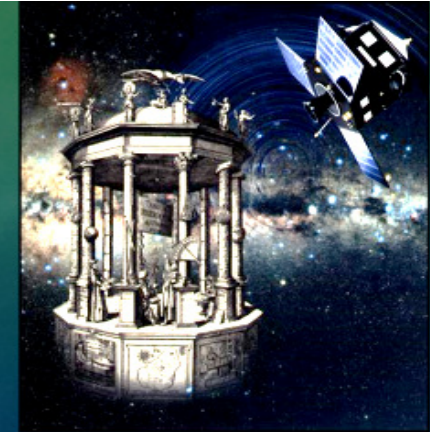
25/02/2013

41

Segundo Kepler, um planeta move-se mais rápido quando está mais perto do sol, e mais devagar quando está mais distante



Fonte: <http://kepler.nasa.gov/johannes/>



Fonte: <http://www.kepler-museum.de/>

Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

42

## Andreas Vesalius

Médico belga, considerado o “pai da anatomia moderna”. Foi o autor da publicação *De Humani Corporis Fabrica* um atlas de anatomia publicado em 1543.



Fonte: [http://www.nlm.nih.gov/exhibition/historicalanatomy/images/1200\\_gzeta1a/Vesalius](http://www.nlm.nih.gov/exhibition/historicalanatomy/images/1200_gzeta1a/Vesalius)



Fonte: <http://www.history.com/history-content/topics/andreas-vesalius>

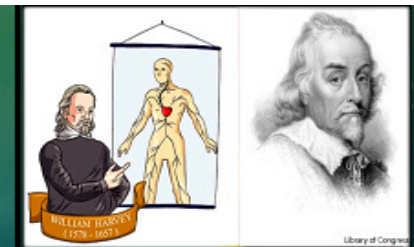
Conhecer o corpo

Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

## William Harvey

- ❑ Médico anatomista e fisiologista inglês, nascido em 1578 e falecido em 1657, estudou Medicina em Cambridge, onde se doutorou, em 1602.



Fonte: <http://www.uct.ac.za>

Fonte: <http://www.williamsharvey.org.uk>

- ❑ Foi professor de Anatomia e Cirurgia no Colégio Real. Tornou-se célebre pela descoberta da cirurgia sanguínea e pela sua antevisão da lei biogenética.
- ❑ Através de inúmeras experiências com animais, Harvey estudou o mecanismo da circulação do sangue e o movimento do coração.
- ❑ São também notáveis os seus estudos sobre a geração. Realizou trabalhos experimentais, utilizando para isso os animais do parque do rei, tendo chegado à conclusão que todo o ser vivo provém de um ovo.

Maria Isabel Coelho Carrilho

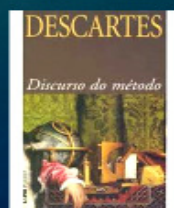
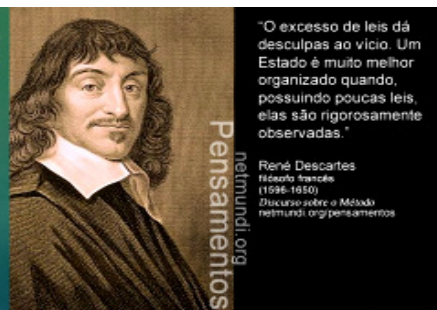
25/02/2013

44



### René Descartes (1596-1650)

- Sob inspiração do rigor demonstrativo das deduções matemáticas, foi movido pela preocupação de encontrar um fundamento absoluto e irrefutável para as ciências, que pudesse simultaneamente servir-lhes de princípio unificador, na tentativa de criar um sistema universal do saber.



Maria Isabel Coelho Carrilho

25/03/2015

45

### Blaise Pascal ( 1623-1662)

Filósofo, matemático, físico, teólogo e escritor

- ❑ Excelente matemático, especializou-se em cálculos infinitesimais e criou um tipo de máquina de somar que chamou de La pascaline (1642), a primeira calculadora mecânica que se conhece, conservada no Conservatório de Artes e Medidas de Paris.
- ❑ A curiosidade de Pascal levou-o também a estudar o comportamento dos fluidos. Assim, com vinte e quatro anos de idade, voltou-se para a física, centrando toda a sua atenção no estudo da pressão distribuída no interior dos fluidos em repouso. Ao aplicar as suas conclusões às ideias de Torricelli (1608 – 1647) a respeito da atmosfera, Pascal concluiu que, à medida que nos elevávamos, o peso do ar acima de nós deveria diminuir e que, portanto, a quantidade de ar iria decrescendo com a altitude até desaparecer por completo.
- ❑ Na última década de sua vida, Pascal interessou-se também pela filosofia. Dedicando-se à meditação redigiu, entre outros escritos, a obra *Pensées* (1658).



Fonte: [http://www.franchising.com/cal/28/marceline\\_m.htm](http://www.franchising.com/cal/28/marceline_m.htm)

Maria Isabel Coelho Camilho

[Return to Table of Contents](#)

47

**Com esse objectivo, procede à articulação das regras a que deve obedecer o método, para bem encaminhar a razão e procurar a verdade nas ciências:**

- **regra da evidência:** «recusar todos os preconceitos, não tomando como verdadeira nenhuma coisa sem que a conheça evidentemente como tal e se apresente ao meu espírito tão clara e distintamente que dela não possa duvidar».
- **regra da análise:** «dividir cada um dos problemas que se me apresente no maior número de parcelas possível».
- **regra da síntese:** «conduzir os raciocínios ordenadamente, partindo dos mais simples para os mais complexos».
- **regra da enumeração:** «proceder a enumerações tão completas e revisões tão gerais que possa estar certo de nada haver omitido».

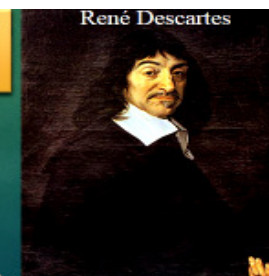


Figura de Franz Hals, 1649 (Museu do Louvre, Paris)

Maria Isabel Coelho Carrilho

25/02/2013

## Otto von Guericke

- ❑ Físico e engenheiro alemão, nascido em 1602 e falecido em 1686, é conhecido por ter realizado a célebre experiência dos hemisférios
- ❑ A experiência visava a separação de dois hemisférios de cobre, de 51 centímetros de diâmetro, unidos por contacto comum com um anel de couro, formando uma área fechada, da qual foi extraído o ar com recurso a uma bomba de vácuo, inventada pelo próprio Von Guericke. Em cada hemisfério existiam anéis para prender cabos ou correntes que eram puxados em sentidos opostos.
- ❑ Os espectadores ficaram completamente surpreendidos ao verificar que diferentes grupos de homens, puxando com toda a sua força em sentidos opostos, não conseguiram separar os hemisférios.



From: [http://www.sil.si.edu/digitalcollections/babylonian/identity/cf/display\\_results.cfm?alpha\\_sort=g](http://www.sil.si.edu/digitalcollections/babylonian/identity/cf/display_results.cfm?alpha_sort=g)



Maria Isabel Coelho Carrilho

35.02/2013



## A experiência

O mesmo aconteceu com dois grupos de 8 cavalos, puxando em sentidos opostos. Só depois de um grande esforço da parte dos cavalos é que foi possível separar os hemisférios, o que só foi conseguido por o vácuo alcançado através da rudimentar bomba de vácuo de Von Guerick não ser perfeito. Em contrapartida, deixando entrar o ar para o interior dos hemisférios, através duma torneira de admissão, era possível separá-los sem qualquer dificuldade.



Fonte: <http://www.billerank.de/product/Kuriosa/OTTO-VON-GUERICK-DRUCK-REGENSBURGER-REICHSTAG-FAISSE-83.html>

- ☐ A experiência seria repetida ainda no mesmo ano em Berlim, com 24 cavalos.
- ☐ Com esta experiência Von Guerick demonstrou:
  - a imensa força que a atmosfera podia exercer sobre os corpos;
  - a existência de pressão atmosférica sobre os corpos;
  - a existência do vazio.

Maria Isabel Coelho Cordeiro

25/02/2013

49



Experiência dos Hemisférios de Magdeburgo – Azulejos Barrocos Joaninos (1744-1749) da Aula de Física da Universidade do Espírito Santo (hoje sala 120 da Universidade de Évora) e que atesta a preocupação dos jesuítas com a modernização do ensino científico.

Em Portugal, os Jesuítas não desconheciam nem eram alheios às novidades; o cultivo das ciências entre os inicianos estava em franco progresso desde o início do mesmo século, e este desenvolvimento, que também se reflectiu na Filosofia, é anterior à publicação do Verdadeiro Método de Estudar e à influência exercida pelos Oratorianos. Como é natural, estas posições não foram partilhadas por diversos autores da corrente contrária, que acusam os Jesuítas de serem responsáveis pelo marasmo cultural e "atraso mental" de Portugal nesta época, defendendo que se eles não tivessem sido vencidos, certamente continuaríamos a ser apelidados de «índios da Europa».

Miguel Corrêa Monteiro

Maria Isabel Coelho Cordeiro

25/02/2013

50

MIGUEL CORRÊA MONTEIRO

*Inácio Monteiro*  
(1724-1812)

um jesuíta português na diáspora



Data de 1754 a publicação, em Évora, das *Conclusiones ex Universa Philosophia* da autoria de Sebastião de Abreu. Com um texto onde cita em primeira mão mais de 100 autores, nomeadamente Bacon, Descartes, Malebranche, Leibniz, Newton e Locke, demonstra igualmente uma tendência para o eclectismo, uma vez que ora está de acordo com as suas ideias ora as contraria. Igualmente, no ano de 1754, foi publicado em Coimbra o primeiro volume do *Compêndio dos Elementos de Matemática*, da autoria do Jesuíta Inácio Monteiro. Trechos das páginas 203 e 207 mostram que este Jesuíta pensava, já então, em publicar um curso de Filosofia. Intitulou-o *Philosophia Libera seu Eclectica*, e tinha os primeiros 7 volumes quase prontos em 1759, tornando-se o mais célebre dos inicianos portugueses que abraçaram o eclectismo.

Miguel Corrêa Monteiro

Significado de eclectismo - hábito ou liberdade de tirar proveito do que se considera mais útil em qualquer cultura ou corrente política, sem aderir exclusivamente a um sistema  
In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-02-14]. Disponível na www: <URL: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/eclectismo>>.

25/02/2013

Maria Isabel Coelho Cordeiro

51

Vamos agora responder às seguintes questões, verifiquem os apontamentos e o vosso manual na página 128.

Escola Básica 2/3 EB - Rei D. Manuel I - Alentejo - Ano Letivo 2012-2013  
HISTÓRIA - 8.º Ano, 1.º Termo C  
Ficha de trabalho

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Li com muita atenção o enunciado que se segue e, depois de analisar cuidadosamente os documentos apresentados, responde de forma clara, objetiva e cuidada.

1.1. Completa a seguinte frase:  
Os cientistas dos séculos XVII e XVIII procuram acentuar apenas os conhecimentos comprovados pela \_\_\_\_\_ e através de \_\_\_\_\_.

2. Doc. A - O método experimental

Goldstein, no primeiro lugar, desafia a ideia de que a matéria é contínua. Assim surge a ideia da hipótese física ou modelo atómico, chamado por alguns "hipótese ou suposição". Em segundo lugar, a realização de um modelo prático ou técnico a que damos o nome de "experiência".

Rodolfo Mondolfo, *Física e Modelos da Física da Renascença*

2.1. Identifica as fases do método científico descritas no documento A.

25/02/2013

Maria Isabel Coelho Cordeiro


52

Desenvolvimento das Ciências  
Palavras Cruzadas



- Vertical**
1. Distingue-se na Física, junto com Torricelli, o estudo do vácuo atmosférico.
  2. Distingue-se na Matemática, desenvolvendo estudos de álgebra e lógica no âmbito da geometria analítica.
  3. Distingue-se na medicina, descobrindo a grande circulação do sangue.
- Horizontal**
4. Distingue-se na Astronomia, desenvolvendo estudos sobre a gravitação.
  5. Distingue-se na Física, desenvolvendo estudos sobre a electricidade.
  6. Distingue-se na química, descobrindo o oxigénio e a composição química do ar e da água.
  7. Distingue-se na Astronomia, descobrindo a teoria da geração natural dos corpos.

## **ANEXO XVII - TESTE; CRITÉRIOS DE CORRECÇÃO; CLASSIFICAÇÕES E ALGUMAS RESPOSTAS**

 <b>Escola Básica 2/3 EI – Rei D. Manuel I – Alcochete</b> <b>Ano Lectivo 2012/2013</b> <b>HISTÓRIA – 8º Ano, Turma C</b> <b>Ficha de avaliação sumativa</b>	<b>Classificação:</b>
	<b>Assinatura Professor:</b>
Nome _____ Nº _____ Data ____ / ____ / ____	<b>Assinatura Enc. Educação:</b>
<b>Lê com muita atenção o enunciado que se segue e, depois de analisares cuidadosamente os documentos apresentados, responde de forma clara, objectiva e cuidada.</b>	

1. Lê com atenção o documento A.

**Doc. A – TÍTULO:** \_\_\_\_\_

*“ O trono real, não é trono de um homem, mas o trono do próprio Deus. (...) Os reis (...) são deuses e participam de algum modo da independência divina. O rei vê de mais longe e de mais alto. Deve acreditar-se que ele vê melhor e deve obedecer-se-lhe sem murmurar; porque o murmúrio é uma predisposição para a revolta.”*

J.B. Bossuet, bispo de Meaux, século XVII

**1.1. Identifica a política régia descrita no documento.**

---

---

**1.2. Dá um título adequado ao documento A.**

---

2. Observa as figuras seguintes:

**2.1. Completa a legenda.**



Fig.1: \_\_\_\_\_ rei, de \_\_\_\_\_.



Fig. 2: \_\_\_\_\_ V, rei de Portugal.



Fig.3: \_\_\_\_\_ I, rei de \_\_\_\_\_.



**4.1. Relaciona** o terramoto de 1755 com a ascensão política do Marquês de Pombal e com o urbanismo pombalino.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**4. 2. Define** despotismo esclarecido.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**4.3. Descreve** as principais reformas do Marquês de Pombal no campo dos *estudos menores*.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



Bom trabalho!

**MATRIZ DO TESTE DE AVALIAÇÃO SUMATIVA DE HISTÓRIA**

**Temas – Absolutismo, Política Económica, Despotismo e Reformas**




**8º Ano – Turma C**

**Data de realização: 1 de Março de 2013 – Duração 50 minutos**

**Cotação total 100 Pontos**

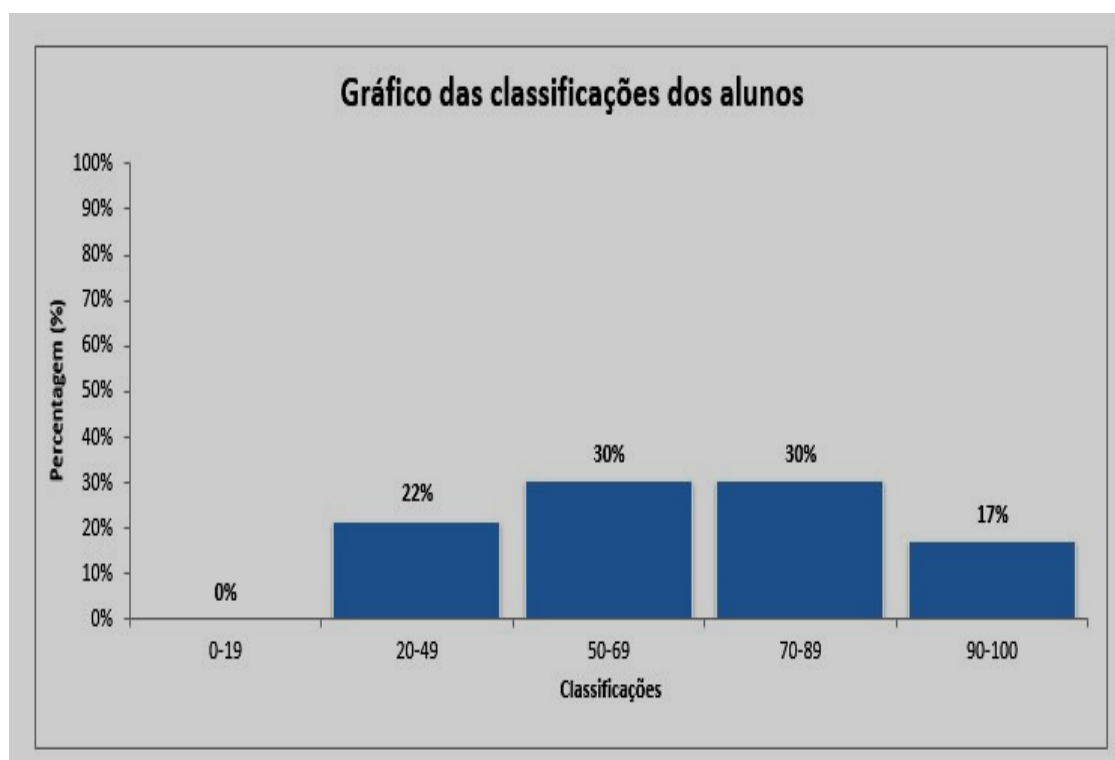
O teste é constituído por itens de resposta obrigatória, na sua maioria introduzido por textos e imagens incluindo itens de selecção (associação/correspondência) e por itens de construção (resposta curta, resposta extensa e resposta restrita).



Objectivos Conteúdos	Conhecimento (memorização e identificação)	Compreensão (interpretação, descrição por palavras próprias, organização e selecção de factos e ideias)	Aplicação (resolução de problemas, aplicar informação para obter um produto final)	Análise (subdivisão, identificação e separação do todo em partes)	Síntese (criação de uma produção original)	Avaliação (tomada de decisão, construção de conclusões)	TOTAL
<b>Absolutismo</b> 	2.1. <b>5 Pontos</b>	1.1. <b>10 Pontos</b> 1.2. <b>10 Pontos</b>					<b>25</b>
<b>Política Económica</b> 	3.1. <b>5 Pontos</b>		3.2.* <b>10 Pontos</b> 3.3. <b>10 Pontos</b>				<b>25</b>
<b>Despotismo e Reformas</b> 	4.2. <b>10 Pontos</b> 4.3. <b>10 Pontos</b>				4.1. <b>30 Pontos</b>		<b>50</b>
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>20</b>	<b>20</b>		<b>30</b>		<b>100</b>


\*Esta questão poderia ser de Aquisição, se os alunos tivessem, no essencial, de reproduzir o que memorizaram mas na verdade pretendíamos que os alunos demonstrassem possuir um pensamento crítico.

Grelha de classificação do teste de História - 1 de Março 2013											23
Média (%)											65,6
Desvio Padrão											18,4
N.º Aluno	Nome Aluno	1.1.	1.2.	2.1	3.1	3.2	3.3	4.1	4.2	4.3	TOTAL DO TESTE
		10	10	10	5	5	10	10	30	10	100
1	Alicia Falé	0	0	6	2	2	4	4	9	4	31
2	Ana Bona	10	10	6	3	3	5	5	10	5	57
3	André Neves	10	10	10	5	5	8	8	24	10	90
4	Bruno Cabral	10	10	10	4	4	8	7	19	8	80
5	Carolina Parda	10	10	6	3	4	3	4	11	2	53
6	Carolina Pedrosa	10	10	3	2	2	3	3	8	6	47
7	Catarina Antão	10	10	10	5	5	9	9	23	10	91
8	Catarina Santos	10	10	10	5	5	9	10	24	8	91
9	Diana Alexandre	10	10	10	3	3	5	7	16	7	71
10	Diogo Redondo	10	10	6	3	3	2	2	11	4	51
11	João Rodrigues	10	10	10	5	3	8	8	22	9	85
12	João Borges	10	10	10	5	5	8	6	15	6	75
13	Luís Amaral	10	10	10	5	5	10	10	28	9	97
14	Manuel										
15	Mariana Francisco	10	10	10	2	2	1	3	9	3	50
16	Marta Fernandes	10	10	10	5	5	5	5	19	6	75
17	Miguel Martins	10	3	3	5	3	5	3	6,5	3	41,5
18	Miguel Fidalgo	10	10	10	5	3	4	8	22	8	80
19	Pedro Sobral	10	10	10	4	4	3	3	8	2	54
20	Ricardo Santiago	10	10	10	2	2	3	3	6	2	48
21	Ruben Marques										
22	Silvia Almeida	10	10	10	1	1	1	3	5	2	43
23	Sofia Tavares	10	10	10	3	3	6	6	20	8	76
24	Tetyana	10	10	10	3	3	3	5	14	4	62
25	Tomás Nini	10	10	10	2	3	4	5	11	5	60





*Paraséns Luís Excelente teste.*

 <p>Escola Básica 2/3 El-Rei D. Manuel I – Alcochete Ano Lectivo 2012/2013 HISTÓRIA - 8º Ano, Turma C Ficha de avaliação sumativa</p>	<p>Classificação: <u>97</u></p>
<p>Nome <u>Luís Amador</u> Nº <u>19</u> Data <u>1</u> / <u>1</u> / <u>1</u></p>	<p>Assinatura Professor: <i>[Signature]</i></p>
<p>Lê com muita atenção o enunciado que se segue e, depois de analisares cuidadosamente os documentos apresentados, responde de forma clara, objectiva e cuidada.</p>	<p>Assinatura Enc. Educação:  </p>

1. Lê com atenção o documento A.

Doc. A – TÍTULO: Absolutismo em França. ✓

“O trono real, não é trono de um homem, mas o trono do próprio Deus. (...) Os reis (...) são deuses e participam de algum modo da independência divina. O rei vê de mais longe e de mais alto. Deve acreditar-se que ele vê melhor e deve obedecer-se-lhe sem murmurar; porque o murmúrio é uma predisposição para a revolta.”

J.B. Bossuet, bispo de Meaux, século XVII

1.1. Identifica a política régia descrita no documento.

~~Absolutismo~~ A política régia descrita no documento é absolutismo. ✓

1.2. Dá um título adequado ao documento A.

Absolutismo em França ✓

2. Observa as seguintes figuras:

2.1. Completa a legenda.




Fig.1: Luís, rei de França  
XIV ✓




Fig. 2: João V, rei de Portugal.  
João ✓




Fig.3: José I, rei de Portugal  
José ✓

1



### 3. Documento B - Uma corte luxuosa

Tive ensejo de ver D. João V quatro ou cinco vezes, uma das quais em dia de festa, na capela real. Nessa ocasião, cobria-lhe as vestes um longo manto de seda preta semeada de estrelas bordadas de ouro. (...) Ama excessivamente a magnificência (pompa ou esplendor) e a ostentação (luxo).

César de Saussure, *Cartas escritas de Lisboa no ano de 1730* (adaptado)

**3.1. Menciona** quais os produtos que sustentaram a corte luxuosa do rei D. João V, e qual a sua proveniência.

O ouro que vinha do Brasil sustentou os luxos da corte. ✓  
Outros produtos que vinham do Brasil foram o tabaco, açúcar e os escravos e o algodão. ✓

**3.2. Explica** como aplicou D. João V essa riqueza.

Muito Seguro!  
D. João V gastou essa riqueza em luxos da Corte (a maior parte), para pagar as importações e para a construção de Monumentos grandiosos como o Palácio e Convento de Mafra, a Biblioteca da Universidade de Coimbra e o Aqueduto das Águas Livres. Mas também investiu na cultura e na arte (Real Academia de História). ✓

**3.3. Face** ao que aprendeste nas aulas, **comenta** a seguinte frase: "O ouro do Brasil não estimulou a economia portuguesa."

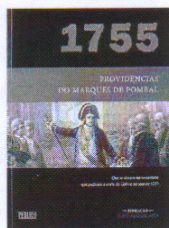
✓  
"O ouro do Brasil não estimulou a economia Portuguesa", porque D. João V queria apenas luxo, conforto e sumptuosidade na sua vida e na sua corte. De tal forma, que todos os produtos eram importados, na maior parte de Inglaterra, e como eram importados a balança comercial ficou desfavorável. Outra dos factos foi a alta taxa de emigração para o Brasil para ir à procura do Ouro, começando também a faltar mão de obra para a agricultura.

**4. Olha** atentamente para os seguintes documentos:

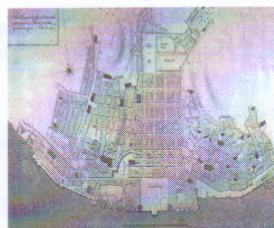
C - Planta de Lisboa, 1650.



D - Providências de Pombal



E - Plano de Eugénio dos Santos



Caterina as duas respostas demonstram estudo e interesse pela História. Parabéns. 2



4.1. Relaciona o terramoto de 1755 com a ascensão política do Marquês de Pombal e com o urbanismo pombalino.

✓ Marquês de Pombal depois de se dar o terramoto ~~mandar~~ <sup>\* mandar</sup> enterrar os mortos, socorrer a ruína, distribuir alimentos, levantar barracas para os desalojados, ~~e~~ <sup>\* e</sup> prender os saqueadores. ✓  
✓ Foi depois e que ~~começou~~ <sup>\* começou</sup> a restaurar ~~e~~ <sup>\* e</sup> reconstruir a Baixa de Lisboa com ruas geométricas e edifícios simples ~~e~~ <sup>\* e</sup> funcionais e não passaram do 4º andar e também foi Marquês de Pombal que ~~restaurou~~ <sup>\* reformou</sup> a economia, o ensino e a sociedade.

\* de 1 de ~~maio~~ <sup>\* novembro</sup> de ~~1755~~ <sup>\* 1755</sup>,

Era importante relacionar o terramoto com a ascensão política do Marquês de Pombal e com o urbanismo.

4.2. Define despotismo esclarecido.

✓ O despotismo esclarecido - ~~foi~~ <sup>\* foi</sup> um sistema ~~de governo~~ <sup>\* de governo</sup> autoritário posto em prática pelos monarcas europeus no século XVIII que tinha como principal fonte de inspiração as ideias e filosofias da altura, época (o racionalismo e o iluminismo) mas ~~o rei~~ <sup>\* o rei</sup> ~~era~~ <sup>\* era</sup> o legislador ~~e~~ <sup>\* e</sup> absoluto.

\* continuava a ser

4.3. Descreve as principais reformas do Marquês de Pombal no campo dos estudos menores.

- incomplete
- Principais reformas do Marquês de Pombal no campo dos estudos menores
  - criou escolas que ~~ensinavam~~ <sup>\* ensinavam</sup> a escrever e a ler
  - criou "subsídios literários" para pagar aos professores. ✓
  - ~~as~~ <sup>\* as</sup> escolas gratuitas para todas as pessoas?!

Candina

As respostas dadas revelam falta de estudo, tenho a certeza que podias ter feito bem melhor.

Bom trabalho! 😊







Correcção

Mariana B.B. Francisco m.º 16, 8°C

1.1 A política régia descrita no documento é o Absolutismo. ✓

1.2 Absolutismo real. ✓

2.

2.1 fig. 1 D. Luís XIV, Rei de França. ✓

fig. 2 D. João V, Rei de Portugal. ✓

fig. 3 D. José I, Rei de Portugal. ✓

3.

3.1 Os produtos que sustentaram a corte luxuosa foram o ouro do Brasil, o açúcar, o tabaco, os escravos e a algodão. ✓

3.2 D. João V aplicou essa riqueza nas suas roupas, nas dividas, para o luxo da Corte, na cultura e nas artes: biblioteca Joanina, Real Academia de História, Palácio - Convento de Mafra etc... ✓

3.3 O ouro do Brasil permitiu à corte portuguesa obter uma grande riqueza e isso fez com que Portugal se acomodasse, vivendo desse dinheiro, deixou-se de investir na agricultura e indústria. Para além disso, a própria mão-de-obra foi escasseando, sendo muitos os portugueses que emigraram para o Brasil em busca do ouro.

4.1 Com o Terramoto de 1755, a cidade de Lisboa ficou toda destruída, muitas pessoas morreram e muitas ficaram feridas e desalojadas. Era preciso agir com rapidez e tomar medidas decisivas. O Marquês de Pombal foi a pessoa que tratou da reconstrução de Lisboa, tendo uma visão inovadora e prática. O seu papel na reconstrução deu-lhe grande importância e ele continuou a destacar-se em outros setores de estado nomeadamente na educação, e nas finanças do país. (Mariana o que disseste está correcto falta ao intento Plard o

4.2 O despotismo esclarecido foi um sistema de governo autoritário posto em prática pelos monarcas europeus do século XVIII. Inspirava-se nas ideias filosóficas da época (Racionalismo e Iluminismo), e rei continuava a ser o legislador absoluto do seu povo mas era de sua competência promover também a modernização do Estado. Para conseguir esse objectivo, os monarcas recorriam, por vezes, à força, para desenvolver a economia, submeter as classes privilegiadas, promover uma certa burguesia e fomentar a educação e a cultura. ✓

4.3 As principais reformas do Marquês de Pombal no campo dos estudos menores foram:

- Estabeleceu uma rede de escolas públicas a nível nacional; ✓

- Criou escolas de primeiras letras, gramática latina, grega...; ✓

- Os professores e mestres régios eram escolhidos, e pagos pelo estado; ✓

- Os professores eram submetidos a um exame; ✓

- O ensino passou a estar dependente da autorização do estado; ✓



- Os professores usufruíam daquilo a que se chamava de "privilégio de nobreza". ✓

Muito bem Mariana, nota-se uma preocupação com a

## **ANEXO XVIII**

### **Planificação aulas 11 e 12**



<div>  <div> <b>Escola EI - Rei D. Manuel I, Alcochete - Ano lectivo 2012-2013</b>  <b>Disciplina:</b> História – 8º ano – Turma C - Data - 4/03/13  <b>TEMA F – PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII e XVIII</b> </div>  </div>						
<b>Lição nº 61-62 (aula 11 e 12) - Sumário: Os grandes progressos científicos, a Ilustração, as Academias, as edições científicas e os estrangeirados.</b>						
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	CONCEITOS	OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	ESTRATÉGIAS ACTIVIDADES	RECURSOS	AValiação	TEMPO 90 minutos
<b>F.3 – A Cultura e o Iluminismo em Portugal face à Europa</b>  - A revolução científica na Europa e a permanência da tradição  - O nascimento do método científico;  - Os avanços da ciência moderna e o desenvolvimento da técnica;	<b>Racionalismo</b>	- Identificar os processos ocorridos nos domínios científico e técnico dos séculos XVII e XVIII.  - Reconhecer a simultaneidade de diferentes valores e culturas, bem como os fenómenos de resistência à inovação científica	- Sumário e entrega dos slides de aula  - Apresentação dos slides com leituras efectuadas pelos alunos e interpretação (diálogo orientado pelo professor) das imagens sobre a revolução científica com destaque para a vida e obra de Newton e para diversos portugueses de excelência.	Caderno diário  Dossiê  DataShow  Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Avaliação diagnóstica        Empenho e atitudes	3 minutos
			- Destaque para o movimento pêndulo de Newton (slide nº 4)			5 minutos
			- Diálogo aberto, orientado pelo professor, em torno de algumas personalidades que tiveram de fugir de Portugal devido à política pombalina.			10 minutos

*A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem*

<ul style="list-style-type: none"> <li>- O alargamento do conhecimento do Mundo;</li> <li>- As grandes descobertas científicas;</li> <li>- O Iluminismo na Europa e em Portugal;</li> <li>- Meios de difusão do Iluminismo;</li> <li>- As academias;</li> <li>- Os estrangeirados</li> </ul>	<p><b>Iluminismo</b></p> <p><b>Estrangeirado</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Seleccionar informação pertinente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração de um quadro conceptual sobre dois importantes momentos da Idade Moderna</li> </ul>	Quadro e Giz	Utilização de vocabulário específico	5 minutos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inferir os conceitos históricos, a partir da interpretação e análise das imagens,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Continuação da apresentação dos slides com leituras efectuadas pelos alunos e interpretação (diálogo orientado pelo professor)</li> </ul>	Computador com acesso à Internet e PowerPoint		20 minutos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliar o papel dos indivíduos nas transformações históricas (Padre António Vieira; Duarte Macedo; D. Luís da Cunha; António Verney; Ribeiro Sanches; Jacob de Castro Sarmiento; Teodoro de Almeida; Jacob Rodrigues Pereira; Henriques de Paiva, entre outros)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Para responder às solicitações dos alunos sobre as questões higienistas da Época Moderna apresentaremos aos alunos um livro de Henriques de Paiva, com mais de 200 anos</li> </ul>			7 minutos
			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Procederemos à leitura de alguns conselhos dados não só sobre a saúde e higiene, mas também sobre a importância do fazer exercício físico (slides).</li> </ul>	Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Desempenho nas tarefas da aula	20 minutos
			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Síntese dos conteúdos leccionados</li> </ul>			10 minutos

## **Anexo XIX - Slides de aula 11 e 12**



## HISTÓRIA – 8º ANO – TURMA C

### Tema F: Portugal no Contexto Europeu dos Séculos XVII e XVIII

#### A Cultura e o Iluminismo em Portugal Face à Europa

Lições nº 61 e 62 – 4 de Março de 2013

**Sumário:** Os grandes progressos científicos, a Ilustração, as Academias, as edições científicas, os estrangeirados.

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

1

#### ❑ 1ª Lei de Newton, ou Lei da Inércia

Se a resultante de todas as forças aplicadas num corpo for nula, esse corpo ou está em repouso ou tem um movimento rectilíneo uniforme.

#### ❑ 2ª Lei de Newton, ou Lei Fundamental da Dinâmica

A força resultante do conjunto das forças que actuam num corpo produz nele uma aceleração com a mesma direcção e o mesmo sentido da força resultante, que é tanto maior quanto maior for a intensidade da força resultante.

#### ❑ 3ª Lei de Newton, ou Lei da Acção – Reacção

A acção de um corpo sobre outro corresponde sempre a uma reacção igual e oposta que o segundo corpo exerce sobre o primeiro.

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

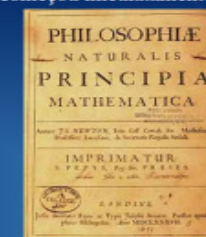
3



## Sir Isaac Newton

Nasceu em 1643, em Lincolnshire, Inglaterra e morreu em 1727, em Londres.

- ❑ Foi educado pela avó e frequentou a escola em Woolsthorpe
- ❑ Em Junho de 1661 entrou para o Trinity College, Cambridge onde começou imediatamente a aprender Matemática, a uma velocidade surpreendente.
- ❑ Principia" foi considerado, muitas vezes, "o mais extraordinário livro científico de todos os tempos". Mesmo quando se encontrava a trabalhar nele, Newton apercebeu-se de que as leis do movimento e da gravidade universal poderiam explicar processos e acontecimentos muito variados, desde as órbitas dos planetas à volta do Sol, até pêndulos baloiçantes, balas disparadas de uma arma, objectos fazendo ricochete, marés-cheias e vazias e coisas que caem na superfície da Terra.



Fonte: <http://student.dei.ucp.pt/~curiosidades.htm>

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

2

- ❑ Pêndulo de Newton: desenvolvido por Isaac Newton, com o objectivo de mostrar a Lei do Impacto entre os Corpos e a Lei da Conservação de Energia. Consiste num conjunto de 5 pêndulos metálicos iguais, perfeitamente alinhados horizontalmente e justamente em contacto com os seus adjacentes quando estão em repouso.
- ❑ Cada bola (pêndulo) está anexada à estrutura de metal por dois fios de igual longitude, inclinados ao mesmo ângulo em sentido contrário um com o outro. Este arranjo dos fios de suspensão restringe o movimento dos pêndulos ao mesmo plano.



Fonte: [www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br)


Maria Isabel Coelho Carrilho



Fonte: <http://digital-art-gallery.com/picture/12225>



A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem



<http://www.isaacnewtonsoldschool.org/page11.htm>

### Força de Gravitação Universal

□ Conta a lenda que certo dia, estava Newton debaixo de uma macieira e, para seu espanto, caiu-lhe uma bela maçã na cabeça. Percebeu, então, que a força que fazia cair a maçã era do mesmo tipo da força que puxava a Lua para a Terra. Newton descobriu, portanto, que a força gravítica não existe apenas à superfície da Terra, existindo em todo o lado do Universo, pelo que se diz Universal. Assim: a Lua está sujeita à força gravítica da Terra, sendo "puxada" para a Terra, do mesmo modo que uma maçã, cai de uma árvore, e que a Terra está sujeita à força gravítica do Sol; o Sol está sujeito à força gravítica das pesadas estrelas no centro da Galáxia; a força de gravitação como é universal, também existe fora da nossa Galáxia; a Nuvem Grande de Magalhães é atraída pela nossa Galáxia e a nossa Galáxia é atraída pela Andrómeda, e assim sucessivamente...

Maria Isabel Coelho Carrilho 04-03-2013 5

### Réplica do telescópio que Newton apresentou à Royal Society em 1671



<http://www.phs.org/tegh/nova/physics/newton-legacy.html>

Pintura de Enoch Seeman em 1726 <http://www.history.mcs.st-and.ac.uk/PictDisplay/Newton.html>


Pintura de Kneller em 1689

Isaac Newton foi presidente da Royal Society desde 1703 até à sua morte em 1727.

CELEBRATE 350 YEARS Se 1660 - 2010 THE ROYAL SOCIETY

04-03-2013 6

### THE ROYAL SOCIETY



□ A Royal Society foi criada em Londres, em Novembro de 1660, por 12 homens que pretendiam aprofundar o estudo experimental da Natureza. Em 1662, o rei de Inglaterra e da Escócia, Charles II, que em 1661 tinha casado com a portuguesa Catarina de Bragança, decidiu que essa sociedade se tornasse Sociedade Real. É a mais antiga sociedade científica do mundo em actividade.


□ Por ela passaram grandes personalidades .....

National Portrait Gallery, London

Fonte: <http://www.npg.org.uk/collections/search/portrait.nsf/tw91090?opening=to-The-History-of-the-Royal-Society-of-London-by-Thomas-Sprat>

04-03-2013 7

Foram 25, até hoje, os membros portugueses da Royal Society, a grande maioria dos quais no século XVIII. Logo em 1668, quando reinava em Portugal D. Afonso VI, entrou para a Royal Society o primeiro português: o arquivista António Álvares da Cunha, guarda-mor da Torre do Tombo e pai de D. Luís da Cunha, que haveria de ser embaixador em Londres no tempo do rei D. João V.



Obelisco PORTUGUES CAPO-L-S-TO-DE-RE-NOVO-...  
D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA  
D. MANUEL MARIA ROQUELLE  
D. PEDRO N.S.  
LISBOA

<http://purl.pt/17341/1/P1.html>

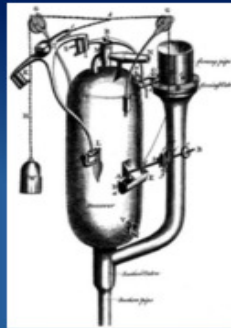
04-03-2013 8



A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

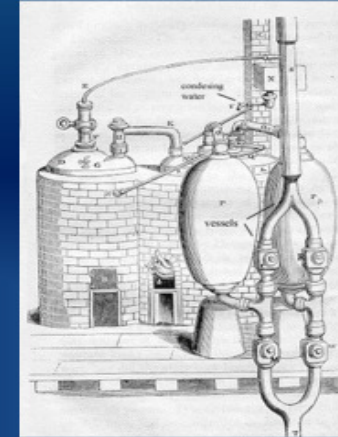
❑ Mas foi no longo reinado de D. João V, o construtor da Biblioteca Joanina, que entraram para a sociedade mais portugueses: doze, entre os quais o astrónomo de origem italiana João Baptista Carbone, o médico Jacob de Castro Sarmiento (que de Londres, refugiado para fugir à Inquisição, enviou para a Universidade de Coimbra um dos primeiros microscópios a chegar a Portugal).

❑ Ao longo dos séculos XVII e XVIII os livros de assentos da Royal Society incluem 22 nomes portugueses. O 10.º foi o Marquês de Pombal, que, tal como D. Luís da Cunha, foi embaixador português na capital britânica. Decerto que a sua entrada como fellow, em 1740, foi mais uma gentileza diplomática do que o reconhecimento do mérito científico do nosso futuro primeiro-ministro. Já o mesmo não se pode dizer do português eleito no ano seguinte: Bento de Moura Portugal (1702-1776), um dos nossos maiores físicos e engenheiros, protegido de D. João V (foi comparado a Newton por um sábio alemão da época: “depois do grande Newton em Inglaterra só Bento de Moura em Portugal”).



Moura Portugal foi uma das numerosas vítimas do regime pombalino. Acusado, por carta anónima, de nutrir simpatia pelos Távoras, acabou por falecer, no forte da Junqueira, em 1760, ao fim de dez anos de cativeiro em condições miseráveis, que o levaram à loucura e até a uma tentativa de suicídio. De nada lhe valeram os notáveis serviços que prestou à coroa, nomeadamente na área das obras hidráulicas. Nem a invenção de uma “máquina simples de fogo”, um tipo de máquina a vapor, que foi demonstrada em Belém perante a família real em 1742 e divulgada mais tarde ao mundo científico pelo engenheiro inglês John Smeaton, o “pai” da engenharia civil, precisamente nas Philosophical Transactions, a revista da Royal Society.

Fonte: Carlos Fiolhais  
tcarlos@teor.fis.uc.pt



Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

10

## Processo de Bento de Moura Portugal

Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 6193

Datas de produção: 1745-12-20 a 1748-02-05

Âmbito e conteúdo

Crime/Acusação: proposições heréticas e escandalosas

Cargos, funções, actividades: Engenheiro, cavaleiro professo da Ordem de Cristo

Naturalidade: Moimenta da Beira

Morada: Lisboa

Data da apresentação: 05/02/1748



<http://www.uc.pt/hguo/destaques/PortugaleRoyalSociety>

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

11

❑ No reinado de D. José I (1750-1777), entraram como sócios mais sete portugueses, alguns dos quais “estrangeirados”, isto é, homens de cultura que se exilaram. Entre eles destacam-se: João Chevalier, **astrónomo** que havia de chegar a Director da Real Academia Belga, Teodoro de Almeida, o primeiro **físico experimental** português e também o primeiro divulgador da ciência entre nós, e João Jacinto Magalhães - talvez o mais famoso de todos os cientistas portugueses que foram membros da Royal Society. Magalhães, um descendente do navegador Fernão de Magalhães, conviveu com os maiores cientistas da sua época (Watt, Priestley, Volta, Franklin, etc.) e foi autor de instrumentos científicos, alguns dos quais pertencentes hoje às colecções do Gabinete de Física Experimental do Museu de Ciência da Universidade de Coimbra.

❑ O mais importante diplomata português que entrou nessa época na Royal Society foi D. João de Bragança, 2.º Duque de Lafões, **exilado, para fugir ao regime pombalino.**



<http://purl.pt/13333/2/>

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

12



*A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem*

**A lista seguinte é só para melhorar a tua cultura geral**

- António Álvares da Cunha (1626-1690), diplomata, arquivista e genealogista
- José de Faria (?-1730), diplomata, arquivista, genealogista, foi eleito membro da RSL em 30 de novembro de 1682.
- Isaac Sequeira Samuda (1696-1730?), médico, eleito membro da RSL em 27 de junho de 1723. Judeu português, nasceu em Lisboa, formou-se em Medicina na Universidade de Coimbra
- António Galvão de Castelo-Branco (?-1730), diplomata, eleito membro da RSL em 15 de Abril de 1725.
- João Baptista Carbone (1694-1750), astrónomo, foi eleito membro da RSL em 6 de novembro de 1729. Padre jesuíta, natural de Nápoles, Itália, veio para Portugal em 1722, onde permaneceu durante 28 anos, até à sua morte. Foi bastante próximo do rei D. João V, que lhe mandou erigir um observatório astronómico em Lisboa, no Terreiro do Paço, apetrechado com os melhores instrumentos comprados no estrangeiro.

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

13

- Jacob de Castro Sarmento (1691/2?-1762), médico, eleito membro da RSL em 5 de fevereiro de 1730. De origem judaica, nasceu em Bragança, e formou-se em Artes na Universidade de Évora e em Medicina na Universidade de Coimbra. Para fugir à Inquisição estabeleceu-se em Londres, em 1721.
- Diogo de Mendonça Corte-Real (1658-1736), diplomata, eleito membro da RSL em 5 de fevereiro de 1736. Foi ministro de D. Pedro II e de D. João V, enviado extraordinário na Holanda em 1691, embaixador na corte espanhola entre 1694 e 1703, secretário real das Mercês, e secretário de Estado para os Negócios Ultramarinos. Foi membro fundador da Academia Real de História Portuguesa.
- Marco António de Azevedo Coutinho (1688-1750), diplomata, eleito membro da RSL em 6 de maio de 1736.
- Francisco Xavier Menezes (1723-1743), 4.º conde de Ericeira, político e militar, eleito membro da RSL em 2 de novembro de 1738.
- Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), marquês de Pombal, diplomata e estadista, foi eleito membro da RSL em 15 de maio de 1740.

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

14

- Bento de Moura Portugal (1702-1766), físico e engenheiro, eleito membro da RSL em 5 de fevereiro de 1741. Nasceu em Moimenta da Serra, Gouveia, e morreu no forte da Junqueira, em Lisboa, onde se encontrava encarcerado, vítima do regime pombalino, acusado de conspiração contra o governo.
- Mateus Saraiva (?-1765?), médico, eleito membro da RSL em 21 de Abril de 1743.
- António Freire de Andrade Encerrabodes (1699-1783), diplomata, eleito membro da RSL em 4 de Maio de 1749.
- João Mendes Sachetti Barbosa (1714-1773/4?), médico, eleito membro da RSL em 10 Maio de 1750.
- Joaquim José Fidalgo da Silveira (171?-?), diplomata, eleito membro da RSL em 31 de outubro de 1751. Natural de Lisboa, estudou Cânones na Universidade de Coimbra. Foi alcaide-mor de Melgaço e enviado extraordinário à corte de Londres, em 1750.
- João Baptista Chevalier (1722-1801), astrónomo, eleito membro da RSL em 23 de Maio de 1754. Padre da Congregação do Oratório de S. Filipe de Nery, nasceu em Lisboa.
- Martinho de Melo e Castro (1716-1795), político e estadista, eleito membro da RSL em 21 de Abril de 1757.

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

15

- Melo e Castro, Martinho de Castro e Melo (1716-1795), 21/04/1757, Diplomata
- João Carlos de Bragança (1719-1806), 2.º duque de Lafões, estadista, eleito membro da RSL em 17 de novembro de 1757. Neto do rei D. Pedro II e sobrinho de D. João V, estudou Humanidades e Filosofia e cursou Direito Canónico em Coimbra. Em conflito com o Marquês de Pombal, exilou-se em Inglaterra. Em 1779 regressou à pátria, ocupando altos cargos durante o reinado da rainha D. Maria I, tais como conselheiro de Estado, mordomo-mor, e marechal general do exército.
- Teodoro de Almeida (1722-1804), físico e pedagogo, eleito membro da RSL em 9 de março de 1758. Nasceu em Lisboa e, em 1735, ingressou na Congregação do Oratório. Vítima da perseguição de Pombal, em 1768 exilou-se em França. Regressou a Portugal em 1778 e colaborou na fundação da Academia das Ciências de Lisboa. Foi o autor da Oração de Abertura proferida a 4 de Julho de 1780.
- Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780), investigador e pedagogo, eleito membro da RSL em 24 de Janeiro de 1760. De origem judaica, nasceu em Peniche mas ainda criança emigrou com a família para França, estabelecendo-se em Bordéus. Dedicou-se ao ensino de surdos mudos, sendo pioneiro na criação da linguagem gestual.

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

16

- João Jacinto de Magalhães (1722-1790), filósofo e cientista, eleito membro da RSL em 21 de abril de 1774. Foi membro das mais prestigiadas academias e sociedades científicas da Europa. Como sócio da American Philosophical Society de Filadélfia, fundada em 1743 por Franklin, instituiu, em 1786, o prémio académico mais antigo dos Estados Unidos da América, conhecido por Magellanic Award.
- Luís Pinto Sousa Coutinho (1735-1804), 1.º visconde de Balsemão, político, eleito membro da RSL em 19 de abril de 1787. Nasceu em Leomil, freguesia de Almeida, e cursou matemática na Universidade de Coimbra.
- Cipriano Ribeiro Freire (1749-1824), diplomata, eleito membro da RSL em 31 de março de 1791. Primeiro embaixador de Portugal nos Estados Unidos da América (1794-1799). Foi ainda membro da Academia Real das Ciências de Lisboa e da American Philosophical Society de Filadélfia.
- José Correia da Serra (1750-1823), 3/03/1796, Naturalista e diplomata
- Francisco de Borja Garção Stockler (1759-1829), 1/04/1819, Matemático

## Agora é importante que conheças outros portugueses ilustres

### Jacob de Castro Sarmento (1691?-1762)

- Henrique de Castro Sarmento nasceu em Bragança, o seu pai e o seu irmão mais velho foram acusados de judaísmo pela Inquisição de Évora. Francisco de Castro foi preso em 1708, os seus bens foram-lhe confiscados, e foi ainda condenado a integrar um Auto de Fé, em 1710. Em 1721 saiu de Portugal, fugindo à Inquisição - que perseguia todos os que eram suspeitos de serem judeus. Fixou residência em Londres, onde mudou o seu nome para Jacob de Castro Sarmento, tornando-se o rabi dos judeus portugueses que aí residiam.
- Em 1725 foi eleito membro do Colégio Real dos Médicos de Londres (Royal College of Physicians), em 1730 tornou-se sócio da Royal Society e integrou o corpo docente da Universidade de Aberdeen, na Escócia, em 1736. Fez diversas tentativas para que em Portugal fossem introduzidas e aceites a filosofia e a ciência modernas. Tentou, junto da Academia Portuguesa de História, que fosse organizado em Portugal um jardim botânico e chegou a obter da Royal Society a intenção de oferta de exemplares de plantas do horto inglês. Esta sugestão não teve seguimento em Portugal.



### Jacob de Castro Sarmento (1691?-1762)


- Sugeriu a tradução da obra de Francis Bacon (1561-1626) *Novum Organum*, para modernização e reforma dos estudos médicos portugueses. Ele próprio terá iniciado a tradução desta obra, que não chegou a concluir.
- Publicou, em 1737, a Teórica Verdadeira das Marés, que foi o primeiro texto em português a divulgar as ideias de Isaac Newton (1642-1727) e que teve um papel importante na renovação das ideias científicas em Portugal.
- Atribui-se igualmente a Castro Sarmento a introdução em Portugal do de um novo método profilático da contra a varíola – a inoculação jenneriana - em Portugal, que mais tarde resultaria resultou numa diminuição considerável da taxa de mortalidade associada a esta. Em termos de publicação, salientam-se cerca de trinta títulos entre os quais algumas traduções de obras científicas para português da sua autoria, sendo a mais significativa a *Materia Medica* (1735) que revolucionou a farmacologia excessivamente empírica da época, tornando-a mais científica.
- Jacob de Castro Sarmento morreu em 1762 e foi sepultado no cemitério de St. Andrew, em Inglaterra. Pelas palavras de Ricardo Jorge, “Este insigne português, sendo um dos que mais aproveitaram no trato das nações estranhas, foi também dos que mais concorreram para naturalizar em Portugal os princípios e o gosto da moderna Filosofia.”



## A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

**Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780)**

Pedagogo e investigador, judeu português do século XVIII, foi pioneiro no ensino de surdos mudos e na criação da linguagem gestual. Emigrou ainda criança para França levado pelos pais, Magalhães Rodrigues Pereira e Abigail Ribeira Rodrigues, que tentavam escapar à Inquisição.


Fonte: <http://www.inja-paris.fr/documenta-da-ete/images-da-ete/patrimoine-inja-jacobrodriguespereira.jpg?view=searchterm=jaco>

Fonte: <http://purl.pt/12341/1/>

Fonte: <http://marcosdesciencias.fi.ub.pt/imagem/original/1303.jpg>

Fonte: [http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/pt6q57803124/f8\\_maqe-jacob%20rodrigues%20pereira.langPT.swf](http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/pt6q57803124/f8_maqe-jacob%20rodrigues%20pereira.langPT.swf)

Maria Isabel Coelho Carrilho 04-03-2013 21


**Teodoro de Almeida**

*Entre as histórias da História e da Literatura*

Por Maria Luísa Malato Borralho

Teodoro de Almeida é hoje um entre muitos paradoxos da fortuna literária. Polígrafo oratoriano do Iluminismo católico português, estendeu a sua obra por vastos domínios do saber: filosofia (ontologia, ética, metafísica, lógica, e até psicologia), religião (pneumática e teologia), ciências físico-naturais. Cultivou o verso e a prosa literária. Os seus livros de filosofia natural, sucessivamente reeditados, foram os principais responsáveis pela divulgação dos conhecimentos científicos entre os leitores do século XVIII. Uma narrativa sua, de 1779, *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna*, teve leitores fiéis durante cerca de cem anos. E todavia, de uma vida cheia e obra vasta, hoje pouco resta nas actuais referências da nossa cultura.



Fonte: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2833.pdf>



Fonte: <http://purl.pt/1923>

22

**Teodoro de Almeida (1722-1804)**

Fonte: [http://www.cit.pt/ficte/wcm/assetmgr/pdfs/gallica/download/patrimoine/Almeida/Transecto\\_Solier\\_d\\_e\\_Venus.pdf](http://www.cit.pt/ficte/wcm/assetmgr/pdfs/gallica/download/patrimoine/Almeida/Transecto_Solier_d_e_Venus.pdf)

- ❑ A década de 1750 é a da plena afirmação de Teodoro de Almeida, que ganha prestígio crescente como pregador, mas sobretudo como escritor e divulgador de temas científicos. Os volumes da Recreação sucedem-se a ritmo veloz, publicando-se o sexto em 1762. Em 1752 João Baptista de Castro inicia a conferência de Filosofia Experimental - ou Filosofia Natural, na Casa das Necessidades, beneficiando do excelente equipamento de laboratório doado à Congregação por D. João V, nas quais o seu discípulo viria a ter papel de destaque.
- ❑ Enquanto expoente desta popularidade da divulgação científica, Almeida foi alvo de várias críticas e polémicas, sendo acusado de desvios em relação à ortodoxia religiosa e de ser plagiário. De entre os que vieram em sua defesa salienta-se o jesuíta Inácio Monteiro, autor de uma importante obra pedagógica.
- ❑ Na década seguinte alguns dos Oratorianos mais influentes conheceram a perseguição de Pombal. Teodoro de Almeida foi forçado a exilar-se em 1768, continuando a desenvolver uma acção pedagógica importante em França. Regressou a Portugal em 1778, logo após o afastamento de Carvalho e Melo, embrenhando-se nos anos seguintes na revitalização do Oratório, na escrita e nos cursos.

Maria Isabel Coelho Carrilho 04-03-2013 23

No entanto, muitos são os portugueses de excelência da Época Moderna.

Vamos agora recordar alguns.....

Maria Isabel Coelho Carrilho 04-03-2013 24



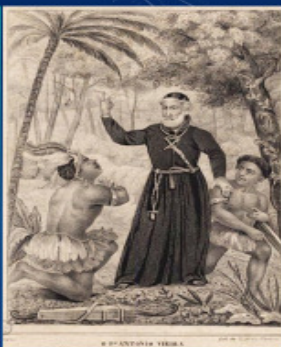
## Padre António Vieira (Lisboa 1608 – Baía 1697)

Em 1623 (15 anos) entra no Colégio dos Jesuítas em Salvador da Bahia como noviço; em 1625 fez votos de pobreza, castidade e obediência e, propondo-se missionar entre os ameríndios e escravos negros, estudou a "língua geral" (tupi-guarani) e o quimbundo.

No ano de 1643 (35 anos) apresenta ao rei D. João IV um documento sobre o "*miserável estado do reino e a necessidade que tinha de admitir os judeus mercadores*". Sugere ainda a D. João IV a criação de uma Companhia de Comércio bem como o cultivo de drogas e especiarias da Índia no Brasil.

Em 1649 (41 anos): Por instigação do Padre António Vieira é criada a Companhia Geral do Comércio do Brasil, com o monopólio do comércio do bacalhau, azeite, vinho e trigo. Pressões para que Vieira abandone a Companhia de Jesus. O rei defende-o. Primeiras denúncias à Inquisição. Começa a redigir a *História do Futuro*.

Fonte: <http://www.ua.pt/vieira2008/PageText.aspx?id=8868>



Fonte: <http://purl.pt/1036/2/>

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-05-2013 25

**1654** (46 anos): Vieira viaja até Lisboa para obter do rei novas normas sobre o estatuto dos Índios nas missões do Maranhão. Antes de partir, a 13 de junho, prega o *Sermão de Santo António aos Peixes*.

**1659** (51 anos): Carta de Vieira ao seu amigo Padre André Fernandes, bispo titular do Japão, intitulada *Esperanças de Portugal*, onde expõe a sua visão do *Quinto Império do Mundo*.

**1662** (54 anos): Prega na Capela Real perante a rainha regente D. Luísa de Gusmão e o rei D. Afonso VI o *Sermão da Epifania*, em dia de Reis. O Tribunal do Santo Ofício instaura-lhe um processo por delito de heresia.

**1668** (60 anos): Vieira é libertado em Junho, mediante decreto do Santo Ofício; assume o seu posto de Confessor do regente (D. Pedro II), assim como o direito de pregar, mas com limitações em relação às matérias de que fora acusado.

**1669** (61 anos): Parte para Roma, em busca da libertação em relação às limitações que lhe tinham sido impostas, onde ficará até 1675, frequentando a cúria romana e a academia da corte da rainha Cristina da Suécia. O papa Clemente IX reconhece a monarquia portuguesa.

Fonte: <http://www.ua.pt/vieira2008/PageText.aspx?id=8868>

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-05-2013

26

## Padre António Vieira (Lisboa 1608 – Baía 1697)

**1681** (73 anos): Em Janeiro embarca definitivamente para Salvador da Bahia. Devido às insistentes pressões de D. Pedro II e de bispos portugueses, o papa restabelece o tribunal do Santo Ofício. Recomeçam em Portugal as execuções.

**1688** (80 anos): Vieira é nomeado Visitador-geral de toda a província jesuítica do Brasil, apesar de já não poder viajar; exerceu o cargo durante três anos.

**1697** (89 anos): Preparou para publicação o 12º volume dos *Sermões*. Ditou a sua última carta a 12 de julho. O Padre António Vieira morre em Salvador da Bahia a 18 de Julho e foi sepultado na igreja do Colégio.

Fonte: <http://www.ua.pt/vieira2008/PageText.aspx?id=8868>



Fonte: <http://ant.igraq.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/exposicao-dos-jesuitas/>

### Caros detectives

O Padre António Vieira foi amigo e correspondente de um diplomata que vocês bem conhecem. Podem ler algumas dessas cartas no seguinte endereço:

<http://www.brasiliana.usp.br/handle/braziliana/1018/61921000?page=3&mode=lap>

Quem é o diplomata?



PresenterMedia

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-05-2013

27

## Duarte Ribeiro de Macedo – Um diplomata moderno 1618-1680

Duarte Ribeiro de Macedo é um dos pensadores políticos portugueses mais marcantes do século XVII e um apóstolo das ideias mercantilistas durante os reinados de D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II, revela grandes preocupações com o equilíbrio da balança de pagamentos, o que resultava num défice monetário muito prejudicial à vida do país, como se comprova pela sua afirmação:

*"A importância da circulação do dinheiro na sociedade é igual à da circulação do sangue no corpo humano".*

Obras como o seu Discurso sobre a Introdução das Artes no Reino vão influenciar o grande executor das ideias mercantilistas portuguesas, o conde de Ericeira, D. Luís de Meneses.

Iniciou a sua carreira de magistrado como juiz de fora em 1650, em Elvas, sendo depois corregedor em Torre de Moncorvo, em 1656, e desembargador da Relação do Porto, em 1659.

Foi neste ano que encetou a sua carreira diplomática, ocupando o cargo de secretário da embaixada portuguesa em França, chefiada pelo conde de Soure.



Maria Isabel Coelho Carrilho

04-05-2013

28



## A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

### D. Luis da Cunha (1662-1749). O “oráculo” da política.

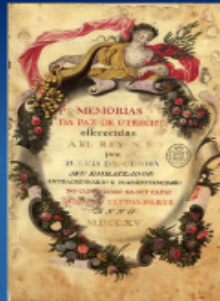
Espírito livre e iconoclasta, apontou com firmeza, mas de forma fina e elegante, o caminho a seguir em épocas de crise, como nas anteriores negociações do Tratado de Methuen (Dezembro de 1703) ao qual se opôs, ou nas difíceis relações políticas com Espanha (a propósito da Colônia do Sacramento, ou do “incidente” de Madrid de 1735), com a Holanda (contrariando os interesses das grandes companhias majestáticas neerlandesas), ou com Inglaterra, solicitando arduamente o apoio militar estabelecido nos tratados, invocando até os próprios interesses ingleses que beneficiavam com a independência de Portugal e com a segurança das frotas que traziam o ouro e as riquezas do Brasil.

Enfim, ousou atacar os aspectos mais negativos da sociedade portuguesa – as iniquidades dos processos inquisitoriais, a lentidão da justiça, a decadência das manufaturas e da agricultura no interior do país. Tentou incutir nas orientações da política portuguesa o fomento das atividades produtivas, a redução das propriedades da igreja e do número dos eclesiásticos, e procurou que o desenvolvimento do Brasil (inclusive através do seu povoamento com os hereges protestantes) fosse um escopo estratégico da política nacional.

Abílio Diniz Silva



Retrato de autor desconhecido



### Rafael Bluteau

Clérigo regular teatino (n. Londres, 1638-m. Lisboa, 1734), filho de pais franceses, veio para Portugal em 1668. Estudou Humanidades no célebre Colégio de La Flèche, em Paris e, posteriormente, no Colégio dos jesuítas de Clermont. Ainda muito jovem, frequenta sucessivamente as Universidades de Verona, Roma e Paris. Os traços da sua biografia acreditam-no como um intelectual de curiosidade intensa e de saber enciclopédico, nutrido pelas suas permanentes deslocações aos grandes centros culturais da Europa do seu tempo.



04-03-2013

30

### Bartolomeu de Gusmão (1685-1724)

O *padre voador* é considerado um precursor da aeronáutica, sendo dos primeiros a provar a possibilidade de criar engenhos com capacidade para voar.



Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/calixt17.htm>

Maria Isabel Coelho Carriho



04-03-2013

31

A 5 de Agosto de 1709 fez uma primeira experiência pública, na sala do Paço, e na presença do rei, tentando fazer subir um globo de papel que tinha sob a abertura uma pequena barquinha com fogo, mas o balão ardeu sem voar.

A segunda experiência, a 7 ou 8 de Agosto, resultou.

No dia 8 de Agosto de 1709, na sala dos embaixadores da Casa da Índia, diante de D. João V, da Rainha, do Núncio Apostólico, Cardeal Conti (depois papa Inocêncio XIII), do Corpo Diplomático e demais membros da corte, Gusmão fez elevar a uns 4 metros de altura um pequeno balão de papel pardo grosso, cheio de ar quente, produzido pelo "fogo material contido numa tigela de barro incrustada na base de um tabuleiro de madeira encerada". Com receio que pegasse fogo aos cortinados, dois criados destruíram o balão, mas a experiência tinha sido coroada de êxito e impressionado vivamente a Coroa. A 3 de Outubro um outro "instrumento de voar", lançado da Casa da Índia, elevou-se a grande altura.



Forma atribuída pela lenda à época



Forma provável do aparelho  
Figura retirada do livro Física Divertida de Carlos Filipe

Fonte: <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p2.html>

Maria Isabel Coelho Carriho

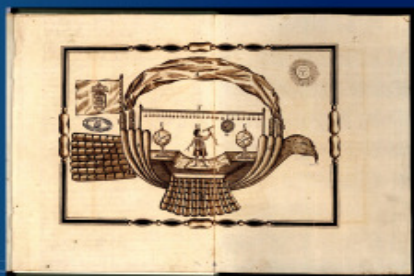
04-03-2013

32



A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

D. João V colocou-o na Secretaria de Estado, nomeando-o fidalgo-capelão da casa real, e concedeu-lhe rendimentos no Brasil. Foi encarregado, pela Academia, de escrever em português a História do Bispado do Porto. Pouco antes de morrer, converteu-se ao judaísmo e em 1724 fugiu para Espanha, evitando as perseguições da Inquisição de que era alvo. Faleceu num hospital de Toledo, Espanha. Era irmão do político e diplomata Alexandre de Gusmão.



Torre do tombo

Maria Isabel Coelho Carrilho

*B. meo Lourenço de Gusmão*



Documento da época com o esquema da Passarola, arquivado na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro/RJ)

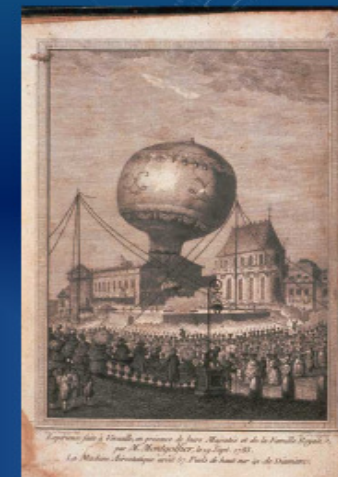
França – 1783 (74 anos mais tarde)



Vista e perspectiva do jardim de M<sup>r</sup> Reveillon fabricante de papel, Fauxbourg St Antoine, onde se realizaram as experiências da *Machine Aérostatique* dos irmãos MM. Montgolfier no ano de 1783.

Essa-forte en couleurs, vers 1783 (43,5 x 36 cm) BNF, Estampes.

Maria Isabel Coelho Carrilho



Bibliothèque Française de Saint-Paul (1783-1815) Description des expériences de la machine aérostatique de MM. de Montgolfier. (Description of the experiments of the Montgolfier's aerial machine...) Paris: Chez Goussier, 1783-84. 2 vols.

04-03-2015

34

**Luís António Verney**  
Escritor | 1713 - 1792

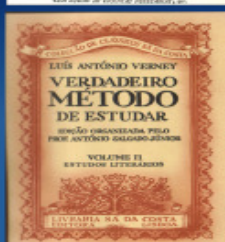
Verney nasceu em Lisboa e faleceu em Roma. Estudou Filosofia na Casa do Oratório em Lisboa e na Universidade de Évora. Com 17 anos de idade, terminou o bacharelato em Filosofia e licenciou-se dois anos depois na mesma área. Partiu então para Roma, frequentando o curso de Teologia. Regressando a Portugal, dedica-se ao ensino e em 1741 é nomeado pelo papa arcebispo de Évora. Só em 1749 é que recebe ordens presbiterais. Parte definitivamente para Roma devido a problemas de saúde e principalmente devido a incompreensões por parte dos seus compatriotas. Em 1746 publica o *Verdadeiro Método de Estudar*. É uma obra redigida sob a forma epistolar que se apresenta dividida em dez cartas, tratando questões relacionadas com as disciplinas leccionadas na época e com questões pedagógicas, como o acesso da mulher à cultura.

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2015

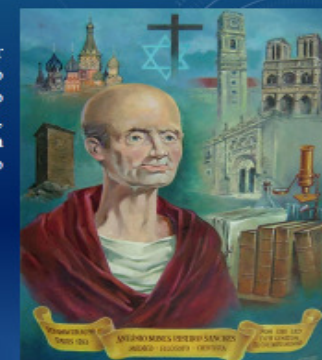
35

**VERDADEIRO  
MÉTODO  
DE ESTUDAR.**  
PARA  
Ser útil à República, e à Igreja:  
REFORÇANDO-SE  
Ao estudo, e ao ensino de Portugal.  
E P O S T O  
Em varias partes, e Officio pub. R. P. ... e a Realidade  
da Universidade de Lisboa, de R. P. ...  
e a Realidade de Coimbra.  
TOMO PRIMEIRO.



Fonte: da Mestranda

- António Nunes Ribeiro Sanches nasceu em Penamacor a 7 de Março de 1699, filho de Simão Nunes, sapateiro e comerciante, e de Ana Nunes Ribeiro. Era o filho mais velho de uma família de cristãos-novos, isto é, descendentes de judeus que tinham sido obrigados a converterem-se e baptizarem-se nos finais do século XV.
- Em 1716 inscreve-se na Universidade de Coimbra, em Direito. Três anos mais tarde transfere-se para Salamanca, onde cursa Medicina e, em 1724, obtém o grau de Doutor. Em 1726 foge do país, por denúncias da prática de judaísmo, e fixa-se na Holanda, em 1730



- Em 1739 é nomeado Membro da Academia de Ciências de S. Petersburgo; no mesmo ano recebe igual distinção na de Paris, a "Cidade das Luzes", grande centro da actividade intelectual europeia, aonde regressa em 1747. Aí colabora com os maiores vultos do Iluminismo, aí escreve as suas obras fundamentais: "Dissertation sur la Maladie Vénérienne"; "Tratado da Conservação da Saúde dos Povos"; "Cartas sobre a Educação da Mocidade"; "Método para Aprender e Estudar a Medicina"; "Mémoire sur les Bains de Vapeur en Russie".

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2015


71



## A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

- Ribeiro Sanches deixou as melhores recordações na Rússia, principalmente graças à sua actividade no campo da medicina. Quando já exercia as funções de médico da corte de São Petersburgo, o iluminista luso salvou da morte a noiva do grão-príncipe Pedro e futura imperatriz da Rússia, Catarina II, a Grande. Em 1763, a imperatriz Catarina II da Rússia, concedeu-lhe brasão de armas e uma pensão, como forma de reconhecimento pelo facto de Ribeiro Sanches a ter salvo
- Após a subida ao trono de Isabel Petrovna, Ribeiro Sanches viu-se mergulhado num perigoso clima de conspirações e, em 1747, conseguiu licença para abandonar S. Petersburgo, a pretexto de uma viagem a França que, para ele, foi a fuga da enigmática corte czarista.


Catarina II, a Grande, nascida Sofia Augusta Frederica de Anhalt - Zerbst, 2 de Maio de 1729 - Tsarskoye Selo, 16 de Novembro de 1796. Foi uma imperatriz despota russa de 1762 a 1796.




Fonte: <http://www.liveinternet.ru/users/2458238/post257516386/>

Maria Isabel Coelho Carrilho 04-05-2013 37

- Uma vez chegado a Paris, aí permaneceu o resto da sua vida. Nunca esqueceu a sua pátria, tendo transmitido a Portugal as ideias presentes na Europa. Devido às repercussões do terramoto de 1755, escreveu o Tratado da Conservação da Saúde dos Povos. Em 1761, remeteu-lhe a ideia inovadora de que, junto de cada escola de Medicina, deveria existir um hospital e defendeu, também, que o estudo da Medicina fosse aliado ao da Cirurgia.
- Ribeiro Sanches contribuiu, a pedido de D'Alembert e Diderot, para a Enciclopédia, (Affections de l'âme» da Encyclopedie Méthodique, editada por Vicq d'Azyr em 1787) e cedeu a Buffon importantes informações para a elaboração do 3º volume da sua História Natural.
- Ribeiro Sanches foi o protótipo do intelectual do Século das Luzes, e a sua vida, representativa de um tempo em que a modernidade, apregoada nas suas obras, se debatia contra o obscurantismo do tempo passado, visível nas perseguições de que foi vítima.



Fonte: <http://www.infopedia.pt/Santuario-mem-ribeiro-sanches>




Fonte: <http://www.europeana.eu>

Maria Isabel Coelho Carrilho 04-05-2013 38

### Manuel Joaquim Henriques de Paiva

- Nasceu em Castelo-Branco, na rua do Relógio, a 23 de Dezembro de 1752; filho de Isabel Aires e António Ribeiro de Paiva, cirurgião, farmacêutico e cristão-novo
- Foi uma figura cimeira da medicina e da vida científica portuguesa dos séculos XVIII e XIX, desenvolveu um trabalho de importância fulcral na difusão dos princípios higienistas em Portugal, e das ideias médicas, farmacêuticas e químicas. Estudar a sua obra, é fazer uma viagem histórica pelo estado da ciência portuguesa desse tempo.
- Durante o tempo de estudo, Henriques de Paiva desempenhou as funções de Demonstrador do Laboratório Químico e fundou em Celas, onde vivia, uma sociedade, a qual chamou A Sociedade dos Mancebos Patriotas. Estes jovens tinham ideias avançadas, seguiam Rousseau e Voltaire.

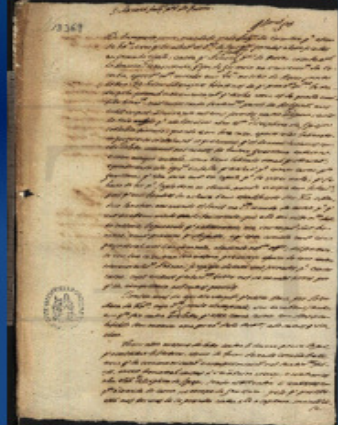


Fonte: Biblioteca Nacional Digital <http://purl.pt/4490/1/>

Maria Isabel Coelho Carrilho 04-05-2013 39

A Inquisição moveu um sumário a Henriques de Paiva, que foi acusado de seguir e propagar doutrinas subversivas e, principalmente, de não respeitar o preceito da abstinência quaresmal, celebrando-se no laboratório químico da Universidade festins pantagruélicos, em que os fornos eram empregados em cozinhar presuntos roubados

Exerceu medicina em Coimbra, Almada, Caparica e Lisboa; terá residido no Rossio, junto do Arco. Nesta cidade desenvolveu intensa actividade científica; autor, tradutor e grande divulgador das novas doutrinas médicas; da sua vasta obra, mais de cinquenta publicações, importa referir algumas que se encontram em anexo. Em 1783 torna-se editor do Jornal Enciclopédico, marco incontornável na história da divulgação científica em Portugal; pretendia preencher um espaço até então vago no fornecimento regular de informação científica a um público cada vez mais interessado no tratamento e cura das doenças que grassavam pelo país. Em 1787 abandonou a Academia Real das Ciências de Lisboa, magoado por descondições de que se dizia vítima.



Maria Isabel Coelho Carrilho 04-05-2013 40



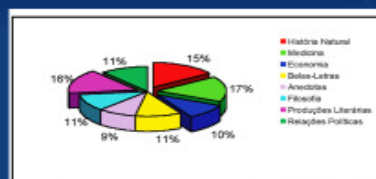
## A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

Henriques de Paiva foi Fidalgo da Casa Real; Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo; Censor Régio da Mesa do Desembargo do Paço; médico da Casa Real; encarregado da administração do armazém e da botica da Marinha Real; ocupou diversos cargos na administração sanitária portuguesa e pertenceu a Real Junta do Protomedicato.

Foi também editor do Jornal Enciclopédico

O Jornal Enciclopédico publicava-se em Lisboa com uma periodicidade mensal, sendo o número de páginas variável, entre cerca de 120 e 170. No total, o Jornal preenche 15 volumes.

O Jornal apresenta-se como arauto do conhecimento, pretendendo divulgar conhecimentos úteis e diversificados, repartidos por oito artigos. No seu período mais regular de publicação, entre 1788 e 1791, os oito artigos eram assim identificados: "Historia Natural, Fysica e Quimica"; "Medicina, Cirurgia e Farmacia"; "Economia Civil, e Rustica"; "Bellas Letras"; "Anecdotes e Miscellanea"; "Filosofia Racional, e Moral"; "Produções Literarias de Todas as Nações"; "Relações Politicas dos Diferentes Estados do Mundo".



Fonte: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rota-eduardo-jose-egidio-comunicando-as-ciencias-ao-publico-as-ciencias-em-periodicos-portugueses-de-1788-ao-1822-e-principios-do-sec-xix.pdf>

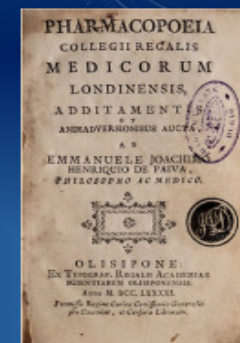
Maria Isabel Coelho Carriho

04-03-2013

41

1787 – Com o título “Sumário dos Preceitos mais importantes concernentes à educação das crianças, às diferentes profissões e ofícios” aparece o primeiro livro tratando a educação física. O seu autor é nada mais nada menos que o insigne professor da Casa Pia Dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva, Director da Farmácia da Real Casa Pia do Castelo e seu Professor de Química. Era sobrinho de Ribeiro Sanches e irmão do Lente da Faculdade de Filosofia Francisco António Ribeiro de Paiva.

Foi sócio da Academia Real das Ciências (retirado em 1807), da Real Academia de Ciências de Estocolmo, da Academia Real de Medicina de Madrid, e da Sociedade Económica de Haarlem. Deixou o exercício docente em 1808, Pertencendo à Maçonaria, foi perseguido por jacobino após as invasões francesas, preso pela Junta da inconfidência em juízo de 24.3.1809, exautorado de todos os cargos e honras, e condenado a degredo para o Ultramar. Fixou-se na Baía (Brasil). Foi reintegrado nas suas honras e prerrogativas por decreto de D. João VI de 6.2.1818 e Aviso Régio de 14.11.1818, sendo reinstalado na cadeira de Farmácia como 6º lente. Foi-lhe suprimido o vencimento, por ausência no Brasil, por portaria de 12.10.1822. Nomeado em 1824 para reger as cadeiras de Farmácia, Matéria Médica e Terapêutica no Colégio Médico-Cirúrgico da Baía.



Maria Isabel Coelho Carriho

04-03-2013

42

Vamos agora descobrir alguns dos conselhos dados à população por Henriques de Paiva. Estejam atentos pois vão encontrar as respostas às várias questões que me foram colocadas sobre os hábitos higienistas da população portuguesa, sobre as doenças, bem como, sobre a prática de exercício físico na Época Moderna



PresenterMedia

PresenterMedia

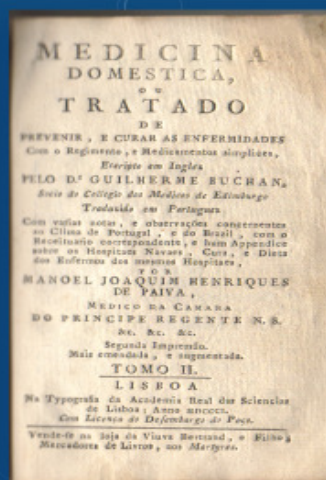
PresenterMedia

PresenterMedia

Maria Isabel Coelho Carriho

04-03-2013

43

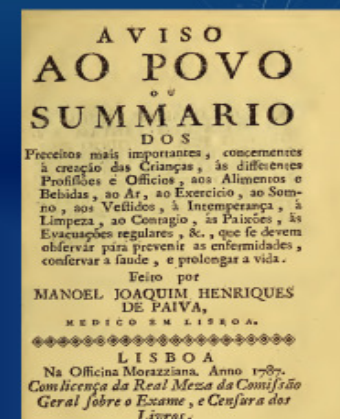


Fonte: da Mestranda

Maria Isabel Coelho Carriho

04-03-2013

44



Fonte: <http://archive.org/details/avisoaopovousum00paiv>



## A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

Alguns dos conselhos dados à população por Henriques de Paiva sobre:

### Evacuação Mensal ou Regras

Sobre este assunto o médico é bastante directo e diz que é obrigação da mãe e das mulheres que tenham a seu cargo a educação das raparigas de as ensinarem, pois o descuido e a ignorância são a origem de muitas desgraças ou enfermidades. Explica que as regras surgem por volta dos quinze anos e desapareçam aos cinquenta sendo estes dois períodos críticos na vida da mulher. Devem as raparigas fugir à preguiça, a indolência e aos maus alimentos, pois parece-lhe que elas se deliciam “com toda a casta de porcarias, se entregam totalmente a ellas, até viciarem de todo os seus humores”. A tristeza e a melancolia devem ser afastadas e são nocivos bem como os espartilhos e vestidos muito apertados. Henriques de Paiva diz conhecer algumas mulheres que tinham o miserável costume de apertar a cintura para a tornarem a mais estreita possível e diz não conhecer invenção humana que tenha pensado em algo mais prejudicial para a saúde, reconheça que na cidade de Lisboa o uso do espartilho já não é tão habitual embora se encontre frequentemente os efeitos funestos do seu uso.

Os sintomas que anunciam a chegada das regras são: certa sensação de calor, peso, dor nos ombros, enxaquecas, perde de apetite, desleixamento do corpo palidez e “tensão e dureza nas tetas”. É importantes os vapores de água quente que promovem as evacuações e fazem diminuir as dores, recorda que no Brasil as mulheres até são excessivas no uso dos banhos quentes. Se a mulher for de “temperamento” gordo e cessarem as regras devem reduzir o consumo de alimentos nutritivos como carne e ovos e praticar exercício físico. Mas se houver supressão das regras devido a paixões da alma como tremor, tristeza ou cólera é importante manter com estas mulheres uma comunicação afável, lisonjeira e carinhosa. Se pelo contrário for excessiva a evacuação a mulher deve permanecer na cama mantendo a cabeça baixa.

Em relação à alimentação é aconselhável o uso de alimentos frescos e tenros, como sopa de caldo de vitela ou galinha e beber cozimento de raízes de ertigas.

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2015

45

### Sangue do nariz

Refere o autor que o sangue do nariz é comumente precedido de pulsação das artérias temporais, peso da cabeça, perturbação da visão, calor e “comixão das ventas.” Para as pessoas que possuíssem muito sangue era muito importante e até saudável ocorrer a epistaxis, pois segundo o médico, podia curar entre outras coisas, as vertigens, enxaquecas, frenesins e a epilepsia. Porém, se a hemorragia teimasse em não parar era aconselhável “metter as partes genitais por algum tempo em agoa fria”

### Fluxo de sangue das almorreimas e almorreimas cegas

Algumas das causas são as seguintes: ingestão de alimentos guisados com especiarias, beber quantidades excessivas de vinho doce, de andar muito a cavalo, de ter o ventre assaz constipado, a gravidez e de não se sangrar. Escreve Henriques de Paiva que as mulheres “prenhes” quase sempre padecem desta doença. Refere que, no caso das hemorróides cegas, é útil recorrer à sangria e ao vomitório; aconselha o doente, que quando estas estão muito inchadas causando dor e nada deitando, a sentar-se, para receber vapores de água morna, e aplicar um pano molhado em espirito de vinho tépido, ou papas de pão e leite ou de alhos fritos em manteiga. Se todas as tentativas falharem, devem as hemorróides ser lancetadas. O unguento externo aconselhado é a manteiga de cacau, que supera grandemente o ópio ou as suas preparações.

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2015

46

### Bexigas

Designação da varíola e da varicela; segundo o autor, era uma enfermidade comum. Os surtos mais frequentes ocorriam na Primavera e no Verão, sendo mais vulneráveis à doença as crianças, as pessoas que “comiam maus alimentos” e as que não praticavam exercício. Refere que, comumente, as bexigas se adquirem por contágio e descreve minuciosamente os sintomas. Adverte para o perigo de nos hospitais e nas Casas Pias, manterem estes doentes todos juntos, avança com números e diz ter visto só numa casa cerca de quarenta doentes encerrados, sem que nenhum pudesse respirar ar fresco. Lembra que o enfermo não devia estar onde pudesse ver e ouvir outro doente e que esta era uma matéria da qual se cuidava pouco; por isso, era trivialíssimo nos Hospitais, ver no mesmo quarto o enfermo, o moribundo e o defunto. Recorda que entre a plebe era habitual manter as crianças durante o tempo que durava a enfermidade com a mesma roupa, o que era nefasto e trazia consequências que passo a transcrever “porque se endurece com a humidade que absorve, e roça a pelle delicada, produz também fedor perniciosissimo para o menino, e para os que estão com elle; e a porcaria que se apegá à roupa, absorvida, ou introduzida outra vez no corpo agrava muitissimo a enfermidade (...) As doenças da pelle nascem muitas vezes unicamente da porcaria, e sempre se augmentam com ella. O mudar todos os dias a roupa do enfermo e refresca e consola singularmente”

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2015

47

### Erysipela ou Fogo de Santo António

Era uma enfermidade que atacava frequentemente a gente jovem e as mulheres grávidas. Atingia as pernas e a cara e os episódios podiam ser recorrentes. É interessante notar que as causas apontadas para esta enfermidade podem provir de paixões violentas ou da cólera; no beber em excesso; ou de estar muito tempo num banho quente; também pode surgir devido a ingestão de sardas, bacalhau podre ou mexilhões. Henriques de Paiva diz ter observado muitos achaques de Erysipela aquando de uma visita ao Rio de Janeiro e lembra ainda que os camponeses de Inglaterra acreditavam que esta doença surgia devido ao mau ar.

### Enfermidades das Mulheres

Segundo Henriques de Paiva “as mulheres em todas as nações civilizadas tem a seu cargo os negócios domésticos; e com muita razão; porque a Natureza lhes deo menos disposição para as occupaões activas e laboriosas. Porém, nesta indulgencia há geralmente tanto excesso, que em vez de tirarem della utilidade, as tem feito padecer muito por falta de exercício, e ar livre”. O encerramento das mulheres era-lhes prejudicial pois debilita-lhes o ânimo, causando uma infinidade de doenças nervosas que as tornavam caprichosas e ridículas. Notava que as mulheres que trabalhavam ao ar, no campo, eram tão fortes como os seus maridos e os filhos eram saudáveis e de forte compleição.

Maria Isabel Coelho Carrilho 04-03-2015 48



## A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

### Dysenteria câmaras ou cursos de sangue

É uma enfermidade que aparece normalmente na Primavera e no Outono, é mais comum a sua incidência em lugares pantanosos ou em locais onde há pouca circulação de ar como a bordo dos navios, nas prisões, nos acampamentos e nos hospitais. É uma doença contagiosa e as camas húmidas, vestidos molhados, maus alimentos e mau ar podem ajudar a sua propagação, Henriques de Paiva alerta para o facto de o cheiro dos excrementos do doente poder contaminar as pessoas. Os sintomas desta enfermidade vão desde dor nos intestinos, sede e vontade de vomitar, por vezes as lombrigas “saem por cima e por baixo em todo o curso da doença”.

Para evitar a propagação da doença, e para a segurança dos enfermeiros, é de fulcral importância a limpeza, devendo por isso mudar-se várias vezes a roupa que está em volta do doente, os excrementos deste não devem permanecer no quarto, é importante que sejam retirados e enterrados.

O quarto deve ser regado com vinagre, sumo de limão ou outro ácido e deve ser permitida a circulação de ar. Sobre este aspecto tece Henriques de Paiva a seguinte consideração: “Sendo estas coisas sumamente necessárias, não posso deixar aqui de estranhar hum costume, que se observa nos nossos Hospitales, que he escolherem sempre para enfermarias desta queixa, as casas mais baixas, húmidas, e menos arejadas.”

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-05-2013

49

### O exercício físico na literatura médica de Setecentos

§. 3.

Os Pais, e as Mães devem considerar como huma das obrigações mais efficaes o criar, educar, e formar elles mesmos o corpo, espirito, e coração de seus filhos. Os homens pelos seus conhecimentos e conselhos podem dar coraça a suas mulheres, e dissipar as preocupações, que as dominam. Também lhes darão a mão em parte dos cuidados, que dellas exigem seus filhos, e repartirão com ellas as penas e desgostos, villos deverem ser ríspicos os prateres, que traz com si hum familia robusta, forte, vigorosa, educada na prática exacta da virtude, e as obrigações devidas aos Pais, á Sociedade, e á Patria.

§. 6.

Se pois as mulheres reflectirem que dentro de seus ventres, faz a criança quanto exercicio pode, facilmente se persuadirão que não he encarecimento o dizer eu que o dezejo do exercicio nasce com nosco.

§. 7.

§. 50.

As pessoas de letras palecem mais que as outras de vida sedentaria. São pouquissimas as que se vem fortes e robustas, e que chegam a idade avançada. O estudo seguido tem arruinado em poucos mezes pessoas do melhor temperamento. Penlar continuamente he, como se diz, não querer pensar muito tempo.

22. *Sumario 2<sup>o</sup>.*

bom ar o segundo. Os rapazes e as raparigas devem jogar, correr, saltar, e bailar quanto lhes for possível ao ar livre todos os dias, e a todas as horas do dia, até que os seus orgãos adquiram bailantes foras para receberem os elementos da indreção; o que pode acontecer mais ou menos de prela, segundo o fujeto for dotado de maior ou menor capacidade.

§. 52.

Para evitar-se esta esterva de males cumpre recrear frequentemente a alma, ou em companhias agradaveis, ou por meio de divertimentos, que exijam exercicio, ou de outra qualquer maneira. Além disso o homem literato não deve estar muito tempo affastado, porque esta situação enerva as digestões, desordena as secreções, e embaraça a transpiração.

Fonte: <http://archive.org/details/avisoao povooum00paiv>

Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

50

### O exercício físico na literatura médica de Henriques de Paiva

§. 77.

OS homens não podem gozar de perfeita saúde sem exercicio. A inação relaxa os solidos, e occasiona infensas enfermidades. As obstruções das glandulas tão communs procedem unicamente da falta de exercicio. Logo o exercicio pode prevenir esta queixa, assim como se oppõe á debilitação dos nervos, e suas enfermidades; e facilita a transpiração, cuja suppresão causa innumeraes molestias.

§. 79.

Cumpre exterminar o pernicioso e quasi universal collume de estar muito tempo de manhã na cama. O ar da manhã fortifica os nervos, e faz de certo modo as vezes de banho frio. Por isso seria proveitofo que as pessoas se levantassem ao amanhecer. Com o exercicio de pé, de cavallo ou de qualquer outro modo ao ar descuberto, adquire a alma mais alegria e serenidade durante o dia, ha maior appetite, e se fortifica todo o corpo.

§. 81.

Preferir-se sempre aquelle exercicio, que mais agita e põe em acção os orgãos, como os passeios, as carreiras, andar a cavallo, nadar, cultivar a terra, caçar, jogar a pella &c. As pessoas, que possorem montar a cavallo duas ou tres vezes no dia, o farão sempre. As outras occuparão igual tempo em passear, e noutros exercicios sem se fatigarem; pois que a fadiga priva o exercicio de todos os seus provcitos, e em vez de fortalecer o corpo, o debilita e enfraquece.

### Princípios higienistas

§. 94.

Pertence á Policia vigiar, e fazer que se evacuem das ruas das Poções, todas as imundicias com que diariamente se cobrem, e que os matadouros fiquem longe do centro das Cidades. Tudo isto corrumpo o ar, e gera o contagio. Deve-se prohibir aos Aldeões o amontoarem effecro diante das suas portas, e dormirem entre o gado, ou fazerem dormir os que o guardam.

§. 96.

As pessoas que gozam de perfeita saúde devem mudar de roupa branca todos os dias, lavar frequentemente de banhos, lavarem todos os dias as mãos, a cara, e especialmente os pés. A limpeza agrada-nos mais que a gala e os enfeites; e he hum adorno para todos os estados de que ninguém se pode dispensar, e que se deve praticar como o maior cuidado em todas as partes, especialmente nas grandes Poções.

§. 103.

Os enfermeiros, sendo contagiosos a queixa trarão sempre as ventas cheias de tubaco, ou de outra herba mais cheirosa, como gruda, herva cidreira, ortel &c. Cuidarão em que os enfermos estejam limpinhos, e os quartos orvalhados sempre de vinagre, e nunca fahirão fora sem mudarem de vestidos, e lavarem primeiro as mãos e a cara, &c.

Fonte: <http://archive.org/details/avisoao povooum00paiv>

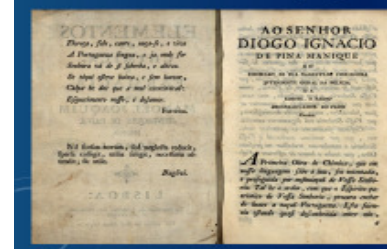
Maria Isabel Coelho Carrilho

04-03-2013

51



<http://bdigital.sib.ucp.pt>





### Algumas publicações de Manuel Joaquim Henriques de Paiva

04-03-2013

52

## **Anexo XX - Planificação aula 13**

<div>  <div> <b>Escola EI - Rei D. Manuel I, Alcochete - Ano lectivo 2012-2013</b>  <b>Disciplina: História – 8º ano – Turma C - Data - 8/03/13</b>  <b>TEMA F – PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII e XVIII</b> </div>  </div>						
Lição nº 63 (aula 13) - Sumário: Luzes e Sombras na Europa Iluminista.						
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	CONCEITOS	OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	ESTRATÉGIAS ACTIVIDADES	RECURSOS	AValiação	TEMPO 50 minutos
<b>F.3 – A Cultura e o Iluminismo em Portugal face à Europa</b>  - O Iluminismo na Europa e em Portugal;  - Meios de difusão do Iluminismo;  - As academias;  - Os estrangeirados	<b>Iluminismo</b>	- Caracterizar em traços gerais, a filosofia iluminista.	- Sumário e entrega dos slides de aula	Caderno diário	Avaliação diagnóstica	3 minutos
		- Relacionar a obra e as críticas dos estrangeirados com o movimento iluminista.	- Apresentação dos slides com leituras efectuadas pelos alunos e interpretação (diálogo orientado pelo professor) das imagens sobre o Iluminismo com destaque para a vida e obra de Voltaire, Rousseau e Montesquieu	DataShow Computador com acesso à Internet e PowerPoint		10 minutos
		- Identificar e caracterizar momentos de ruptura (Revolução Científica, Iluminismo / Século das Luzes, Época pombalina, etc.).	- Análise do excerto sobre o desastre de Lisboa	Dossiê	Utilização de vocabulário específico	5 minutos
			- Continuação da apresentação dos slides com leituras efectuadas pelos alunos e interpretação (diálogo orientado pelo professor)		Empenho e atitudes	10 minutos

A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Construção de um quadro síntese com os princípios fundamentais iluministas</li> </ul>	Quadro e Giz	Desempenho nas tarefas da aula	5 minutos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inferir conceitos históricos a partir da interpretação e análise cruzada de fontes com linguagens e mensagens variadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Para responder novamente às solicitações dos alunos destacamos a vida e obra de algumas mulheres da Época Moderna.</li> </ul>	Computador com acesso à Internet e PowerPoint		10 minutos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Distinguir diferentes ritmos de desenvolvimento relativamente ao iluminismo europeu.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Síntese dos conteúdos leccionados</li> </ul>	Quadro e Giz		5 minutos
			<p><b>Motivação</b></p> <p>Novas questões para os detectives da História</p> <p>Nota: A entrega dos testes decorrerá no intervalo da aula</p>			2 minutos



## **Anexo XXI – Slides aula 13**

HISTÓRIA – 8º ANO – TURMA C

LIÇÃO Nº 63 - 8 de Março de 2013  
Sumário: Luzes e Sombras na Europa Iluminista

08-03-2013

1

Os séculos XVI, XVII e XVIII foram marcados, na Europa, por grandes avanços científicos e tecnológicos, contribuindo para um alargamento do conhecimento do Mundo e do ser humano.

08-03-2013

2

HISTÓRIA – 8º ANO

O Homem, tudo quis conhecer e interrogar

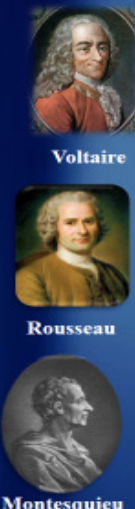
08-03-2013

3

No século XVIII surgiu na Europa um movimento cultural que acreditava em valores como o progresso, a tolerância, a razão, a liberdade e a igualdade.

08-03-2013

4




Voltaire

Rousseau

Montesquieu

Este movimento ficou conhecido por **ILUMINISMO, ILUSTRAÇÃO** ou **LUZES**, pois pretendia tirar as pessoas do obscurantismo cultural em que viviam e “iluminá-las” com o conhecimento.



Debate de ideias

Categorizar

Analisar

Agir




Mas o que é o Iluminismo?

08-03-2013

Isabel Coelho Carrilho

6



Marquês Du Châtelet

Emmanuel Kant

Denis Diderot

A saída do homem da sua menoridade, pela qual ele próprio é responsável. Menoridade, isto é, incapacidade de se servir do seu entendimento sem a orientação de outrem, menoridade de que ele próprio é responsável, visto que a sua causa reside não num defeito do entendimento mas sim numa falta de decisão e de coragem de se servir dele sem a orientação de outrem. Sapere aude! Tem a coragem de te servir do teu próprio entendimento.


Eis a divisa das luzes!

Kant, 1784.

08-03-2013

Isabel Coelho Carrilho

7



Jean le Rond d'Alembert

Olympe de Gouges

Condorcet

O Iluminismo, esse era...uma perigosa aventura intelectual.

Hernâni Cidade

Vamos agora tentar perceber porquê?

08-03-2013

Isabel Coelho Carrilho

8




A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

Esse movimento que se desenvolveu na Europa no século XVIII e que defendia os valores da razão, do progresso, da liberdade, da igualdade e da tolerância seria bem aceite pelos monarcas?



08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho

François Marie Arouet - Voltaire (1694-1778)




François-Marie Arouet nasceu em Paris no ano de 1694 e foi registado como filho de um bem sucedido notário parisiense, François Arouet, e da sua esposa, embora ele próprio suspeitasse ser filho da Sra. Arouet e de um poeta menor.

Após estudos num colégio jesuíta, no qual apreciou sobretudo as peças de teatro escolares, decidiu lançar-se numa carreira literária e na sociedade: uma e outra valeram-lhe duas estadias na prisão da Bastilha (por uns panfletos satíricos primeiro, por uma briga com um nobre depois).

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 10

François Marie Arouet - Voltaire (1694-1778)



Ao sair da prisão, deu a si próprio o nome de Senhor de Voltaire. Foi dramaturgo, historiador, filósofo, divulgador científico, homem de negócios, membro da Academia das Ciências de França, agricultor, proprietário, investidor de capital de risco, activista dos direitos civis e humanos, homem da corte desterrado no campo e, sobretudo, o autor mais célebre, admirado e odiado do seu tempo.

Morreu em 1778, pouco depois de regressar a Paris, após um exílio de mais de vinte anos. A sua obra é extensíssima, a Voltaire Foundation, de Oxford, prevê publicá-la em 85 volumes. Cândido ou o Optimismo, é considerado o seu melhor «conto filosófico».

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 11

As suas concepções filosóficas foram profundamente abaladas pelo terrível terramoto de Lisboa (1755). Uma tragédia que aos seus olhos jamais poderia ter acontecido, no caso de serem verdadeiras as ideias até aí predominantes sobre o Mundo. Este, como criação divina, era concebido como uma estrutura onde reinava a Ordem e a Harmonia.

Descrente destas concepções optimistas, irá mostrar que só um "Cândido" (o protagonista da sua conhecida obra), poderia acreditar que vivíamos o melhor dos mundos possíveis, como defendeu Leibniz. O cristianismo, como principal veículo destas ideias, torna-se no alvo privilegiado da sua crítica mordaz.



08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 12



A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

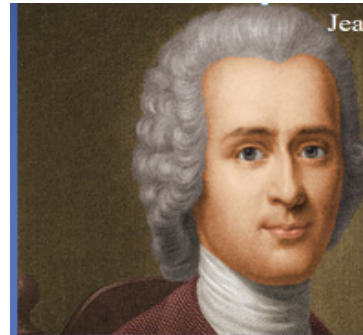


Excerto do Poema sobre o desastre de Lisboa, de Voltaire (1755)

(...) Ó infelizes mortais! Ó deplorável terra!  
Ó agregado horrendo que a todos os mortais encerra!  
Exercício eterno que inúteis dores mantém!  
Filósofos iludos que bradais «Tudo está bem»;  
Acorrei, contemplai estas ruínas malfadas,  
Estes escombros, estes despojos, estas cinzas desgraçadas,  
Estas mulheres, estes infantes uns nos outros amontoados  
Estes membros dispersos sob estes mármoreos quebrados  
Cem mil desafortunados que a terra devora,  
Os quais, sangrando, despedaçados, e palpitantes embora,  
Enterrados com seus tetos terminam sem assistência  
No horror dos tormentos sua lamentosa existência!  
Aos gritos balbuciados por suas vozes expirantes,  
Ao espectáculo medonhos de suas cinzas fumegantes,  
Direis vós: «Eis das eternas leis o cumprimento,  
Que de um Deus livre e bom requer o discernimento?»  
Direis vós, perante tal amontoado de vítimas:  
«Deus vingou-se, a morte deles é o preço de seus crimes?»  
Que crime, que falta cometeram estes infantes  
Sobre o seio materno esmagados e sangrantes?  
Lisboa, que não é mais, teve ela mais vícios  
Que Londres, que Paris, mergulhadas nas delícias?  
Lisboa está arruinada, e dança-se em Paris.(...)

08-03-2013

Isabel Coelho Carrilho 13



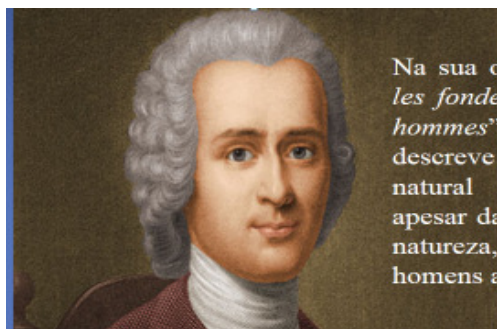
Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) - Suíça

Nascido na Genebra francófona, rumou a Paris com trinta anos, pensando seguir carreira na música, a que se dedicou inicialmente, quer como copista enquanto atividade de subsistência, quer como compositor e teórico.

Mas a sua notoriedade pública surgira por ocasião do seu Discurso sobre as Ciências e as Artes, premiado em concurso pela Academia de Dijon (1750), e das sequelas polémicas que se lhe seguiram, reforçada ainda com o Discurso sobre a Origem da Desigualdade entre os Homens, que apresentou à mesma Academia (1754). Começava aqui a distinção do papel solitário de Rousseau no contexto do muito heterogêneo pensamento das Luzes.

08-03-2013

Isabel Coelho Carrilho 14



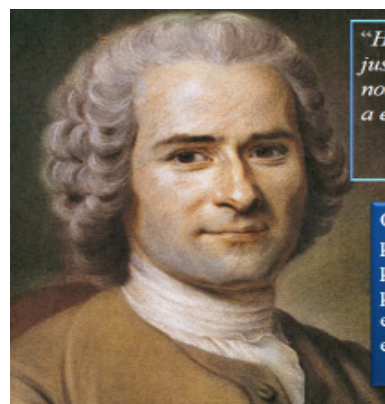
Na sua obra “*Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les hommes*”, publicada no ano de 1755, descreve uma hipótese para o estado natural do homem, sugerindo que, apesar das diferenças determinadas pela natureza, houve um momento em que os homens agiam como iguais.

Em relação à educação, Rousseau acreditava na amabilidade produzida pela natureza; para ele, se a afabilidade fosse incitada, a benevolência espontânea da pessoa podia ser preservada da influência corrompida do meio em que vivemos.

08-03-2013

Isabel Coelho Carrilho

15



“Há no fundo das almas um princípio inato de justiça e de virtude, com o qual nós julgávamos as nossas ações e as dos outros como boas ou más; e é a este princípio que dou o nome de consciência.”

Jean-Jacques Rousseau (Emílio ou da educação)

O *Contrato Social* é um dos mais célebres ensaios político-filosóficos de sempre – obra condenada pelo Parlamento de Paris e interdita em vários países, que valeu a seu autor a perseguição e o exílio na Prússia e em Inglaterra, depois uma errância pela Suíça.

De volta a Paris, acentua o perfil misantrópico e isolado, escrevendo os seus escritos precursores da autobiografia moderna, todos de publicação póstuma: *As Confissões* (que lançou no papel entre 1765 a 1770) e *Diálogos, Rousseau Juiz de Jean-Jacques* (1777), não concluindo já *Os Devaneios de um Caminhante Solitário* (1778), tal como sucedeu com uma continuação de *Emílio*.

08-03-2013

Isabel Coelho Carrilho

16






### Nascimento de uma consciência europeia moderna

*Il n'y a plus aujourd'hui de français, d'allemands, d'espagnols, d'anglais même, quoi qu'on en dise ; il n'y a que des européens.*

Jean-Jacques Rousseau, *Considérations sur le gouvernement de Pologne*, dans *Œuvres complètes*, Paris, Gallimard, coll. "Bibliothèque de la Pléiade", 1964, t. III, p. 960.



Isabel Coelho Carrilho 17



### Montesquieu (1689 -1755)


Escritor e filósofo francês, Montesquieu nasceu em 1689, em Bordéus, filho de um magistrado.

Estudou História e Ciências na Universidade. Depois da morte de seu pai, em 1713, ficou ao cuidado de um tio, o Barão de Montesquieu, que após a sua morte, em 1716, lhe deixa a sua riqueza, o cargo de presidente do Parlamento de Bordéus e o título de Barão.

Mais tarde, torna-se membro da Academia Francesa de Ciências de Bordéus e estuda direito, mais especificamente direitos alfandegários.

C. DE SECONDAT DE MONTESQUIEU

Isabel Coelho Carrilho 18

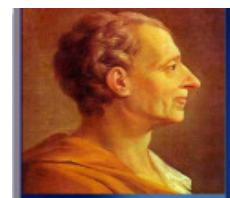


### Montesquieu (1689 -1755)

O êxito literário surge em 1712, com *Cartas Persas*, que criticavam o estilo de vida de uma família rica francesa e da Igreja.

Publica, em 1734 *Considerações Sobre as Causas e Decadência dos Romanos* e, em 1748, *O Espírito das Leis*, livro que resulta de um trabalho de vinte anos e reflecte as suas ideias sobre o funcionamento correcto de um governo.

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 19




### Montesquieu (1689 -1755)

« Je suis nécessairement homme et je ne suis Français que par hasard ».


Introduziu a ideia da separação dos poderes:

- Pode legislativo
- Poder executivo
- Poder judicial



08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 20

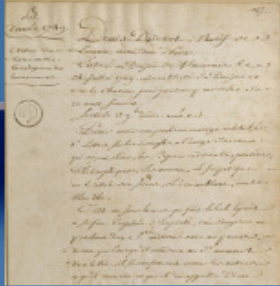
A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem



**Denis Diderot (1713-1784)**


Pensador e homem de Letras francês, foi, em virtude do seu trabalho de publicista, um dos vultos mais influentes do Iluminismo.

Ficha policial sobre Denis Diderot



A obra da sua vida é a edição da *Encyclopédia* (1750-72), que leva a cabo com empenho e entusiasmo apesar da oposição da Igreja e dos poderes estabelecidos.

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 21



**Jean Le Rond d'Alembert**

Matemático e filósofo francês, nasceu em 1717, em Paris, e morreu em 1783, na mesma cidade.

D'Alembert estudou teologia no Collège des Quatre Nations e formou-se em Direito (1735-1738), mas só depois descobriu a sua vocação para a Matemática e Física.

A apresentação, em Julho de 1739, do artigo "Mémoire sur le calcul intégral", na Académie des Sciences, marca o início da sua carreira em Matemática. Em 1741 foi nomeado membro da Académie des Sciences e treze anos depois foi nomeado membro da Académie Française, de que foi eleito secretário perpétuo em 1752.

Durante toda a sua vida, d'Alembert participou activamente nas duas Academias, contribuindo com diversas publicações. Manteve também correspondência continuada com os principais vultos da época, nomeadamente com Voltaire e Jean-Jacques Rousseau.

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 22

 Voltaire (1694-1778)	 David Hume (1713-1776)	 Lavoisier (1743-1794)	 Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)	 Emmanuel Kant (1724-1804)	 Giannantista Vico (1692-1744)
 Denis Diderot (1713-1784)	 Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832)	 Barão de La Bretonne et de Montesquieu (1689-1755)	 Adam Smith (1723-1790)	 Benjamin Franklin (1706-1790)	 Condorcet (1743-1794)

Para melhorares a tua cultura geral seria bom que conhecesses estas personalidades.

Agora vamos falar de três mulheres ímpares da Época Moderna

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 23



Madame Du Châtelet. La femme des Lumières

Gabrielle Emilie Le Tonnelier de Breteuil, marquesa Du Châtelet


Fonte: <http://classes.bnf.fr/rendezvous/pdf/Chatelet.pdf>

*Jamais une femme ne fut si savante qu'elle, et jamais personne ne mérita moins qu'on dit d'elle : c'est une femme savante. Elle ne parlait jamais de science qu'à ceux avec qui elle croyait pouvoir s'instruire, et jamais n'en parla pour se faire remarquer.*

Voltaire, « Préface historique », in I. Newton, *Principes mathématiques de la philosophie naturelle*, traduit du latin par feu la marquise Du Châtelet, Paris, 1759.

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 24





### Gabrielle - Emilie du Chatelet (1706 – 1749)

O seu nome aparece ligado ao de Newton, pois foi ela que fez a única tradução do latim para francês dos Principia, publicada em 1759, já depois da sua morte. Aos 19 anos casou com o Marquês de Châtelet-Lamon, de 30 anos, e teve três filhos. Aos 27 anos, depois do nascimento do terceiro filho, voltou a frequentar a corte de Versalhes, que sempre a tinha encantado.

Em Maio de 1734, Voltaire saiu de Paris para fugir à justiça. Refugiou-se no castelo de Cirey-Blaise, do Marquês de Châtelet, numa região montanhosa, na fronteira da Lorena. Émilie foi viver com ele em 1735. Formaram um par inseparável, unidos pelos mesmos interesses. Nele encontrou o companheiro de discussões, o filósofo, o homem de espírito de que necessitava. A relação durou o resto da sua vida. Em Cirey trabalharam e estudaram, os seus salões eram um centro dos intelectuais de toda a Europa que ali iam aprender com esta mulher excepcional.

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 25



### Laura Bassi (1711-1778)

Foi a primeira mulher a quem foi oferecido um cargo oficial de ensino numa universidade europeia.

Laura Bassi, foi uma notável cientista italiana deixou-nos 6000 páginas intrigantes que descrevem a sua vida e o seu trabalho e que presentemente se encontram nos arquivos da principal biblioteca municipal de Bolonha.



### Olympe de Gouges (1748 – 1793)

Heroína revolucionária, líder feminista francesa. Dirige o jornal *L'Impatient*. Funda a Sociedade Popular das Mulheres e publica, em Setembro de 1791, a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*.

Revoltada com o regime de terror estabelecido pelos revolucionários Marat e Robespierre, ataca-os duramente. O Tribunal Revolucionário condena-a à morte na guilhotina, em 1793.

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 26

### Quais são as novas ideias que marcaram o iluminismo?

- ❑ Em primeiro lugar, a ideia das luzes naturais da razão que guiam os homens, dando-lhes maturidade e autonomia.
- ❑ Em segundo lugar, a reabilitação da natureza e da bondade natural do homem, tão bem evidenciadas na obra de **Rousseau**.
- ❑ Em terceiro lugar, a ideia de progresso na História, tão bem defendida por **Condorcet**.
- ❑ Em quarto lugar, o regresso a uma ideia de Europa una, como é possível vislumbrar na obra de **Rousseau**, de **Voltaire** e de **Kant**.

Isabel Coelho Carrilho 08-03-2013 27

### PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

- Primazia da **RAZÃO** na construção do pensamento
- Defesa do liberalismo político:
  - Soberania popular (Jean-Jacques Rousseau, no livro *Contrato Social*)
  - Divisão Tripartida (Montesquieu, no livro *Espírito das Leis* separação e independência dos poderes):
    - Poder **LEGISLATIVO**: fazer leis na Assembleia;
    - Poder **EXECUTIVO**: aplicar as leis pelo rei e ministros;
    - Poder **JUDICIAL**: de julgar-Tribunais
  - Igualdade dos cidadãos (Rousseau)
- Separação entre a Igreja e o Estado: Tolerância, Liberdade e anticlericalismo (Voltaire no seu livro *Cartas Filosóficas*)

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 28





**Meios difusores dos ideais iluministas**

-Enciclopédia (Diderot e D'Alembert) -procurou materializar o espírito das Luzes, reunindo os conhecimentos mais avançados de um século que acreditou no poder libertador do conhecimento.

Academias; Maçonaria (ordem iniciática e ritualística, universal e fraterna, filosófica e progressista, baseada no livre-pensamento e na tolerância, que tem por objectivo o desenvolvimento espiritual do homem com vista à edificação de uma sociedade mais livre, justa e igualitária); Cafés; Salões e os Estrangeirados


## Os ideais iluministas e o despotismo esclarecido

Os ideais iluministas, propostos por Voltaire, Rousseau e Montesquieu, influenciaram os monarcas absolutos da segunda metade do século XVIII. Por conseguinte, estes procuraram fomentar a instrução, a cultura e o progresso. Estes reis eram déspotas iluminados ou esclarecidos, ou seja, exerciam o seu poder absoluto orientado para o bem dos súbditos. No entanto, o despotismo esclarecido não cumpriu, em pleno, os ideais iluministas, pelo que os próprios pensadores das Luzes o vão pôr em causa e criticar.

08-03-2013

Isabel Coelho Carrilho



30



**O Iluminismo europeu é simultaneamente um e muitos espaços onde as ideias nem sempre podem circular livremente**

Isabel Coelho Carrilho

31



**Estrangeirados**

Na literatura do século XVIII o nome de Ribeiro Sanchez agrupa-se na falange dos grandes mestres do pensamento europeu em Portugal. Num país enlanguescido nos torpores da boiteira, paralisado de inércia e de vanglória entre os cocares da sua epopéia náutica, surgiram nas letras alguns espíritos luminosos carregando noções novas, ensinando o exame científico dos problemas, apurando os erros da tradição e semeando os germes da verdade. Foi um belo espectáculo: o progresso contra a rotina, a justiça contra a fraude, a civilização contra a barbárie, a razão contra a mentira.

Verney acendilhava os inovadores. E esta brilhantíssima corte de iconoclastas valia por um exército revolucionário. Eles traziam nas suas palavras o verbo da redenção política. Os fariseus rangeram de cólera, a superstição estremeceu de pânico; e os despotas remexeram, debalde, nos carcazes da intolerância as armas que emudecessem esta epifania auroral de inteligência criadora e jucunda. A acção educativa destes autores viu-se esplender na obra do Marquês do Pombal.

Joaquim Ferreira "Prefácio" *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, António Nunes Ribeiro Sanchez, Porto, Domingos Barreira, [19--?], p. 6.

**O século XVIII foi optimista, acreditou no poder da razão, fez fé nos benefícios do progresso, procurou levar a escola e a educação aos mais escondidos recônditos, acreditou na liberdade e nas vantagens da autonomia. A escola passou a ser encarada como o instrumento de libertação das tradições que escravizavam.**

Fonte: [http://www.esa.ipsantarem.pt/us/r/ramiro/docs/enca\\_pedagogia/ebook\\_hist\\_idpedag/CAP%2028%20Iluminismo.pdf](http://www.esa.ipsantarem.pt/us/r/ramiro/docs/enca_pedagogia/ebook_hist_idpedag/CAP%2028%20Iluminismo.pdf)



## A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem




### Marquesa de Alorna - (1750 - 1839)

Escritora portuguesa. Leonor de Almeida Lorena e Lencastre, 4.ª marquesa de Alorna, é uma das mais notáveis vozes do pré-romantismo em Portugal.

Neta, por parte da mãe, dos marqueses de Távora, executados pela justiça do marquês de Pombal devido ao suposto envolvimento numa conspiração contra o rei D. José I, é, em 1758, enclausurada no Convento de Chelas, de onde é libertada dezanove anos depois, em 1777, após a queda política do marquês.

A sua prolongada reclusão não a impede de ter uma esmerada formação literária e científica. Leituras de Rousseau, Voltaire, da Enciclopédia de Diderot e d'Alembert, abrem o seu espírito vivo e inquieto às ideias do iluminismo francês.

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 33



### Marquesa de Alorna - (1750 - 1839)

Casa com o conde de Ovenhausen, oficial alemão que viaja pela Europa, do qual fica viúva aos 43 anos. Apesar das dificuldades económicas que a viuvez lhe acarreta, a sua residência transforma-se num foco de ebulição cultural, onde se debatem as novas ideias políticas e também as novas correntes estéticas e literárias.

Bocage e Alexandre Herculano, em períodos diferentes, são dois dos frequentadores do seu salão. Sob o nome árcade de Alcipe trabalha em traduções do latim (a Arte Poética, de Horácio, por exemplo), do alemão (textos de Christoph Wieland), do inglês (o Ensaio sobre a Crítica, de Alexander Pope) e do francês (textos de Lamartine) e escreve poesia. Recreações Botânicas, poema em seis cantos dedicado às «Senhoras Portuguesas», prenuncia já o sentimentalismo romântico que avassalará a literatura anos mais tarde.

Curiosidade: Sabias que a marquesa de Alorna foi dama de honor da Rainha D. Carlota Joaquina, da Infanta-Regente D. Isabel Maria e da Rainha D. Maria II.

08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 34




### Luísa Todi (1753 – 1833)

Londres, Paris, Berlim, Turim, Varsóvia, Veneza, Viena, São Petersburgo foram algumas das cidades em que Luísa Todi alcançou consideráveis êxitos. Conviveu de perto com a aristocracia europeia, como foi o caso de Frederico II da Prússia e Catarina II, imperatriz da Rússia.

Até 1793 andou em tournée pela Europa e foi já com 40 anos de idade que voltou a Portugal para cantar nas festas da filha primogénita do príncipe regente, futuro D. João VI. Este espetáculo foi uma exceção em Portugal, visto que D. Maria proibira as mulheres de atuarem em público.

"La Didone Abandonata" foi a ópera, entre todas as que cantou, na qual Luísa Todi alcançou maior êxito.


08-03-2013 Isabel Coelho Carrilho 35



### Conheces estas três personalidades?

Fonte: Estampe en couleurs, XVIIIe siècle  
BNF, Estampes, N2 VOLTAIRE

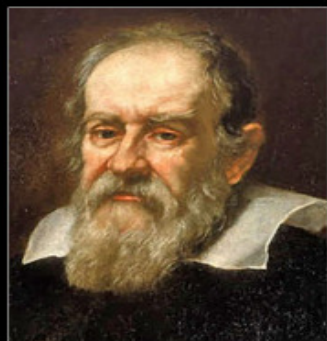
Já consegues identificar a figura do iluminismo que está a conversar com Frederico II da Prússia?



08-03-2013 36

## Anexo XXII - Aulas 14 e 15

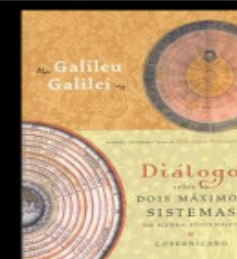
### Apresentação dos trabalhos de grupo e critérios de avaliação



**Galileu Galilei**  
(1564 – 1642)

## Galileu Galilei

- Este princípio ainda hoje é utilizado em telescópios pequenos e em binóculos.
- Os estudos astronómicos ajudaram-no a confirmar a **teoria heliocêntrica de Copérnico**, demonstrada na sua obra “Diálogo sobre os 2 grandes sistemas do universo”(1638).



## Galileu Galilei

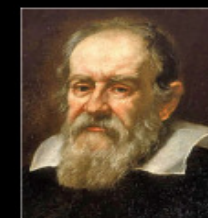
### • Fontes de Pesquisa

<http://www.e-escola.pt/personalidades.asp?nome=galilei-galileu>  
<https://www.google.pt/search?hl=pt-PT&site>  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Galileu\\_Galilei](http://pt.wikipedia.org/wiki/Galileu_Galilei)

### • Bibliografia

Enciclopédia ilustrada

## Galileu Galilei



Escola EB 2,3 D. Manuel I

Disciplina: História

Prof. Eurico Sequeira/Prof. Isabel Carrilho

Trabalho realizado por:

André Neves , nº 3

Luis Amaral , nº 14

8ºC – Março 2013



## Sir Isaac Newton



## Sir Isaac Newton

✎ Sir Isaac Newton, nasceu a 4 de Janeiro de 1643 em Woolsthorpe-by-Colsterworth (embora seu nascimento tivesse sido registrado como no dia de Natal, 25 de Dezembro de 1642, pois naquela época a Grã-Bretanha usava o calendário juliano) e faleceu em Londres a 31 de Março de 1727.

## Contribuições

✎ Entre 1670 e 1672, Newton trabalhou intensamente em problemas relacionados com a óptica e a natureza da luz. Ele demonstrou, de forma clara e precisa, que a luz branca é formada por uma banda de cores (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta) que podiam separar-se por meio de um prisma. Em 1704, Isaac Newton escreveu a sua obra mais importante sobre a óptica, chamada *Opticks*, na qual expõe suas teorias anteriores e a natureza corpuscular da luz, assim como um estudo detalhado sobre fenómenos como refração, reflexão e dispersão da luz. Construiu o primeiro telescópio de reflexão em 1668. A lei da gravitação universal, proposta por Isaac Newton procurou explicar os fenómenos físicos mais importantes do universo.

## Sir Isaac Newton

Trabalho realizado por: Bruno Cabral 8º C, N.º 4



Escola EB 2,3 D. Manuel I

Disciplina: História

Prof. Isabel Carrilho - Prof. Eurico Sequeira

## Ribeiro Sanches



Trabalho realizado por:

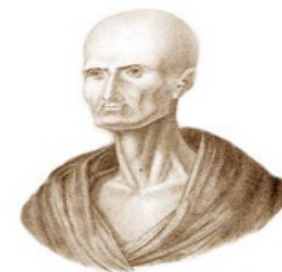
- Diana Alexandre, Nº 9, B9C
- Ruben Marques, Nº22, B9C
- Tetyana Harbacheva, Nº23, B9C

## ❖ Ribeiro Sanches

António Nunes Ribeiro Sanches desempenhou funções na Corte de Catarina da Rússia, (uma imperatriz déspota russa) manteve relações de amizade com grandes personalidades do Iluminismo, entre elas o diplomata português D. Luís da Cunha, e influenciou directamente a reforma pombalina, nomeadamente a dos estudos médicos na Universidade de Coimbra. Escreveu, entre outras obras, *Cartas sobre a educação da mocidade e Método para aprender e estudar a Medicina*.



Catarina Da Rússia



## ❖ Principais obras

- 1726: *Discurso Sobre as Águas de Penha Garcia*.
- 1751: *A Dissertation on the Venereal Disease*.
- 1756: *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos*.
- 1760: *Cartas sobre a Educação da Mocidade* (uma das suas obras fundamentais).
- 1763: *Método para Aprender e Estudar a Medicina*.
- 1779: *Mémoire sur les Bains de Vapeur en Russie*.



## ❖ Conclusão

- Foi um dos homens mais importantes na História.

## O Absolutismo em Portugal



### O Reinado de D João V

- D. João V ao contrário de outros monarcas portugueses, manteve com a Igreja uma relação de respeito que lhe trouxe muitos benefícios.
- Conquistando o respeito da Santa Sé (sede da igreja católica), quando respondeu ao apelo do Papa auxiliando-o na guerra contra os Turcos.
- Religioso e inteligente, D. João V, obteve desta forma a honra especial para a Sé de Lisboa, que a 23 de Dezembro de 1748 recebeu o título de Sé Patriarcal de Lisboa. D. João V recebeu também o título de “Fidelíssimo”, exigindo ao Papa que fosse tratado do mesmo modo que os três monarcas católicos mais importantes da Europa da época: os reis da Áustria, França e Espanha.
- Durante o reinado de D. João V tal como no reinado de Luís XIV em França, haviam muitas festas, muitas óperas, muitos bailes, muito luxo que era a demonstração da afirmação do poder real.

- João Francisco António José Bento Bernardo de Bragança, nasceu em Lisboa, no Palácio da Ribeira a 22 de outubro de 1689, era filho de D. Pedro II e da sua segunda esposa D. Maria Sofia de Neuburgo.
- Teve um dos mais longos reinados portugueses, reinando de 1706 a 1750 (44 anos). Pertencia à dinastia de Bragança.
- Faleceu em Lisboa a 31 de Julho de 1750, os seus restos mortais encontram-se no Mosteiro de S. Vicente de Fora em Lisboa.



D. Pedro II



D. Maria Sofia de  
Neuburgo



Mosteiro de S.  
Vicente de Fora

### Ficha

Qual era o seu cognome?

- a) O Magnânimo
- b) O Conquistador
- c) O Piedoso

Trabalho realizado por:

- Carolina Pardal, nº 5, 8ºC
- Carolina Pedrosa, nº 6, 8ºC
- Mariana Francisco, nº 15, 8ºC
- Sofia Tavares, nº 24, 8ºC

Disciplina: História

Professores: Eurico Sequeira  
Maria Isabel Carrilho





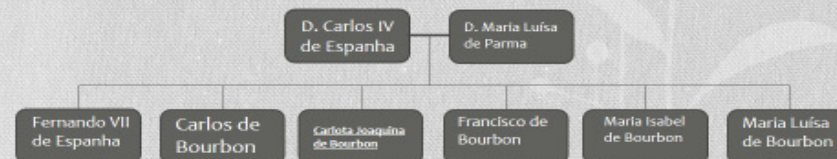
## D. CARLOTA JOAQUINA




Catarina Faria Antão, n.º7, 8.ºC

### Bilhete de Identidade

- Carlota Joaquina nasceu a 25 de Abril de 1775, em Aranjuez, e faleceu a 7 de Janeiro de 1830, no Palácio de Queluz.
- Era filha do Rei D. Carlos IV de Espanha e da Rainha D. Maria Luísa de Parma.
- Carlota Joaquina de Bourbon era irmã de Carlos de Bourbon (Conde de Molina), de Fernando VII de Espanha Infante Francisco de Paula de Bourbon, Maria Isabel de Bourbon, Maria Luísa (Duquesa de Lucca)



### Vida Política e Social



- Em 6 de fevereiro de 1818, D. João foi coroado Rei de Portugal e Carlota Joaquina Rainha Consorte.
- Em 1821, a Revolução Liberal do Porto exigia a volta da Família Real, Carlota insistia no retorno imediato da corte à Europa e no dia 26 de abril a família parte para Lisboa.
- De regresso a Portugal, manifestou-se contrária ao regime constitucional e conspirou para a volta do absolutismo. Com a morte do marido, levou o filho D. Miguel, a apoderar-se da Coroa, que lhe seria tirada posteriormente por D. Pedro I do Brasil (D. Pedro IV de Portugal).

### •Bibliografia

- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlota\\_Joaquina\\_de\\_Bourbon](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlota_Joaquina_de_Bourbon)
- [http://portais.ws/?page=art\\_det&ida=34722](http://portais.ws/?page=art_det&ida=34722)

Espero que tenham gostado!!







**Grelha de Avaliação do trabalho de Grupo**



Apresentação Março 2013

Grupos Avaliação	Grupo I	Grupo II	Grupo III	Grupo IV	Grupo V	Grupo VI	Grupo VII	Grupo VIII	Grupo IX	Grupo X	Grupo XI
<b>Processo</b>											
Capacidade de pesquisa (15%)	10%	15%	7%	15%	15%	15%	7%	8%	8%	15%	
Organização da informação (15%)	15%	15%	10%	15%	12%	10%	8%	8%	8%	15%	
<b>Apresentação do Trabalho de Grupo</b>											
Apresentação/ Desempenho do grupo (20%)	15%	18%	10%	15%	18%	15%	10%	10%	10%	17%	
<b>Produto Final</b>											
Estrutura geral do trabalho (15%)	15%	15%	8%	15%	15%	10%	10%	10%	8%	15%	
Clareza e correcção linguística (15%)	10%	12%	8%	10%	10%	10%	8%	8%	10%	10%	
Rigor científico (20%)	15%	18%	8%	15%	15%	15%	10%	8%	10%	18%	
<b>Total 100%</b>	80%	94%	51%	85%	85%	75%	53%	52%	54%	90%	

O Rúben faltou a aula

Não apresentou o trabalho

## **Anexo XXIII - Planificação aula 16**

<div>  <div> <b>Escola EI - Rei D. Manuel I, Alcochete - Ano lectivo 2012-2013</b>  <b>Disciplina: História – 8º ano – Turma C - Data - 15/03/13</b>  <b>TEMA F – PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU DOS SÉCULOS XVII e XVIII</b> </div>  </div>						
Lição nº 66 (aula 16) - Sumário: Luzes e Sombras na Europa Iluminista. As conclusões e as interrogações.						
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	CONCEITOS	OPERACIONALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS	ESTRATÉGIAS ACTIVIDADES	RECURSOS	AValiação	TEMPO 50 minutos
<b>F.2 – Absolutismo e Mercantilismo numa Sociedade de Ordens</b>  <b>F.3 – A Cultura e o Iluminismo em Portugal face à Europa</b>			- Sumário e entrega dos slides de aula  - Síntese dos factos e ideias-chave da unidade.	Caderno diário		3 minutos
		- Mobilizar conhecimentos de realidades históricas anteriormente estudadas	- Recapitulação, através da exposição dialogada e da apresentação de slides, dos conteúdos leccionados ao longo da prática de ensino supervisionada.	DataShow  Computador com acesso à Internet e PowerPoint	Avaliação formativa Monitorização e registo das competências e atitudes reveladas na concretização das actividades propostas	15 minutos
		- Seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável  -Compreender, analisar e inferir conceitos históricos a partir da interpretação e análise cruzada de fontes com linguagens e mensagens variadas	- Apresentação dos slides com leituras efectuadas pelos alunos e interpretação (diálogo orientado pelo professor)			5 minutos

A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Distinguir os aspectos culturais na Europa do Século das Luzes, estabelecendo conexões e inter-relações desses aspectos com factores de ordem económica, social, política</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Continuação da construção do mapa conceptual</li> </ul>	Quadro e Giz	Desempenho nas tarefas da aula	10 minutos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Localizar os principais centros de desenvolvimento cultural no Século das Luzes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Continuação da apresentação dos slides com leituras efectuadas pelos alunos e interpretação (diálogo orientado pelo professor)</li> </ul>	Computador com acesso à Internet e PowerPoint		10 minutos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>-Estabelecer relações passado / presente, nomeadamente no que se relaciona com os actuais regimes políticos herdeiros do liberalismo iluminista.</li> </ul>				
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fomentar a responsabilidade e valorizar os seus conhecimentos e atitudes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Preenchimento de uma ficha de auto-avaliação</li> </ul>			5 minutos
			Avaliação e alguns conselhos práticos			7 minutos



## **Anexo XXIV - Slides aula 16**



Lição nº 66 - 15 de Março de 2013

Sumário: Luzes e sombras na Europa Iluminista: as conclusões e as interrogações.



15-03-2013  
Marta Isabel Coelho Carliho



1453

## Época Moderna

Vamos iniciar a nossa viagem no espaço e no tempo

Aceita-se o início estabelecido pelos historiadores franceses.  
Começo em 29 de Maio de 1453 (tomada de Constantinopla pelos Turcos Otomanos), e o término com a Revolução Francesa, em 14 de Julho de 1789.



15-03-2013  
Marta Isabel Coelho Carliho

## Época Moderna

Aprender pode ser divertido



15-03-2013

## Época Moderna

É muito importante que compreendas:



Europe 1700

- Spanish Monarchy
- Turkey
- Habsburg Empire
- Other Central States
- Other Eastern Empire

15-03-2013  
Marta Isabel Coelho Carliho

**Época Moderna**

É muito importante que compreendas:

**Europa 1740**



Fonte: <http://www.docuport.com/docs/911571/Absolutism-Central-Europe> (adaptado)


15-03-2013

Maria Isabel Coelho Carinho

**Época Moderna**

É muito importante que compreendas:

**Sociedade de Ordens**



Fonte: [http://temp.escolasvirtual.pt/page.php?resources/view\\_all?id=ordens\\_31437](http://temp.escolasvirtual.pt/page.php?resources/view_all?id=ordens_31437)

15-03-2013

Maria Isabel Coelho Carinho

**Época Moderna**

É muito importante que compreendas:

**A sociedade portuguesa do Antigo Regime**



Reinado D. João IV (1640-1656)

Reinado D. Afonso VI (1656-1683)

Reinado D. Pedro II (1683-1706)

Reinado D. João V (1706-1750)

Reinado de D. José (1750-1777)

O rei

A família real

O Clero (0,5%)

A Nobreza (0,8% a 1,2%)

Baixa clero

Burguesia que queria ascender socialmente

Terceiro estado

Terceiro Estado

Terceiro Estado - O Povo (98%)

Privilegiados

Não privilegiados

15-03-2013

Maria Isabel Coelho Carinho

**Época Moderna**

É muito importante que compreendas:

**Sociedade do Antigo Regime Séculos XVII a XVIII**

**Sociedade de Ordens**

Hierarquizada e estratificada em função do nascimento e das actividades de cada pessoa

**Privilegiados**

**Não privilegiados**

**Clero:**

- Alto Clero
- Baixo Clero

**Nobreza:**

- Nobreza de Espada
- Nobreza de Toga

**Terceiro Estado:**

- Burguesia
- Povo

15-03-2013

Maria Isabel Coelho Carinho



## Época Moderna

É muito importante que compreendas:

Jean-Baptiste Colbert  
Fonte: <http://en.chateauversailles.fr>

### Mercantilismo

Presentar Media

D. Luís de Meneses, 1º conde de Ericeira, ministro da Fazenda, no retrato de D. Pedro II.

- ☐ O mercantilismo foi uma doutrina económica existente nos séculos XVII a XVIII, que defendia uma forte intervenção do estado na economia.
- ☐ A riqueza de um país era medida pela quantidade de metais preciosos que possuía.
- ☐ Os mercantilistas procuravam obtê-lo conseguindo um saldo positivo na balança comercial, aumentando as exportações e diminuindo as importações; são as chamadas medidas de tipo protecionista e monopolista.

15-03-2013 9

## Época Moderna

É muito importante que compreendas:

### O Tratado de Methuen

- Tratado assinado em 27 de Dezembro de 1703 entre Inglaterra e Portugal, pelo qual este ficava obrigado a abrir o seu mercado à importação de lã inglesa, tendo como contrapartida a exportação facilitada dos seus vinhos para Inglaterra. Embora tenha contribuído para a afirmação da produção vinícola em Portugal, condenou à destruição a incipiente indústria de lanifícios portuguesa. Vigorou até 1836.

Manuel Teles da Silva (1641-1709)  
1º Marquês de Alegrete, negociador português do Tratado de Methuen

15-03-2013 10

## Época Moderna

É muito importante que compreendas:

LOUIS QUATORZE

15-03-2013 11

## Época Moderna

É muito importante que compreendas:

### ABSOLUTISMO RÉGIO

Origem do poder

Origem divina  
O poder emana de Deus

Poderes

- ☐ Executivo (administração do reino, controlo da economia, comando do exército);
- ☐ Legislativo (fazer as leis);
- ☐ Judicial (aplicação da justiça).

Apoiantes

Complexa rede de funcionários régios na corte e espalhados por todo o reino

15-03-2013 12



**Época Moderna**

É muito importante que compreendas:



Barroco – Igreja de São Francisco

15-03-2013


Maria Isabel Coelho Cordeiro

13

**Época Moderna**

É muito importante que compreendas:

Portugal em crise



D. João V (portr.), retr. o Carlos António Lemos, Museu dos Coelhos, Lisboa

No final do reinado de D. João V o país entrou em crise:

Motivos:

- ❖ Diminuição das remessas de ouro;
- ❖ Diminuição das exportações de vinho, açúcar e tabaco;
- ❖ Os tecidos ingleses invadiram o mercado português;
- ❖ O cultivo de cereais diminuiu.

15-03-2013

Maria Isabel Coelho Cordeiro

14

**Época Moderna**

É muito importante que compreendas:

Que a catástrofe de Lisboa mudou mentalidades e foi determinante para a afirmação de Pombal



15-03-2013

Maria Isabel Coelho Cordeiro


15

**Época Moderna**

É muito importante que compreendas:

Política escolar pombalina: estatizar, secularizar e uniformizar

❑ Pombal adiantou-se, no aspecto educativo, a quase todas as nações da Europa, criando um sistema de ensino estatal e laico, que integrava aquilo que hoje designamos por ensino primário, por ensino secundário e por ensino universitário.



15-03-2013

Maria Isabel Coelho Cordeiro

16

## Época Moderna

É muito importante que compreendas:

### Ciência

É conhecimento que pretende não apenas descrever a realidade, mas explicá-la de modo racional e objectivo, estabelecendo entre os fenómenos relações universais e necessárias permitindo a previsão dos seus resultados, sendo as causas dos mesmos identificadas por meio de procedimentos experimentais. Cada ciência é um conjunto de enunciados, mais ou menos gerais, sistematicamente articulados entre si.

**Método experimental**

↓

Observação dos factos (fenómenos)

↓

Levantamento de um problema

↓

Formulação de uma hipótese

↓

Experimentação


↓

LEI

15-03-2013 17

## Época Moderna

É muito importante que compreendas:



Jean-Hubert (desain)  
Le Souper des philosophes  
Enca-forte sur papier bleu, XVIII<sup>e</sup>  
siècle (25 x 34 cm)  
BNF, Estampes, N2-VOLTAIRE  
(5)

ILUMINISTAS	IDEAIS DEFENDIDOS
<b>Voltaire</b> (1694-1778)	Liberdade de pensamento, justiça social e crítica à intolerância religiosa
<b>Jean-Jacques Rousseau</b> (1712-1778)	A soberania popular
<b>Montesquieu</b> (1689/1755)	Separação dos poderes: legislativo, executivo e judicial
<b>John Locke</b> (1632-1704)	O homem adquiria conhecimento com o passar do tempo através do <b>Empirismo</b>
<b>Denis Diderot</b> (1713-1784) e <b>Jean Le Rond d'Alembert</b> (1717-1783)	Organizaram uma enciclopédia que reunia conhecimentos e pensamentos filosóficos da época.

15-03-2013 18

## Época Moderna

É muito importante que compreendas:

- ❑ Que as resistências à inovação não foram só provocadas pela Inquisição e pelos Jesuítas
- ❑ Em Portugal como muitos países da Europa saber ler e escrever era um privilégio de poucos

Sabem que em França, tendo por base as assinaturas de casamento entre 1686 e 1690, a taxa de alfabetização era de 29% para os homens e 14% para as mulheres.

Segundo Rui Ramos no final do século XIX (em 1878), 79,4% dos portugueses maiores de 6 anos residindo no continente do Reino não sabiam ler.

O desenvolvimento da cultura não é linear

15-03-2013 19

## Época Moderna

É muito importante que te interrogues e compreendas:

### Portugal um país atrasado?

Em Portugal não havia Academias?

Não havia produção literária nem científica?

Não existam salões?

Seriam todos iletrados?

Muitos foram os portugueses de excelência mas nem todos ficaram no país.


15-03-2013 20



A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem

## Época Moderna

É muito importante que compreendas:



Relógio atrasado?

Muitos dos portugueses – que os historiadores não permitem esquecer – podem estar representados lado a lado com figuras de referência do iluminismo europeu, pois perante os condicionalismos à época, em Portugal, lutaram no seu país ou no estrangeiro pela defesa dos seus ideais.

Com os teus conhecimentos podes construir, melhorar e acrescentar o slide seguinte. Deves fazer o mesmo em relação ao mapa conceptual

15-03-2013
Maria Isabel Coelho Carrilho
21



Salão de Madame Geoffrin

Voltaire, D. Luís do Cunha, Laura Bassi, Rousseau, Condorcet, Padre António Vieira, Olympe de Gouges, Emmanuel Kant, Luísa Todi, Marquês de Chatelet, Marquês de Alorna, Montesquieu, Jacob da Silva Pereira, Teodoro de Almeida

“Os jornais são o meio mais pronto de difundir no Público as luzes dos Sábios, e de fazer proveitosas a todos as suas descobertas”.  
Prospecto do *Jornal Enciclopédico Dedicado à Rainha*, 1778.

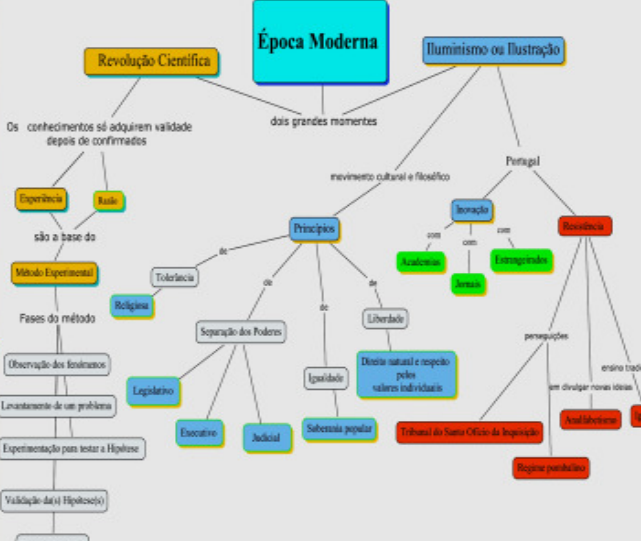








## Época Moderna

É muito importante que compreendas:



15-03-2013
Maria Isabel Coelho Carrilho
21





## Aos alunos do 8º C

Lembrem-se que um grande historiador francês (Marc Bloch) disse que a “História é a ciência dos homens no tempo”.

Acredito que aprender ou ensinar a História permite conhecer o passado, compreender o presente e perspectivar um futuro melhor e uma sociedade mais justa.

Desejo que as aulas de História, lecionadas por mim e pelo professor Eurico, contribuam para que todos se tornem cidadãos responsáveis.

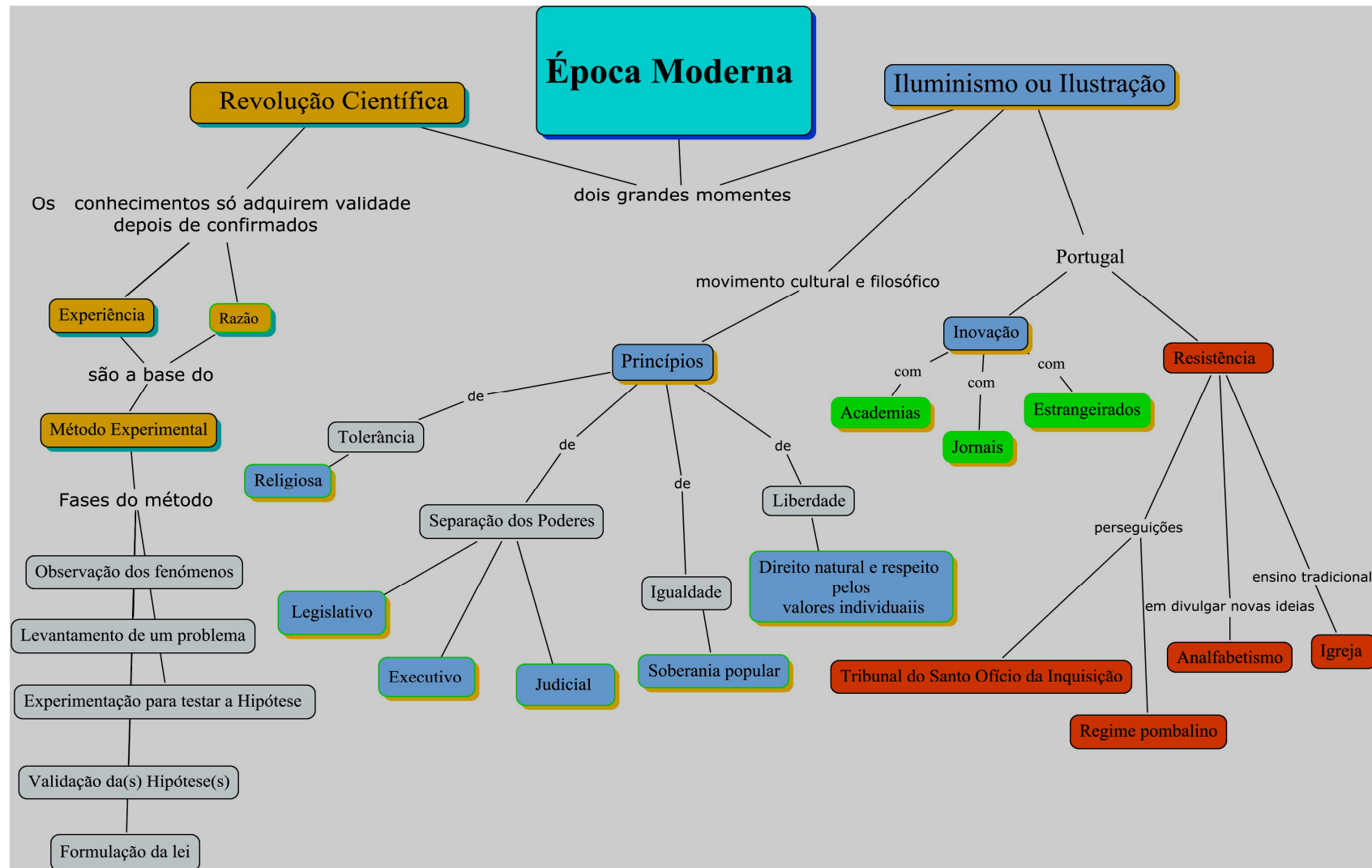
Em vós, depositamos a nossa esperança e o nosso futuro !

Maria Isabel Alves Coelho Leal Carrilho










15-03-2013
Maria Isabel Coelho Carrilho
24

## **Anexo XXV – Mapa Conceptual**






## **Anexo XXVI – Grelha de avaliação trabalhos e testes**

Fichas de trabalho e testes	21/01/21013 Mercantilismo	25/01/20113 Sociedade de Ordens	04/02/2013 Texto lacunar	 08/02/2013 TESTE	22/02/2013 D. João V e Pombal	25/02/2013 Análise de textos	 01/03/2013 TESTE	15/03/2013 Iluminismo + palavras cruzadas
								
1. Alicia Falé	Satisfaz	Satisfaz	Entregou	4	Não entregou	Entregou	31%	Entregou
2. Ana Bona	M. Bom	Satisfaz	Entregou	4	Satisfaz	Não entregou	57%	Entregou
3. André Neves	M. Bom	Bom	Entregou	5	Bom	Entregou	90%	Entregou
4. Bruno Cabral	Satisfaz	Bom	Entregou	5	Satisfaz +	Entregou	80%	Entregou
5. Carolina Pardal	M. Bom	Bom	Entregou	5	Satisfaz +	Entregou	53% Corr. (Bom +)	Entregou
6. Carolina Pedrosa	M. Bom	Bom	Entregou	5	Satisfaz	Entregou	47%	Entregou
7. Catarina Antão	M. Bom	Bom	Entregou	5	M. Bom	Entregou	91%	Entregou
8. Catarina Santos	Satisfaz +	Bom	Entregou	5	Bom	Entregou	91%	Entregou
9. Diana Alexandre	M. Bom	M. Bom	Entregou	5	Bom	Entregou	71%	Entregou
10. Diogo Redondo	Satisfaz	Não entregou	Entregou	3	Satisfaz	Entregou	51%	Entregou

11. João Rodrigues	M. Bom	Bom	Entregou	5	Bom	Entregou	85%	Entregou
12. João Borges	Bom	Bom	Entregou	5	Bom	Entregou	75%	Entregou
13. Luís Amaral	M. Bom	M. Bom	Entregou	5	M. Bom	Entregou	97%	Entregou
14. Manuel								
15. Mariana	M. Bom	Bom	Entregou	4	Bom	Entregou	50% Corr. (Bom +)	Entregou
16. Marta Fernandes	M. Bom	Bom	Entregou	5	M. Bom	Entregou	75%	Entregou
17. Miguel Martins	Satisfaz	Bom	Entregou	4	Satisfaz	Entregou	41,5%	Entregou
18. Miguel Fidalgo	Não entregou	Não entregou	Entregou	5	Não entregou	Não entregou	80%	Não entregou
19. Pedro Sobral	Satisfaz	Bom	Entregou	3	Satisfaz	Entregou	54%	Entregou
20. Ricardo Santiago	Satisfaz	Bom	Entregou	3	Satisfaz	Entregou	48%	Entregou
21. Ruben	Bom	Não entregou	Entregou		Não entregou	Entregou		Não entregou
22. Sílvia Almeida	M. Bom	Satisfaz	Entregou	4	Não entregou	Entregou	43%	Entregou
23. Sofia Tavares	Bom	Bom	Entregou	5	Bom	Entregou	76%	Entregou
24. Tetyana	M. Bom	Suficiente	Bom	4	Satisfaz	Entregou	62%	Entregou
25. Tomás Nini	Suficiente	Suficiente	Bom	5	Bom	Entregou	60%	Entregou

 Alunos que realizam fichas de avaliação formativa e sumativa com professora do ensino especial.



## **Anexo XXVII – Ficha de auto-avaliação – Educação para a cidadania**

**Ficha de Autoavaliação - Educação para a Cidadania**

8º Ano, Turma C \_\_. Ano Lectivo 2012/2013

Nome Mariana B.B. Francisco n.º 16



**Assinala a tua autoavaliação com: N – Nunca; PV – Por vezes; S - Sempre.**

ATITUDES		2º P	
Assiduidade e pontualidade	• Sou assíduo.	S	
	• Sou pontual.	S	
Empenho nas aulas	• Tenho sempre o material escolar necessário.	S	
	• Tenho o caderno diário organizado.	S	
	• Estou atento e concentrado nas aulas.	PV	
	• Intervenho oportuna e correctamente.	PV	
Assinala com um X a avaliação de final de período (avaliação sumativa) que julgas merecer e justifica a tua escolha.			
2º Período lectivo	Não satisfaz	Satisfaz <input checked="" type="checkbox"/>	Satisfaz bem
<b>Justificação:</b> Eu acho que mereço um Satisfaz, porque as notas dos meus testes não foram muito boas, e que não me esforcei o suficiente, mas por isso me bem nas aulas, e estou com atenção			
<b>Sugere temas que gostasses de trabalhar nas aulas de História.</b>			

**Ficha de Autoavaliação - Educação para a Cidadania**

8º Ano, Turma C \_\_. Ano Lectivo 2012/2013

Nome Carolina Dardal

nº 5



**Assinala a tua autoavaliação com: N – Nunca; PV – Por vezes; S - Sempre.**

ATITUDES		2º P
Assiduidade e pontualidade	• Sou assíduo.	S
	• Sou pontual.	S
Empenho nas aulas	• Tenho sempre o material escolar necessário.	S
	• Tenho o caderno diário organizado.	S
	• Estou atento e concentrado nas aulas.	PV
	• Intervenho oportuna e correctamente.	PV
Assinala com um X a avaliação de final de período (avaliação sumativa) que julgas merecer e justifica a tua escolha.		
2º Período lectivo	Não satisfaz	Satisfaz <b>X</b>
Satisfaz bem		
<b>Justificação:</b> Porque as notas dão para satisfazer		
<b>Sugere temas que gostasses de trabalhar nas aulas de História.</b>		

## **Anexo XXVIII– Comentários dos alunos sobre a Mestranda**



Eu gostei muito das aulas dadas pela professora, sabe explicar bem, <sup>\* muito</sup>  
gostava muito ~~q~~ que volta-se no  
3.º período.

Gostei muito de a ter como professora, porque aborda os temas de uma  
forma mais divertida e mais fácil de entender, em Power Point.  
~~Porque ela usa o Power Point.~~

#### Opinião sobre a professora:

Aprecio o método de ensino da professora, os powerpoints ajudam imenso para o  
estudo.

Eu acho que a professora é ~~simpática~~ simpática pois  
dá os seus aulas em powerpoint (Uma coisa que só os professores  
que se importam com os alunos faz), é motivadora e consegue-se a  
imprimir os powerpoints da aula para estudarmos com mais  
facilidade. Nunca tive um professor que se importasse tanto  
com ~~meu~~ conosco.

Gostei muito do 2.º Período a História. Achei as aulas muito dinâmicas e interessantes.  
Continue a ensinar desta forma professora!

Eu acho que a professora é muito boa porque apresenta o Trabalho em Power Point e é motivadora e interage conosco.

Observação da professora:

Gostei das aulas que a professora fez, foram dadas de uma forma diferente (powerpoint) das das outros professores. Gostava que a stoca continuasse conosco no 3º período. Os testes da stoca eram mais fáceis do que os dos outros stocs.

~~Eu gosto da~~ eu gostei que a professora tenha nos dado ~~aulas~~ aulas porque a professora ~~é~~ explica bem, e a assim as ~~aulas~~ aulas foram melhores.

~~Isabel Coelho e o anilho @ gmail.com~~

Observação de professor:

Eu gostei muito das aulas dadas pela professora porque foram dadas de uma forma interactiva e que facilita a ~~at~~ atenção. Também gostei das folhas dos power-points para estudarmos. Eu gostava que a professora fizesse todos os nossos testes porque são muito mais fáceis do que os do professor Enrico.

Gostei muito da professora, achava muito simpática, gostei muito da ~~aula~~ ~~aula~~ mas vieste visitar


Gostei muito das aulas dadas pela professora, as aulas eram mais divertidas e gostava que a professora viesse no 3º período.

A Professora Isabel que nos tem acompanhado ao longo deste 2º período, na minha opinião é uma ótima professora e educadora. Pois além de ser eficaz a ensinar e também percebe os alunos e procura sempre entender as nossas opiniões e problemas que por vezes temos. Acho que a professora Isabel tem um bom método de ensino. Fazendo na minha pessoa posso dizer que os resultados ficaram por aí, pois consegui motivar-me para uma disciplina que odiava e os meus resultados a nível de aula, trabalhos e testes melhoraram bastante.

→ Gostei muito da professora Isabel, explica muito bem, conseguimos perceber bem assuntos. Subimos todas as notas consigo, conseguimos perceber bem as fichas de avaliação. Volte. Obrigada!

## **Anexo XXIX – Ficha de trabalho sobre A Revolução Científica e sobre o Iluminismo (algumas repostas)**



	<b>Escola Básica 2/3 EI – Rei D. Manuel I – Alcochete - Ano Lectivo 2012-2013</b> <b>HISTÓRIA – 8º Ano, Turma C</b> <b>Ficha de trabalho</b>
Nome <u>João Borges</u>	Nº <u>13</u> Data <u>15 / 3 / 2012</u>
Lê com muita atenção o enunciado que se segue e, depois de analisares cuidadosamente os documentos apresentados, responde de forma clara, objectiva e cuidada.	

1. Caracteriza a revolução científica ocorrida na Europa, no séc. XVIII.

A revolução científica foi herdeira do Renascimento,  
nasceu e desenvolveu-se uma nova forma de pensar.  
Os conhecimentos só adquiriram validade depois de  
confirmados pela razão e pela experiência.  
Consistia em observar os factos, levantar um problema,  
e formular uma hipótese, experimentar.

1.1. Completa a seguinte frase:

Os cientistas dos séculos XVII e XVIII passam a aceitar apenas os conhecimentos comprovados pela razão e através de experimentação.

2. Doc. A - O método experimental

Galileu passa, em primeiro lugar, dos factos da experiência à ideia da sua relação. Assim surge a ideia da hipótese física ou modelo teórico, chamado por Galileu "hipótese ou suposição". Em seguida aparece a realização de um modelo prático ou técnico a que chamou "experiência."

Rudolfo Mondolfo, *Figuras e Ideias da Filosofia da Renascença*

2.1. Identifica as fases do método científico descritas no documento A.

observação dos factos e formulação de uma  
hipótese.

3. Caracteriza e localiza no tempo/espço o Iluminismo.

O iluminismo foi movimento cultural do séc.  
XVIII que defendia a crença no valor da  
razão, ideia de progresso, espírito de tolerância  
e direito à fidelidade.

4. Assinala à frente da respectiva imagem o nome correspondente, e no caso onde o nome já está definido elabora um breve texto sobre a referida personagem.

4.1.



François Marie Anoult-Voltaire

Escritor francês (1694-1778), autor de obras em diversos domínios (desde o teatro ao romance e ao ensaio), foi um dos grandes vultos do Iluminismo.

Defensor da tolerância religiosa, era admirador do regime liberal inglês e autor de uma grande obra histórica: *O Século de Luís XIV*.

4.2.



Montesquieu

Escritor e filósofo francês, célebre pela sua teoria da separação dos poderes.

Nasceu no Palacete de la Brède, perto de Bordéus, em 18 de Janeiro de 1689; morreu em Paris, em 10 de Fevereiro de 1755.

4.3.



**Jean Jacques Rousseau**

Nasceu em 1712 em Jenêvra. Foi um filósofo e educador que, tendo começado a sua carreira na música, obteve grande destaque pelas obras que escreveu. Acreditava na amabilidade espontânea do Homem e na possibilidade de esta resistir à corrupção do meio em que vivemos. Distinguiu-se como romancista como "de Emílio ou da Educação" e escreveu um dos mais célebres ensaios político-filosóficos de sempre, "O contrato social". Faleceu em 1778.

4.4.



António Nunes Ribeiro Sanches

Nasceu em 7 de Março de 1699 em Penamare. Filho de Cristóvão moros, teve Medicina em Espanha onde acaba perseguido pela prática de Judaísmo. Anda pela Holanda, Paris e Rússia, colaborando com grandes nomes do Iluminismo. Escreveu várias obras importantes, a maioria na área da Medicina e incentivou a implementação de ideias inovadoras como a existência de um hospital junto às escolas de Medicina.



4.5.



D. Luís da Cunha

Diplomata português que serviu o rei D. João V. Nasceu a 25 de janeiro de 1662 em Évora e morreu a 9 de Outubro de 1749 em Paris. Escreveu o livro: Memórias da Paz de Utrecht e o Testamento Político.

4.6.



Manuel Joaquim Henriques de Paiva

Nasceu a 23 de Dezembro de 1752 em Castelo Branco e morreu a 10 de Março de 1829 em Sabendo da Bahia. Foi o primeiro Médico do Hospital \* Militar e Ultramar no Rio de Janeiro e Médico do Senado da Câmara e da Caide. Foi fidalgo da casa Real e Cavaleiro Professor de Direito (1803). \* Real

5. Descreve a personalidade do iluminismo que mais gostaste de estudar.

Isaac Newton nasceu a 4 de Janeiro 1643 em Woolsthorpe-by-Colsterworth e morreu a 31 de Março 1727 em Londres. Foi um cientista inglês que descobriu a Lei da Gravitação Universal.

6. Identifica os meios de divulgação das ideias iluministas.

Os meios de divulgação das ideias iluministas são os clubes, os salões e os livros.

7. Relaciona a chegada do Iluminismo a Portugal com os estrangeirados.

Os estrangeiros eram indivíduos, ricos do estrangeiro e exaltavam tudo o que não era do seu país, desta forma tornaram-se defensores do Iluminismo.

8. Lê atentamente o texto do documento B.

Doc. B.

*“Existe algo em que todos estamos facilmente de acordo, bons e maus, sábios e ignorantes: é que o homem é um ser pensante, que dispõe de razão. Não é um simples animal como os outros, mas um animal racional. O homem dispõe, portanto, de meios para procurar e alcançar a verdade; aquele que se recusa a procurá-la renúncia à sua condição de homem e deve ser considerado como um vulgar animal.”*

Diderot, *Enciclopédia*, artigo “Direito Natural.

8.1. Identifica o autor do documento escrito

Diderot

8.2. Explica que tipo de obra era a *Enciclopédia*, e qual foi a sua importância para a época.



Éra um livro que reunia os conhecimentos mais avançados do séc. XVIII, tentando materializar o espírito o Iluminismo e tornando-se num importante meio para a difusão das suas ideias

9. Assinala com um X os factores que funcionaram como resistência à inovação.

- A elite cultural era muito grande e contra a inovação. \_\_\_\_\_
- A cultura popular estava muito ligada aos rituais religiosos e profanos, aos costumes e às tradições. X
- A maioria da população era analfabeta. X
- A inexistência da imprensa dificultava a divulgação dos novos conhecimentos. \_\_\_\_\_
- A Inquisição perseguia os novos conhecimentos científicos. X
- Os cientistas guardavam para si as descobertas com medo da concorrência. \_\_\_\_\_



Bom trabalho!



## **Anexo XXX – Avaliações do 2º e 3º período**

*A influência das Luzes na sociedade portuguesa - Problemas de motivação e avaliação da aprendizagem*

Afixada em : \_ / \_ / \_



GOVERNO DE  
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA

3º Ciclo do Ensino Básico

Ensino Básico - 3º Ciclo

Ano Escolar 2012 / 2013

Diretor(a)

121198 - Agrupamento de Escolas de Alcochete  
345830 - Escola Básica El Rei D. Manuel I, Alcochete

8º ano, Turma C

(assinatura com selo branco ou carimbo)

**Pauta de Avaliação**

2º Período (03-01-2013 a 15-03-2013)

Nº	Nome do Aluno	Português		Língua Estrangeira I - Inglês 4			Língua Estrangeira II - Francês 2			História			Geografia			Matemática			Ciências Naturais			Ciências Físico-Químicas			Educação Visual			Educação Tecnológica			Educação Física			Educação Moral e Religiosa			Oferta Complementar			Tecnologias da Informação e Comunicação			Situação (1)		
		F	FI	N	F	FI	N	F	FI	N	F	FI	N	F	FI	N	F	FI	N	F	FI	N	F	FI	N	F	FI	N	F	FI	N	F	FI	N	F	FI	N								
		T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T	T							
1	Alicia Alexandra Coelho Falé	1	0	3	---	---	3	---	---	2	---	---	3	---	---	3	---	---	2	---	---	3	---	---	2	---	---	3	---	---	---	---	3	2	0	3	---	---	ST	---	---	---	---		
2	Ana Paula da Silva Moço Bona	2	1	2	3	0	2	1	0	3	---	---	3	1	1	3	2	0	2	0	3	---	---	2	7	1	2	2	1	---	---	---	3	4	0	3	---	---	ST	---	---	---	---		
3	André Sales Madeira Barreto das Neves	2	0	4	---	---	4	1	0	4	---	---	5	3	0	5	---	---	3	---	---	3	3	0	4	3	1	3	2	1	---	---	---	5	---	---	4	1	0	SB	---	---	---	---	
4	Bruno Santos Cabral	---	---	3	---	---	4	1	0	3	---	---	4	1	0	4	---	---	3	---	---	3	---	---	3	2	2	3	2	1	---	---	---	5	---	---	NI	---	---	ST	---	---	---	---	
5	Carolina Barreta Cordeiro Soares Parda	---	---	3	---	---	2	1	0	3	---	---	3	---	---	5	2	0	2	---	---	3	---	---	3	---	---	4	---	---	---	---	---	4	---	---	NI	---	---	ST	---	---	---	---	
6	Carolina de Oliveira Guerra Pedrosa	---	---	3	---	---	3	1	0	3	1	0	3	---	---	5	---	---	3	---	---	3	---	---	3	---	---	3	---	---	---	---	---	3	---	---	NI	---	---	ST	---	---	---	---	
7	Catarina Faria Antão	---	---	4	2	0	5	3	0	5	---	---	5	---	---	5	---	---	5	---	---	4	---	---	5	---	---	5	---	---	---	---	---	4	---	---	NI	---	---	SB	---	---	---	---	
8	Catarina Pais Silva Santos	---	---	4	---	---	4	1	0	5	---	---	5	---	---	5	---	---	5	---	---	4	---	---	4	---	---	4	---	---	---	---	---	5	---	---	NI	---	---	SB	---	---	---	---	
9	Diana Frazão Alexandre	---	---	4	---	---	4	1	1	3	---	---	4	---	---	4	---	---	4	---	---	3	---	---	3	---	---	3	---	---	---	---	---	4	---	---	NI	---	---	ST	---	---	---	---	
10	Diogo Filipe Teixeira Redondo	3	0	2	2	0	3	1	0	3	---	---	3	2	0	4	5	0	2	---	---	3	---	---	2	3	0	2	2	1	---	---	---	5	1	0	4	---	---	ST	---	---	---	---	
11	Guilherme Filipe Moura Casadinho	---	---	---	---	1	0	---	---	---	---	---	---	1	1	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	1	1	---	---	---	---	---	---
12	João Maria Bentes Pimenta Baptista	---	---	4	2	0	5	1	0	4	---	---	4	---	---	5	---	---	4	---	---	4	---	---	4	3	1	3	---	---	---	---	5	---	---	5	---	---	SB	---	---	---	---	---	
13	João Miguel Caracóis Borges	---	---	4	---	---	5	1	0	5	---	---	4	---	---	4	---	---	3	---	---	4	---	---	3	3	1	3	---	---	---	---	---	5	---	---	5	---	---	SB	---	---	---	---	---
14	Luís Guilherme Pires Amaral	---	---	5	---	---	4	1	0	5	---	---	5	---	---	5	---	---	4	---	---	4	---	---	4	3	1	3	2	0	---	---	1	0	4	---	---	5	---	---	SB	---	---	---	---
15	Manuel Luís Perinhas Gonçalves	---	---	2	1	0	3	1	0	3	---	---	3	1	1	3	---	---	3	---	---	3	1	0	3	1	1	3	---	---	---	---	---	4	---	---	NI	---	---	ST	---	---	---	---	
16	Mariana Boieiro Barrinha Francisco	---	---	3	---	---	4	1	0	4	---	---	3	---	---	5	---	---	3	---	---	4	---	---	3	---	---	4	---	---	---	---	---	5	---	---	NI	---	---	ST	---	---	---	---	
17	Marta Sofia Coelho Fernandes	3	0	3	1	0	3	---	---	3	---	---	3	1	0	4	1	0	4	---	---	3	---	---	3	4	0	3	1	1	---	---	---	3	---	---	NI	---	---	SB	---	---	---	---	
18	Miguel Bertão Pina Martins	4	0	2	---	---	3	1	0	3	---	---	2	2	2	4	---	---	2	3	0	2	4	0	2	1	1	2	2	1	---	---	---	4	---	---	NI	2	0	ST	---	---	---	---	
19	Miguel Maria Santos Fidalgo	4	0	4	2	0	5	1	0	4	---	---	4	---	---	5	---	---	5	2	0	4	1	0	4	3	1	4	---	---	---	---	5	1	0	5	1	0	SB	---	---	---	---		
20	Pedro Ailton Quintino Sobral	---	---	3	---	---	3	1	0	3	---	---	3	1	1	4	---	---	2	1	0	3	1	0	3	4	2	2	2	1	---	---	---	5	---	---	4	1	0	ST	---	---	---	---	
21	Ricardo Filipe Pereira Santiago	---	---	3	---	---	4	1	0	4	---	---	3	---	---	5	---	---	3	---	---	3	---	---	3	1	1	3	2	1	---	---	---	5	---	---	NI	---	---	SB	---	---	---	---	
22	Ruben Gonçalo Marques	10	1	3	9	1	3	2	0	4	2	0	2	4	0	3	1	0	3	15	5	2	5	0	3	5	3	2	5	4	---	---	2	1	3	---	---	NI	1	0	ST	1	0	---	---
23	Silvia Margarida Ferreira de Almeida	2	0	3	---	---	5	2	0	3	---	---	3	2	0	3	---	---	2	---	---	3	---	---	3	1	1	3	1	0	---	---	---	5	---	---	NI	---	---	SB	---	---	---	---	
24	Sofia Gamaliel Alves Tavares	---	---	4	---	---	5	1	0	4	1	0	4	---	---	5	---	---	5	---	---	4	---	---	4	---	---	4	---	---	---	---	---	5	---	---	NI	---	---	ST	---	---	---	---	
25	Tetyana Harabazhiu	---	---	3	---	---	2	1	1	3	---	---	3	1	0	4	---	---	2	---	---	3	---	---	2	---	---	3	2	1	---	---	---	3	---	---	NI	---	---	ST	---	---	---	---	
26	Tomás Felgueira Nini	---	---	3	---	---	4	1	0	3	---	---	4	2	2	4	---	---	3	---	---	3	---	---	3	1	1	3	---	---	---	---	5	---	---	4	---	---	SB	1	0	---	---		

**Notas :**

(1) Para registo de informação: Transferência de escola; Transitou / Não Transitou; Aproveito / Não Aproveito  
NS = Não Satisfaz; SP = Satisfaz Pouco; ST = Satisfaz; SB = Satisfaz Bem; SM = Satisfaz Muito Bem  
N = Insuficiente; SF = Suficiente; BO = Bom; MB = Muito Bom  
EF = Excluído Faltas; MT = Mudou de Turma; TR = Transferido; AM = Anulou Matrícula  
NI = Não Inscrito; FT = Número de faltas dadas; FI = Número de faltas injustificadas; N = Nível  
Nos 2º e 3º períodos, FT e FI correspondem ao número total de faltas dadas, desde o início do Ano Letivo.

**Observações :**

Alcochete, 19 de Julho de 2013

O Diretor de Turma

Maria Lurdes Neiva Santos



*A influência das Luzes na sociedade portuguesa – problemas de motivação e avaliação da aprendizagem*

Afixada em : \_\_/\_\_/\_\_



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
E CIÊNCIA

3º Ciclo do Ensino Básico

Ensino Básico - 3º Ciclo

Ano Escolar 2012 / 2013

Diretor(a)

121198 - Agrupamento de Escolas de Alcochete  
345830 - Escola Básica El Rei D. Manuel I, Alcochete

8º ano, Turma C

(assinatura com selo branco ou carimbo)

**Pauta de Avaliação**

3º Período (02-04-2013 a 20-06-2013)

Nº	Nome do Aluno	Português			Língua Estrangeira I - Inglês 4			Língua Estrangeira II - Francês 2			História			Geografia			Matemática			Ciências Naturais			Ciências Físico-Químicas			Educação Visual			Educação Tecnológica			Educação Física			Educação Moral e Religiosa			Oferta Complementar			Tecnologias da Informação e Comunicação			Situação (1)
		E	F	N	E	F	N	E	F	N	E	F	N	E	F	N	E	F	N	E	F	N	E	F	N	E	F	N	E	F	N	E	F	N	E	F	N							
1	Alicia Alexandra Coelho Falé	1	0	3	--	--	2	--	--	3	--	--	3	--	--	4	--	--	2	1	0	3	--	--	3	--	--	3	--	--	3	2	0	4	--	--	ST	--	--	3	Transitou			
2	Ana Paula da Silva Moço Bona	2	1	3	6	0	2	1	0	3	--	--	3	1	1	4	6	0	2	7	0	3	--	--	3	1	1	3	2	1	3	--	--	4	8	0	3	--	--	ST	--	--	3	Transitou
3	André Sales Madeira Barreto das Neves	2	0	3	--	--	4	1	0	4	--	--	5	3	0	4	--	--	3	--	--	3	3	0	4	3	1	4	2	1	4	--	--	5	--	--	5	1	0	SB	--	--	4	Transitou
4	Bruno Santos Cabral	7	0	3	2	0	3	2	0	3	--	--	4	1	0	4	--	--	2	--	--	3	1	0	3	3	2	3	2	1	3	1	0	5	--	--	NI	--	--	ST	2	0	3	Transitou
5	Carolina Barreta Cordeiro Soares Pardal	--	--	3	--	--	2	1	0	3	--	--	4	--	--	5	2	0	3	--	--	3	--	--	3	--	--	4	--	--	4	--	--	4	--	--	NI	--	--	SB	--	--	5	Transitou
6	Carolina de Oliveira Guerra Pedrosa	--	--	3	--	--	3	2	0	4	1	0	4	--	--	5	--	--	3	--	--	3	--	--	3	2	0	3	--	--	3	--	--	3	--	--	NI	--	--	ST	4	0	5	Transitou
7	Catarina Faria Antão	4	0	4	2	0	5	3	0	5	--	--	5	2	0	5	--	--	5	--	--	4	2	0	5	--	--	5	--	--	5	--	--	4	--	--	NI	--	--	SB	--	--	5	Transitou
8	Catarina Pais Silva Santos	--	--	4	--	--	4	1	0	5	--	--	5	--	--	5	--	--	5	--	--	4	--	--	4	--	--	5	--	--	5	--	--	5	--	--	NI	--	--	SB	--	--	5	Transitou
9	Diana Frazão Alexandre	--	--	4	--	--	3	1	1	4	--	--	4	--	--	5	--	--	4	--	--	4	--	--	3	--	--	3	--	--	4	--	--	5	--	--	NI	--	--	SB	--	--	3	Transitou
10	Diogo Filipe Teixeira Redondo	3	0	3	2	0	3	1	0	3	--	--	3	2	0	4	5	0	2	--	--	3	--	--	3	3	0	3	2	1	3	--	--	5	1	0	5	--	--	ST	--	--	4	Transitou
11	Guilherme Filipe Moura Casadinho	--	--	--	1	0	--	--	--	--	--	--	--	1	1	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	1	--	--	(MT em 18-10-2012)	
12	João Maria Bentes Pimenta Baptista	--	--	4	2	0	5	1	0	5	--	--	4	--	--	5	--	--	4	--	--	4	--	--	4	3	1	4	--	--	4	--	--	5	--	--	5	--	--	SB	--	--	4	Transitou
13	João Miguel Caracóis Borges	--	--	4	--	--	5	1	0	5	--	--	5	--	--	4	--	--	4	--	--	4	--	--	4	3	1	3	--	--	4	--	--	5	--	--	5	--	--	SB	--	--	5	Transitou
14	Luis Guilherme Pires Amaral	--	--	5	--	--	4	1	0	5	--	--	5	2	0	5	--	--	4	--	--	4	--	--	4	3	1	3	2	0	4	1	0	5	--	--	5	--	--	SB	--	--	5	Transitou
15	Manuel Luis Perinhas Gonçalves	2	0	3	1	0	3	1	0	3	--	--	3	1	1	3	--	--	3	1	1	3	1	0	3	2	1	4	--	--	3	--	--	4	--	--	NI	--	--	ST	2	2	3	Transitou
16	Mariana Boieiro Barrinha Francisco	--	--	4	--	--	4	1	0	4	--	--	3	--	--	5	--	--	3	--	--	4	--	--	4	--	--	5	--	--	4	--	--	5	--	--	NI	--	--	SB	--	--	5	Transitou
17	Marta Sofia Coelho Fernandes	3	0	3	1	0	3	--	--	3	--	--	3	1	0	4	1	0	4	1	0	3	--	--	4	4	0	4	1	1	4	--	--	3	--	--	NI	--	--	SB	--	--	4	Transitou
18	Miguel Bertão Pina Martins	8	0	3	2	0	2	1	0	3	--	--	3	8	3	4	8	0	2	7	1	3	4	0	3	3	1	3	2	1	3	--	--	4	--	--	NI	2	0	ST	2	0	3	Transitou
19	Miguel Maria Santos Fidalgo	6	0	4	2	0	5	1	0	5	--	--	5	--	--	5	2	0	4	1	0	4	3	1	4	--	--	4	--	--	5	2	0	5	1	0	SB	--	--	5	Transitou			
20	Pedro Ailton Quintino Sobral	2	0	3	2	0	3	1	0	3	--	--	4	7	3	4	5	0	2	2	0	3	1	0	3	6	2	3	2	1	3	--	--	5	1	1	4	1	0	ST	--	--	4	Transitou
21	Ricardo Filipe Pereira Santiago	--	--	3	--	--	4	1	0	4	--	--	4	--	--	4	--	--	3	--	--	4	--	--	3	1	1	3	2	1	2	--	--	5	--	--	NI	--	--	SB	--	--	3	Transitou
22	Ruben Gonçalo Marques	1	1	3	1	1	3	2	0	4	2	0	2	4	0	3	2	1	3	2	5	2	1	0	3	9	3	3	5	4	3	3	1	3	--	--	NI	1	0	ST	5	0	3	Transitou
23	Silvia Margarida Ferreira de Almeida	2	0	3	--	--	5	2	0	3	--	--	4	2	0	4	--	--	3	2	0	3	--	--	3	3	1	4	1	0	3	--	--	5	--	--	NI	--	--	SB	--	--	5	Transitou
24	Sofia Gamaliel Alves Tavares	--	--	4	--	--	5	1	0	5	1	0	5	--	--	5	--	--	5	--	--	4	--	--	4	--	--	5	--	--	4	--	--	5	--	--	NI	--	--	SB	--	--	5	Transitou
25	Tetyana Harabazhiu	4	0	3	--	--	2	1	1	3	--	--	3	1	0	4	2	0	2	3	0	3	2	0	3	2	0	3	2	1	3	3	0	3	--	--	NI	--	--	ST	--	--	4	Transitou
26	Tomás Felgueira Nini	--	--	3	--	--	4	1	0	4	--	--	4	2	2	4	--	--	3	--	--	3	--	--	3	1	1	3	--	--	4	--	--	5	--	--	5	--	--	SB	2	0	4	Transitou

**Notas :**

(1) Para registo de informação: Transferência de escola; Transitou / Não Transitou; Aprovado / Não Aprovado  
NS = Não Satisfaz; SP = Satisfaz Pouco; ST = Satisfaz; SB = Satisfaz Bem; SM = Satisfaz Muito Bem  
IN = Insuficiente; SF = Suficiente; BO = Bom; MB = Muito Bom  
EF = Excluído Falhas; MT = Mudou de Turma; TR = Transferido; AM = Anulou Matrícula  
NI = Não Inscrito; FT = Número de faltas dadas; FI = Número de faltas injustificadas; N = Nivel  
Nos 2º e 3º períodos, FT e FI correspondem ao número total de faltas dadas, desde o início do Ano Letivo.

**Observações :**

Alcochete, 18 de Julho de 2013

O Diretor de Turma

Maria Lurdes Neiva Santos

## **Anexo XXXI– Parecer do professor cooperante sobre a Mestranda**



Avaliação de desempenho da aluna estagiária Maria Isabel Alves Coelho Leal Carrilho.

Agrupamento de Escolas de Alcochete

Escola 2,3 EI – Rei D. Manuel I

Ano letivo 2012/2013

Desde o primeiro momento que a aluna se mostrou interessada, quer em conhecer a vida e a organização da escola, quer a turma onde iria lecionar as suas aulas.

Observou várias aulas da turma tendo colaborado com o professor orientador em várias situações, designadamente no apoio a um aluno com necessidades educativas especiais, apoio esse que se revelou de enorme importância, dado que motivou o aluno, deu-lhe confiança e autoestima que contribuíram para o seu posterior sucesso.


Dada a postura que assumiu e o conhecimento que tinha da turma não foi difícil a transição entre as aulas do orientador e as suas. De realçar que antes de iniciar a sua prática letiva cumpriu todos os passos metodológicos para que esta fosse bem sucedida, desde a participação ativa nas reuniões de núcleo até à elaboração de planificações e materiais de apoio e de avaliação.

A elaboração de materiais foi o ponto mais forte de toda a atividade da aluna. Produziu materiais de elevada qualidade e totalmente adequados à turma, aos objetivos a atingir e aos conteúdos a lecionar.

A sua prática docente caracterizou-se pelo rigor científico, pelo uso de uma linguagem adequada ao nível etário dos alunos e por uma abordagem pedagógica sempre eficiente que a aproximou dos alunos e que lhes facilitou as aprendizagens.

Tolerante mas disciplinadora, exigente mas reforçando positivamente o desempenho dos alunos, atenta e sempre pronta a ajudar os que revelavam mais dificuldades, com presença em sala de aula, quer através da colocação da voz, quer pela sua movimentação, revelou sempre um grande á vontade, pelo que mais parecia uma professora veterana do que alguém sem experiência.

Por estes motivos aqui sintetizados qualifico a sua prestação de Excelente



Fim